

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

B

Baal (Ídolo), Baal (Lugar), Baal (Pessoa), Baal-Berite, Baal-Gade, Baal-Hamom, Baal-Hanã, Baal-Hazor, Baal-Hermom, Baal-Meom, Baal-Peor, Baal-Perazim, Baal-Salisa, Baal-Tamar, Baal-Zebube, Baal-Zefom, Baalá, Baalá-Judá, Baalá de Judá, Baalate, Baalate-Beer, Baali, Baalis, Baalsamus, Baaná, Baara, Baasa, Baaseias, Baba Bathra, Bava Bathra, Babel, Babilônia, Baca, Vale de, Bacenor, Bagoas, Bajite, Balá, Balaão, Baladã, Balança, Balanças, Balaque, Baleia, Bálsamo, Baltazar, Bamá, Bamote, Bamote-Baal, Banhar, Banho, Bani, Bani, Banimento, Banir, Banimento, Banqueiro, Bancário, Banquete, Baquebacar, Baquebuque, Baquebuquias, Báquides, Bar, Bar-Jona, Bar-Kochba, Bar-Kosba, Bar-Koziba, Baraque, Baraquel, Baraquias, Barba, Bárbaro, Barco, Barcos, Barias, Bariá, Barjesus, Barnabé, Barodis, Barrabás, Barsabás, Barsabbas, Bartimeu, Bartolomeu, O Apóstolo, Barumita, Baruque, Barzillai, Basã, Basã-Havote-Jair, Bascama, Basemate, Basilisco, Basilisco, Baslute, Baslite, Bate-Rabim, Porta de, Bate-Seba, Bate-Sua, Suá, Batismo, Batismo De Fogo, Batismo De Jesus*, Batismo Do Espírito*, Batismo pelos mortos, Bato, Baurim, Bavai, Bdélio, Beã, Bealias, Bealote, Bebida forte, Beca, Bedade, Beer, Beer-Elim, Beer-Lahai-Roi, Beeri, Beerote-Benê-Jaacã, Beerote-Benê-Jaacã, Beesterá, Behemoth, Beijo, Beijo da Paz, Bela (Lugar), Belá (Pessoa), Bela, Belaíta, Belbaima, Belém, Beleza, Belial, Beliar, Bema, Ben-Ami, Bênção, Benjamim (Pessoa), Benjamim, Tribo de, Benoni, Beom, Beor, Bequer, Bequerita, Bequer, Bequerita, Bequerita, Bera, Berede (Lugar), Bereia, Berenice, Beriaítas, Berias, Berilo, Berseba, Besouro, Besta, Bete-Arã, Bete-Harã, Bete-Jesimote, Bete-Ninra, Bete-Peor, Bete-Reobe, Bete-Seã, Betel (Lugar), Betelita, Betsaida, Betuel (Pessoa), Betúlia, Betume, Bezalel, Bezer (Lugar), Bezzerro, Bezzerro de Ouro, Bezzerro de ouro, Bíblia, Bíblia de Genebra, Bíblia, Cânone da, Bíblia, Inspiração da, Bíblia, Manuscritos e Texto do (Antigo Testamento), Bíblia, Versões (Antigas) da, Bíblia*, Citações Do Antigo Testamento No Novo Testamento, Bíblia*, Manuscritos E Texto Do (Novo Testamento), Bicri, Bicrita, Bidcar, Bigamia, Bigtá, Bigtã, Bigvai, Bilã, Bila (Lugar), Bila (Pessoa), Bildade, Bileão, Bilga, Bilgai, Bilsã, Bimal, Bineá, Binui, Birsá, Birzavite, Bislão, Bispo*, Bitia, Bitínia, Bitrom, Biziotia, Bizta, Blasfêmia, Blasto, Boã, Pedra de, Boanerges*, Boaz (Coluna), Boaz (Pessoa), Bocru, Bode expiatório, Bolo de passas, Bolsa, Bondade, Bons Portos, Boqueru, Boquim, Borasã, Bordador, bordado, Boscate, Bosor (Lugar), Bosque, Bosra, Botija, Bozez, Braça, Branco, Brinco, Bronze, Broquel, Bruxa, bruxaria, Bul, Buna, Buqui, Buquias, Bushel, Buxo, Buz (Lugar), Buz (Pessoa), Buzi, Buzita*

Baal (Ídolo)

O nome do deus mais importante dos cananeus. Como deus da fertilidade, sua influência abrangia a agricultura, a criação de animais e a sexualidade humana. O Antigo Testamento frequentemente combina "Baal" com outros termos, como nomes de lugares (Baal-Peor, [Os 9.10](#); Baal-Hermon, [Jz 3.3](#)), ou com outras descrições como Baal-Berite (Baal da aliança, [Jz 8.33](#)). Essas combinações podem sugerir cultos locais de adoração a Baal.

A adoração a Baal tornou-se comum no norte de Israel durante o reinado do Rei Acabe no século IX a.C., após ele se casar com Jezabel de Tiro, uma cidade na Fenícia ([1Rs 16.29-33](#); [18.19-40](#)). Ela se espalhou para Judá quando a filha deles, Atalia, casou-se com o Rei Jeorão de Judá ([2Rs 8.17-18.24-26](#)). Os locais de adoração a Baal,

frequentemente no topo de colinas, incluíam um altar e uma árvore sagrada, pedra ou pilar ([2Rs 23.5](#)). Os fenícios, que viviam principalmente em cidades, construíram templos para Baal. Até mesmo Jerusalém tinha um templo de Baal quando Atalia era rainha de Judá ([2Cr 23.12-17](#)).

Nas histórias ugaríticas, Baal desce ao submundo, o domínio do deus Mot. Esta narrativa provavelmente corresponde ao ciclo das estações. Para trazer Baal de volta e iniciar a estação das chuvas, os cananeus realizavam rituais extremos, incluindo sacrifícios humanos e ritos sexuais ([Jr 7.31](#); [19.4-6](#)). Prostitutas sagradas provavelmente participavam desses rituais de outono. O Antigo Testamento condena fortemente a adoração a Baal ([Jz 2.12-14](#); [3.7-8](#); [Jr 19](#)).

Veja também Deuses e religião dos cananeus.

Baal (Lugar)

Nome alternativo para Baalate-Beer, uma cidade que define uma parte do limite do território de Simeão, em [1 Crônicas 4.33](#). *Veja* Baalate-Beer.

Baal (Pessoa)

1. Um Rubenita, filho de Reaías e pai de Beera ([1Cr 5.5](#)).
2. Um benjamita e um dos dez filhos nascidos de Jeiel, o pai de Gibeão, por Maaca, sua esposa. Seu irmão era Quis, o pai de Saul ([1Cr 8.30](#); [9.36](#)).

Baal-Berite

Um deus pagão adorado na região central de Canaã, ao redor da cidade de Siquém ([Jz 9.1-4,44-46](#)). Baal-Berite (que significa “Senhor do pacto”) era provavelmente uma forma local de Baal, o principal deus da fertilidade cananeu. Durante o período dos juízes, o povo de Israel afastou-se do Senhor para adorar os ídolos Baal e Baal-Berite ([Jz 8.33](#)).

Veja Deuses e religião cananeia.

Baal-Gade

Um local no Vale do Líbano, ao pé do Monte Hermom, no norte da conquista de Canaã por Josué ([Js 11.17](#); [12.7](#); [13.5](#)).

Veja Hermon, Monte.

Baal-Hamom

O local de uma vinha pertencente a Salomão e alugada por agricultores locais ([Ct 8.11](#)). O texto ao redor sugere que a vinha produzia uvas de excelente qualidade.

Baal-Hanã

1. O filho de Acbor, um rei de Edom ([Gn 36.38-39](#); [1Cr 1.49-50](#)).

2. Um oficial nomeado pelo Rei Davi para ser responsável pelo suprimento real de azeitonas e figos sicômoros nas planícies perto da terra dos filisteus ([1Cr 27.28](#)). Ele veio de Geder, uma cidade na região.

Baal-Hazor

Uma montanha onde Absalão, filho do Rei Davi, tinha uma casa.

Dois anos após Amnom ter estuprado Tamar, irmã de Absalão e sua meia-irmã, Absalão convidou Amnom e seus outros irmãos para uma festa em Baal-Hazor, durante a época em que os tosquiadores cortavam a lã das ovelhas ([2Sm 13.21-30](#)). Durante a celebração, Absalão se vingou: ele ordenou a morte de Amnom.

Baal-Hazor não é o Hazor na terra tribal de Benjamim ([Ne 11.33](#)). Também não é o Hazor ao norte do Mar da Galileia na terra tribal de Naftali ([Js 11.10-11](#); [1Rs 9.15](#); [2Rs 15.29](#)). Baal-Hazor estava localizado na terra tribal de Efraim em Jebel el-Asur, a nordeste de Betel.

Baal-Hermom

Um território heveu em Transjordânia, próximo ao Monte Hermom, não foi capturado na conquista israelita.

Deus usou esta região e outras para testar a geração mais jovem de Israel ([Jz 3.1-6](#)). Baal-Hermom pode se referir a um local na montanha. Parece ser outro nome para Baal-Gade ([Js 13.5](#)).

Veja também Hermom, Monte.

Baal-Meom

Uma cidade no norte de Moabe dada à tribo de Rúben ([Nm 32.38](#); [1Cr 5.8](#)).

É chamado de Bete-Baal-Meom em [Josué 13.17](#), Bete-Meão em [Jeremias 48.23](#), e Beom em [Números 32.3](#). Por volta de 830 a.C., era propriedade de Mesa, o rei de Moabe. No século VI a.C., ainda era propriedade dos moabitas ([Jr 48.23](#); [Ez 25.9](#)). Pode ter estado brevemente em posse israelita durante o século VIII a.C.

Baal-Peor

Um deus moabita venerado no Monte Peor.

Este deus provavelmente era Quemosh, a divindade nacional de Moabe. Enquanto acampados em Sitim, os israelitas foram seduzidos por mulheres moabitas que os persuadiram a adorar "Baal de Peor" ([Nm 25.3](#)). Por sua idolatria, Deus atingiu Israel com uma praga que matou 24.000 pessoas ([Nm 25.9](#); [Sl 106.28-31](#)). Baal-Peor é também o nome do lugar onde Israel adorou "o Baal de Peor" ([Dt 4.3](#)).

Veja também Moabe, Moabitas.

Baal-Perazim

Um local perto de Jerusalém onde uma batalha foi travada entre o recém-ungido Rei Davi de Israel e os filisteus ([2Sm 5.20](#); [1Cr 14.11](#)). Davi nomeou a área de Baal-Perazim para lembrar o "rompimento" do Senhor sobre seus inimigos, já que a frase significa o "Senhor do rompimento". [Isaías 28.21](#) faz referência ao Monte Perazim, onde o Senhor veio "de repente e com ira". Isso pode recordar a batalha de Davi com os filisteus.

Baal-Salisa

A casa de um homem trouxe um saco de grãos frescos e 20 pães de cevada para Eliseu em Gilgal. O servo de Eliseu alimentou 100 jovens profetas com isso e ainda sobrou ([2Rs 4.42](#)). Baal-Salisa provavelmente ficava em uma área fértil onde as primeiras colheitas eram cultivadas.

Baal-Tamar

Um lugar entre Gibeá e Betel na terra tribal de Benjamim, ao norte de Jerusalém. As outras 11 tribos israelitas reuniram suas forças lá em uma batalha final vitoriosa contra Benjamim por crimes cometidos na cidade de Gibeá ([Jz 20.33](#)).

Baal-Zebube

Um deus adorado pelos filisteus na antiga cidade de Ecrom. Em 852 a.C., quando o rei Acazias de Israel

se machucou ao cair de sua varanda, ele enviou pessoas para perguntar a Baal-Zebube se ele melhoraria ([2Rs 1.2](#)). O profeta Elias ficou muito irritado com isso. Ele disse que o rei morreria porque não respeitou o Deus de Israel.

Não temos certeza exatamente de qual deus Baal-Zebube era. Seu nome significa "Senhor das moscas". Talvez as pessoas acreditassem que ele poderia prever o futuro observando as moscas, ou que ele protegia as pessoas de muitas moscas. Arqueólogos encontraram pequenas estátuas de moscas douradas onde os filisteus viviam.

Muitos especialistas acreditam que o nome Baal-Zebube foi, na verdade, alterado de Baal-Zebul, que significa "Baal, o príncipe." Eles pensam que os israelitas mudaram o nome de propósito para zombar desse deus.

Veja também Deuses e religião cananea.

Baal-Zefom

Uma área perto do acampamento dos israelitas pouco antes de atravessarem o Mar Vermelho ([Êx 14.2,9](#); [Nm 33.7](#)). A localização exata de Baal-Zefom é desconhecida, mas provavelmente estava no nordeste do Egito. O nome significa "Senhor do norte", e supostamente havia um santuário para uma divindade semítica lá. O deus Baal-Zefom é mencionado em escritos ugaríticos, egípcios e fenícios como um deus do mar e da tempestade.

Baalá

Uma cidade no sul de Canaã ([Js 15.29](#)), provavelmente idêntica a Balá.

Veja Balá.

Baalá-Judá, Baalá de Judá

Um nome alternativo para Quiriate-Jearim. Era uma aldeia na estrada de Jerusalém para Tel Aviv ([2Sm 6.2](#)).

Veja Quiriate-Jearim.

Baalate

1. Uma cidade em Dã. Pode ser a mesma cidade mencionada no item #2 abaixo, embora alguns estudiosos não concordem ([Js 19.44](#)).
2. Uma cidade armazém construída por Salomão, provavelmente a oeste de Gezer na terra tribal original dada a Dã ([1Rs 9.18](#); [2Cr 8.6](#)).

Veja também Baalate-Beer.

Baalate-Beer

Um nome de lugar que significa "senhora" ou "dama do poço". Assim como a versão masculina de *Baal*, Baalate frequentemente aparece como parte de nomes de lugares. O nome pode sugerir que a deusa cananeia Baalate, patrona de Biblos, estava de alguma forma conectada com o lugar ou o poço. Baalate-Beer era o nome de uma cidade na tribo de Simeão. O nome também é dado como:

- Baal ou Baalate ([1Cr 4.33](#))
- Ramá do Neguebe ([Js 19.8](#))
- Ramote do Neguebe ([1Sm 30.27](#))

Pode ter sido na fronteira sul do território tribal de Simeão.

Baali

Um título hebraico que significa “meu Senhor” ou “meu mestre” ([Os 2.16](#)).

O título foi rejeitado por Deus porque estava associado ao Baal dos cananeus. Deus escolheu ser chamado de *Isi*, "meu marido". O significado dos dois termos era semelhante, mas não estava associado a práticas pagãs. Em um jogo de palavras profético, Deus enfatizou seu amor de aliança por seu povo e rejeitou qualquer implicação de que ele fosse para Israel o mesmo que Baal era para os cananeus.

Veja Baal (Ídolo); Deus, Nomes de.

Baalis

Um rei amonita organizou o assassinato de Gedalias, o governador do povo que ficou para trás após a captura de Jerusalém por Nabucodonosor e a deportação de seus habitantes ([Jr 40.14](#)). Gedalias foi avisado por um líder guerrilheiro, Joanã, mas ele se recusou a ouvir e foi morto ([Jr 41.1-3](#)).

Balsamus

O assistente levita que explicou as passagens da lei que foram lidas por Esdras ao povo ([1Esdras 9.43](#)). Na passagem semelhante em Neemias, seu nome é Maaséias.

Veja Maaséias #11.

Baaná

1. Baaná e seu irmão Recabe eram capitães sob o comando de Isbosete, que se tornou rei após a morte de seu pai, o Rei Saul, em batalha. Isbosete foi coroado pelo general de Saul, Abner, e era rival de Davi pelo trono de Israel. Baana e Recabe, buscando favor com Davi, assassinaram Isbosete enquanto ele dormia e cortaram sua cabeça ([2Sm 4.2-7](#)). Eles levaram a cabeça de Isbosete a Davi, esperando ser recompensados por matar o filho de seu inimigo. No entanto, Davi, que havia lamentado a morte de Saul, o rei escolhido por Deus ([2Sm 1](#)), ficou indignado. Ele ordenou a execução de Baana e Recabe, mandou cortar suas mãos e pés, e seus corpos foram enforcados ([2Sm 4.8-12](#)).
2. O filho de Baaná, Helede, da cidade de Netofa, perto de Belém, na terra tribal de Judá. Ele foi um dos 30 "valentes" de Davi ([2Sm 23.29](#); [1Cr 11.30](#)).
3. Um líder que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.2](#); [Ne 7.7](#)).

4. Um líder político que assinou a promessa de fidelidade a Deus feita por Esdras com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.27](#)). Ele é possivelmente o mesmo que Baaná, pai de Zadoque ([Ne 3.4](#)).
5. Filho de Ailude. Ele foi um dos 12 oficiais designados para providenciar alimentos para a casa do Rei Salomão. Ele serviu no distrito de Taanaque e Megido ([1Rs 4.12](#)).
6. Filho de Husai, e outro dos oficiais de suprimento do Rei Salomão; seu distrito era Aser e Alote ([1Rs 4.16](#)).

Baara

Uma mulher que foi divorciada de Saaraim, um homem da tribo de Benjamim ([1Cr 8.8](#)).

Baasa

Baasa foi o terceiro rei do reino do norte de Israel, governando de 908 a 886 a.C. Ele foi um líder feroz que iniciou a segunda das nove dinastias de Israel. Baasa era filho de um silonita da tribo de Issacar. O Senhor o escolheu dentre o povo comum para liderar o exército ([1Rs 16.2](#)). Enquanto o exército israelita atacava Gibetom, onde os filisteus estavam vivendo, Baasa matou o Rei Nadabe. Ele também exterminou todos os membros da família do antigo rei, o pai de Nadabe, Jeroboão ([1Rs 15.27-29](#)).

Durante seu governo de 24 anos, Baasa lutou contra Asa, o rei de Judá ([1Rs 15.16.32](#)). O conflito era principalmente sobre o controle das rotas comerciais entre Israel e Judá. Para bloquear o comércio com Jerusalém, Baasa construiu uma fortaleza em Ramá, que ficava ao norte de Jerusalém ([1Rs 15.17.21](#)). Para contrariar isso, Asa pegou toda a prata e ouro do templo e de seu próprio palácio e subornou o Rei Ben-Hadade da Síria para se voltar contra Baasa ([1Rs 15.18-20](#)). Ben-Hadade então atacou várias das cidades do norte de Israel e tomou terras perto do Rio Jordão. Isso fez Baasa perder sua determinação, e ele se retirou das fronteiras de Judá ([1Rs 15.20-21](#)).

Veja também Israel, História de; Reis, Primeiro e Segundo Livros.

Baaseias

Filho de Malquias e um antepassado do músico do templo Asafe ([1Cr 6.40](#)). Baaseias pode ser um erro, onde um copista pretendia escrever o nome comum Maaseias ([1Cr 15.18](#)).

Baba Bathra, Bava Bathra

Um tratado, ou dissertação, que faz parte da Mishná Talmúdica. O Talmude é uma coleção de ensinamentos tradicionais judaicos sobre a lei hebraica. A Mishná (uma coleção escrita de tradições orais judaicas) é dividida em seis seções principais chamadas ordens, cada uma contendo de sete a doze tratados (um tratado é uma seção ou parte de uma obra escrita maior). Cada tratado é dividido em capítulos, e cada capítulo é dividido em seções de parágrafos legais.

Baba Bathra, que significa "último portão", é o terceiro tratado na quarta ordem, *Nezikin*, que significa "danos". Ele segue *Bava Kamma* ("primeiro portão") e *Bava Metzia* ("portão do meio"). Esses três tratados, originalmente um só, tratam de questões de propriedade. Especificamente, Bava Bathra aborda a posse de imóveis e problemas relacionados.

Veja Mishná.

Babel

A tradução de uma palavra hebraica em [Gênesis 10.10](#) e [11.9](#) em outras partes da Bíblia é feita como "Babilônia" (veja [2Rs 17.24](#)). A tradução de "Babel" em Gênesis visa conectar o nome com o cenário cultural inicial de [Gênesis 11.1-9](#), particularmente a história da Torre de Babel. Esta tradução também liga o incidente da Torre de Babel à interpretação popular de que o nome Babel vem de uma raiz que significa "confundir" ([Gn 11.9](#)).

Escavações arqueológicas revelaram informações sobre a construção de zigurates, que eram torres construídas para templos. Esses zigurates consistiam em múltiplas plataformas, cada uma menor que a anterior, com um pequeno templo na plataforma superior dedicado à divindade do construtor ou da cidade.

O primeiro zigurate na Babilônia foi construído por Shar-kali-sharri, rei de Acádia, na última parte do século 23 a.C. Este zigurate foi destruído e reconstruído várias vezes ao longo dos séculos. O

zigurate esteve em ruínas por volta de 2000 a.C. até cerca de 1830 a.C. Então, um rei que governou antes de Hamurabi reconstruiu a cidade, nomeando-a Bab-ilu ou Babel. Hamurabi governou de 1728 a 1636 a.C.

O Épico da Criação Babilônica descreve a construção de uma "cidade celestial" como a morada do deus Marduk. Nesse contexto, Babel, que significa "porta de deus", era um termo importante. A terminologia associada ao templo de Marduk e ao zigurate sugere que Babel era considerada a entrada terrena para o reino celestial.

As tradições judaicas e árabes associam a Torre de Babel em Gênesis a uma grande ruína de templo dedicada a Nabu em Borsippa, também conhecida como Birs-Ninrode.

Veja também Babilônia, Babilônia.

Babilônia

Terra ao sul da Mesopotâmia. Politicamente, Babilônia refere-se aos antigos reinos que prosperaram no sul da Mesopotâmia, especialmente nos séculos VII e VI a.C., cuja cidade capital era Babilônia (ou *Bab-ilu*, que significa "porta de deus"). O termo também pode ser usado geograficamente para designar uma região inteira (no atual sudeste do Iraque). O adjetivo "babilônico" tem um significado ainda mais amplo; pode referir-se à terra ou aos seus habitantes, ao reino ou aos seus súditos, ou a um dialeto de uma das principais línguas antigas da Mesopotâmia.

As duas principais características geográficas da Babilônia são os rios Tigre e Eufrates. Eles nascem nas montanhas do leste da Turquia, inicialmente fluem em direções opostas, mas convergem perto de Bagdá e se unem mais ao sul para desaguar no Golfo Pérsico.

Politicamente, a Babilônia correspondia em grande parte à Babilônia geográfica. Seus centros, no entanto, não estavam situados na fértil planície aluvial entre os dois rios, mas sim nas margens ao longo do curso principal e de vários ramos laterais do Eufrates. Às vezes, o reino se estendia para o leste além do Tigre, nas planícies e sopés das Montanhas Zagros, geralmente ao longo dos afluentes orientais do Tigre.

Antiga Babilônia

Suméria e Acádia: 3200–2000 a.C.

A Babilônia surgiu como uma cultura devido à influência suméria sobre os diversos povos que migraram para a área. A civilização suméria começou a florescer na Babilônia em algum momento entre 3200 e 2900 a.C. (Todas as datas fornecidas são aproximadas.) As duas principais línguas da região eram o acádio, uma língua semítica, e o sumério, cuja afiliação linguística ainda é desconhecida. As inscrições mais antigas interpretáveis da Babilônia, datadas de 3100 a.C., estão em sumério, que foi a língua escrita em toda a Mesopotâmia por sete séculos. De fato, a escrita cuneiforme, a escrita em forma de cunha inventada pelos sumérios, permaneceu em uso por quase 3.000 anos.

Eventualmente, o modo de vida acadiano começou a competir com o sumério. A liderança política e cultural foi efetivamente retirada do sul por Sargão I (*Sharru-kin*, que significa "rei verdadeiro"; 2339–2279 a.C.), que fundou a capital Acádia (ou Agade).

O Império Acádio, que durou quase dois séculos sob Sargão e seus sucessores (2334–2154 a.C.), foi interrompido pela invasão do povo Guti, montanhese do leste, que por sua vez foram derrotados pelo rei sumério Utuhegal da cidade de Uruk. Esse evento marcou um período de renascimento do poder e da cultura suméria na Babilônia, liderado por uma dinastia de reis que se estabeleceu na outrora proeminente cidade suméria de Ur.

Primeiro Reino Babilônico: 1900–1600 a.C.

Ao mesmo tempo, povos de língua semítica do oeste — os Amurru (ou Martu), nômades da Síria — exerciam pressões migratórias e militares sobre a Babilônia.

Os Amurru—chamados por pesquisadores modernos de "Amoritas" devido à sua língua—eram conhecidos no período pré-Sargônida (antes de 2340 a.C.) e eram vistos como bárbaros pelos babilônios nativos, que desprezavam seu modo de vida. Durante o reinado de Shar-kali-sharri (2254–2230 a.C.), os amoritas começaram a surgir como uma ameaça. Um século depois, durante a primeira parte do período Ur III, a primeira grande onda de amoritas se mudou para a Babilônia; a segunda onda veio durante os reinados dos dois últimos reis da dinastia Ur III. Essa segunda migração coincidiu com uma situação política complexa na Babilônia.

O enfraquecimento do poder político sumério deu origem ao reino da Babilônia sob controle amorita.

O último rei neo-sumeriano, Ibbi-Sin, enfrentou ameaças militares ao seu reino tanto do leste quanto do oeste. Ele também teve que lidar com rebeliões internas. Ishbi-Erra, governador vassalo da cidade de Mari, a 800 quilômetros rio acima do Eufrates, aproveitou as incursões amoritas para se revoltar contra o rei e estabelecer um reino rival com sua capital em Isin, a 80 quilômetros de Ur. Ao mesmo tempo, em Larsa, a menos de 32 quilômetros através do Eufrates de Ur, outra nova dinastia foi estabelecida por um governante com um nome amorita.

O fundador da primeira dinastia do reino da Babilônia foi Sumuabum (1894–1881 a.C.). Pouco se sabe sobre ele. Ele e seus quatro sucessores, todos descendentes legítimos — Sumulael (1880–1845 a.C.), Sabium (1844–1831 a.C.), Apil-Sin (1830–1813 a.C.) e Sin-Muballit (1812–1793 a.C.) — governaram pacificamente e sem incidentes por um século. Eles parecem ter se dedicado principalmente à construção religiosa e defensiva e à manutenção de um sistema de canais de irrigação, embora haja algumas evidências de conquista e aquisição territorial. Ainda assim, o território do reino da Babilônia provavelmente se estendia não mais que 80 quilômetros em qualquer direção a partir da capital. Hamurabi, o sexto rei dessa linhagem (1792–1750 a.C.), ampliou o reino até as dimensões de um império. Em sua maior extensão, alcançou desde o Golfo Pérsico subindo o Tigre para incluir algumas das cidades da Assíria e subindo o Eufrates até Mari. A glória da Babilônia, no entanto, foi de curta duração; sob o reinado do filho de Hamurabi, Samsu-iluna (1749–1712 a.C.), o reino encolheu. Durou por mais um século, mas dentro de fronteiras mais estreitas do que as estabelecidas por Sumuabum. Dinastias menores se revezaram no governo da área de 1600–900 a.C. Então os assírios tomaram o controle.

Domínio Assírio: 900–614 a.C.

As primeiras incursões da Assíria na Babilônia foram realizadas por Salmaneser III. Em 851 a.C., o irmão de Marduk-zakir-shumi, rei da oitava dinastia da Babilônia, tentou tomar o trono com o apoio dos arameus. Marduk-zakir-shumi pediu ajuda aos assírios. Salmaneser derrotou os rebeldes e entrou na Babilônia, tratando a antiga cidade e seus habitantes com grande respeito. Depois disso, avançando para o sul, ele chegou a Sumer, habitada pelos caldeus, e os pressionou de

volta contra o golfo. Por algum motivo, Salmaneser não anexou a Babilônia. Marduk-zakir-shumi permaneceu no trono, embora tenha jurado lealdade ao rei assírio.

Os anos finais de Salmaneser III foram marcados por revoltas em todo o Império Assírio. Dois governantes fortes emergiram da confusão política. Na Assíria, Tiglate-Pileser III (745–727 a.C.) usurpou o trono. Na Babilônia, três anos antes, um caldeu, Nabonassar (747–734 a.C.), assumiu o trono como rei sucessor na oitava dinastia.

Após a morte de Nabonassar, um chefe arameu, Nabu-mukin-zeri (731–729 a.C.) assumiu o trono babilônico e estabeleceu a nona dinastia da Babilônia. Tiglate-Pileser derrotou o usurpador, devastou o território de sua tribo e se proclamou rei da Babilônia — e assim, da Babilônia — sob o nome de Pulu (729–727 a.C.) como o segundo rei da nona dinastia. Pouco se sabe sobre seu sucessor de curta duração, Salmaneser V (727–722 a.C.). Ele também foi proclamado rei da Babilônia, bem como da Assíria. Sob Salmaneser, começou um cerco contra o reino de Israel, após seu rei, Oséias (732–723 a.C.), ter se rebelado contra a Assíria ([2Rs 17.1-6](#)).

Merodaque-Baladã

Sargão II (722–705 a.C.) sucedeu Salmaneser. Sua ascensão ao poder é obscura; ele provavelmente foi um usurpador, razão pela qual escolheu o nome Sargão (“rei verdadeiro”), como seu homônimo acádio 1.500 anos antes. Pouco antes de Sargão II subir ao trono, Elam, no Leste, havia começado a participar ativamente nos assuntos da Babilônia, instigando rebeliões contra a Assíria.

Após os brilhantes sucessos de suas outras campanhas, Sargão atacou Babilônia novamente em 710 a.C., e desta vez conseguiu conquistá-la. Embora ele próprio tenha se proclamado rei de Babilônia, reconheceu Merodaque-Baladã como rei da tribo Yakin. Merodaque-Baladã aparentemente residia em Elam naquela época. No ano em que Senaqueribe, filho de Sargão (705–681 a.C.), sucedeu ao trono assírio, Merodaque-Baladã, assistido por oficiais e tropas elamitas, reapareceu. Ele mobilizou toda a população arameia e caldeia da Babilônia contra os assírios, tomou Babilônia e se proclamou rei novamente (705 a.C.).

Durante esse breve período, Merodaque-Baladã enviou uma embaixada ao Rei Ezequias de Judá (715–686 a.C.) “com cartas e um presente”, aparentemente para demonstrar simpatia por Ezequias devido à doença do rei ([2Rs 20.12](#)). Mais

provavelmente, o objetivo de Merodaque-Baladã era garantir outro aliado contra a hegemonia assíria; o relato da recepção cordial de Ezequias aos enviados babilônicos mostra sua disposição em se juntar à aliança. Evidentemente, a vaidade do rei sobrepôs-se ao seu senso político, e ele ofereceu aos babilônios um extenso tour pela sua Tesouraria. O gesto orgulhoso foi repreendido pelo profeta Isaías, que previu a posterior conquista de Judá pela Babilônia, quando o armazém do rei seria saqueado e sua família levada cativa ([2Rs 20.13-19](#); [Is 39](#)).

Senaqueribe rapidamente conseguiu desalojar Merodaque-Baladã do trono babilônico, forçando-o ao exílio e substituindo-o por um rei de sua própria escolha, Bel-ibni.

Guerra e Paz

O sucessor de Senaqueribe, Esar-Hadom (681–669 a.C.), que era seu filho mais novo, assumiu o trono da Assíria após uma sangrenta guerra de sucessão com seus irmãos. Um de seus primeiros atos foi reconstruir e ampliar a cidade de Babilônia. Dessa forma, Esar-Hadom conquistou a amizade de muitos de seus súditos babilônios, o que lhe permitiu desfrutar de um reinado pacífico naquela parte de seu império. Três anos antes de sua morte, Esar-Hadom nomeou seu filho Assurbanípal como seu sucessor (669–627 a.C.), e outro filho, Shamash-shum-ukin (668–648 a.C.), como vice-rei na Babilônia.

O império não foi dividido por ter dois filhos em dois tronos. Assurbanípal tinha precedência sobre seu irmão, assumindo a responsabilidade por todo o império. Shamash-shum-ukin e seus súditos babilônios, por outro lado, desfrutavam de soberania; como vice-rei, ele tinha autoridade total dentro de seu reino. Esse arranjo durou 17 anos até que Shamash-shum-ukin, apoiado pelos elamitas e por numerosas tribos árabes, se rebelou contra Assurbanípal. A revolta foi brutalmente suprimida em 648 a.C., e um nobre caldeu, Kandalanu, foi nomeado vice-rei da Babilônia. Pouco depois, Assurbanípal lançou uma expedição punitiva, devastando a Babilônia e destruindo completamente Elam no processo.

Império Neo-Babilônico: 614–539 a.C.

Tanto Assurbanípal quanto Kandalanu, seu vice-rei na Babilônia, morreram em 627 a.C. Por um ano, a Babilônia não teve um governante reconhecido. Então, o trono foi tomado pelo príncipe caldeu Nabopolassar (625–605 a.C.), que estabeleceu a

10ª dinastia da Babilônia, conhecida como dinastia Caldeia ou Neo-Babilônica.

Com a ajuda da Média, o reino do Planalto Iraniano, Nabopolassar pôs fim ao Império Assírio. Em 612 a.C., as principais cidades da Assíria haviam caído: Assur, então o centro religioso; Nínive, o centro administrativo; e Ninrode, o quartel-general militar. A última luz da Assíria foi extinta por Nabopolassar em 609 a.C. Sob o comando de seu filho Nabucodonosor II (604–562 a.C.), a Babilônia herdou o Império Assírio. Por um momento na história, a Babilônia foi a senhora de todo o Oriente Próximo. Nabucodonosor provocou o fim do reino hebreu de Judá e a destruição de Jerusalém em 586 a.C., deportando parte de sua população para a Babilônia no evento referido como o exílio ([2Rs 24.1-25.21](#)).

Sob Nabucodonosor, Babilônia tornou-se a lendária cidade de luxo e esplendor com a qual seu nome é comumente associado. Nabucodonosor foi sucedido por seu filho, genro e neto no espaço de seis anos. Depois disso, um de seus altos funcionários diplomáticos, Nabonido, assumiu o trono (555–539 a.C.). Durante seu reinado, os Medos, anteriormente aliados dos Caldeus, ficaram sob um novo governante, Ciro II da Pérsia (559 a.C.), que nos 10 anos seguintes conquistou um império de quase 4.800 quilômetros de extensão, do Mar Egeu até os Pamirs (montanhas na Ásia Central).

Durante a década de conquistas de Ciro, Nabonido estava estranhamente ausente de Babilônia, residindo na Arábia. Embora o livro de Daniel relate eventos ocorridos na corte de Babilônia durante o reinado de Nabonido, seu nome nunca é mencionado. Em vez disso, Belsazar, a quem Nabonido nomeou regente em Babilônia durante sua ausência, é descrito como rei ([Dn 5.1](#)). Talvez devido à sua ausência prolongada ou ao seu apego ao deus lunar Sin e à cidade de Sin, Harã, em vez do deus nacional babilônico Marduk e da cidade de Marduk, Babilônia, Nabonido perdeu o apoio dos babilônios. Quando ele finalmente retornou a Babilônia, foi na véspera do ataque de Ciro à cidade ([Dn 5.30-31](#)). Em vez de oferecer resistência, o exército babilônico desertou para Ciro e a cidade se rendeu sem uma batalha (outubro de 539 a.C.). Essa rendição encerrou a dinastia caldeia e a história de uma Babilônia independente.

A Babilônia do tempo de Nabucodonosor é mencionada frequentemente no final de 2 Reis e 2 Crônicas e na parte inicial de Daniel. Esdras e

Neemias registram o retorno subsequente do remanescente de Judá do seu exílio babilônico.

Entre os livros proféticos, Isaías menciona Babilônia durante o período de domínio assírio. Um século depois, Jeremias alerta sobre a ameaça de Nabucodonosor, enquanto Ezequiel e Daniel falam de Babilônia do ponto de vista dos exilados. Há tantas referências a Babilônia na última metade de Jeremias quanto em todo o restante da Bíblia.

Veja também Período Pós-exílico; Diáspora dos Judeus; Caldéia, Caldeus; Nabucodonosor; Daniel, Livro de.

Baca, Vale de

Uma frase no [Salmo 84.6](#) frequentemente traduzida como “vale das lágrimas” vem da palavra hebraica *baca*, que se refere a um tipo de árvore mencionada em [2 Samuel 5.23-24](#) e [1 Crônicas 14.14-15](#). Nestas passagens, é traduzida como amoreira, álamo ou bálsamo. Não é certo se o Vale de Baca no [Salmo 84](#) era uma localização geográfica real ou uma expressão simbólica para tempos de tristeza ou dificuldade na vida.

Alguns estudiosos acreditam que foi um local específico perto de Jerusalém, possivelmente próximo ao Vale de Refaim. Pode simbolizar um período ou lugar de tristeza e dificuldade:

1. As árvores de bálsamo no vale talvez tenham liberado uma resina, parecida com lágrimas.
2. A jornada pelo vale poderia ter sido desafiadora.
3. O vale pode ter sido caracterizado por rochas de onde a água escorria, semelhante a lágrimas.

Bacenor

Um dos oficiais de Judas Macabeu, de acordo com [2 Macabeus 12.35](#). O nome pode ser uma forma corrompida de "Toubiani". O versículo pode dizer: "Dositheus, um Toubiano, que estava a cavalo" (veja [2Mc 12.17](#)).

Bagoas

Um mordomo encarregado das funções do general Holofernes de Nabucodonosor ([Jt 12.11](#)). Bagoas encontrou o corpo do general depois que Judite decapitou Holofernes em sua tenda ([Jt 14.14-18](#)). "Bagoas" pode ter sido um título persa em vez de seu nome.

Bajite

Uma cidade em Moabe de acordo com [Isaías 15.2](#) na ARC. Em muitas traduções o mesmo termo é interpretado como "templo".

Balá

Uma cidade no sul de Canaã ([Js 19.3](#)), provavelmente idêntica a Baalá ([Js 15.29](#)) e Bila ([1Cr 4.29](#)).

Balaão

O filho de Beor, um profeta ou adivinho do norte da Mesopotâmia, foi contratado pelo rei moabita Balaque para amaldiçoar os israelitas.

Após 40 anos de peregrinação, os israelitas chegaram ao Vale do Jordão, em frente a Jericó. Eles haviam derrotado os amorreus ([Nm 21.21-25](#)). Balaque estava apavorado com os israelitas ([22.3](#)). Maldições e bênçãos eram consideradas permanentes ([Gn 27.34-38](#)). Assim, Balaque acreditava que, se pudesse contratar um profeta para amaldiçoar os israelitas em nome de seu Deus, Yahweh, ele poderia derrotá-los. Ele enviou mensageiros a Petor, onde Balaão vivia. Acredita-se que a cidade ficava perto de Harã, no rio Cabur. Ele fez a Balaão uma oferta substancial para amaldiçoar os israelitas.

O Senhor inicialmente advertiu Balaão para não ir a Moabe. Apesar disso, Balaque persistiu e enviou mais mensageiros com ofertas maiores de riqueza e honra. O desejo de Balaão por riqueza levou-o a perguntar novamente ao Senhor se deveria ir. Suas palavras aos mensageiros, no entanto, foram muito piedosas: “Mesmo que Balaque me desse todo o ouro e toda a prata do seu palácio, eu não poderia fazer coisa alguma, grande ou pequena, que fosse contra as ordens do Senhor, meu Deus” ([Nm 22.18](#)).

Embora Deus tenha permitido que Balaão fosse, Ele instruiu Balaão a dizer apenas o que Ele ordenasse.

Balaque havia enviado “o dinheiro para pagar as maldições” com seus mensageiros ([Nm 22.7](#)). Isso mostra que ele via Balaão como um adivinho pagão (alguém que praticava a busca de conhecimento do futuro por meios sobrenaturais). Isso era proibido para os israelitas ([Dt 18.10–11](#)). Um verdadeiro profeta não teria considerado a oferta de Balaque. A permissão de Deus para que Balaão fosse tinha o objetivo de frustrar os planos de Balaque e proteger Seu povo.

Enquanto Balaão viajava, Deus ficou irado e enviou um anjo com uma espada desembainhada para bloquear seu caminho ([Nm 22.22](#)). A jumenta de Balaão viu o anjo e se recusou a se mover, levando Balaão a espancar a jumenta. Milagrosamente, a jumenta falou com Balaão, reclamando das surras ([Nm 22.28–30](#)).

Olhando superficialmente, a história em [Números 22](#) mostra Balaão simplesmente seguindo o que o Senhor permitiu que ele fizesse. Mas [Deuteronômio 23.5](#) revela que o Senhor não atendeu Balaão e transformou sua maldição planejada em uma bênção. Quando o Senhor abriu os olhos de Balaão para ver o anjo, ele caiu com o rosto em terra ([Nm 22.31](#)). Balaão reconheceu seu pecado e concordou em dizer apenas o que o Senhor colocasse em sua boca. Os poemas de Balaão em [Números 23](#) e [24](#) estão escritos em hebraico arcaico. Eles descrevem as bênções passadas de Deus sobre Seu povo e predizem bênções futuras para Israel.

Balaão proferiu apenas bênções para Israel e nunca uma maldição. O rei moabita, Balaque, tentou fazer com que Balaão amaldiçoasse Israel de diferentes locais de observação com vista para o Vale do Jordão. Quando Balaão ainda não os amaldiçoou, Balaque, enfurecido, mandou Balaão embora sem qualquer recompensa.

[Números 25](#) relata como o rei moabita quase conseguiu desviar os israelitas. Em Peor, homens israelitas se envolveram em comportamento imoral com mulheres moabitas, possivelmente envolvendo prostituição no templo, com base no conselho de Balaão para enfraquecer Israel ([Nm 31.14–16](#)). Balaão foi posteriormente morto pelos israelitas durante sua campanha contra Midiã ([Nm 31.8](#); [Js 13.22](#)).

Veja também Balaque.

Baladã

O rei da Babilônia era pai de Merodaque-Baladã. O filho de Baladã enviou cartas e um presente ao Rei Ezequias de Judá após a recuperação de Ezequias de uma doença grave ([2Rs 20.12](#); [Is 39.1](#)).

Balança, Balanças

Dispositivos usados para pesar objetos, comparando-os com um peso conhecido. Balanças têm sido usadas desde pelo menos o meio do segundo milênio a.C. Representações e inscrições antigas em tumbas egípcias fornecem percepções sobre a aparência dessas balanças antigas. Um par de balanças encontrado em Ugarit data de cerca de 1400 a.C.

As balanças geralmente tinham quatro partes principais:

1. Um padrão vertical central;
2. Uma barra transversal suspensa do padrão;
3. Duas bandejas suspensas em cada extremidade da barra transversal por cordas; e
4. Uma haste ou ponteiro preso em ângulos retos ao centro da barra transversal (em modelos mais elaborados). Esta haste se movia em frente ao padrão, indicando, por sua posição vertical, quando os dois pratos mantinham pesos iguais.

No mundo antigo, balanças ou pesos eram usados principalmente para medir metais preciosos como prata ou ouro. No entanto, a "História do camponês eloquente" do Médio Reino do Egito também mencionava o uso figurativo de balanças para avaliar o coração e a língua de uma pessoa.

As balanças são frequentemente mencionadas no Antigo Testamento, geralmente enfatizando o uso de pesos justos ao comprar e vender ([Lv 19.36](#); [Pv 11.1](#); [16.11](#); [20.23](#); [Ez 45.10](#); [Os 12.7](#); [Am 8.5](#); [Mq 6.10–12](#)).

A prata é pesada com uma balança, conforme descrito em [Isaías 46.6](#). Da mesma forma, Jeremias pesou o dinheiro que pagou pelo campo de seu sobrinho ([Jr 32.8–10](#)). Em uma profecia encenada, Ezequiel foi instruído a cortar todo o seu cabelo e barba, pesá-los em balanças e separá-los em três

partes iguais ([Ez 5.1-2](#)). Jó pediu “que Deus me pese numa balança justa”, para que Deus conhecesse sua integridade ([Jó 31.6](#)). Daniel declarou que Belsazar havia sido pesado nas balanças (julgado) e encontrado em falta ([Dn 5.27](#)).

No Novo Testamento, [Apocalipse 6.5](#) fala de um cavaleiro em um cavalo preto segurando uma balança na mão. Esta profecia prediz uma fome severa onde a comida se torna escassa, a inflação aumenta os preços dos alimentos, e as pessoas verificam cuidadosamente as balanças para evitar serem enganadas, mesmo ao comprar os grãos mais baratos, como a cevada ([Ap 6.6](#)).

Veja também Pesos e medidas.

Balaque

Filho de Zipor e rei de Moabe. Balaque ficou com medo depois que os israelitas derrotaram os amorreus, então ele contratou um profeta chamado Balaão para amaldiçoar Israel ([Nm 22.1-7](#)). Balaque acompanhou Balaão a três montanhas diferentes e ofereceu três sacrifícios distintos. Mas, em cada ocasião, Balaão proferiu uma bênção aos israelitas em vez disso ([Nm 22-24](#)). Enfurecido, Balaque mandou Balaão embora. Esse evento foi dado como exemplo da bênção especial de Deus sobre os israelitas e da inutilidade de tentar mudar a vontade de Deus ([Js 24.9-10](#); [Jz 11.25](#); [Mq 6.5](#); [Ap 2.14](#)).

Veja também Balaão.

Baleia

Uma baleia é a maior criatura viva na Terra, sendo ainda maior do que qualquer animal extinto. As baleias são mamíferos que respiram ar e vivem no mar, pertencendo à ordem científica Cetacea.

Dois tipos de baleias ocasionalmente visitam as costas da Terra Santa:

- A baleia-comum (*Balaenoptera physalus*)
- A cachalote (*Physeter catodon*)

A baleia-comum pesa cerca de 200 toneladas. Ela vive principalmente no Ártico, mas às vezes passa pelo Estreito de Gibraltar em direção ao leste do Mar Mediterrâneo. Ela não tem dentes; em vez disso, filtra pequenas criaturas marinhas através

de placas chamadas de barbatanas. Sua garganta é estreita.

A baleia cachalote mede cerca de 18,3 metros de comprimento. Sua grande cabeça se assemelha a um aríete. Os machos de cachalote possuem dentes na mandíbula inferior que medem 17,8 centímetros de comprimento. Eles se alimentam de peixes grandes, incluindo tubarões, e têm uma garganta larga.

Baleias na Bíblia

Algumas versões da Bíblia em português utilizam a palavra “baleia” em [Gênesis 1.21](#) e [Jó 7.12](#). O “grande peixe” que engoliu Jonas ([Jn 2.1](#)) pode não ter sido uma baleia. Poderia ter sido um grande tubarão, como o tubarão-baleia (*Rhineodon*). O tubarão-baleia cresce até 21 metros de comprimento e não tem os dentes afiados de outros tubarões. Seja qual for a criatura marinha, o resgate de Jonas foi um milagre.

Em grego, a palavra para “baleia” também pode significar “monstro marinho” ou “peixe enorme”. Este pode ser o significado em [Mateus 12.40](#).

Veja também Animais.

Bálsamo

Uma resina oleosa e perfumada que vem de certas árvores e arbustos. As pessoas usam bálsamo como medicamento. A palavra “bálsamo” pode se referir tanto à resina quanto às plantas que a produzem.

O bálsamo mencionado em [Gênesis 37.25](#), [Jeremias 8.22](#), [46.11](#), e [51.8](#) é provavelmente o bálsamo de Jericó (*Balanites aegyptiaca*) ou a árvore de lentisco (*Pistacia lentiscus*). O bálsamo de Jericó é comum no Egito, Norte da África, nas planícies de Jericó e nas regiões quentes próximas ao Mar Morto. É uma planta pequena que prospera em áreas desérticas, crescendo de 2,7 a 4,6 metros de altura. Possui ramos finos e espinhosos com pequenas flores verdes.

A árvore de lentisco cresce naturalmente em Israel e nas áreas circundantes. [Gênesis 43.11](#) provavelmente se refere a esta planta porque descreve um produto nativo de Israel e das áreas circundantes que era desconhecido no Egito naquela época. Esta árvore é arbustiva e cresce de 0,9 a 3 metros de altura, com folhas que permanecem verdes o ano todo. As pessoas coletam o “bálsamo” cortando os caules e ramos,

geralmente em agosto. A seiva escorre e endurece. O bálsamo de melhor qualidade aparece como gotas amarelo-brancas e translúcidas. As pessoas usam este bálsamo de alta qualidade na medicina como agente secante. O bálsamo de qualidade inferior serve como verniz. Crianças em países do Oriente Médio também o usam como chiclete.

As especiarias mencionadas em [1 Reis 10.10](#), [2 Reis 20.13](#), [Cântico dos Cânticos 3.6](#), [Isaías 39.2](#) e [Ezequiel 27.17](#) são provavelmente o bálsamo de Gileade (*Commiphora opobalsamum*). Apesar do nome, esta planta não cresce naturalmente em Gileade ou nas áreas circundantes. Ela vem da Arábia, especialmente das regiões montanhosas do Iêmen. Essas árvores ainda cresciam nas planícies de Jericó durante a conquista romana. Os conquistadores romanos levaram ramos de volta a Roma como símbolos de sua vitória sobre o povo judeu.

A árvore bálsamo de Gileade é uma pequena perene com ramos rígidos. Raramente cresce mais de 4,6 metros e possui ramos espalhados. As pessoas coletam o "bálsamo" cortando o caule e os ramos da árvore. A seiva rapidamente endurece em pequenos pedaços irregulares que são recolhidos. As pessoas também obtêm goma tanto do fruto verde quanto do maduro desta árvore.

Veja Medicina e prática médica.

Baltazar

O nome tradicional de um dos sábios que trouxe um presente para Jesus em [Mateus 2.1-2](#). *Veja* Sábios.

Bamá

A palavra hebraica que significa altura, cume ou elevação na paisagem ([2Sm 1.19,25](#); [22.34](#)). Está escrito em português uma vez ([Ez 20.29](#), ARC). Refere-se a colinas ou montanhas com vista para o rio Arnom ([Nm 21.28](#)). A forma plural, Bamote, é usada para o nome de cidades em Moabe ([Nm 21.19-20](#); [22.41](#); [Js 13.17](#)).

Metaforicamente, a palavra significa:

- Um lugar de segurança ([Dt 32.13](#); [Hb 3.19](#))
- O terreno elevado que um comandante militar busca controlar na batalha.

Controlar as "alturas" de um inimigo significava subjugar esse inimigo ([Dt 33.29](#); [Ez 36.2](#)). O termo frequentemente combina significados literais e figurativos ao se referir a Jerusalém, um "lugar alto" em ruínas coberto de plantas ([Mq 3.12](#); veja também [Jr 26.18](#); [Ez 36.1-2](#)).

Na religião Cananeia, um "lugar alto" era um santuário local situado em uma colina próxima a uma cidade ou vila, diferente dos templos maiores espalhados por toda a região.

Veja também Lugar alto.

Bamote, Bamote-Baal

Uma cidade em Moabe que Josué deu à tribo de Rúben ([Js 13.17](#), chamada Bamote-Baal). Foi um dos últimos pontos seguros de Israel na rota para Canaã, a Terra Prometida ([Nm 21.19-20](#)).

Bamote-Baal, uma montanha ou lugar elevado, provavelmente era um santuário para o deus cananeu Baal. O rei Balaque de Moabe levou o profeta Balaão até lá para tentar fazê-lo amaldiçoar os inimigos de Balaque, o povo de Israel ([Nm 22.41-23.13](#)).

Banhar, Banho

Purificar com água ou lavar-se. Na Bíblia, os termos "banhar" e "lavar" traduzem, muitas vezes de forma intercambiável, várias palavras diferentes. Uma passagem do Antigo Testamento usa uma palavra hebraica para limpar roupas e outra para lavar outros objetos, incluindo o corpo ([Lv 15.8-12](#)).

O clima seco de Israel e a escassez de água desencorajavam o banho, exceto onde havia um riacho ou piscina disponível ([2Rs 5.10](#); [Jo 9.7](#)). No entanto, as pessoas ainda lavavam bebês ao nascer ([Ez 16.4](#)), corpos mortos em preparação para o enterro ([At 9.37](#)) e ovelhas para a tosquia ([Ct Sl 6.6](#)). Frequentemente, o banho de todo o corpo era provavelmente reservado para os ricos ([Êx 2.5](#)). Mas a prevalência de poeira tornava necessário o lavar do rosto, mãos e pés de forma frequente ([Gn 18.4](#); [19.2](#); [24.32](#); [43.24](#); [Jz 19.21](#); [Ct Sl 5.3](#)). Um

bom cuidado pessoal para os privilegiados exigia lavar o corpo antes de ungir com óleo ([Rt 3.3](#); [2Sm 12.20](#); [Ez 23.41](#)). Um bom anfitrião fornecia água para os pés de um convidado ([Gn 18.4](#); [Jz 19.21](#); [Lc 7.44](#); [Jo 13.4-5](#)). Lavar os pés de alguém era tarefa de um servo. Para qualquer outra pessoa, fazê-lo era um sinal de humildade ([1Sm 25.41](#); [Lc 7.44-47](#); [Jo 13.3-16](#); [1Tm 5.10](#)).

A maioria das referências bíblicas a lavar ou banhar trata de purificação ritual. Sacerdotes e levitas eram obrigados a lavar suas roupas e rostos, e às vezes os corpos, antes de se aproximarem do altar e em ocasiões cerimoniais ([Êx 29.4](#); [30.19-21](#); [40.7,12,30-32](#); [Nm 8.21](#)). Antes de um animal abatido ser sacrificado, suas pernas e intestinos eram lavados ([Lv 1.9,13](#); [8.21](#); [9.14](#)). Qualquer pessoa que estivesse impura tinha que lavar suas roupas e se banhar para estar ritualmente pura ([Lv 14.8-10](#); [15.5-11,21-27](#)). Por exemplo, um leproso que fosse curado ou alguém que tivesse tido um fluxo genital seria considerado impuro e precisaria lavar-se e banhar-se. Qualquer vestimenta que se tornasse contaminada tinha que ser cerimonialmente purificada ([Lv 6.27](#); [13.54](#)).

“Lavar” também é usada figurativamente para representar uma purificação do pecado ([Sl 51.2](#); [Is 1.16](#); [4.4](#); [Jr 2.22](#); [4.14](#); [1Co 6.11](#); [Hb 10.22](#)).

Bani

1. Um membro da tribo de Gade e guerreiro entre os valentes de Davi, que eram conhecidos como "os trinta" ([2Sm 23.36](#)).
2. Filho de Semer e ancestral de Etã. Etã era o levita da linhagem de Merari responsável pela música no tabernáculo durante o reinado do Rei Davi ([1Cr 6.46](#)).
3. Um membro da tribo de Judá e um antepassado de Utai ([1Cr 9.4](#)). Utai foi um dos primeiros a se mudar para Jerusalém após o exílio na Babilônia. Possivelmente o mesmo que o número 4 abaixo.
4. Um ancestral de uma família que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.10](#)). Também pode ser escrito como Binui ([Ne 7.15](#)).

5. Um ancestral de uma família que retornou a Judá com Esdras após o exílio na Babilônia ([Ed 8.10](#); [1Ed 8.36](#)). Possivelmente o mesmo que o #4 acima.
6. Um ancestral de alguns israelitas que foram considerados culpados de se casar com mulheres estrangeiras ([Ed 10.29](#)).
7. Um ancestral de outro grupo de israelitas que foram considerados culpados de se casarem com mulheres estrangeiras ([Ed 10.34](#)).
8. O filho ou descendente de Bani (#7 acima). Ele estava entre aqueles considerados culpados de se casar com mulheres estrangeiras ([Ed 10.38](#)). Como Bani é escrito de forma semelhante a "filhos de" em hebraico, a maioria das traduções modernas escreve o versículo [38](#) como "dos filhos de Binui".
9. O pai de Reum é um levita. Reum reparou uma seção do muro de Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ne 3.17](#)).
10. O assistente levítico de Esdras que explicou as passagens da lei lidas por Esdras ao povo ([Ne 8.7](#)). Ele louvou a Deus nos degraus do templo ([Ne 9.4-5](#)). Ele é provavelmente o mesmo que Binui ([Ed 10.38](#)) e Anniuth ([1Ed 9.48](#)).
11. Outro assistente levítico que explicou passagens da lei lidas por Esdras ([Ne 9.4b](#)).
12. Um levita que assinou a promessa de fidelidade a Deus feita por Esdras após o exílio na Babilônia ([Ne 10.13](#)). Ele era um líder do povo, representando a família Bani mencionada no item #4 acima.

13. Pai de Uzi. Uzi foi o chefe dos levitas em Jerusalém após o exílio na Babilônia ([Ne 11.22](#)). Possivelmente o mesmo que #9 ou #10 acima. A popularidade deste nome e sua semelhança com outros nomes judaicos (e.g., Binui) causaram muita confusão em listas de ancestrais. A lista acima é uma das várias disposições possíveis.

Bani

1. Levita que cantou louvores a Deus após a leitura pública da lei por Esdras ([Ne 9.4](#)).
2. Líder político que assinou a aliança de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.15](#)).
3. O pai de Hasabias ([Ne 11.15](#)), um levita descendente de Merari ([1Cr 9.14](#)). Possivelmente o mesmo que o número 1 acima.

Banimento

Uma prática religiosa que envolve dedicar à destruição aqueles que são hostis a Deus. Essa prática era usada em Israel durante a guerra. Eles destruíam completamente os cananeus por causa de sua maldade e práticas perversas.

Veja também Conquista e Distribuição da Terra; Livro de Josué; Guerra; Guerra Santa.

Banir, Banimento

A exclusão de uma pessoa de um país ou grupo como forma de punição.

Na Bíblia, "banimento" ou palavras semelhantes são usadas várias vezes:

- O julgamento de Deus sobre Adão e Eva ([Gênesis 3.23-24](#));
- O julgamento de Deus sobre Caim ([Gênesis 4.9-14](#));
- O exílio de Absalão de seu pai Davi ([2 Samuel 13.37-39](#); [14.13-14](#));
- O exílio de Israel da terra Prometida ([Deuteronômio 30.1](#); [Isías 11.12](#); [Jeremias 16.15](#); [Ezequiel 4.13](#)).

O banimento foi incluído em uma lista de punições no exílio na Babilônia para aqueles que desobedeceram a Deus ou ao rei persa Artaxerxes ([Esdras 7.26](#)).

A lei mosaica prescrevia que um israelita poderia ser "cortado" da comunidade por várias ofensas:

- falha em circuncidar um menino ([Gênesis 17.12.14](#));
- comer pão com fermento durante a Páscoa ([Êxodo 12.15](#));
- fazer um sacrifício animal profano ([Levítico 17.1-4](#));
- comer sangue ([Levítico 17.10](#));
- pecar deliberadamente ([Números 15.30-31](#));
- não se submeter à purificação cerimonial após contato com um cadáver ([Números 19.11-20](#)).

Ser "cortado" provavelmente significava exclusão tanto da vida social quanto religiosa ([João 9.18-23.34](#)). Após o exílio, quando a nação de Israel foi banida, a deserção e a excomunhão permanente do povo de Deus tornaram-se punições formais ([Ed 10.7-8](#)).

Os romanos, como outros conquistadores, usavam a deportação como uma forma de punição. Por exemplo, os judeus foram banidos de Roma sob o Imperador Cláudio devido a controvérsias ([At 18.2](#)). O autor de Apocalipse foi exilado para a ilha de Patmos durante a perseguição romana ([Ap 1.9](#)). Formas mais severas de banimento incluíam a exclusão permanente de uma região, perda de cidadania e confisco de propriedade.

Veja também Diáspora dos Judeus.

Banqueiro, Bancário

Um banqueiro é alguém que trabalha com dinheiro. Essa pessoa empresta dinheiro, troca diferentes tipos de moeda e distribui novas cédulas.

À medida que o comércio entre diferentes países crescia, as pessoas precisavam de uma maneira fácil de movimentar dinheiro. Isso levou à criação dos bancos. Quando as moedas foram cunhadas pela primeira vez no século VII a.C., os cambistas se tornaram importantes. Eram pessoas que trocavam um tipo de moeda por outro.

No passado, reis e rainhas controlavam todo o comércio ([2Sm 5.11](#); [1Rs 10.14-29](#)). No entanto, com o tempo, isso mudou. Um novo sistema se desenvolveu, semelhante ao sistema bancário que temos hoje.

Nos tempos do Novo Testamento, os cambistas faziam parte do sistema bancário. Seu trabalho era trocar dinheiro romano por moedas especiais para o templo. As pessoas precisavam dessas moedas especiais para pagar o imposto do templo. Esse imposto era um tipo de moeda chamado meio siclo. Os cambistas são mencionados em:

- [Mt 17.24](#);
- [Mt 21.12](#);
- [Mt 25.27](#);
- [Mc 11.15](#);
- [Lc 19.23](#);
- [Jo 2.14-15](#).

Pessoas que emprestavam dinheiro (credores) e aqueles que davam crédito (credores) foram protegidos. Os tomadores de empréstimo tinham que oferecer algo valioso como garantia de pagamento do empréstimo.

A lei israelita determinava que as pessoas não deveriam cobrar juros sobre empréstimos ([Êx 22.25](#); [Dt 15.1-18](#)). No entanto, algumas pessoas não seguiam essa lei e cobravam taxas de juros muito altas. Profetas e líderes condenaram essa prática ([Ne 5.6-13](#); [Ez 18.8,13,17](#); [22.12](#)).

O povo de Israel muitas vezes temia os credores ([2Rs 4.1](#); [Sl 109.11](#); [Is 24.2](#); [50.1](#)). Os credores podiam entrar nas casas das pessoas para retomar o que era devido. Eles podiam até mesmo levar crianças como escravos para pagar a dívida ([2Rs 4.1](#); [Is 50.1](#)). Em [Lc 7.41-42](#), Jesus conta uma história sobre um credor bondoso. Esta história é

chamada de parábola. Outras histórias semelhantes estão em [Mt 25.14-30](#) e [Lc 19.11-27](#).

Veja também Dinheiro; Casa de Câmbio.

Banquete

Uma grandiosa refeição cerimonial realizada para celebrar um evento ou pessoa importante. Também simboliza o futuro banquete que Cristo oferecerá no reino de Deus.

Nos tempos bíblicos, banquetes e festas eram centrais para a vida social e religiosa. Além das festas religiosas estabelecidas pela lei mosaica, as pessoas celebravam com banquetes em várias ocasiões alegres ou significativas, como:

- fazer acordos formais ([Gn 26.30](#); [31.54](#); [Êx 24.11](#));
- casamentos ([Gn 29.22](#); [Jz 14.10](#));
- colheita ([Jz 9.27](#); [Rt 3.1-3](#));
- tosquia de ovelhas ([1Sm 25.11](#); [2Sm 13.23-29](#));
- recebendo convidados ([Gn 19.3](#));
- desmame de uma criança ([Gn 21.8](#));
- cerimônias para tornar alguém rei ou rainha ([1Rs 1.9,19-25](#));
- eventos de estado ([Et 1.3-9](#); [2.18](#); [5.4-8](#));
- assim como por muitos outros motivos.

Os costumes de banquete das antigas culturas do Oriente Médio são retratados na Bíblia e em outros textos antigos. Objetos encontrados por pessoas que estudam culturas antigas mostram frequentemente cenas de banquetes. O processo de organizar um banquete em textos bíblicos, como [Provérbios 9.2-5](#), [Mateus 22.1-14](#), e [Lucas 14.15-24](#), também é conhecido a partir da lenda do Rei Keret na literatura ugarítica:

1. preparação dos alimentos
2. enviando mensageiros com o convite e o anúncio de que tudo está pronto
3. apresentação de comida e vinho na ordem correta

O profeta Amós descreve grandes banquetes e destaca os principais costumes alimentares ([Am 6.4-6](#)). As refeições eram geralmente apreciadas enquanto se reclinavam em um sofá, diante de uma mesa ([Et 1.6](#); [Ez 23.41](#); [Am 6.4](#); [Mt 9.10](#); [Lc 7.49](#); [14.10,15](#)).

A imagem do banquete é significativa tanto no Antigo quanto no Novo Testamento como um símbolo do reino de Deus. Isaías prevê um grande banquete após o julgamento das nações e a libertação de Israel, onde o Senhor reina sobre seu povo ([Is 24.23](#)). O início desse reinado é celebrado por um enorme banquete com todas as pessoas ([Is 25.6-8](#); compare [Lc 13.29](#)). As refeições de sacrifício animal do Antigo Testamento apontam para este grande banquete onde não haverá mais morte ou tristeza para o povo de Deus ([Is 25.7](#); compare [Ap 21.4](#)). O banquete da nova aliança aponta para o futuro quando os redimidos compartilharão vinho fino ([Is 25.6](#)) com Cristo no reino de Deus ([Lc 22.14-20](#)). Participar da Ceia do Senhor (Comunhão) é uma maneira para os cristãos anteciparem este banquete futuro.

Este banquete final no reino de Deus é também descrito como uma festa de casamento. Embora tudo esteja preparado e muitos sejam convidados, apenas alguns são escolhidos ([Mt 22.1-14](#)). A igreja aguarda ansiosamente a festa de casamento do Cordeiro ([Ap 19.7-9](#)).

Baquebacar

Um levita que retornou a Jerusalém do exílio na Babilônia ([1Cr 9.15](#)). Seu nome está ausente em outra lista em [Neemias 11.17](#). Pode ser o mesmo que Baquebuquias.

Baquebuque

Um ancestral de um grupo de assistentes do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.51](#); [Ne 7.53](#)).

Baquebuquias

1. Filho de Samua. Ele era um levita que ajudou Matanias nos serviços de ação de graças no templo ([Ne 11.17](#)).

2. Um levita que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ne 12.9](#)).
3. Um dos porteiros que estava encarregado dos depósitos nos portões do templo ([Ne 12.25](#)).

Não está claro se essas referências são a uma, duas ou três pessoas diferentes.

Báquides

Báquides era um general sírio e governador dos territórios selêucidas a oeste do Rio Eufrates, que incluíam a Judeia. Esta posição o colocou em contato com cinco homens famosos do período entre o Antigo e o Novo Testamento:

- Demétrio I, o governante do reino Selêucida por volta de 160–150 a.C.
- Alcimo (nome helenizado de Jaquim ou Eliaquim), o sumo sacerdote fantoche de 162 a 158 a.C.
- Judas governou a Judeia de 165 a 160 a.C.
- Jônatas, que governou a Judeia de 160 a 143 a.C.
- Simão, que governou de 143 a 135 a.C.

Judas, Jônatas e Simão eram irmãos. Suas histórias estão no livro de 1 Macabeus.

A história começa com Demétrio I. Após a morte de Antíoco IV Epifânio em 163 a.C., Demétrio, que era um refém em Roma, pediu permissão ao Senado Romano para reivindicar o trono. Quando eles recusaram, Demétrio fugiu de Roma e conquistou o trono através de campanhas bem-sucedidas entre 161 e 160 a.C. Ele então buscou esmagar os rebeldes macabeus na Judeia e, após sua vitória, se autodenominou Demétrio I Soter, que significa "salvador".

Alcimo, um descendente do sacerdote Arão do Antigo Testamento, sugeriu a Demétrio que, se fosse nomeado sumo sacerdote em Jerusalém, ele poderia unir os judeus contra Judas Macabeu. Demétrio concordou e enviou Báquides para instalar Alcimo nesse papel importante.

Báquides liderou três campanhas na Judeia para realizar essa tarefa. A primeira campanha (162–

161 a.C.) teve sucesso parcial. Alguns judeus piedosos chamados de Hasidim apoiaram um sacerdote aarônico legítimo até que Bacchides e Alcimus quebraram sua promessa e mataram 60 líderes Hasidim ([1Mc 7.18-20](#)). Este ato uniu a Judeia sob Judas Macabeu. Bacchides, sem saber disso, deixou Alcimus e um exército na Judeia e retornou à Síria.

Dois meses depois, em 161 a.C., Báquides retornou com 20.000 soldados de infantaria e 2.000 cavaleiros. Ele encontrou Judas, que tinha apenas 800 homens restantes, em uma batalha desesperada perto de Elasa em 160 a.C. Judas foi morto na batalha ([1Mc 9.18](#)). Seus irmãos Jônatas e Simão fugiram para as montanhas do sul. Báquides perseguiu Jônatas, lutou com ele em uma batalha indecisa e depois recuou para Jerusalém. Ele então retornou à Síria, deixando um exército, os helenistas judeus e Alcimo no comando ([1Mc 9.52-57](#)).

Este arranjo durou dois anos. Em 158 a.C., Báquides empreendeu uma campanha final na Judeia, mas desta vez enfrentou um desastre. Alcimo morreu de um derrame, e Báquides começou a duvidar da sabedoria de continuar apoiando os helenistas judeus. Sentindo sua hesitação, Jônatas ofereceu uma trégua e uma troca de prisioneiros. Báquides aceitou e retornou à Síria, deixando Jônatas no controle da Judeia ([1Mc 9.72](#)).

Veja também Período dos Macabeus.

Bar

Um termo usado em aramaico para indicar um relacionamento familiar próximo. Por exemplo, Simão Bar-Jona significa "Simão, filho de João".

Veja também Ben (substantivo).

Bar-Jona

A forma aramaica do sobrenome de Simão Pedro, que significa "filho de Jonas" ([Mt 16.17](#)). Outra versão do nome aparece em [João 1.42](#) e [21.15-17](#), onde os melhores textos gregos têm "filho de João" em vez de "filho de Jona[s]".

Veja Simão Pedro.

Bar-Kochba, Bar-Kosba

Um herói da Segunda revolta judaica contra Roma. Esta revolta ocorreu de 132 a 135 d.C., durante os últimos anos do governo do Imperador Adriano. Fontes judaicas o chamam de Bar (ou Ben) Koziba, que significa "filho de uma estrela". As razões exatas para a rebelião não são claras, mas incluem:

- A construção por Adriano de uma cidade pagã (não judaica) no local de Jerusalém, que havia sido destruída em 70 d.C.
- A construção de um templo para o deus romano Júpiter no local do templo judaico.
- A proibição de Adriano sobre a circuncisão (a prática religiosa de remover o prepúcio de bebês do sexo masculino) foi imposta.

Mesmo com possíveis lendas ao seu redor, é evidente que Simeão Ben Koziba, chamado de presidente ou príncipe de Israel, lutou bravamente e liderou seus homens ferozmente contra os romanos. Isso resultou em pesadas baixas romanas e punições brutais. O historiador romano do terceiro século, Dio Cassius, relatou que os romanos destruíram 50 fortalezas e 985 assentamentos judeus durante a guerra. Eles mataram 580.000 em batalha e deixaram muitos morrerem de doença e fome. A Judeia ficou quase despovoada (a maioria das pessoas foi morta ou forçada a partir). O próprio Bar Kokhba foi morto ao final de um longo cerco em Bethera (Bethar) perto de Jerusalém em 135 d.C.

Durante a luta, os judeus precisaram se esconder em cavernas e outros locais. Isso levou a descobertas que confirmaram a existência histórica de Bar Kokhba. As primeiras cartas de Bar Kokhba foram encontradas em 1951 em uma caverna em Wadi Murabba'at, a 17 quilômetros ao sul de Qumran, no lado jordaniano do deserto da Judeia. Em 1960-61, israelenses explorando cavernas ao sul de En-Gedi em Nahal Hever encontraram pertences pessoais de refugiados, cartas escritas por Bar Kokhba e muitos documentos relacionados ao seu governo. Moedas da revolta de Bar Kokhba também foram encontradas no Herodium, perto de Belém, e em Masada, mostrando que as forças de Bar Kokhba usaram esses locais como fortalezas.

Bar-Koziba

O nome original de Simeão Bar-Kochba, o líder da revolta judaica contra os romanos na Palestina durante o reinado do Imperador Adriano, era Simeão ben Kosiba.

Veja Bar-Kochba, Bar-Kosba.

Baraque

O filho de Abinoão de Quedes em Naftali ([Jz 4.6; 5.1](#)). Ele foi parceiro da profetisa Débora. Baraque liderou um exército de Israel que derrotou as forças de Jabim, rei dos cananeus ([Jz 4](#)). Baraque é um dos heróis da fé listados no Novo Testamento ([Hb 11.32](#)).

Veja Débora #2; Juízes, Livro de.

Baraque

Pai de Eliú. Ele é descrito como um buzita ([Iô 32.2.6](#); compare [Gn 22.21](#); [Jr 25.23](#)). Eliú tentou aconselhar Jó após as tentativas fracassadas dos três amigos mais velhos de Jó.

Baraquias

O nome dado ao pai de Zacarias no Novo Testamento ([Mt 23.35](#)). Zacarias foi executado no templo por ordem do Rei Joás, mas foi dito ser filho de Joiada ([2Cr 24.20-22](#)). "Filho de Baraquias" pode ser uma adição de um copista, já que em uma passagem semelhante no Evangelho de Lucas ([Lc 11.51](#)) o nome não aparece nos manuscritos mais confiáveis. Um copista pode ter confundido o Zacarias martirizado com o profeta Zacarias, cujo pai era Berequias ([Zc 1.1.7](#)).

Barba

O cabelo que cresce na parte inferior do rosto de um homem é chamado de barba.

Uma barba era usada como um sinal de maturidade entre as pessoas do antigo Oriente Próximo, incluindo os israelitas. Em Israel, o cuidado com a barba tinha significado religioso ([Lv 19.27](#)). As leis em Levítico ordenavam que os sacerdotes não raspassem suas cabeças nem aparassem suas barbas ([Lv 21.5-6](#)). Davi enviou mensageiros a um

rei amonita, que foram humilhados ao terem um lado de suas barbas raspado pelos amonitas. Esse insulto, entre outros, levou à guerra ([2Sm 10.1-8](#)).

Às vezes, era apropriado raspar a barba. Se alguém pudesse ter lepra na cabeça ou no rosto, era necessário raspar ao redor da mancha para verificar ([Lv 13.29-37](#)). Uma cabeça raspada, lamentação e uso de pano de saco eram maneiras de sinalizar a desgraça futura ([Is 15.1-3](#)). Esdras representou o desastre espiritual de Israel arrancando cabelo da cabeça e da barba ([Ed 9.3](#)).

Bárbaro

Um estrangeiro, especialmente alguém de uma cultura não considerada avançada ou desenvolvida. A palavra grega "*barbarous*", que traduzimos como "bárbaro", originalmente veio do som repetido sem sentido "*bar-bar*". Esse som imita os sons desconhecidos das línguas estrangeiras. Os gregos se viam como o povo mais culto e usavam o termo para descrever qualquer pessoa que não fosse grega. Os romanos, que adotaram a cultura grega e se viam como iguais aos gregos, também usavam "bárbaro" para se referir a pessoas que não compartilhavam suas línguas ou costumes.

No Novo Testamento, a palavra "bárbaro" revela seus diferentes significados. A relação com a linguagem é evidente em uma declaração sobre o falar em línguas do Espírito Santo. Em [1 Coríntios 14.11](#), Paulo menciona que se a linguagem espiritual de um cristão não for entendida, isso faria do orador um "bárbaro" para Paulo e vice-versa. Em [Atos 28.2-4](#), Lucas descreve o povo de Malta como "bárbaro", mas isso não foi para ser insultante. Em vez disso, destacou a bondade deles para com Paulo após seu naufrágio.

Paulo também usou o termo em um sentido mais amplo greco-romano, afirmando que estava em dívida tanto com gregos quanto com bárbaros ([Rm 1.14](#)). Paulo enfatizou que o evangelho de Jesus Cristo é para todos, dizendo: "Aqui não há grego nem judeu, circuncidado ou incircuncidado, bárbaro, cita, escravo ou livre, mas Cristo é tudo e está em todos" ([Cl 3.11](#)).

Barco

Um barco é um veículo pequeno utilizado para viajar na água.

Na Bíblia, as pessoas usavam barcos para pesca, viagem ou como pequenos barcos de resgate em navios maiores. Os barcos eram movidos por remos (longos bastões usados para remar) ou velas (tecido que captura o vento).

Muitos dos seguidores de Jesus eram pescadores, por isso os barcos são frequentemente mencionados nos Evangelhos.

Veja Viagem.

Barcos

Um ancestral de um grupo de servos do templo que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.53](#); [Ne 7.55](#)).

Barias, Bariá

Filho de Semaías, um descendente do Rei Davi ([1Cr 3.22](#)).

Barjesus

Um feiticeiro judeu e um “falso profeta” (alguém que falsamente afirmava falar por Deus). Ele trabalhava com o governador de Pafos na ilha de Chipre ([At 13.6](#)). Quando o governador, Sérgio Paulo, se interessou pela mensagem de Paulo e Barnabé, Barjesus tentou afastá-lo dos ensinamentos deles. Paulo confrontou Barjesus, chamando-o de “filho do diabo” e prevendo que ele ficaria temporariamente cego como punição de Deus. Imediatamente, Barjesus foi atingido pela cegueira ([At 13.7-12](#)). O governador parece ter se convertido ao Cristianismo.

Naquela época, muitas pessoas que acreditavam facilmente em eventos sobrenaturais eram influenciadas por aqueles que afirmavam ter poderes especiais, como Barjesus (compare [At 8.9-11](#)). O termo “feiticeiro” usado para ele significava mais do que apenas mágico; frequentemente se referia a um homem sábio cujo conhecimento era considerado superior ao da maioria dos outros na sociedade.

Barjesus também era conhecido pelo seu nome grego, Elimas ([At 13.8](#)). Judeus com conexões à cultura grega frequentemente adotavam nomes gregos. Alguns acreditam que Elimas vem de uma

palavra aramaica para “forte” e uma palavra árabe para “sábio”, que também pode significar “mágico”.

Barnabé

Barnabé foi um dos primeiros convertidos ao Cristianismo em Jerusalém. Seu nome original era José. Barnabé recebeu seu novo nome devido à sua pregação e ensino influentes.

Informações de fundo e primeiros anos

Aprendemos mais sobre Barnabé a partir do livro de Atos e das cartas de Paulo na Bíblia. A “Epístola de Barnabé”, escrita em meados do segundo século, não é de sua autoria. Da mesma forma, os “Atos de Barnabé”, um texto do quinto século, não fornecem informações confiáveis sobre ele. Tertuliano afirmou erroneamente que Hebreus foi escrito por Barnabé, mas essa afirmação carece de evidências de apoio.

Barnabé era um judeu de Chipre. Ele vinha de uma família de sacerdotes, o que provavelmente influenciou seu interesse por Jerusalém. Ele possivelmente se mudou para Jerusalém e pode ter conhecido Jesus, mas sua conversão ao Cristianismo foi provavelmente através do ensino dos apóstolos após a ressurreição de Cristo.

Viagens missionárias com Paulo

Barnabé aparece pela primeira vez em Atos como José, que vendeu um campo e doou o dinheiro para a comunidade cristã ([At 4.36-37](#)). Quando a perseguição atingiu Jerusalém e as pessoas foram atacadas por suas crenças, Barnabé permaneceu na cidade, ao contrário de outros que fugiram ([At 8.1-8](#); [11.19-22](#)). Sua boa reputação pode ter levado os apóstolos a escolhê-lo como companheiro para o trabalho missionário de Paulo (para espalhar o evangelho).

Quando os cristãos fugiram para Antioquia na Síria, a igreja de Jerusalém enviou Barnabé para lá a fim de ajudar a crescente comunidade cristã ([At 11.19-26](#)). O escritor de Atos disse que Barnabé “era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé” ([At 11.24](#)). Barnabé recrutou Paulo para ajudar em Antioquia. Eles trabalharam juntos por um ano, ensinando muitos cristãos ([At 11.26](#)). Durante uma fome em Jerusalém, Barnabé e Paulo levaram fundos de ajuda de volta para a cidade, e João Marcos se juntou a eles em seu retorno a Antioquia ([At 12.25](#)).

Barnabé e Paulo foram posteriormente enviados para espalhar a mensagem cristã além de Antioquia ([At 13.2-3](#)). Neste ponto, o nome de Barnabé é listado primeiro, possivelmente indicando seu papel de liderança. Eles viajaram para Chipre e várias localidades importantes na Ásia Menor. Em Listra, as pessoas confundiram Barnabé com o deus Zeus e Paulo com Hermes ([At 14.8-12](#)). Isso mostra o quão impressionantes eles pareciam para as pessoas lá.

Barnabé e Paulo se separaram

No concílio de Jerusalém, Barnabé e Paulo relataram sobre sua missão aos gentios ([At 15](#)). Após esse concílio, enquanto os dois homens planejavam outra missão, surgiu uma séria discordância que levou à separação deles ([At 15.36-41](#)). Barnabé queria levar seu primo João Marcos ([Cl 4.10](#)), mas Paulo recusou porque Marcos os havia abandonado na missão anterior ([At 13.13](#)). Barnabé e João Marcos foram para Chipre, enquanto Paulo viajou com Silas para a Síria e Cilícia. Após essa separação, o foco da narrativa muda de Barnabé para Paulo.

Veja também Apócrifos (Barnabé, Epístola de).

Barodis

Um ancestral de um grupo de pessoas que retornou a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([1Ed 5.34](#)). O nome Barodis não aparece nas listas semelhantes de retornados em [Esdras 2.55-57](#) ou [Neemias 7.57-59](#).

Barrabás

Um criminoso que foi libertado em vez de Jesus. Todos os quatro escritores dos evangelhos registraram esse evento ([Mt 27.15-26](#); [Mc 15.6-15](#); [Lc 23.18-25](#); [Jo 18.39-40](#)). O apóstolo Pedro também mencionou isso em seu sermão no templo ([At 3.14](#)).

Barrabás era conhecido como um bandido ou revolucionário ([Jo 18.40](#)) e havia sido preso por assassinato durante uma rebelião ([Mc 15.7](#); [Lc 23.19](#)). A palavra traduzida como “ladrão” em [João 18.40](#) pode se referir tanto a um bandido quanto a um revolucionário. Ele era um prisioneiro bem conhecido ([Mt 27.16](#)). Seu crime poderia ter sido um roubo violento ou uma revolta política contra as autoridades romanas em Jerusalém.

Muitos estudiosos acreditam que Barrabás poderia ter sido membro dos Zelotes, um grupo judeu que buscava derrubar o domínio romano através da violência.

Pôncio Pilatos, o governador romano, considerou Jesus inocente e queria libertá-lo. No entanto, Pilatos também precisava manter os líderes judeus satisfeitos para proteger sua própria posição. Para resolver isso, ele ofereceu libertar um prisioneiro para a multidão durante o festival da Páscoa ([Jo 18.39](#)). Pilatos presumiu que a multidão escolheria libertar Jesus, mas ele subestimou o estado de espírito deles ou a influência dos líderes judeus, ou ambos. Em vez disso, a multidão exigiu que Barrabás fosse libertado e Jesus fosse crucificado ([Mt 27.21-22](#)). Como resultado, Jesus foi crucificado, e Barrabás, após ser libertado, desapareceu tanto da Bíblia quanto dos registros históricos.

Barsabás, Barsabbas

Um sobrenome bíblico. Barsabás significa “filho de Sabá” em aramaico. Barsabbas, “filho do Sábado”, é a grafia usada nas traduções modernas. Duas pessoas no Novo Testamento têm este sobrenome: José Barsabás e Judas Barsabás ([At 1.23](#); [15.22](#)).

Veja José #12; Judas #6.

Bartimeu

Filho de Timeu; um mendigo cego que chamou a Jesus enquanto ele deixava Jericó em sua jornada final para Jerusalém ([Mc 10.46-52](#)). Vendo a fé de Bartimeu, Jesus curou sua cegueira.

Bartolomeu, O Apóstolo

Discípulo de Jesus incluído em todas as quatro listas dos 12 apóstolos ([Mt 10.2-4](#); [Mc 3.16-19](#); [Lc 6.14-16](#); [Atos 1.13](#)), embora não seja mencionado de outra forma no NT. Nada é falado sobre ele em qualquer uma das listas. Como o nome significa “filho de Tolmai”, foi pensado que ele era conhecido por outro nome, além de seu nome “patronímico”. Nas listas em Mateus, Marcos e Lucas (os Evangelhos sinópticos), Bartolomeu é nomeado imediatamente depois de Filipe, sugerindo a possibilidade de que Natanael foi trazido por Filipe a Jesus ([Jo 1.45-50](#)) — que parece estar ligado com

alguns dos discípulos ([Jo 21.2](#)) — era Bartolomeu. Assim, parece possível que o apóstolo Bartolomeu seja referido no quarto Evangelho por outro nome; não é certo, no entanto, que as referências de João a Natanael tenham a intenção de identificá-lo como um dos Doze.

Eusébio, um historiador da igreja primitiva, registrou uma tradição inicial de que Panteno, o primeiro chefe da escola catequética em Alexandria (180 d.C.), foi para a Índia e encontrou cristãos que conheciam o Evangelho de Mateus em cartas hebraicas. De acordo com Eusébio, Bartolomeu havia pregado e deixado o Evangelho de Mateus com eles. Em outras tradições, Bartolomeu foi parceiro evangelístico de Filipe e Tomé e sofreu martírio na Armênia.

Uma série de escritos falsos e apócrifos foram atribuídos a Bartolomeu; mas nenhum deles é genuíno. No quarto século, Jerônimo mencionou um Evangelho de Bartolomeu, que também é notado por alguns outros escritores. Há também referências às chamadas Perguntas de Bartolomeu (existentes em fragmentos gregos, latinos e eslavos) e a um Livro da Ressurreição de Jesus Cristo por Bartolomeu (existente em copta). Outras referências foram feitas a Atos de Bartolomeu e Apocalipse de Bartolomeu, ambos de outra forma desconhecidos.

Veja também Apóstolo, Apostolado; Apócrifos (vários títulos atribuídos a Bartolomeu).

Barumita

Algumas traduções trazem essa grafia para uma pessoa da aldeia de Baurim ([2Sm 23.31](#)).

Veja Baurim.

Baruque

1. Baruque, filho de Nerias, era o secretário do profeta Jeremias. No quarto ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Baruque escreveu a profecia de Jeremias sobre o mal que Deus traria sobre Judá se a nação não se arrependesse ([Jr 36.4](#)). Isso ocorreu em algum momento entre 605 e 604 a.C. Deus também deu a Baruque uma mensagem especial através de Jeremias sobre ser humilde no serviço ([Jr 45](#)). Baruque leu a profecia de Jeremias para o povo e os líderes ([Jr 36.9-19](#)). Quando o rei Jeoaquim ouviu a mensagem, ele destruiu o rolo e ordenou a prisão de Baruque e Jeremias ([Jr 21-26](#)). Enquanto estava escondido, Baruque novamente escreveu a previsão de Jeremias sobre a destruição de Judá ([Jr 27-32](#)). Baruque era irmão de Seraías, um associado próximo do rei Zedequias. Mais tarde, Nabucodonosor levou Seraías para Babilônia com o rei. Em 587 a.C., Nabucodonosor cercou a cidade para atacá-la (isso aconteceu um ano antes da destruição final de Jerusalém). Jeremias comprou um campo para simbolizar a futura restauração de Israel. Ele ordenou que Baruque mantivesse os documentos de compra em segurança ([Jr 32.12-15](#)). Dois meses após a destruição de Jerusalém em 586 a.C., alguns judeus rebeldes mataram Gedalias, que era o governador de Judá nomeado pelos babilônios. Os judeus haviam planejado escapar para o Egito. Jeremias aconselhou-os a permanecer em Jerusalém, mas os rebeldes culparam Baruque por influenciar Jeremias e forçaram ambos a irem para o Egito ([Jr 43.1-7](#)). A Bíblia não menciona os eventos finais na vida de Baruque. O historiador judeu Josefo escreveu que quando Nabucodonosor invadiu o Egito, Baruque foi levado para a

Babilônia. O livro apócrifo de Baruque (não incluído em algumas Bíblias) começa dizendo que o autor estava na Babilônia ([Br 1.1-3](#)). No entanto, ambos os relatos podem não ser precisos com base em evidências históricas.

2. O filho de Zabai, também chamado Baruque, esteve envolvido na reconstrução do muro de Jerusalém por volta de 445 a.C., sob a supervisão de Neemias ([Ne 3.20](#)).
3. Um indivíduo que assinou a promessa de fidelidade a Deus com Esdras, Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.6](#)). Esta pessoa é possivelmente a mesma mencionada como #2 acima.
4. Filho de Col-Hozé e pai de Maaséias ([Ne 11.5](#)).

Barzillai

1. Um dos três homens que ajudaram Davi e seus apoiadores em Maanaim durante a rebelião de Absalão ([2Sm 17.27](#)). Após a derrota de Absalão, Barzilai encontrou-se com Davi no rio Jordão enquanto Davi retornava a Jerusalém. Embora Barzilai, que tinha 80 anos, tenha recusado a oferta de Davi para ficar permanentemente em Jerusalém, ele enviou seu filho Quimã em seu lugar ([2Sm 19.31-40](#); compare [1Rs 2.7](#)).
2. Pai de Adriel. Adriel casou-se com Merabe, filha de Saul ([2Sm 21.8](#); compare [1Sm 18.19](#)). Como resultado, Barzilai foi o avô de cinco dos sete homens enforcados em Gibeão para compensar o erro de Saul contra os gibeonitas ([2Sm 21.1-9](#)).

3. Um sacerdote que se casou com a filha ou descendente do #1 e adotou o nome da família dele. Os descendentes desse sacerdote retornaram a Jerusalém em 538 a.C. com Zorobabel após o exílio na Babilônia. No entanto, eles não foram reconhecidos como sacerdotes porque não puderam provar sua ascendência ([Ed 2.61](#); [Ne 7.63](#)).

Basã

Uma região localizada a leste e nordeste do Mar da Galileia. Suas fronteiras exatas são incertas, mas ela se estendia por cerca de 55 a 64 quilômetros desde o sopé do Monte Hermom, no norte, até o Rio Yarmuk, no sul. Ela se estendia por cerca de 97 a 113 quilômetros a leste do Mar da Galileia.

A região (também chamada de "Haurã", em [Ez 47.16.18](#)) é principalmente uma planície fértil de 488 a 701 metros acima do nível do mar. Seu solo vulcânico rico é bem irrigado porque as colinas baixas do sul da Galileia a oeste permitem que as chuvas alcancem mais o interior do que em muitos outros lugares ao longo da costa Palestina. Hoje, como nos tempos antigos, é uma região agrícola produtiva. Nos tempos do Novo Testamento, era uma área produtora de grãos do Império Romano. Basã era conhecida por seu gado e ovelhas de alta qualidade ([Dt 32.14](#); [Ez 39.18](#); [Am 4.1](#)).

Nos dias do patriarca Abraão, os habitantes de Basã eram pessoas gigantescas chamadas de Refains ([Gn 14.5](#)). Ogue, o último dos Refains, foi um inimigo dos israelitas quando eles estavam tentando entrar em Canaã após saírem do Egito e vagarem no deserto ([Dt 29.7](#)). Ogue foi derrotado e morto pelos israelitas ([Nm 21.33-35](#)).

A prosperidade de Basã naquela época é demonstrada pelo fato de que uma de suas províncias, Argobe, possuía 60 grandes cidades muradas ([Dt 3.4-5](#)). As principais cidades de Basã eram:

- Edrei
- Astarote
- Golã
- Salca

Depois que os israelitas conquistaram a terra a leste do rio Jordão, Basã foi dada à meia-tribo de Manassés ([Js 13.29-30](#)). Golã e Astarote, duas cidades em Basã, foram reservadas para os levitas ([1Cr 6.71](#)). Ben-Geber de Ramote-Gileade administrava Argobe, uma região em Basã, para o rei Salomão ([1Reis 4.13](#)).

Nos dias de Jeú (841–814 a.C.), o rei Hazael da Síria conquistou a área ([2Rs 10.33](#)). Tiglate-Pileser III mais tarde incorporou Basã ao Império Assírio no oitavo século a.C. ([2 Rs 15.29](#)). Os nabateus a controlaram no segundo século a.C., e Herodes, o Grande (37–4 a.C.) governou sobre ela na época do nascimento de Jesus.

Basã-Havote-Jair

A ARC em [Deuteronômio 3.14](#) para Havote-Jair. Estas eram 60 aldeias na região de Basã.

Veja Havote-Jair.

Bascama

Um local onde Trifão, comandante do exército selêucida, matou seu cativo, Jônatas Macabeu. Trifão mantinha Jônatas como refém e, quando Jônatas não era mais útil, Trifão o matou ([1Mc 12.42-13.23](#)).

Não está claro onde Bascama está localizada. A sugestão mais popular é a atual Tell el-Jummeizeh ("árvore sicômoro"), que fica perto da costa nordeste do Mar da Galileia. El-Jummeizeh pode estar relacionada a Bascama, que pode significar "casa do sicômoro". Ruínas antigas no local podem ter sido um santuário para Jônatas, um grande herói. O historiador judeu Josefo chama o local de Basaca.

Basemate

1. Filha de Elom, o hitita. Basemate era uma mulher cananeia com quem Esaú se casou contra a vontade de seus pais ([Gn 26.34](#)). Basemate pode ser a

mesma que Ada, filha de Elom, ou talvez fosse sua irmã ([36.2](#)).

2. A filha de Ismael, que se casou com Esaú ([Gn 36.3](#)) e lhe deu Reuel (vv. [4.10](#)). Esta Basemate é provavelmente a mesma que a filha de Ismael, Maalate ([28.9](#)). Como Ismael era filho do patriarca Abraão, este casamento teria sido mais aceitável para Isaque e Rebeca ([36.6-8](#)).

Veja também Maalate (Pessoa) #1.

As identificações de #1 e #2 acima estão um pouco confusas. A maioria dos estudiosos suspeita que Esaú se casou com Ada, filha de Elom ([Gn 36.2-4](#)), que também era chamada de Basemate ([26.34](#)). Mais tarde, Esaú casou-se com Maalate, filha de Ismael ([28.9](#)), que também era chamada de Basemate ([36.3-4](#)). O fato de duas das esposas de Esaú se chamarem Basemate pode ser porque Esaú escolheu dar a ambas o mesmo nome carinhoso, que significa "perfumada".

3. A filha do rei Salomão que se casou com Aimaás, o administrador do rei em Naftali ([1Rs 4.15](#)).

Basilisco

Uma palavra usada em duas passagens de algumas traduções ([Pv 23.32](#); [Is 14.29](#)). "Basilisco" refere-se a um tipo de lagarto. É uma tradução incorreta. Foi corrigida para "áspide" ou "víbora" em traduções mais recentes.

Basilisco

Tradução ARC de serpente, víbora e áspide em [Isaías 11.8](#); [14.29](#); e [59.5](#), respectivamente. *Veja* Animais (Cobra).

Baslute, Baslite

Um ancestral de um grupo de assistentes do templo retornando a Jerusalém com Zorobabel após o exílio na Babilônia ([Ed 2.52](#), ele é chamado de "Baslite" ou "Bazlite"; [Ne 7.54](#)).

Bate-Rabim, Porta de

Um portão na cidade de Hesbom que ficava perto de várias piscinas de água cristalina. [Cântico dos](#)

[Cânticos 7.4](#) descreve os olhos de uma jovem como sendo semelhantes a essas piscinas.

Bate-Seba

Esposa de Urias. O rei Davi cometeu adultério com Bate-Seba e mais tarde casou-se com ela. Bate-Seba, também grafada como Bathshua, era filha de Amiel ou Eliã ([2Sm 11.3](#)). Ela era possivelmente neta de Aitofel, o conselheiro do rei ([2Sm 15.12; 23.34](#)). Seu marido hitita era um dos principais heróis militares de Davi ([2Sm 23.39](#)).

Enquanto Urias lutava sob o comando de Joabe, o Rei Davi viu Bate-Seba tomando seu banho da tarde. Após saber seu nome e que seu marido estava fora, Davi mandou chamá-la e dormiu com ela ([2Sm 11.1-4](#)). Quando Bate-Seba contou a Davi que estava grávida, Davi chamou Urias de volta a Jerusalém. Davi esperava que Urias dormisse com sua esposa e fizesse a gravidez parecer legítima. Mas Urias, sentindo-se ainda em serviço, dormiu com a guarda do palácio e não foi para casa ([2Sm 11.5-13](#)). Frustrado, Davi enviou Urias de volta para a linha de frente e ordenou a Joabe que colocasse Urias na batalha mais feroz, onde ele foi morto ([2Sm 11.14-25](#)).

Após o período de luto de Bate-Seba, Davi a trouxe para o palácio como sua sétima esposa, e ela lhe deu um filho. O Senhor enviou o profeta Natã para pronunciar julgamento sobre o pecado de Davi através de uma parábola. Natã profetizou uma série de tragédias na casa de Davi, começando com a morte do bebê de Bate-Seba ([2Sm 11.26-12.14](#)). Davi confessou seu pecado e se arrependeu, mas o bebê adoeceu e morreu. O [Salmo 51](#) é o salmo de arrependimento de Davi após Natã confrontá-lo sobre seu adultério com Bate-Seba e o assassinato de Urias. Davi confortou Bate-Seba, e eles eventualmente tiveram mais filhos ([2Sm 12.15-25](#)).

Davi teve 19 filhos com suas sete esposas ([1Cr 3.1-9](#)). Bate-Seba teve quatro filhos:

- Simeia (também escrito Samua, [2Sm 5.14; 1Cr 14.4](#))
- Sobabe
- Natã
- Salomão

Natã e Salomão estão nas listas do Novo Testamento dos ancestrais de Jesus ([Lc 3.31; Mt](#)

[1.6](#)). Bate-Seba também aparece na lista de Mateus dos ancestrais de Jesus como “aquela que tinha sido a esposa de Urias”. Perto do fim da vida de Davi, o profeta Natã informou a Bate-Seba que o filho de Davi, Adonias (com sua esposa Hagite), estava planejando tomar o trono. Bate-Seba e Natã persuadiram Davi a fazer de Salomão rei, conforme ele havia prometido ([1Rs 1](#)).

Veja também Davi.

Bate-Sua, Suá

1. A esposa cananeia de Judá lhe deu três filhos: Er, Onã e Selá ([Gn 38.2-5; 1Cr 2.3](#)).
2. Uma grafia alternativa de Bate-Seba em [1Cr 3.5](#).
3. *Veja Bate-Seba.*

Batismo

Termo geralmente significa “mergulhar” ou “imersão”, mas representando um grupo de palavras empregadas para significar um rito religioso para purificação ritual. No NT, tornou-se o rito de iniciação na comunidade cristã, e era interpretado teologicamente como um morrer e ressuscitar com Cristo.

Resumo

- O batismo de João
- O batismo de Jesus
- Ordem para batizar na ressurreição de Jesus
- Batismo na Igreja Primitiva
- A teologia do batismo nas epístolas de Paulo e Pedro

O batismo de João

João pregou um “batismo de arrependimento para o perdão dos pecados” ([Lc 3.3](#)). As origens de seu rito são difíceis de rastrear. Alguns alegaram que seu batismo era modelado por aquele praticado pelos que estavam em Qumran; outros insistiram que seu batismo era modelado por aquele praticado pelos judeus quando na iniciação de prosélitos ao judaísmo. Os membros da comunidade de Qumran viam-se como a comunidade da aliança dos últimos dias e assim

habitavam no deserto, vivendo uma vida ascética e imergindo-se diariamente em atos de purificação cerimonial. Ao mesmo tempo, eles ensinavam que o arrependimento interno deve acompanhar o ato externo (1QS 2.3). Sua natureza sacramental é vista no fato de que apenas um membro pleno da comunidade poderia exercê-lo, e somente depois de dois anos de experiência (1QS 5.6). Os convertidos de religiões pagãs eram admitidos no judaísmo apenas após preencherem certas obrigações, o que incluía o estudo da Torá, a circuncisão e um banho cerimonial para lavar as impurezas da cultura gentílica.

O batismo de João faz tanto um paralelo quanto também difere dessas formas de batismo. A gênese de seu batismo pode ser encontrada na parábola profética interpretada, que não apenas simbolizava a mensagem de Deus, como também pretendia realizá-la. A prática de João tinha várias ramificações teológicas: (1) Estava intimamente ligada ao arrependimento radical, não apenas dos gentios, mas espantosamente também (para seus contemporâneos) dos judeus. (2) Era escatológico em seu núcleo, preparando-se para o Messias, que batizaria com o Espírito Santo e com fogo ([Mt 3.11](#)), e, portanto, olhava para a separação final entre o povo de Deus e os ímpios no escaton (ou seja, “o Fim”, cf. [Mt 3.12](#)). (3) Simbolizava a purificação moral e assim preparava as pessoas para o reino que estava por vir ([Mt 3.2](#); [Lc 3.7-14](#)). Apesar da conexão óbvia entre a cerimônia de João e a da igreja primitiva, não podemos postular dependência absoluta. Na verdade, essa cerimônia desapareceu do ministério de Jesus. No início, Jesus permitiu que seus discípulos continuassem o rito ([Jo 3.22](#)), porém, mais tarde, ele aparentemente descontinuou a prática ([Jo 4.1-3](#)), provavelmente pelas seguintes razões: (1) A mensagem de João era funcional, enquanto a de Jesus era pessoal/ontológica. (2) João estava olhando para o futuro, esperando o reino que estava chegando, enquanto Jesus estava olhando para trás, celebrando este evento. (3) A de João era uma prática interina, enquanto a de Jesus era sacramental. O ministério de Jesus preencheu o de João, assim, ele rompeu com o *modus operandi* (modo de agir) deste último.

O batismo de Jesus

Este evento tem sua gênese em uma interação complexa de motivos, divinos e humanos, dentro da consciência messiânica de Jesus (ver [Mc 1.9-11](#) e paralelos). Para João, era o carimbo de aprovação de Jesus em sua mensagem e ministério. Jesus

estava em continuidade com a proclamação do reino de João. Para Jesus, também era uma unção que significava a inauguração de seu ministério messiânico. Como visto na “voz celestial” de Deus de [Marcos 1.11](#) e paralelos, isso tem dois aspectos: (1) A voz alude ao [Salmo 2.7](#), estabelecendo a filiação única de Jesus. (2) Faz alusão a [Isaías 42.1](#), estabelecendo-o como o messiânico “servo de Yahweh”. (Isso é abordado com maior extensão no artigo abaixo).

Ordem para batizar na ressurreição de Jesus

Aqui encontramos a verdadeira base para a prática da igreja ([Mt 28.19](#)). Como já dito, os discípulos pararam de empregá-lo, por isso é que, aqui, vemos a instituição reconstituída como uma ordenança baseada na morte e ressurreição de Cristo. Não era mais um fenômeno prospectivo, mas, agora, havia se tornado uma atividade realizada centrada na mensagem do evangelho, certificada pelo Cristo ressuscitado, que é exaltado ao senhorio universal. Também é um aspecto essencial da atividade do discipulado, como visto no uso do particípio “batizando” após o verbo principal “fazer discípulos”. Finalmente podemos notar que o ato significa a admissão do crente “na” união com (literalmente “no nome de”) a Divindade triuna.

Batismo na Igreja Primitiva

[Atos 2.38](#) mostra que o batismo era uma instituição sacra desde o início. Isso leva a prática até os primórdios da igreja. Na igreja primitiva, era uma parte importante do processo de salvação ([Atos 2.38](#), “arrependa-se e seja batizado”) e era realizado através de confissão e oração “em nome de Jesus Cristo” ([Atos 2.38](#); [8.16](#); [10.48](#); [19.5](#)). Provavelmente havia um momento de perguntas e respostas no qual o crente confessava sua fé e dedicava-se a Cristo. O resultado era a recepção e identificação com a comunidade messiânica da nova aliança, significando tanto o perdão dos pecados ([Atos 2.38](#); [5.31](#); [10.43](#); [13.38](#); [26.18](#)) quanto o recebimento do Espírito Santo ([Lc 3.16](#); [Atos 2.38, 41](#); [9.17](#); [10.47-48](#); [11.16-17](#); [19.5-7](#)). Veja Batismo de fogo; Batismo de Jesus; Batismo do Espírito.

A teologia do batismo nas epístolas de Paulo e Pedro

A declaração básica de Paulo é encontrada em [Gálatas 3.27](#), “batizados em Cristo”. O rito do batismo é essencialmente cristológico, significando união com Cristo. Isso é esclarecido ainda mais por

[Romanos 6.3-8](#), o que iguala o batismo com morrer e ressuscitar (cf. [Cl 2.12-13](#)). Ao mesmo tempo, o batismo está relacionado com o Espírito; [1 Coríntios 12.13](#) conecta “batismo pelo único Espírito” com ser “dado do mesmo Espírito”. Muitos veem o batismo como a confirmação externa do “selo” interior pelo Espírito ([2Co 1.21-22](#); [Ef 1.13](#); [4.30](#)). Isso nos leva à dimensão escatológica do batismo. Em sua relação com a presente obra de Cristo e o Espírito, externaliza o derramamento da salvação na era da plenitude, porque é o rito de iniciação que significa o acesso do crente às bênçãos da nova era ([Tt 3.5](#)).

Há também uma ligação definida entre o batismo e as alianças do AT. A principal conexão é com a abraâmica, especialmente com a circuncisão que a caracterizava. Paulo em [Colossenses 2.11-12](#) combina a circuncisão judaica com o batismo cristão como imagens da obra redentora de Cristo. O debate de hoje se concentra no grau de continuidade entre eles — o batismo desempenha a mesma função na Nova Aliança, isto é, forense e imputável? Quaisquer que sejam as ramificações teológicas, Paulo, no mínimo, não pode ser forçado a dizer isso. Em vez disso, ele toma aqui o imaginário judaico-cristão da “circuncisão do coração” ([Dt 10.16](#); [30.6](#); [Jr 4.4](#); [Rm 2.28-29](#); [Fp 3.3](#)). Os cristãos experimentam a cumprimento daquilo que a circuncisão meramente prefigurava, uma realidade totalmente eficaz e espiritual.

O batismo também está relacionado com a aliança de Noé em [1 Pedro 3.19-21](#). Lá a libertação de Noé através das águas é considerada uma imagem dos efeitos do batismo. O debate se concentra no significado de “o batismo agora salva vocês”. A resposta está conectada com o teor do esclarecimento que se seguiu, “um apelo a Deus por uma consciência limpa” (ARA, lit. “de uma boa consciência”). Embora o diálogo desenvolvido entre as visões sacramental e batista seja considerado abaixo, simplesmente comentaremos aqui que a interpretação “apelar *por* uma boa consciência” encaixa-se melhor na posição enfática desta frase e na imagem deste verso de um convertido comprometido. O batismo é o selo da aliança de salvação que, em si, foi realizado de antemão pelo ato de Cristo e pela decisão de fé do indivíduo.

Batismo De Fogo*

Metáfora inventada por João Batista. João estava esperando a vinda daquele que “batizaria com

Espírito e fogo” ([Mt 3.11](#); [Lc 3.16](#)). O contexto deixa claro que o fogo nessa frase denota julgamento, um julgamento que presumivelmente purificaria o penitente (cf. [Is 4.4](#); [Mt 3.2-3](#)), bem como destruiria o impenitente ([Mt 4.1](#); [Mt 3.10,12](#)).

Os profetas e escritores apocalípticos frequentemente falavam de um período de tribulação e sofrimento necessário antes que o novo tempo pudesse chegar: “os problemas messiânicos”, “as dores de parto do Messias”, “um rio de fogo”. Paralelos com a fraseologia de João são encontrados em [Is 30.27-28](#) e no pseudepígrafo [2Ed 13.10-11](#). João Batista provavelmente adotou esse uso e o reexpressou através de uma metáfora extraída de seu próprio ato mais característico (batismo). Seu “batismo de fogo” assim provavelmente simbolizava o julgamento purificador que daria início ao novo tempo e traria indivíduos para essa nova era.

Não há mais referência bíblica especificamente ao batismo de fogo. Marcos e João abreviam a pregação de João Batista omitindo toda a menção de julgamento. Com Pentecostes e além, o batismo de João na água é visto como cumprido no batismo no Espírito. Mas Jesus parecia ecoar a convicção de João Batista de que uma purificação com fogo era necessária ([Mc 9.49](#)). E ele claramente pegou a previsão de João Batista, mas se referiu ao batismo e presumivelmente o fogo à sua própria morte ([Lc 12.49-50](#)). Sua morte é entendida como sofrendo o batismo de fogo em lugar de outros. Esse pensamento é acompanhado pelo apóstolo Paulo em sua compreensão do batismo em Cristo como um batismo na morte de Cristo ([Rm 6.3](#)). Pode-se dizer que a expectativa de João de um batismo de fogo purificador para os penitentes é cumprida de forma mais completa quando o crente é unido a Cristo em sua morte e compartilha de seus sofrimentos; somente dessa maneira se pode participar plenamente da glória ressurreta de Cristo. ([Rm 6.5](#); [8.17-23](#); [Fp 3.10-11](#)).

Veja também Batismo; Batismo do Espírito.

Batismo De Jesus*

Grande evento na vida de Jesus, que marcou o início de seu ministério. O fato de que João Batista batizou Jesus é contestado por pouquíssimos estudiosos hoje, mas o propósito e significado do batismo de Jesus permanecem controversos.

Os relatos do Evangelho concordam que o batismo de João era um batismo de arrependimento ([Mt 3.6-10](#); [Mc 1.4-5](#); [Lc 3.3-14](#)). Ele proclamou que o reino do céu estava próximo e o povo de Deus deveria se preparar para a vinda do Senhor por uma renovação da fé em Deus. Para João, isso significava arrependimento, confissão de pecados e prática da justiça. Sendo assim, por que Jesus foi batizado? Se Jesus estava sem pecado, como o NT declara ([2Co 5.21](#); [Hb 4.15](#); [1Pe 2.22](#)), por que ele se submeteu a um batismo de arrependimento para o perdão de pecados? Os Evangelhos fornecem as respostas.

O Evangelho de Marcos

Marcos apresenta o batismo de Jesus como uma preparação necessária para seu período de tentação e ministério. Em seu batismo, Jesus recebeu a aprovação do Pai e a dádiva do Espírito Santo ([1.9-11](#)). O foco de Marcos na relação especial de Jesus com o Pai: “Tu és o meu Filho querido e me dás muita alegria” ([1.11](#), NTLH), reúne duas importantes referências do AT. O messianismo de Jesus é apresentado de uma maneira radicalmente nova, na qual o Messias governante ([Sl 2.7](#)) também é o Servo Sofredor do Senhor ([Is 42.1](#)). A crença judaica popular esperava um Messias governante que estabeleceria o reino de Deus, não um Messias que sofreria pelo povo. Marcos pretendia mostrar que somente em Jesus havia chegado o tempo designado por Deus para o cumprimento de seu propósito.

A declaração de que os céus se abriram no batismo de Jesus ([Mc 1.10](#)) pode proclamar a chegada do “fim dos tempos” (o tempo de cumprimento e o estabelecimento do reino de Deus). Uma interpretação judaica daquela época [Isaías 64.1](#) sustentava que nos últimos dias Deus abriria os céus e desceria para seu povo. Na concepção judaica, o rasgar dos céus também estava associado à audição da voz de Deus e à concessão do Espírito de Deus.

O Evangelho de Mateus

O relato de Mateus do batismo de Jesus tem mais detalhes do que o de Marcos. Começa observando a relutância de João em batizar Jesus ([3.14](#)). João foi persuadido somente depois que Jesus explicou a ele que o ato era para “cumprir toda a justiça” ([3.15](#), ARA). Embora o significado completo dessas palavras seja incerto, elas pelo menos sugerem que o batismo de Jesus era necessário para realizar a vontade de Deus. Tanto no Antigo quanto no Novo

Testamento ([Sl 98.2-3](#); [Rm 1.17](#)) a justiça de Deus é vista em sua salvação para seu povo. É por isso que o Messias pode ser chamado de “O Senhor É Nossa Justiça” ([Jr 23.6](#); cf. [Is 11.1-5](#)). Jesus disse a João que seu batismo era necessário para fazer a vontade de Deus ao trazer a salvação para seu povo. Assim, a declaração do Pai no batismo de Jesus é apresentada na forma de um anúncio público, enfatizando que Jesus era o Servo ungido de Deus prestes a começar seu ministério como o portador da salvação do Senhor.

O Evangelho de Lucas

Lucas passa sobre o batismo de Jesus rapidamente, colocando-o ao lado do batismo de outros que vieram a João ([3.21-22](#)). O contexto em Lucas também lança alguma luz sobre o propósito do batismo de Jesus. Lucas, ao contrário de Mateus, coloca a genealogia de Jesus após seu batismo e pouco antes de seu ministério começar. O paralelo com Moisés, que ocorre a genealogia pouco antes de sua obra primária começar ([Êx 6.14-25](#)), parece mais do que coincidência. Provavelmente se destina a ilustrar o papel de Jesus em trazer libertação (salvação) para o povo de Deus, assim como Moisés fez no AT. Em seu batismo, pela descida do Espírito Santo sobre ele, Jesus foi preparado para fazer a missão que Deus o havia chamado para fazer. Após sua tentação ([Lc 4.1-13](#)), Jesus entrou na sinagoga e declarou às pessoas que ele havia sido ungido pelo Espírito para proclamar boas novas ([4.16-21](#)). Essa unção veio no batismo de Jesus (cf. [Atos 10.37-38](#)).

Em seu relato do Evangelho, Lucas tentou identificar Jesus com as pessoas comuns — por exemplo, na história do nascimento (com Jesus nascido em um estábulo e visitado por humildes pastores, [Lc 2.8-20](#)) e através da colocação da genealogia (enfatizando a relação de Jesus com toda a humanidade, [3.38](#)) logo após o batismo. Assim, Lucas viu o batismo como o primeiro passo de Jesus para se identificar com aqueles que ele havia vindo para salvar.

No AT, o Messias estava sempre ligado ao povo que ele representava. (ver especialmente [Jr 30.21](#) e [Ez 45-46](#)). Embora o “servo” em [Isaías](#) seja às vezes visto corporativamente ([Is 44.1](#)) e às vezes individualmente ([53.3](#)), ele é sempre visto como o representante *do povo* para o Senhor ([49:5-26](#)), bem como o servo *do Senhor*.

Evidentemente Lucas, juntamente com Marcos e Mateus, estava tentando mostrar que Jesus, como o

representante divino do povo, havia se identificado com eles em seu batismo.

O Evangelho de João

O quarto Evangelho não diz que Jesus foi batizado, mas diz que João Batista viu o Espírito descer sobre Jesus ([Jo 1.32-34](#)). O relato enfatiza que Jesus foi a João durante a pregação e ministério de batismo dele; João reconheceu que Jesus era o Cristo, que o Espírito de Deus estava sobre ele, e que ele era o Filho de Deus. João também reconheceu que Jesus, ao contrário de si mesmo, foi batizado com o Espírito Santo ([1.29-36](#)).

João Batista descreveu Jesus como o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” ([1.29](#), NTLH). O paralelo do AT mais próximo a essa declaração vem de uma passagem de “servo do Senhor” ([Is 53.6-7](#)). É possível que “Cordeiro de Deus” possa ser uma tradução alternativa do termo aramaico “servo de Deus”.

O sentido de Jesus como aquele que carrega os pecados das pessoas está obviamente em vista no quarto Evangelho. Que Jesus era o representante prometido e libertador do povo foi entendido por João Batista e transmitido pelo escritor do Evangelho.

Conclusão

Nos quatro Evangelhos, está claro que o Espírito Santo veio sobre Jesus em seu batismo para capacitá-lo a fazer a obra de Deus. Todos os quatro escritores dos Evangelhos viram que Jesus havia sido ungido por Deus para realizar sua missão de trazer a salvação ao povo. Essas ideias fornecem uma chave para entender por que Jesus foi batizado. Naquela ocasião, no início de seu ministério, Deus ungiu Jesus com o Espírito Santo para fazer sua obra de mediação entre Deus e as pessoas. Em seu batismo, Jesus foi identificado como aquele que levaria os pecados das pessoas; Jesus foi batizado para se identificar com pessoas pecadoras.

Veja também Jesus Cristo.

Batismo Do Espírito*

Uma frase usada popularmente, que nunca ocorre como tal na Bíblia. O NT sempre usa a frase verbal “batizar [ou batizado] no Espírito”. Isso lhe dá um caráter dinâmico que a frase substantiva não pode transmitir completamente.

A frase parece ter sido inventada por João Batista: “Eu vos batizo com água; mas ele [Aquele que há de vir] vos batizará no Espírito Santo e em fogo” ([Mt 3.11](#); [Lc 3.16](#); mas [Mc 1.8](#) e [Jo 1.33](#) omitem as palavras “e fogo”). A frase é claramente uma metáfora: está em contraste com e como a realização do batismo em água de João. É uma metáfora de *judgamento*, como o contexto em Mateus e Lucas deixa claro. Purificação ou destruição em um rio de fogo, por um espírito de purificação, no sopro ardente de Deus (“sopro” e “espírito” são a mesma palavra em hebraico), era uma imagem familiar no pensamento judaico ([Is 4.4](#); [30.27-28](#); [Dn 7.10](#)). Também é uma metáfora de *misericórdia*, uma vez que a purificação limpa; após a colheita, os grãos seriam reunidos no celeiro ([Mt 3.11-12](#)). E, finalmente, é uma metáfora de *iniciação*— a variação de João Batista sobre “os problemas messiânicos”, a expectativa de que a era messiânica seria introduzida apenas através do sofrimento e tribulação (p. ex., [Dn 7.19-22](#); [12.1](#); [Zc 14.12-15](#); também o pseudépígrafo 1 Enoque 100.1-3).

No livro de Atos, a metáfora mantém o significado inicial dado por João Batista. [Atos 2.4](#) realiza a promessa de [Atos 1.5](#). Uma vez que o *derramamento do Espírito* foi visto como a marca dos “últimos dias” ([Is 44.3](#); [Ez 39.29](#); [Jl 2.28-29](#)), assim que foram batizados no Espírito os discípulos começaram a vivenciar os *últimos dias* por si próprios ([Atos 2.1-7, 18](#)). [Atos 11.17](#) fala de Pentecostes como a ocasião em que eles acreditaram em Jesus Cristo como Senhor. Da mesma forma, o apóstolo Paulo vê o dom do Espírito como o início da experiência cristã ([2Co 1.22](#); [Gl 3.3](#)), de modo que “ter o Espírito de Cristo” é a marca que define o cristão ([Rm 8.9](#)). Ao ser batizado no Espírito, Cornélio e seus amigos receberam o perdão e salvação que Pedro lhes prometeu ([Atos 10.43-45](#); [11.13-18](#)). “Batizados no Espírito” aqui é sinônimo de “arrepentimento concedido para suas vidas” ([11.18](#)) e “purificação de seus corações pela fé” ([15.8-9](#)). *Veja* Batismo; Batismo de Fogo; Dons Espirituais.

Batismo pelos mortos

Costume de significado incerto, mencionado uma vez no NT ([1Co 15.29](#)). Muitas interpretações foram oferecidas para esse verso muito discutido. As questões importantes são a natureza da prática do batismo pelos mortos e se o apóstolo Paulo aprovava isso.

A maioria das interpretações da frase "batizado pelos mortos" se encaixa em uma das três categorias: batismo metafórico, batismo normal ou batismo por procuração. Em [Marcos 10:38](#) e [Lucas 12:50](#), o batismo é usado como uma metáfora para o sofrimento ou martírio. Alguns estudiosos, interpretando "batismo pelos mortos" como uma metáfora para o martírio, traduziriam como "sendo batizado com vista à morte".

Muitos preferem ler a frase no sentido normal de ser batizado em nome próprio. Martinho Lutero pensava que se referia à prática de batizar sobre os túmulos dos mortos. João Calvino acreditava que tinha a ver com cristãos que pediam batismo porque estavam em perigo de morte. Outros pensam que se referia a convertidos que eram batizados por causa do testemunho de mártires cristãos ou entes queridos falecidos.

O significado mais natural das palavras aponta para uma prática de batismo por procuração. A frase parece indicar que certas pessoas em Corinto teriam sido batizadas vicariamente por pessoas falecidas. Os coríntios podem ter tido uma visão mágica do batismo. Isso pode explicar por que, para eles, Paulo diminuiu seu ministério como batizador ([1Co 1:14-17](#)). Comparando a experiência dos coríntios com a de Israel no deserto ([10.1-13](#)), Paulo descreveu a travessia do Mar Vermelho e a coleta de maná em termos que claramente sugerem o batismo e a Ceia do Senhor. Paulo lembrou aos seus leitores que nenhuma dessas experiências dramáticas impediu os israelitas de caírem em pecado. Talvez os coríntios considerassem os sacramentos cristãos como ritos que garantiam sua salvação. Se assim fosse, os praticantes do batismo por procuração provavelmente acreditavam que o rito tinha algum benefício para os falecidos.

Paulo aprovava a prática do batismo pelos mortos? Provavelmente não. Deve-se notar que nos argumentos específicos para a ressurreição dos mortos em [1 Coríntios 15.29-34](#), Paulo se separou dos praticantes desse batismo. Sem implicar aprovação da prática, Paulo usou o batismo vicário meramente como um argumento ilustrativo: a menos que *alguns* coríntios acreditassem na ressurreição real dos mortos, sua prática de batizar em nome dos mortos obviamente seria sem sentido.

Bato

Uma unidade de medida líquida no Antigo Testamento ([Ez 45.10-11](#)). Equivale a cerca de seis galões ou 23 litros.

Veja Pesos e medidas.

Baurim

Uma aldeia na terra tribal de Benjamim. Ficava na antiga estrada que ligava Jericó e Jerusalém, a leste do Monte das Oliveiras. Baurim é o atual Ras et-Temim. Palti perdeu sua esposa, Mical, lá por ordem de Abner quando Mical estava sendo devolvida ao Rei Davi ([2Sm 3.16](#)). Em Baurim, Simei amaldiçoou Davi e atirou pedras nele e em seus servos ([2 Sm 16.5](#); [19.16](#); [1Rs 2.8](#)). Jônatas e Aimaás, espiões de Davi, foram escondidos dos soldados de Absalão em um poço lá ([2Sm 17.18](#)). Um dos valentes de Davi, Azmavete, veio de Baurim ([2Sm 23.31](#); [1Cr 11.33](#)).

Bavai

Um indivíduo que gerenciou o reparo de uma seção do muro de Jerusalém sob a supervisão de Neemias ([Ne 3.18](#)). Bavai era filho de Henadade e líder de metade do distrito de Queila, uma cidade a 27 quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Binui ([Ne 3.24](#)), que também é mencionado como filho de Henadade (compare [Ed 3.9](#)), pode ser uma grafia errada de Bavai, ou os dois podem ter sido irmãos.

Veja Binui #4.

Bdélio

Uma substância mencionada duas vezes no Antigo Testamento é a resina de um arbusto árabe (chamado Commiphora africana). A planta está relacionada ao arbusto de onde vem a mirra e talvez também à planta da qual o "bálsamo" bíblico era coletado.

Além da Bíblia, o bdélio foi descrito por um herbalista inglês como uma goma perfumada de uma árvore encontrada na Pérsia e para o leste. No primeiro século d.C., o escritor romano Plínio mencionou a mesma árvore e descreveu a goma como cerosa e parecida com pérola.

A Bíblia descreve o maná recolhido pelos israelitas como tendo a mesma cor que o bdélio ([Nm 11.7](#)). O bdélio também é mencionado junto com o ouro e a pedra de ônix encontrados perto do Jardim do Éden ([Gn 2.12](#)). Porque foi incluído nessa lista, as pessoas costumavam pensar que o bdélio era uma pérola ou uma pedra preciosa.

Veja também Plantas.

Beã

Uma tribo foi destruída por Judas Macabeu porque regularmente emboscava viajantes judeus ([1Mc 5.4-5](#)). Nada mais se sabe sobre esta tribo. Provavelmente, estava localizada a leste do rio Jordão.

Bealias

Um guerreiro da tribo de Benjamim que se juntou a Davi em Ziclague em sua luta contra o Rei Saul. Bealias foi um dos arqueiros e fundeiros de Davi que podia atirar com ambas as mãos, direita e esquerda ([1Cr 12.5](#)).

Bealote

1. Uma cidade na fronteira de Edom, na área do Deserto de Neguebe ([Js 15.24](#)).
2. Um distrito administrativo na época do Rei Salomão era governado por Baaná, filho de Husai ([1Rs 4.16](#)).

Bebida forte

Bebida forte refere-se a qualquer tipo de bebida alcoólica.

Era proibido para:

- Levitas que estavam entrando na tenda da congregação ([Lv 10.9](#));
- Aqueles que faziam o voto de nazireu ([Nm 6.3](#); [Jz 13.4-14](#));
- Reis e governantes ([Pv 31.4](#));
- João Batista ([Lucas 1.15](#)).

O autor de [Provérbios 20.1](#) sugere que o homem sábio não se embriaga com isso. Isaías adverte contra aqueles que são viciados nisso ([Is 5.11,22](#)). A bebida forte era usada como oferta no sacrifício levítico ([Nm 28.7](#)). Era permitida durante a festa ao dizimar ([Dt 14.26](#)).

Veja Vinho.

Beca

Um peso de seis gramas que era chamado de "meio siclo, conforme o siclo do santuário" ([Êx 38.26](#)).

Veja Pesos e Medidas.

Bedade

O pai de Hadade, um dos reis de Edom antes de Israel ter reis ([Gn 36.35](#); [1Cr 1.46](#)).

Beer

1. Um lugar onde Israel acampou enquanto estava no deserto. Provavelmente ficava ao norte do rio Arnom, na fronteira de Moabe e os amorreus ([Nm 21.16](#)). O nome significa "um poço". A água do poço que cavaram lá foi celebrada em canção ([Nm 21.17-18](#)). Pode ter sido no mesmo local que o poço moabita chamado *Beer-Elim* ([Is 15.8](#)). *Veja* Peregrinações no Deserto.
2. O lugar para onde o filho de Gideão, Jotão, fugiu após criticar seu meio-irmão Abimeleque, que havia matado todos os seus meio-irmãos enquanto tentava se tornar rei de Israel ([Jz 9.21](#)).

Beer-Elim

Uma das cidades de Moabe que Isaías previu que ouviria choro quando o reino moabita caísse ([Is 15.8](#)). Pode ser a mesma que Beer ([Nm 21.16](#)).

Beer-Lahai-Roi

Um poço entre Cades e Berede onde Agar foi confrontada pelo anjo do Senhor quando estava grávida de Ismael ([Gn 16.7-14](#)). Beer-Laai-Roi significa "Poço daquele que Vive e me vê". Isso se refere à aparição de Deus à serva de Sarai. Mais tarde, Isaque frequentemente usava o poço como local de abastecimento de água em suas viagens ([Gn 24.62](#); [25.11](#)).

Beeri

1. O pai de Judite era um hitita (às vezes grafado como heteu). Judite foi uma das esposas de Esaú ([Gn 26.34](#)).
2. O pai do profeta Oseias ([Os 1.1](#)).

Beerote-Benê-Jaacã

O local onde os israelitas acamparam durante sua jornada pelo deserto desde o Egito ficava perto de Mosera ou Moserote ([Dt 10.6](#)). Também é chamado de Benê-Jaacã em [Números 33.31-32](#). Beerote-Benê-Jaacã significa "poço dos filhos de Jaacã".

Veja Peregrinações no deserto.

Beerote-Benê-Jaacã

Um lugar onde Israel acampou perto da fronteira de Edom ([Nm 33.31-32](#)).

Veja Beerote-Benê-Jaacã.

Beesterá

Uma cidade na meia-tribo de Manassés que foi dada à família levítica dos gersonitas na divisão da Terra Prometida ([Js 21.27](#)). O nome é uma forma abreviada de *Bete-Astarote* ("casa ou lugar de

Astarote"). Provavelmente é a mesma que a cidade de Astarote ([1Cr 6.71](#)).

Veja Astarote, Asteratita; Cidades levíticas.

Behemoth

Uma palavra hebraica plural geralmente traduzida como "bestas" ou "animais selvagens" (como em [Dt 28.26](#); [32.24](#); [Sl 50.10](#); [Is 18.6](#); [2Ed 6.49,51](#); [Hc 2.17](#)). A maioria das traduções em português refere-se a um "beemote" apenas em [Jó 40.15](#), quando o contexto parece referir-se ao animal específico. O animal era grande e poderoso. Muitos estudiosos bíblicos acreditam que era um hipopótamo. Nos tempos antigos, o hipopótamo era bem conhecido no Egito e pode ter vivido no Vale do Jordão. [Jó 40.23](#) pode referir-se a qualquer rio que transbordasse como o Jordão na estação de cheia.

Veja Hipopótamo.

Beijo, Beijo da Paz

Uma maneira comum de demonstrar amor e comunhão nos tempos bíblicos.

Beijar aparece na Bíblia em muitos contextos diferentes:

- Beijos eram compartilhados entre parentes e amigos como um sinal de afeto ([Gn 29.11](#); [33.4](#)).
- Às vezes, os beijos tinham um significado sensual ([Pv 7.6-13](#); [Ct 1.2](#)).
- Beijar também era uma forma de mostrar respeito ou adoração ([1Sm 10.1](#); [Jó 31.27](#)), embora pudesse ser visto como errado em certas situações ([1Rs 19.18](#); [Os 13.2](#)).
- Um beijo poderia ser usado para trair alguém, como visto na história da traição de Jesus ([Mt 26.48-49](#)).

No Novo Testamento, há cinco menções de um "beijo de irmão" (NTLH) ou "ósculo santo" (ARA), também conhecido como "beijo de paz":

1. [Romanos 16.16](#)
2. [1 Coríntios 16.20](#)

3. [2 Coríntios 13.12](#)
4. [1 Tessalonicenses 5.26](#)
5. [1 Pedro 5.14](#)

Esse beijo era um símbolo de amor e unidade cristã. Embora a Bíblia não forneça instruções detalhadas, era um gesto de amizade e compromisso entre os primeiros cristãos ([1Ts 5.25-27](#)).

No final do segundo século, essa prática tornou-se parte da liturgia da igreja. Justino Mártir a descreveu como um beijo trocado entre a congregação após a oração. Com o tempo, foi movida para antes da Sagrada Comunhão e, eventualmente, substituída por uma simples reverência em muitas igrejas. Hoje, algumas igrejas ainda mantêm diferentes formas dessa prática.

Bela (Lugar)

Nome alternativo para Zoar, uma cidade da planície, em [Gênesis 14.2](#). *Vea* Cidades da Planície; Zoar.

Belá (Pessoa)

1. Filho de Beor, um rei de Edom que governou antes de Israel ter um rei ([Gn 36.31-33](#)). Balaão, o profeta pagão do norte da Síria, também tinha um pai chamado Beor ([Nm 22.5](#)). Assim, alguns estudiosos confundiram o edomita Belá com Balaão.
2. O filho mais velho de Benjamim ([Gn 46.21](#); [1Cr 8.1](#)), cujos descendentes eram chamados de belaítas ([Nm 26.38](#)).
3. O filho de Azaz, um descendente de Rúben. Ele viveu em Gileade, na Transjordânia. Sua família possuía tanta terra que seu gado vivia perto do Rio Eufrates ([1Cr 5.8-9](#)). No reinado de Saul, sua família defendeu suas terras contra a oposição dos hagaritas.

Bela, Belaíta

Grafia usada na Bíblia Tradução Brasileira 2010 para Belá. Ele era o filho mais velho do patriarca Benjamim ([1Cr 8.1](#)). Seus descendentes eram os belaítas ([Nm 26.38-40](#)).

Vea Belá (Pessoa) nº 2.

Belbaima

Uma cidade ao sul de Dotã. É mencionada no livro de Judite ([Jt 7.3](#)). Pode ser a mesma que Belmain ([Jt 4.4](#)).

Belém

1. “Cidade de Davi” e o local de nascimento de Jesus Cristo. Está localizada a oito quilômetros ao sul de Jerusalém. Para distingui-la de outra Belém na região de Zebulom, esta cidade é às vezes chamada de Belém-Judá ou Efrata ([Gn 35.19](#); [Mq 5.2](#)). Belém era originalmente um assentamento cananeu ligado aos patriarcas. Raquel, a esposa de Jacó, morreu e foi enterrada perto de Belém ([Gn 35.16,19](#); [48.7](#)). A menção histórica mais antiga de Belém vem das cartas de Amarna no século 14 a.C., onde é referida como *bitil u-lahama*, localizada ao sul de Jerusalém. O nome pode ter significado “casa da deusa Lahama”. Um ramo da família de Calebe se estabeleceu lá, e seu filho Salma era conhecido como “o pai de Belém” ([1Cr 2.51](#)). Belém também foi o lar de um jovem levita que serviu como sacerdote para Mica ([Jz 17.7-8](#)), e de Boaz, Rute, Obede e Jessé — o pai de Davi ([Rt 4.11,17](#); [1Sm 16.18](#)). Belém foi o local de nascimento de Davi ([1Sm 17.12](#)) e a casa de um dos valentes de Davi, Elanã ([2Sm 23.24](#); [1Cr 11.26](#)). Foi o local de um ato corajoso de três dos soldados de Davi, que romperam através de um grupo de invasores filisteus que ocupavam Belém, para trazer água do poço que ficava perto do portão da cidade até Davi ([2Sm 23.14-17](#)). Muito mais tarde, Belém é mencionada como estando perto da aldeia de Gerute-Quimã, onde judeus fugindo dos babilônios ficaram a caminho do Egito ([Jr 41.17](#)). Pessoas de Belém estavam entre aqueles que retornaram do exílio babilônico ([Ed 2.21](#); [Ne 7.26](#); [1Ed 5.17](#)). Quando Jesus nasceu, Belém era apenas uma aldeia ([Mt 2.1-16](#); [Lc 2.4-6,15](#); [Jo 7.42](#)). Por causa de um censo ordenado por César Augusto, José teve que ir a Belém, “visto que ele era da casa e linhagem de Davi” ([Lc 2.4](#)). É

possível que a família ainda possuísse propriedades lá. O nascimento de Jesus pode ter ocorrido em uma caverna fora da cidade, uma crença mantida por escritores cristãos primitivos como Justino Mártir e Orígenes. Orígenes, que viveu na Terra Santa, escreveu: “Em Belém, mostra-se a caverna onde ele nasceu e, dentro da caverna, a manjedoura onde foi envolto em faixas”.

Mais tarde, Jerônimo descreveu a gruta (uma pequena caverna), que era uma basílica construída pelo Imperador Constantino. Escavações arqueológicas em 1934–35 revelaram que uma segunda fase do edifício ocorreu durante o reinado de Justiniano, de 527 a 565 d.C., quando a basílica de Constantino foi ampliada. Degraus levam até a gruta, que tem uma forma retangular, sugerindo que os construtores de Constantino alteraram a caverna original. No entanto, não há descrição da gruta antes da construção da basílica de Constantino.

2. Uma cidade em Zebulom ([Js 19.15](#)). Provavelmente foi a casa do juiz Ibsã, um dos primeiros governantes de Israel ([Jz 12.8–10](#)). Hoje é identificada com a vila de Beit Lahm, cerca de 11,3 quilômetros a noroeste de Nazaré.

Beleza

Combinação harmoniosa de qualidades agradáveis de ver. Materiais arqueológicos indicam que os antigos hebreus estavam mais interessados com a utilidade do que com a beleza. A cerâmica hebraica, por exemplo, era geralmente mais volumosa do que a cerâmica Cananeia. No entanto, tais artefatos não significam que os hebreus não tinham apreciação estética.

O AT fala da criação de Deus como bela ([Gn 2.9](#); [Jó 26.13](#); [Sl 19.1–6](#); [Ct 6.10](#)). A terra de Canaã é uma “terra agradável” ([Jr 3.19](#)). Jerusalém é chamada de “formosa” ([Is 52.1](#); [Lm 2.15](#)), assim como o é um dos seus portões do templo ([Atos 3.2, 10](#)). Os

hebreus admiravam a grandeza silvestre da cordilheira do Líbano ([Sl 104.16](#); [Is 60.13](#)). A cidade Cananeia de Tirza (“beleza”), a capital do rei Baasha no reino do norte ([1Rs 15.33](#)), era assim chamada por sua localização atraente.

Embora os hebreus não exaltassem a forma humana como os gregos antigos, o AT idealiza a atratividade física. A beleza de uma noiva é descrita eloquentemente por seu noivo nas letras de amor em [Cântico dos Cânticos 4.1–15](#); [6.4](#). Tal louvor da noiva pode ter sido uma característica tradicional dos casamentos israelitas. Várias mulheres proeminentes no AT são descritas como formosas ([Gn 29.17](#); [2Sm 11.2](#); [Et 2.7](#)). Mas beleza sensual era secundária em relação à diligência, desenvoltura e piedade tradicional em uma mulher ([Pv 31.10–31](#)). Um número de homens também era conhecido por sua atratividade física — por exemplo, Davi ([1Sm 16.12](#)) e Absalão ([2Sm 14.25](#)). Cosméticos, joias e outros acessórios eram usados como adereços de beleza feminina nos tempos do AT. O profeta Isaías listou esses itens ([Is 3.18–24](#)), e Ezequiel mencionou práticas estéticas comuns em seus dias ([Ez 16.10–13](#)). A adoração israelita também era bela com as vestes cerimoniais elaboradas do sumo sacerdote, projetadas para glória e beleza ([Êx 28.2, 40](#)).

O conceito de beleza é aplicado também a Deus no AT. O favor do Senhor é chamado de sua “beleza” ([Sl 90.17](#)). Isaías registrou a promessa de Deus de dar ao seu povo “beleza em vez de cinzas” ([Is 61.3](#)). O salmista expressou um desejo de passar tempo no templo desfrutando da beleza do Senhor, suas “perfeições incomparáveis” ([Sl 27.4](#)). Isaías descreveu Deus como um “diadema de beleza” para o remanescente israelita fiel ([Is 28.5](#)), e o Messias era mencionado como um belo rei ([33.17](#)). Assim, no AT, o conceito de beleza tinha um significado mais profundo do que simplesmente atratividade física. Tornou-se um conceito teológico afirmando a glória essencial de Deus.

O NT insta os seguidores de Cristo a viver vidas que “adorna” o ensino do Salvador, tornando-o atraente para os não crentes ([Tt 2.10](#)). Aqueles que pregam o evangelho de Cristo são mencionados como belos ([Rm 10.15](#)). Os apóstolos Paulo e Pedro advertiram as mulheres a estarem satisfeitas com a beleza exterior ([1Tm 2.9–10](#)), lembrando-as de que o caráter belo é o verdadeiro adorno da piedade ([1Pe 3.3–5](#)). A beleza do lar final do crente no céu é refletida na descrição da “nova Jerusalém” como uma noiva e no simbolismo das pedras preciosas da antiguidade (ver [Ap 21–22](#)).

Belial, Beliar

Um substantivo hebraico comum que significa "baixeza", "inutilidade", "maldade" ou "ilegalidade". Belial, no entanto, é frequentemente traduzido como um nome. Assim, às vezes é traduzido como "filhos de Belial" ([Jz 19.22](#); [1Sm 2.12](#)), "filha de Belial" ([1Sm 1.16](#)), ou "crianças de Belial" ([Dt 13.13](#); [Jz 20.13](#)). Traduções mais recentes geralmente traduzem como "homens perversos" ou "imorais" ([Dt 13.13](#); [Jz 19.22](#); [20.13](#); [1Sm 1.16](#); [2.12](#); [10.27](#); [Pv 6.12](#)). Uma exceção está em [Naum 1.15](#), que alguns estudiosos acham que deveria ser traduzido como "Belial". Este é um nome pessoal do conquistador assírio que ameaçou o reino do sul de Judá.

Textos entre os dois Testamentos usam "Belial" como um nome e influenciaram como ele é usado no Novo Testamento. No Novo Testamento, o termo aparece uma vez como "Belial" (ou Beliar em [2Co 6.15](#)) e é identificado com Satanás, a representação do mal. Escritos não bíblicos do período do Novo Testamento frequentemente usavam Belial como um nome para Satanás ou o Anticristo.

Bema

Uma palavra grega para um assento de julgamento ou tribunal de um oficial romano. Esta palavra, que literalmente significa "degrau" ou "passo", era comumente usada no primeiro século d.C. para se referir a uma plataforma elevada onde discursos políticos ou decisões judiciais eram proferidos. O bema era uma característica importante nas cidades antigas, muitas vezes localizado em áreas públicas significativas, como mercados.

No Novo Testamento, a palavra é utilizada várias vezes:

- Jesus foi interrogado diante do tribunal de Pilatos ([Mt 27.19](#); [Jo 19.13](#)).
- Herodes Agripa I dirigiu-se ao povo de Tiro e Sidom de um tribunal ([At 12.21](#)).
- O apóstolo Paulo foi levado perante o tribunal de Gálio em Corinto ([At 18.12-17](#)).
- O apóstolo Paulo foi novamente levado perante o tribunal de Festo em Cesareia ([At 25.6,10,17](#)).
- Paulo usou a palavra para se referir ao tribunal de julgamento de Deus.
 - Em [Romanos 14.10](#), ele advertiu que todos estarão diante do tribunal de Deus.
 - De acordo com [2 Coríntios 5.10](#), Paulo descreveu o tribunal de julgamento de Cristo, onde o valor do trabalho de cada pessoa será avaliado (compare [1Co 3.13-15](#)).

Veja também Julgamento; Tribunal de julgamento; Julgamento final.

Ben-Ami

O filho de Ló e sua filha mais nova. Uma relação incestuosa semelhante entre Ló e sua filha mais velha resultou em um filho chamado Moabe. Os dois filhos são considerados os ancestrais dos povos amonitas e moabitas ([Gn 19.38](#)).

Embora Ló pudesse ter compartilhado da promessa feita a Abraão ([Gn 11.31](#); [12.1-4](#)), ele escolheu seguir seu próprio caminho ([13.2-12](#)) e não confiou no Senhor ([19.15-23](#)). No entanto, por causa de seu relacionamento com Abraão, os israelitas trataram os descendentes de Ló com respeito, apesar de os amonitas e moabitas às vezes serem fortes inimigos de Israel ([2Cr 20.1-12](#)).

Veja também Amom, Amonitas.

Bênção

Um anúncio do favor de Deus sobre um grupo reunido de pessoas ([Gn 27.27-29](#); [Lc 24.50](#); [2Cr 13.11,14](#)).

Veja Abençoar, bênção.

Benjamim (Pessoa)

1. O mais jovem dos 12 filhos de Jacó e irmão de pai e mãe de José. Jacó o nomeou Benjamim (“filho da minha mão direita”) depois que sua mãe moribunda, Raquel, o chamou de Benoni (“filho da minha tristeza,” [Gn 35.18](#)). Depois que José foi vendido ao Egito por seus meios-irmãos, seu pai, Jacó, assumiu que José estava morto e tornou-se muito protetor de Benjamim. Mais tarde, devido a um plano criado por José, Benjamim foi usado para ajudar a reunir Jacó com seus 12 filhos no Egito ([Gn 42-45](#)). Em uma profecia sobre seus filhos, Jacó falou da habilidade de Benjamim como guerreiro ou predisse o poder militar de sua tribo ao dizer: “Benjamim é um lobo voraz; pela manhã devora a presa, à tarde divide o despojo” ([Gn 49.27](#)).
Veja Benjamim, Tribo de.
2. Filho de Bilã e bisneto de Jacó ([1Cr 7.10](#)).
3. Membro do clã de Harim após o exílio na Babilônia, e que se casou com uma esposa não judia ([Ed 10.32](#)).
4. Aquele que reparou uma seção do muro ao lado de sua própria casa ([Ne 3.23](#)).
5. Um dos membros do grupo de judeus que participaram da dedicação do muro em Jerusalém ([Ne 12.34](#)). Ele pode ser o mesmo que o número #4 acima.

Benjamim, Tribo de

Uma das menores das 12 tribos de Israel, composta por descendentes do filho mais novo de Jacó ([Nm 1.36](#)). No Antigo Testamento, a tribo é frequentemente referida simplesmente como “Benjamim”. Apesar de seu pequeno tamanho, a tribo desempenhou um papel importante na história de Israel, particularmente em sua atuação como grandes guerreiros ([Jz 20.13-16](#); [1Cr 12.1-2](#)).

O território da tribo de Benjamim

Quando os israelitas conquistaram Canaã, Benjamim foi a primeira tribo a receber sua terra após Judá e Efraim. O território de Benjamim estava localizado entre as terras de Judá e Efraim, estendendo-se das colinas do Monte Efraim até as colinas da Judeia. A fronteira sul com Judá estava bem definida, passando pelo vale de Hinom, logo ao sul de Jerusalém, até um ponto ao norte do Mar Morto. A fronteira oriental era o Rio Jordão, e a fronteira norte com Efraim ia do Jordão a Betel até Atarate-Adar, que fica ao sul de Bete-Horom-de-Baixo ([Js 18.11-20](#)).

O território de Benjamim se estendia por cerca de 45,1 quilômetros de oeste a leste e 19,3 quilômetros de norte a sul. Era uma região montanhosa, estrategicamente posicionada para controlar passagens de montanha chave, mas também possuía vales férteis. Algumas de suas cidades importantes, mencionadas em [Josué 18.21-28](#), incluíam:

- Jerusalém
- Jericó
- Betel
- Gibeão
- Gibeá
- Mispa

Nem todas essas cidades foram tomadas imediatamente das pessoas que costumavam viver nelas; por exemplo, Jerusalém permaneceu nas mãos dos jebuseus até a época de Davi. O ambiente difícil produziu um povo resistente, descrito na bênção de Jacó a Benjamim como “um lobo voraz” ([Gn 49.27](#)).

Pessoas da tribo de Benjamim

Um dos primeiros juízes em Canaã, Eúde, era da tribo de Benjamim. Ele libertou os israelitas ao matar Eglom, o rei de Moabe ([Jz 3.15](#)). Mais tarde, membros da tribo ajudaram Débora e Baraque a derrotar Sísera ([Jz 5.14](#)). A tribo deu origem a mais pessoas importantes:

- Líderes políticos ([1Cr 27.21](#))
- Capitães no exército de Saul ([2Sm 4.2](#)) e no exército de Davi ([2Sm 23.29](#))
- Arqueiros habilidosos ([1Cr 8.40](#))
- Líderes na força de trabalho de Salomão ([1Rs 4.18](#))

Os descendentes de Benjamim também demonstraram características menos nobres:

- Palti, um benjamita, fez um relatório negativo quando os 12 espiões retornaram de explorar a terra de Canaã ([Nm 13.1-2,9,31-33](#))
- A tribo foi desobediente e não foi corajosa ao falhar em limpar sua herança dos cananeus ([Jz 1.21](#))
- A tribo defendeu o comportamento lascivo e o assassinato de uma concubina por alguns de seus membros, o que levou a uma destruição quase total da tribo em uma guerra contra outra tribo ([Jz 19-20](#)). Para evitar que a tribo se extinguisse, as outras tribos permitiram que os benjamitas sobreviventes capturassem várias centenas de mulheres que se tornaram suas esposas ([Jz 21](#))

A tribo de Benjamim demonstrou ser confiável de várias maneiras:

- Durante o Êxodo do Egito, tomou seu lugar na organização ([Nm 1.11](#)) e no exército ([Nm 2.22](#)) e fez suas ofertas tribais ([Nm 7.60](#))
- Foi muito leal ao trono, inicialmente a Saul e sua família ([2Sm 2.8-31](#)), mas também apoiou Davi e seus descendentes. Benjamim permaneceu leal ao filho de Salomão, Roboão, quando Jeroboão se separou de Judá ([1Rs 12.21-24](#))

Outros homens de Benjamim (frequentemente chamados de benjamitas) mencionados no Antigo Testamento incluem:

- Cuxe, sobre quem Davi cantou (A inscrição do [Sl 7](#))
- Jeremias, o profeta que viveu em Benjamim apesar de ser um levita ([Jr 1.1](#); [Jr 32.8](#))
- Mardoqueu, tio e conselheiro da rainha Ester ([Et 2.5](#))

A tribo de Benjamim no Novo Testamento

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo orgulhosamente se identificava como membro da tribo de Benjamim, mencionando isso duas vezes ([Rm 11.1](#); [Fp 3.5](#)). Em seu sermão em Antioquia da Pisídia, Paulo também mencionou Benjamim como a tribo do rei Saul, em seu breve relato da história de Israel ([At 13.21](#)). Em outra referência no Novo Testamento, Benjamim é mencionado junto com as outras 11 tribos na visão de João no livro de Apocalipse ([Ap 7.8](#)).

Veja Benjamim (Pessoa) #1.

Benoni

O nome que Raquel deu ao seu último filho enquanto morria no parto ([Gn 35.18](#)). Seu pai, Jacó, mudou seu nome de Benoni (“filho da minha tristeza”) para Benjamim (“filho da minha mão direita”).

Veja Benjamim (Pessoa) #1.

Beom

Outro nome para Baal-Meon, uma cidade a leste do rio Jordão ([Nm 32.3](#)).

Veja Baal-Meon.

Beor

1. O pai de Belá ([Gn 36.32](#)). Belá foi um rei de Edom.
2. Pai de Balaão ([Nm 22.5](#); [2Pe 2.15](#), às vezes chamado de “Bosor”). Balaão foi solicitado por Balaque, rei de Moabe, para amaldiçoar Israel.

Bequer, Bequerita

1. O segundo filho de Benjamim, que se mudou para o Egito com seu avô Jacó ([Gn 46.21](#); [1Cr 7.6](#)).
2. Segundo filho de Efraim. A família dos "bequeritas" veio de sua linhagem ([Nm 26.35](#)). Ele também é chamado de Berede ([1Cr 7.20](#)).

Bequer, Bequerita

Outra grafia para o segundo filho de Efraim. Um bequerita é um de seus descendentes ([Nm 26.35](#)).

Veja Bequer, Bequerita #2.

Bequerita

A ARC usa a forma bequerita. Este era qualquer descendente de Bequer ([Nm 26.35](#)).

Veja Bequer, Bequerita #2.

Bera

O governante de Sodoma durante os dias de Abraão e Ló. Bera foi um dos cinco reis das cidades cananeias que não conseguiram se rebelar contra o rei Quedorlaomer de Elão e seus três aliados ([Gn 14.2](#)).

Berede (Lugar)

Um lugar na parte sul de Israel chamado Deserto de Neguebe. Não sabemos exatamente onde ficava Berede. Deus falou com Agar, a serva de Sarai, em um poço entre Cades e Berede ([Gn 16.14](#)).

Bereia

1. Um lugar ao norte de Jerusalém onde o exército sírio acampou antes de atacar e matar Judas Macabeu em 161 a.C. ([1Mc 9.4](#)).
2. Uma cidade antiga na Macedônia, uma região agora dividida entre Grécia, Iugoslávia [atual Macedônia do Norte] e Bulgária. Provavelmente foi fundada no quinto século a.C. A cidade ficava cerca de 40 quilômetros para o interior do Mar Egeu, localizada em uma planície cênica e fértil a 183 metros de altura nas colinas ao norte da cordilheira do Olimpo. Roma conquistou Bereia em 168 a.C., e era uma das cidades macedônias mais populosas durante o tempo de Cristo. Hoje, a cidade é chamada de Verria. O apóstolo Paulo visitou Bereia durante sua segunda viagem missionária ([At 17.10-15](#)). Era também a cidade natal de Sópatro, um dos companheiros de Paulo ([At 20.4](#)). Paulo e Silas viajaram para Bereia, cerca de 81 quilômetros a sudoeste, após enfrentarem violenta oposição religiosa e política em Tessalônica. Em Bereia, tanto judeus quanto gregos aceitaram avidamente o evangelho, mas Paulo teve que partir quando judeus hostis de Tessalônica vieram causar problemas.

Berenice

A filha mais velha de Herodes Agripa I. Ela estava presente quando o apóstolo Paulo falou com seu irmão, o rei Agripa II ([At 25.13,23](#); [26.30](#)).

Berenice nasceu por volta de 28 d.C. Aos 13 anos, ela se casou com Marcus, filho de um oficial judeu chamado Alexandre. Após a morte de Marcus, seu pai arranhou para que ela se casasse com seu irmão mais velho, Herodes de Cálcis. Berenice teve dois filhos, Berniciano e Hircano, antes que seu segundo marido morresse em 48 d.C. Quando seu relacionamento com seu irmão, Agripa II, se tornou mais próximo, rumores de incesto começaram a se espalhar. Para contrariar esses rumores, Berenice convenceu Polemo, o rei da Cilícia, a se casar com ela, mas ela o deixou logo depois.

No ano 66 d.C., Berenice corajosamente, mas sem sucesso, tentou impedir o procurador romano Gesio Floro de saquear o templo em Jerusalém. Ela apoiou seu irmão quando ele alertou o povo contra a guerra. Quando a guerra começou naquele mesmo ano, rebeldes judeus incendiaram seu palácio e o de seu irmão.

Beriaítas

Um membro de uma família descendente de Berias, um dos filhos de Aser ([Nm 26.44](#)).

Veja Berias # 1.

Berias

1. O filho de Aser, que se mudou para o Egito com sua família, parentes e avô, Jacó ([Gn 46.17](#); [1Cr 7.30](#)). Seus descendentes foram chamados de beriaítas ([Nm 26.44](#)).
2. O filho mais novo de Efraim, nascido após vários de seus irmãos terem sido mortos em Gate por roubo de gado ([1Cr 7.20-23](#)).
3. Filho de Elpaal, chefe de uma família na tribo de Benjamim. Este Berias viveu em Aijalom e ajudou a expulsar invasores de Gate ([1Cr 8.13](#)).
4. O filho de Simeí, um levita do clã de Gérson que servia no templo em Jerusalém. Como nem Berias nem seu irmão Jeús tinham muitos filhos, suas famílias foram contadas como um único subclã dentro dos levitas ([1Cr 23.10-11](#)).

Berilo

Um mineral duro e brilhante com muitas cores que a Bíblia chama de pedra preciosa ([Êx 28.20](#); [Ap 21.20](#)).

Veja Minerais e metais; Pedras, Preciosas.

Berseba

Berseba é o nome usado na Bíblia para a parte mais ao sul da Terra Prometida. Está localizada a 45 quilômetros a sudoeste de Hebrom. Foi um lugar importante no deserto de Neguebe desde cedo. Agar vagou lá com Ismael, e Abraão também passou um tempo aqui. Mais tarde, tanto Isaque ([Gn 26.23](#)) quanto Jacó ([46.1](#)) tiveram experiências espirituais significativas nesta área. Permaneceu um local importante para muitos outros hebreus em tempos posteriores.

Durante o período da monarquia hebraica, Berseba estava localizada em Tell Berseba, a 3 quilômetros a nordeste da cidade moderna. Escavações arqueológicas recentes indicam que os hebreus construíram a cidade no século XII ou XI a.C. Provavelmente foi onde os filhos de Samuel serviram como juízes para o povo ([1Sm 8.2](#)).

A cidade em si era pequena, cobrindo cerca de um hectare. Em suas ruínas, arqueólogos encontraram peças de um altar com chifres. Quando remontado, o altar tinha cerca de 1,5 metros de altura, a mesma altura do altar descoberto em Arade. Estes são os únicos dois altares hebraicos da época do primeiro Templo que foram encontrados. A altura desses altares corresponde àquela descrita na Tenda da Presença ([Êx 27.1](#)) e provavelmente era a mesma do altar original no templo de Salomão ([2Cr 6.13](#)). Um grande sistema de água também foi descoberto em Berseba, semelhante aos encontrados nas antigas cidades de Megido e Hazor.

Besouro

Besouros são insetos que possuem peças bucais mastigadoras e dois pares de asas. Suas asas dianteiras são duras, enquanto as traseiras são macias e podem ser dobradas. Eles têm diferentes hábitos alimentares. Alguns besouros comem carne, enquanto outros se alimentam principalmente de plantas. Alguns vivem na água.

Alguns podem causar bolhas na pele, enquanto outros podem danificar tecidos ou plantações. No entanto, alguns besouros são úteis porque se alimentam de insetos nocivos.

No antigo Egito, o besouro, ou escaravelho sagrado, era um símbolo importante. Ele representava o deus do sol Rá. Os egípcios criavam selos e amuletos de escaravelho, que eram itens muito populares.

Veja também Grilo.

Besta

Um animal tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Às vezes é usado metaforicamente. A palavra tem muitos significados no Antigo Testamento. Isso às vezes é traduzido de forma diferente porque várias palavras hebraicas podem significar “criatura viva” assim como “besta”, mas são traduzidas apenas como “besta”. No Antigo Testamento, portanto, besta (ou, fera) pode se referir ao seguinte:

1. Em geral, qualquer animal (por exemplo: [Gênesis 1.24](#); [Salmo 36.6](#)), mas não peixes, aves e insetos (por exemplo, [Gênesis 6.7](#); [Levítico 11.2](#); [Deuteronômio 4.17](#); [Jó 12.7](#); [35.11](#); [Sofonias 1.3](#)).
2. Um animal de estimação ou treinado (por exemplo: [Êxodo 19.13](#); [22.10](#); [Números 3.13](#); [31.47](#); [Juízes 20.48](#); [Provérbios 12.10](#); [Jeremias 21.6](#); [Zacarias 8.10](#)).
3. Um animal selvagem e às vezes carnívoro (por exemplo: [Gênesis 37.20](#); [Êxodo 23.11](#); [Deuteronômio 28.26](#); [1 Samuel 17.44](#); [Ezequiel 14.15](#)).

4. Figurativamente, "besta" é usada mais em Daniel e Apocalipse. Em Daniel (especialmente [Dn 7](#)), a besta é um símbolo de um governante mundial que persegue e oprime o povo de Deus. Em Apocalipse, o Apóstolo João aplica este conceito para falar sobre a perseguição final do povo de Deus no fim da história. A "besta" de João é semelhante ao "Anticristo" em suas cartas anteriores ([1Jo 2.18,22](#); [4.3](#); [2Jo 1.7](#)) e ao "homem da iniquidade" de Paulo ([2Ts 2.3](#)). Muitos comentaristas da Bíblia acham que os três termos referem-se à mesma pessoa.

Veja Anticristo; Armagedom; Marca da Besta; Apocalipse, Livro de.

Bete-Arã, Bete-Harã

Uma cidade dada à tribo de Gade na divisão de Canaã ([Js 13.27](#)). Foi defendida e usada para abrigar rebanhos de ovelhas ([Nm 32.36](#)).

Provavelmente é a mesma que Beth-Aramphtha, uma cidade mencionada pelo historiador judeu Josefo.

Bete-Jesimote

Uma cidade dada à tribo de Rúben ([Js 13.20](#)), que mais tarde é descrita como uma cidade moabita ([Ez 25.9](#)). Antes da conquista de Israel da Terra Prometida, eles acamparam ao longo do Jordão, de Bete-Jesimote até Abel-Sitim ([Nm 33.49](#)). A cidade é geralmente identificada com Tell el-Azeimeh.

Veja também Peregrinações no Deserto.

Bete-Ninra

Uma cidade moabita dada e reconstruída pela tribo de Gade na divisão da Terra Prometida ([Nm 32.3](#); [Js 13.27](#)). Bete-Ninra foi identificada com a moderna Tell el-Bleibil, a 12,9 quilômetros a leste do Rio Jordão.

Bete-Peor

Uma cidade moabita que foi dada à tribo de Rúben quando a terra prometida foi dividida ([Js 13.20](#)). Antes de os israelitas entrarem na terra de Canaã, eles acamparam em um vale em frente a Bete-Peor. O povo se reuniu para ouvir a mensagem final de Moisés depois que ele viu a terra do topo do Monte Pisga ([Dt 3.29](#); [4.46](#)). Moisés foi enterrado aqui depois que lhe foi proibido entrar na terra prometida ([Dt 34.6](#)). Baal-Peor (ou Baal de Peor) era o nome de uma divindade local adorada nesta área ([Nm 25.3-5](#)).

Bete-Reobe

Uma cidade ou distrito mencionado em [Juízes 18.28](#) e [2 Samuel 10.6](#). Provavelmente foi o ponto mais ao norte que os 12 espiões israelitas alcançaram quando exploraram a terra de Canaã. Provavelmente é o mesmo que Reobe ([Nm 13.21](#); [2Sm 10.8](#)).

Veja Reobe (Lugar).

Bete-Seã

Cidade Palestina estrategicamente localizada no subtropical Vale do Jordão, a 24,1 quilômetros ao sul do Mar da Galileia e a 6,4 quilômetros a oeste do rio Jordão. Bete-Seã ficava no extremo leste do vale de Jezreel, protegendo uma importante travessia do rio Jordão. Ficava na junção de duas rotas de comércio, uma levando para o norte em direção à Galileia e Damasco, a outra levando das montanhas de Gileade a oeste através do Vale de Jezreel e das colinas de Samaria.

Quando os filisteus derrotaram Israel sob o rei Saul na batalha no Monte Gilboa, Bete-Seã era uma cidade filisteia. Os corpos mortos de Saul e seus filhos foram pendurados em desgraça no muro da cidade, e a cabeça de Saul foi exibida no templo de Dagom, uma divindade filisteia ([1Sm 31.10-13](#); [2Sm 21.12-14](#); [1Cr 10.8-10](#)). A cidade mais tarde se tornou uma parte do reino de Davi.

A identificação de Bete-Seã com Tell el-Husn é confirmada por dois textos egípcios encontrados lá que mencionam seu nome. O tell, ou morro, tem 64,9 metros de altura e cerca de 804,5 metros em circunferência em sua base. Na época da conquista de Israel de Canaã, a área que incluía Bete-Seã foi alocada à tribo de Issacar, mas a tribo de Manassés

evidentemente a assumiu ([Js 17.11](#)). Sob o rei Salomão, foi incorporada no distrito administrativo de Baaná ([1Rs 4.12](#)). Acredita-se que a cidade tenha sido destruída por Sisaque (Sheshonk I), faraó do Egito no século 10 a.C. Sua importância foi mínima durante o restante do período do Antigo Testamento; a ocupação durante o exílio babilônico e o período persa pós-exílico parece ter ocorrido de forma esporádica.

No período helenístico, Bete-Seã recebeu o nome Citópolis, presumivelmente porque foi colonizada por uma colônia de mercenários citas servindo ao rei egípcio Ptolomeu II. Os templos às divindades gregas Dionísio e Zeus foram construídos. Sob a dinastia dos asmoneus, Bete-Seã se tornou um importante centro administrativo. Prosperou como membro da liga das cidades greco-romanas chamadas Decápolis ([Mt 4.25](#); [Mc 7.31](#)) e era o único membro da liga a oeste do Jordão.

Betel (Lugar), Betelita

1. Uma importante cidade do Antigo Testamento localizada a cerca de 17,7 quilômetros ao norte de Jerusalém, na estrada de cume norte-sul ao longo das fronteiras de Benjamim e Efraim ([Js 16.1-2](#); [18.13](#)). Hiel, um residente da cidade, é referido como um betelita em [1 Reis 16.34](#). Como centro comercial, Betel coletava mercadorias tanto da costa mediterrânea quanto de Transjordânia através de Jericó. Embora Betel estivesse em uma região seca e montanhosa, várias nascentes forneciam água suficiente para seus habitantes. O artefato mais antigo encontrado no local é um jarro de água de cerca de 3500 a.C. O nome "Betel", que significa "casa de El (deus)", pode ter sido usado pelos cananeus já no quarto milênio a.C. Descobertas arqueológicas entre a Idade da Pedra e a Idade do Bronze sugerem que os cananeus adoravam a divindade El no topo da colina. O patriarca Jacó nomeou o lugar Betel — ou deu ao nome antigo um novo significado — depois que Deus lhe enviou um sonho ali ([Gn 28.10-22](#)). O local era dito ser conhecido como Betel para o patriarca Abraão ([Gn 12.8](#)). No entanto, isso pode ser uma atualização posterior de um nome local mais antigo, já que Betel era anteriormente conhecida como Luz ([Gn 28.19](#)). É possível que o santuário fosse conhecido como Betel e a cidade próxima fosse chamada de Luz. No início da Idade do Bronze Intermediário, por volta de 2200 a.C., o nome Betel já estava bem estabelecido e continuou ao longo de sua história. Uma passagem bíblica menciona ambos os nomes, afirmando que um homem de Luz fundou outra cidade com o mesmo nome no território hitita ([Jz 1.26](#)). Embora Betel tenha sido atribuída à tribo de Benjamim, foi na verdade capturada pela tribo de Efraim de sua fortaleza cananeia ([Jz 1.22-26](#); [1Cr](#)

[7.28](#)). Durante o período dos juízes, a Arca da Aliança estava localizada em Betel, onde as práticas usuais de adoração israelita ocorriam sob o sumo sacerdote Fineias, filho de Eleazar ([Jz 20.18-28](#); [21.2-4](#)). Não há evidências arqueológicas de que os filisteus viveram em Betel durante o tempo dos juízes.

Durante o reinado do Rei Saul, Betel foi deixada em paz enquanto outras cidades israelitas eram atacadas (compare [1Sm 12-14](#)). Evidências arqueológicas mostram que Betel era próspera nas primeiras partes do reinado de Saul, mas quando ele fez de Gibeá sua capital, começou a declinar.

Quando os reinos de Israel e Judá se dividiram durante o reinado de Jeroboão I, Betel tornou-se novamente importante como a capital do reino do norte de Israel. Era a contraparte da capital de Judá, Jerusalém. Betel foi uma das duas cidades do norte onde bezerros de ouro eram adorados ([1Rs 12.28-33](#)). A localização exata do santuário para essa prática não foi descoberta.

A cidade também abrigava um profeta idoso ([1Rs 13.11](#)) que pode ter feito parte de uma comunidade profética que existia em Betel durante o tempo de Elias e Eliseu ([2Rs 2.2-3](#)). Durante o reinado do rei Abias de Judá, Betel caiu sob o controle de Judá ([2Cr 13.19](#)), mas mais tarde foi devolvida a Israel. O profeta Amós fez duras críticas à vida social e religiosa de Israel em Betel, levando o sacerdote Amazias a expulsá-lo ([Am 7.10-13](#)). Não há evidências arqueológicas de que Betel tenha sido destruída durante a conquista assíria de Israel em 722 a.C. Na verdade, um dos sacerdotes deportados foi devolvido a Betel para ensinar aos colonos mesopotâmicos sobre os caminhos do Senhor ([2Rs 17.28](#)). Sob o reinado do rei Josias de Judá, o santuário pagão

em Betel foi destruído ([2Rs 23.15-20](#)), mas a cidade em si não foi danificada. No entanto, durante o reinado de Nabonido ou Dario I, Betel foi queimada, e na época de Esdras, havia se tornado uma pequena aldeia ([Ed 2.28](#)).

2. Um nome alternativo para Betuel, uma cidade no território de Judá ([1Sm 30.27](#)).
Veja Betuel, Betul (Lugar).

Betsaida

1. Cidade a nordeste do Mar da Galileia. Betsaida era a casa de três dos discípulos de Jesus: André, Pedro e Filipe ([Jo 1.44](#); [12.21](#)). Jesus anunciou que a calamidade viria sobre Betsaida por causa de sua incredulidade, apesar das poderosas obras que ele havia feito lá ([Mt 11.21-22](#); [Lc 10.13](#)). Um homem cego foi curado em Betsaida ([Mc 8.22-26](#)), e nas proximidades mais de 5.000 pessoas foram alimentadas pelo milagre da multiplicação dos pães e peixes ([Mc 6.34-45](#); [Lc 9.10-17](#)).

Betsaida é mencionada em várias fontes antigas, principalmente os escritos de Josefo, um historiador judeu do primeiro século d.C. Duas cidades com o nome de Betsaida, uma de cada lado do Mar da Galileia, foram sugeridas porque a referência em Marcos menciona a alimentação dos 5.000 como acontecendo do outro lado do lago de Betsaida, enquanto em Lucas parece ter ocorrido perto de Betsaida. Uma possível explicação é que o milagre ocorreu nos arredores de Betsaida, mas que a forma mais rápida de chegar à cidade era atravessar parte do lago. Tal interpretação questiona a localização tradicional do milagre (et-Tabgha na costa oeste, mais perto de Cafarnaum), mas é preferível à proposta de duas Betsaidas, bem próximas entre si.

Betsaida era meramente uma aldeia de pescadores até que foi ampliada e embelezada por Filipe, o tetrarca (4 a.C. – 34 d.C.), filho de Herodes, o Grande, após a morte de César Augusto. Segundo Josefo, Filipe foi mais tarde sepultado naquele local. O nome de Betsaida foi alterado para Julias em honra de Júlia, filha de Augusto. Essa cidade foi defendida por Josefo quando ele era seu comandante militar durante a primeira revolta judaica contra Roma (66–70 d.C.).

Josefo escreveu que Betsaida estava “no lago de Genesaré”, mas “perto do rio Jordão”. Ele também disse que estava na baixa Gaulanite, um distrito que tocava o bairro nordeste do Mar da Galileia. Há, no entanto, não há “relato” antigo ou ruína que se encaixe no tamanho ou na descrição da cidade perto do lago ou do rio. Uma sugestão de que o pequeno porto de el-'Araj é o local de Betsaida tem pouco apoio arqueológico, mas et-Tell, localizado a cerca de 3,2 quilômetros do lago, mostra evidências de extensa invasão romana e atividade de construção. No momento, et-Tell parece ser o candidato mais satisfatório para identificação de Betsaida.

2. Um nome variante para o tanque em Jerusalém, também chamado de Betesda ou Betzata. *Veja* Betesda; Betzata.

Betuel (Pessoa)

O filho mais novo do irmão de Abraão, Naor, e sua esposa, Milca. Betuel era sobrinho de Abraão e pai de Rebeca ([Gn 22.23](#); [24.15,24](#)). Ele foi chamado de arameu de Padã-Arã ([Gn 25.20](#); [28.5](#)).

Betúlia

Uma cidade perto de onde o marido de Judite, Manassés, foi enterrado ([Jt 8.3](#)).

Betume

Uma substância natural semelhante ao asfalto, breu ou alcatrão. É uma substância espessa e pegajosa encontrada naturalmente no solo. As pessoas na antiguidade a utilizavam como um tipo de cola ou selante.

Betume (ou piche) foi utilizado como argamassa na construção da Torre de Babel ([Gn 11.3](#)). Também foi usado para selar o cesto de junco em que o bebê Moisés foi escondido ([Êx 2.3](#)). Em Israel, o vale de Sidim tinha muitos poços de betume. Alguns soldados caíram neles durante a guerra de Quedorlaomer contra Sodoma e Gomorra ([Gn 14.10](#)).

Betume é traduzido como "piche" na NTLH.

Veja também Asfalto; Minerais e metais.

Bezalel

1. O filho de Uri e o mestre artesão da tribo de Judá. Deus lhe deu habilidades especiais para estar encarregado da construção e do mobiliário do tabernáculo ([Êx 31.2; 35.30-31; 36.1-2; 37.1; 38.22; 1Cr 2.20; 2Cr 1.5](#)).
2. O filho de Paate-Moabe, que obedeceu à ordem de Esdras para se divorciar de sua esposa não judia após o exílio na Babilônia ([Ed 10.30](#)).

Bezer (Lugar)

Uma cidade de refúgio na terra de Rúben no deserto, a leste do Rio Jordão ([Dt 4.43; Js 20.8](#)). Mais tarde, foi dada à família Merari dos levitas ([Js 21.36; 1Cr 6.78](#)). Provavelmente é uma grafia diferente de Bosra em [Jeremias 48.24](#). De acordo com a Pedra Moabita, Bezer estava entre as cidades reconstruídas pelo Rei Mesa de Moabe.

Veja também Bosra #2; Cidades de Refúgio.

Bezerro

Um boi ou uma vaca jovem.

Veja Animais (Gado).

Bezerro de Ouro

Um ídolo em forma de bezerro foi feito com joias de ouro dadas pelos israelitas ([Êx 32.1-4](#)). O povo pediu a Arão que fizesse esse ídolo enquanto Moisés estava no Monte Sinai recebendo os Dez Mandamentos de Deus. Quando Moisés desceu da montanha, viu o povo adorando o bezerro de ouro e celebrando de maneiras imorais. Então, ele quebrou as tábuas de pedra que tinham os mandamentos escritos. Depois, ele moeu o bezerro de ouro em pó, espalhou-o sobre a água e fez o povo bebê-la ([Êx 32.15-20](#)). Alguns dos que adoraram o ídolo foram mortos ([Êx 32.25-29](#)). Outros foram punidos por Deus com uma praga ([Êx 32.33-35](#)).

O bezerro de ouro de Arão provavelmente foi inspirado em Ápis, um deus-touro egípcio. Ápis estava associado a outro deus egípcio chamado

Osíris. Quando esses touros morriam, eram enterrados como Osíris-Ápis. Este nome mais tarde se tornou Serápis durante o período entre o Antigo e o Novo Testamento. A seriedade do bezerro de ouro de Arão é evidenciada por várias menções a ele em outras partes da Bíblia ([Dt 9.16,21; Ne 9.18, Sl 106.19-20; At 7.39-41](#)).

Jeroboão I foi o primeiro rei do reino do norte de Israel após a divisão da nação. Ele governou de 930 a 909 a.C. Jeroboão estabeleceu centros de adoração (santuários) em Dã, no extremo norte, e em Betel, no sul. Ele colocou um bezerro de ouro em cada santuário ([1Rs 12.26-33; 2Cr 11.1315](#)). Os profetas de Israel sabiam que esses bezerros não eram o único Deus verdadeiro ([Os 8.5-6](#)). O profeta Oséias chamou o bezerro em Betel (que significa "casa de Deus") de bezerro de "Bete-Avém" (que significa "casa da maldade," [Os 10.5-6](#)). Dentro de 200 anos do governo de Jeroboão, as pessoas começaram a demonstrar tanta devoção que até beijavam os bezerros ([Os 13.2](#)). O ato pecaminoso de Jeroboão foi listado como uma das principais razões para a destruição de Samaria (a capital de Israel) e o exílio do reino do norte em 722 a.C. ([2Rs 17.16](#)).

Bezerro de ouro

Veja Bezerro de ouro.

Bíblia

Derivado do grego biblia ("livros"), que, embora plural, passou a ser usado como um substantivo singular e a representar a coleção de livros conhecida como as Escrituras. A ideia de uma coleção de escritos sagrados desenvolveu-se cedo no pensamento hebraico-cristão. Daniel, no século VI a.C., falou de um escrito profético como "os livros" ([Dn 9.2](#)). O escritor de 1 Macabeus (segundo século a.C.) referiu-se ao AT como "os livros sagrados" ([12.9](#)). Jesus referiu-se aos livros do AT como "as escrituras" ([Mt 21.42](#)), e Paulo falou deles como "as escrituras sagradas" ([Rm 1.2](#)).

A Bíblia está dividida em Antigo Testamento e Novo Testamento. Claro, não havia AT e NT antes da vinda de Cristo, apenas uma coleção de escritos sagrados. Mas depois que os apóstolos e seus associados produziram outro conjunto de literatura sagrada, a igreja começou a se referir ao AT e ao NT. Na verdade, "testamento" é a tradução

de uma palavra grega que poderia ser melhor traduzida como "aliança". Denota um arranjo feito por Deus para a orientação espiritual e benefício dos seres humanos. A aliança é inalterável: a humanidade pode aceitá-la ou rejeitá-la, mas não pode mudá-la. "Aliança" é uma palavra comum no AT; de várias alianças descritas no AT, a mais proeminente foi a lei dada a Moisés. Enquanto Israel estava se irritando e falhando sob a aliança mosaica, Deus prometeu-lhes uma "nova aliança" ([Jr 31.31](#)).

O termo "nova aliança" aparece várias vezes no NT. Jesus o utilizou ao instituir a Ceia do Senhor, com o objetivo de destacar a nova base de comunhão com Deus que pretendia estabelecer por meio de sua morte ([Lc 22.20](#); [1Co 11.25](#)). O apóstolo Paulo também mencionou essa nova aliança ([2Co 3.6.14](#)), assim como o autor de Hebreus ([Hb 8.8](#); [9.11-15](#)). A descrição detalhada do novo método de Deus de lidar com as pessoas (baseado na obra concluída de Cristo na cruz) é o tema dos 27 livros do NT. O relacionamento de Deus com as pessoas em antecipação à vinda do Messias (equivalente hebraico de "Cristo", que significa "Ungido") é certamente o tema principal dos 39 livros do AT, embora abordem muito mais do que isso. Escritores da igreja latina usaram *testamentum* para traduzir "aliança", e deles o uso passou para o inglês; assim, antigas e novas alianças tornaram-se AT e NT.

A primeira metade do AT segue uma disposição lógica e de fácil compreensão. De Gênesis a Ester, a história de Israel, de Abraão à restauração sob os auspícios persas, aparece em grande parte em ordem cronológica. Em seguida, vem um grupo de livros poéticos e os Profetas Maiores e Menores ("Maiores" significa os livros que são relativamente longos; "Menores" significa os livros que são relativamente curtos).

O NT também segue uma organização geralmente lógica. Começa com os quatro Evangelhos, que descrevem o nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo e seu treinamento de discípulos para continuarem seu trabalho após sua ascensão. O livro de Atos continua a narrativa onde os Evangelhos terminam e detalha a fundação da igreja e sua expansão pelas terras do Mediterrâneo. Na parte final do livro, o foco se volta para o apóstolo Paulo e suas atividades de plantação de igrejas. Em seguida, vêm as cartas que Paulo dirigiu às igrejas que fundou ou a jovens ministros que ele procurou encorajar. Após as Epístolas Paulinas, vem um grupo comumente chamado de Epístolas

Gerais. O último livro, Apocalipse, é uma obra apocalíptica.

O AT foi escrito quase inteiramente em hebraico, com algumas passagens isoladas em aramaico nos livros posteriores. Se alguém aceita a visão de que Moisés escreveu os primeiros cinco livros do AT (a posição que a própria Escritura assume), os primeiros livros do AT foram escritos por volta de 1400 a.C. (desde que se aceite a data inicial proposta para o êxodo). Se o último livro escrito foi Malaquias (antes de 400 a.C.), a composição ocorreu ao longo de 1.000 anos. Todos os escritores (cerca de 30 no total) eram judeus: profetas, juízes, reis e outros líderes em Israel.

O Novo Testamento foi provavelmente escrito inteiramente em grego. Se Tiago foi o primeiro a escrever um livro do Novo Testamento antes da metade do primeiro século, e se João foi o último (compondo Apocalipse por volta de 90 d.C.), o Novo Testamento foi escrito durante um período de 50 anos na segunda metade do primeiro século. Todos os escritores (provavelmente nove) eram judeus, com exceção de Lucas (autor de Lucas e Atos), e eles vieram de diversas origens: pescadores, médico, coletor de impostos e líderes religiosos.

Apesar da grande diversidade de autores no AT e NT, e da composição que abrange mais de 1.500 anos, há uma unidade notável no propósito geral. Os cristãos acreditam que Deus deve ter supervisionado a produção de um livro divino-humano que apresentaria adequadamente sua mensagem à humanidade.

O AT e o NT são partes de uma única revelação divina. O AT descreve o homem e a mulher no primeiro paraíso na antiga terra; o NT conclui com uma visão do novo céu e nova terra. O AT vê a humanidade como caída de uma condição sem pecado e separada de Deus; o NT vê os crentes como restaurados ao favor através do sacrifício de Cristo. O AT prediz um redentor vindouro que resgatará homens e mulheres da condenação eterna; o NT revela o Cristo que trouxe a salvação. Na maior parte do AT, o foco está em um sistema sacrificial no qual o sangue dos animais proporcionava uma solução temporária para o problema do pecado; no Novo, Cristo apareceu como aquele que veio para pôr fim a todo sacrifício — para ser ele mesmo o sacrifício supremo. No AT, numerosas predições previam um Messias vindouro que salvaria seu povo; no Novo, dezenas de passagens detalham como essas profecias foram minuciosamente cumpridas na pessoa de Jesus Cristo: o "filho de Abraão" e o "filho de Davi" ([Mt](#)

[1.1](#)). Como Agostinho disse há mais de 1.500 anos, “O Novo está contido no Antigo; o Antigo é explicado no Novo”.

A autoridade da Bíblia

Juiz de homens e nações, o Deus auto-revelado exerce autoridade e poder ilimitados. Toda autoridade e poder das criaturas derivam de Deus. Como o Criador soberano de tudo, o Deus da Bíblia deseja e tem o direito de ser obedecido. O poder que Deus concede é uma confiança divina, uma responsabilidade. As criaturas de Deus são moralmente responsáveis pelo uso ou abuso desse poder. Na sociedade humana caída, Deus deseja o governo civil para a promoção da justiça e da ordem. Ele aprova uma ordenação de relacionamentos autoritativos e criativos no lar, estipulando certas responsabilidades de maridos, esposas e filhos. Ele deseja um padrão de prioridades para a igreja também: Jesus Cristo como cabeça, profetas e apóstolos através dos quais a revelação redentora veio, e assim por diante. As Escrituras inspiradas, revelando a vontade transcendente de Deus em forma escrita objetiva, são a regra de fé e conduta através da qual Cristo exerce sua autoridade divina na vida dos cristãos.

A revolta contra autoridades específicas em nosso tempo se expandiu para uma revolta contra toda autoridade transcendente e externa. O questionamento generalizado da autoridade é tolerado e promovido em muitos círculos acadêmicos. Filósofos com uma visão radicalmente secular afirmaram que Deus e o sobrenatural são concepções míticas, e que processos e eventos naturais compreendem a única realidade última. Toda existência é considerada temporal e mutável, e todas as crenças e ideais são declarados como relativos à época e à cultura em que aparecem. A religião bíblica, portanto, como todas as outras, é vista como meramente um fenômeno cultural. A reivindicação da Bíblia à autoridade divina é rejeitada por tais pensadores; apocalipse transcendente, verdades fixas e mandamentos imutáveis são descartados como ficções piedosas.

Em nome do suposto “amadurecimento” do homem, o secularismo radical defende a autonomia humana e a individualidade criativa. Afirma-se que o homem é seu próprio senhor e o criador de seus próprios ideais e valores. Ele vive em um universo supostamente sem propósito, que presumivelmente surgiu de um acidente cósmico. Portanto, os seres humanos são declarados

totalmente livres para impor à natureza e à história quaisquer critérios morais que desejarem. Nessa visão, insistir em verdades e valores dados divinamente, em princípios transcendentais, seria reprimir a autorrealização e retardar o desenvolvimento pessoal criativo. Assim, a visão radicalmente secular vai além de se opor a autoridades externas específicas cujas reivindicações são consideradas arbitrárias ou imorais; o secularismo radical é agressivamente hostil a toda autoridade externa e objetiva, vendo-a como intrinsecamente restritiva do espírito humano autônomo.

Qualquer leitor da Bíblia reconhece a rejeição da autoridade divina e de um Apocalipse definitivo do que é certo e bom como um fenômeno antigo. Isso não é de forma alguma peculiar ao homem contemporâneo “amadurecer”; já foi encontrado no Éden. Adão e Eva se revoltaram contra a vontade de Deus em busca de preferência individual e interesse próprio. Mas sua revolta foi reconhecida como pecado, não racionalizada como gnose filosófica nas fronteiras do avanço evolutivo.

Se alguém adota uma visão estritamente desenvolvimentista, que considera toda a realidade contingente e mutável, qual base permanece para o papel decisivamente criativo da humanidade no universo? Como um cosmos sem propósito poderia atender à autorrealização individual? Somente a alternativa bíblica do Deus Criador-Redentor, que formou os seres humanos para a obediência moral e um alto destino espiritual, preserva verdadeiramente a dignidade permanente e universal da espécie humana. A Bíblia faz isso, no entanto, por meio de um chamado exigente para a decisão espiritual pessoal. A Bíblia apresenta a superioridade do homem em relação aos animais, sua alta dignidade (“por um pouco, menor do que Deus”, [Sl 8.5](#), ARA) por causa da imagem divina racional e moral que ele carrega pela criação. No contexto do envolvimento humano universal no pecado adâmico, a Bíblia profere um chamado divino misericordioso para a renovação redentora através da pessoa mediadora e obra de Cristo. A humanidade caída é convidada a experimentar a obra renovadora do Espírito Santo, a ser conformada à imagem de Jesus Cristo e a antecipar um destino final na presença eterna do Deus de justiça e justificação.

A rejeição contemporânea dos princípios bíblicos não se fundamenta em nenhuma demonstração lógica de que o argumento para o teísmo bíblico é falso; ela se baseia, ao contrário, em uma

preferência subjetiva por visões alternativas de "a boa vida".

A Bíblia não é o único lembrete significativo de que os seres humanos estão diariamente em um relacionamento responsável com o soberano Deus. O Criador revela sua autoridade no cosmos, na história e na consciência interior, uma revelação do Deus vivo que penetra na mente de cada ser humano ([Rm 1.18-20](#); [2.12-15](#)). A supressão rebelde dessa "revelação divina geral" não consegue suspender totalmente um temível senso de responsabilidade divina final ([1.32](#)). No entanto, é a Bíblia como "revelação especial" que mais claramente confronta nossa raça espiritualmente rebelde com a realidade e autoridade de Deus. Nas Escrituras, o caráter e a vontade de Deus, o significado da existência humana, a natureza do reino espiritual e os propósitos de Deus para os seres humanos em todas as eras são apresentados de forma proposicionalmente inteligível que todos podem entender. A Bíblia publica de forma objetiva os critérios pelos quais Deus julga indivíduos e nações, e os meios de recuperação moral e restauração para comunhão pessoal com ele.

O respeito pela Bíblia é, portanto, decisivo para o curso da cultura ocidental e, a longo prazo, para a civilização humana em geral. A revelação divina inteligível, a base para a crença na autoridade soberana do Deus Criador e Redentor sobre toda a vida humana, repousa na confiabilidade do que as Escrituras dizem sobre Deus e seus propósitos. O naturalismo moderno questiona a autoridade da Bíblia e ataca a alegação de que a Bíblia é a Palavra de Deus escrita, ou seja, uma revelação transcendental da mente e vontade de Deus em forma literária objetiva. A autoridade das Escrituras é o centro da tempestade tanto na controvérsia sobre a religião revelada quanto no conflito moderno sobre os valores civilizacionais.

A visão da Bíblia sobre ela mesma

A natureza inteligível da revelação divina — o pressuposto de que a vontade de Deus é conhecida na forma de verdades válidas — é o pressuposto central da autoridade da Bíblia. Grande parte da teologia neo-protestante recente menosprezou a ênfase evangélica tradicional como doutrinação e estática. Em vez disso, insistiu que a autoridade das Escrituras deve ser experimentada internamente como um testemunho da graça divina que gera fé e obediência, renunciando assim ao seu caráter objetivo como verdade universalmente válida. De forma um tanto inconsistente, quase todos os

teólogos neo-protestantes recorreram ao registro para apoiar cognitivamente quaisquer fragmentos do todo que pareçam coincidir com suas visões divergentes, mesmo que repudiem a Bíblia como um corpo especialmente revelado de ensino divino autoritativo. Se a revelação de Deus a profetas e apóstolos escolhidos deve ser considerada significativa e verdadeira, ela deve ser dada não apenas em conceitos isolados capazes de significados diversos, mas em sentenças ou proposições. Uma proposição — isto é, um sujeito, predicado e verbo de ligação (ou "cópula") — constitui a unidade lógica mínima de comunicação inteligível. A fórmula profética do AT "Assim diz o Senhor" caracteristicamente introduzia a verdade revelada proposicionalmente. Jesus Cristo empregou a fórmula distintiva "Mas eu vos digo" para introduzir sentenças logicamente formadas que ele representava como a verdadeira palavra ou doutrina de Deus.

A Bíblia é autoritativa porque é divinamente autorizada; em seus próprios termos, "toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus" ([2Tm 3.16](#), NTLH). De acordo com esta passagem, todo o AT (ou qualquer elemento dele) é divinamente inspirado. A extensão da mesma afirmação ao NT não é expressamente declarada, mas não é meramente implícita. O Novo Testamento contém indicações de que seu conteúdo deveria ser visto, e de fato foi visto, como não menos autoritativo que o Antigo. Os escritos do apóstolo Paulo são catalogados como "outras partes das Escrituras Sagradas" ([2Pe 3.15-16](#)). Sob o título de "Escritura", [1 Timóteo 5.18](#) cita [Lucas 10.7](#) ao lado de [Deuteronômio 25.4](#) (cp. [1Co 9.9](#)). O livro de Apocalipse, além disso, reivindica origem divina ([1.1-3](#)) e emprega o termo "profecia" no sentido do AT ([22.9-10.18](#)). Os apóstolos não distinguiram seu ensino falado e escrito, mas declararam expressamente sua proclamação inspirada como a palavra de Deus ([1Co 4.1](#); [2Co 5.20](#); [1Ts 2.13](#)).

A Bíblia continua sendo o livro mais amplamente impresso, traduzido e lido no mundo. Suas palavras foram valorizadas nos corações de multidões como nenhuma outra. Todos os que receberam seus dons de sabedoria e promessas de nova vida e poder eram inicialmente estranhos à sua mensagem redentora, e muitos eram hostis ao seu ensino e exigências espirituais. Em todas as gerações, seu poder de desafiar pessoas de todas as raças e terras foi demonstrado. Aqueles que valorizam o Livro porque ele sustenta a esperança futura, traz significado e poder ao presente, e correlaciona um passado mal utilizado com a graça perdoadora de

Deus não experimentariam por muito tempo tais recompensas internas se as Escrituras não fossem conhecidas por eles como a verdade autoritativa, divinamente revelada. Para o cristão, as Escrituras são a Palavra de Deus dada na forma objetiva de verdades proposicionais através de profetas e apóstolos divinamente inspirados, e o Espírito Santo é o doador da fé através dessa palavra.

Resumo

Vários outros artigos importantes sobre a Bíblia estão listados a seguir:

- Bíblia, Cânone da
- Bíblia, Inspiração da
- Bíblia, Manuscritos e texto da (Antigo Testamento)
- Bíblia, Manuscritos e texto da (Novo Testamento)
- Bíblia, Citações do Antigo Testamento no Novo Testamento
- Bíblia, Versões da (Antigas)

Bíblia de Genebra

Tradução da Bíblia para o inglês em 1560 na cidade de Genebra, Suíça. *Veja* Bíblia, Versões da (Inglês).

Bíblia, Cânone da

Os livros na Bíblia judaica e cristã que são considerados Escritura e, portanto, autoritativos em questões de fé e doutrina. O termo traduz tanto uma palavra grega quanto uma hebraica que significam "regra" ou "vara de medir". Trata-se de uma lista com a qual outros livros são comparados e pela qual são avaliados. Após o quarto século d.C., a igreja cristã ficou com apenas 66 livros que constituíam sua Escritura; 27 destes eram do NT e 39 eram do AT. Assim como Platão, Aristóteles e Homero formam um cânone da literatura grega, os livros do NT tornaram-se o cânone da literatura cristã. Os critérios para selecionar os livros no cânone judaico (o AT) não são conhecidos, mas claramente estavam relacionados ao seu valor na vida contínua e na religião da nação adoradora. Os critérios de seleção dos livros do NT giravam em torno de sua "apostolicidade", de acordo com os primeiros escritores da igreja. Assim como os do AT, esses livros foram coletados e preservados por igrejas locais no processo contínuo de sua adoração

e necessidade de orientação autoritativa para a vida cristã. A formação do cânone foi um processo, em vez de um evento, que levou vários séculos para alcançar a finalização em todas as partes do Império Romano. Cânone locais foram a base para comparação, e deles eventualmente emergiu o cânone geral que existe na cristandade hoje, embora algumas das igrejas orientais tenham um NT que é ligeiramente menor do que o aceito no Ocidente. O judaísmo, assim como o cristianismo como um todo, acredita que o Espírito de Deus estava operando de alguma forma providencial na produção e preservação de sua Palavra.

Cânone do Antigo Testamento

O Antigo Testamento é um nome que não aparece na literatura judaica. Os judeus preferem chamar sua coleção de Escrituras de TANAK — um acrônimo formado pelas primeiras letras de *Torah* (Lei), *Nevi'im* (Profetas) e *Kethubim* (Escritos). Em [Lucas 24.44](#) (NTLH), estes são chamados de "Lei de Moisés, nos livros dos Profetas e nos Salmos" (o primeiro livro da seção "Escritos" na Bíblia Hebraica). Os cristãos chamavam sua coleção de escritos de Novo Testamento. A palavra "testamento" significa aliança ou acordo. Na Bíblia, uma aliança é um acordo vinculativo entre Deus e seu povo. Deus fez uma aliança com Abraão e os patriarcas e, posteriormente, com Israel por meio de Moisés. Jesus falou de uma nova aliança com seus seguidores ([Mt 26.28](#)). Os cristãos do primeiro século acreditavam que a nova aliança de Cristo ([1Co 11.25](#)) introduzia os gentios nas promessas das alianças anteriores de Deus com Israel ([Ef 2.12](#)). Ela é chamada de "nova" porque a Nova Aliança cumpre e substitui a aliança feita por meio de Moisés ([Ir 31.31-34](#)). Por essa razão, a aliança com Moisés é chamada de "antiga aliança" no Novo Testamento ([Hb 8.7-13](#); [9.1.15-22](#)). Mais tarde, as pessoas passaram a usar o nome "Antigo Testamento" para a coleção de escritos anteriores.

Os termos "Antigo" e "Novo" não aparecem nos pais apostólicos do primeiro e segundo século ou nos apologistas do início ao meio do segundo século, mas aparecem na segunda metade do segundo século em Justino Mártir (*Diálogos* 11.2), Irineu (*Contra Heresias* 4.9.1) e Clemente de Alexandria (*Stromata* 1.5). Nestes autores, a expressão referia-se mais à aliança em si do que aos livros que a continham, embora a transferência eventualmente tenha sido feita. O termo "cânone" não foi usado no AT ou NT para se referir às Escrituras Judaicas. A ideia de limitação inerente à palavra não era apropriada à natureza da autoridade religiosa na

religião judaica durante os mil anos em que os livros do AT estavam sendo escritos. Somente a Torah foi concebida como incapaz de ser adicionada ou retirada ([Dt 4.2](#)). A religião judaica existiu por um milênio, de Moisés a Malaquias, sem um cânone fechado, ou seja, uma lista exclusiva de livros autoritativos. Nunca em sua história o povo do AT teve todos os 39 livros do AT. É difícil saber com certeza quando o cânon tomou sua forma final e os 39 livros do Antigo Testamento foram reconhecidos como autoritativos e os únicos livros com tal autoridade entre os escritos judaicos. Rabinos em Jabneel (também chamados de Yabneh, Yavneel e, posteriormente, Jâmnia) discutiram questões de autoridade religiosa cerca de 20 anos após a queda de Jerusalém em 70 d.C. No entanto, a lista mais antiga que inclui quase todos os 39 livros do Antigo Testamento é a produzida por Melito de Sardes por volta de 170 d.C. Esta lista não inclui nenhum livro escrito depois de Malaquias, a menos que Daniel seja datado do século II a.C. e a menção de Melito à "Sabedoria" de Salomão seja entendida como o livro grego Sabedoria de Salomão dos Apócrifos. Os Profetas e os Escritos sempre foram considerados secundários à Lei. Sua composição e coleção foi um processo em vez de um evento na vida do povo de Israel e funcionou amplamente como um registro da resposta da nação à Lei, que era tão sagrada que foi mantida (segundo a tradição rabínica: Talmude Babilônico, *Baba Bathra* 14a; cf. também *Documento do Cairo Damasco* 5.2) na Arca da Aliança que ficava no Santo dos Santos no tabernáculo. Em [Dt 31.26](#), no entanto, os levitas foram ordenados por Moisés apenas a colocar o Livro da Lei ao lado da arca. No entanto, sua própria presença no Santo dos Santos estabelece sua singularidade em relação a outros livros do AT.

Os 39 livros do AT moderno foram originalmente divididos em apenas 24, de acordo com o testemunho uniforme da tradição hebraica antiga. O Talmude, a literatura rabínica e provavelmente 4 Esdras testemunham este arranjo que incluía cinco livros da Lei, oito Profetas e onze Escritos (Grego — Hagiographa). As Bíblias hebraicas modernas refletem este arranjo tripartido que foi usado nas três primeiras edições impressas (Soncino, 1488; Nápoles, 1491–1493; Brescia, 1492–1494). A Lei continha o Pentateuco na ordem como nós a conhecemos, de Gênesis a Deuterônomo. Os oito Profetas eram Josué, Juízes, Samuel (1 e 2), Reis (1 e 2), Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Profetas Menores (todos os 12), que eram considerados como um único livro e organizados na mesma

ordem das nossas Bíblias em português. Os onze livros dos Escritos continham três de poesia (Sl, Pv, Jó), os Cinco Rolos (Ct, Rt, Lm, Ec, Et), que eram lidos nas festas importantes e organizados na ordem cronológica de sua observância, e três de narrativa ou históricos (Dn, Ed-Ne, 1 e 2Cr).

Desviando-se da tradição judaica autêntica, foram feitos esforços para dividir os livros em 21, combinando Rute com Juízes e Lamentações com Jeremias. Josefo foi o primeiro a fazê-lo, no primeiro século d.C., mas ele foi influenciado pelo Antigo Testamento grego, a Septuaginta. Orígenes observou no início do terceiro século que essa disposição também correspondia ao número de letras do alfabeto hebraico, assim como Atanásio no quarto século, e outros, incluindo Jerônimo. Concluiu-se, de forma duvidosa, que o número de livros na Bíblia Hebraica havia sido divinamente ordenado para concordar com o número de letras do alfabeto hebraico! Os pais da Igreja acrescentaram seu apoio a essa coincidência, que se tornou providência para eles. Todos esses esforços, no entanto, são de origem grega e não têm apoio na tradição hebraica.

Os manuscritos mais antigos existentes do AT completo em hebraico são os Textos Massoréticos, que datam do oitavo século d.C. Apenas manuscritos de livros individuais foram encontrados nos Rolos do Mar Morto. Os escribas massoréticos aparentemente não estabeleceram regras sobre a disposição dos livros, pois não há uma ordem uniforme dos Profetas Posteriores ou dos Escritos nos primeiros manuscritos hebraicos. A situação também não é diferente nas antigas traduções gregas do hebraico. Existe uma grande diversidade na ordem dos livros em todos os três de nossos manuscritos mais antigos — Códice Alexandrino, Vaticano e Sinaítico. Todos os primeiros autores cristãos que pretendem apresentar a ordem e o conteúdo da Bíblia Hebraica, mas que não refletem a divisão tripartite hebraica, são claramente dependentes da ordem Alexandrina refletida nessas edições gregas, em vez da Bíblia Hebraica. As Bíblias protestantes modernas seguem a ordem da Vulgata Latina e o conteúdo do hebraico. Tanto a Vulgata quanto a Septuaginta (tradução grega) continham os Apócrifos, que nunca foram aceitos pelos judeus. A Igreja Católica Romana inclui os Apócrifos em suas traduções em português devido à influência da Vulgata na tradição católica. Eles são considerados Deuterocanônicos.

Embora não tenha sido mantida uma uniformidade de ordem, a ordem Alexandrina, refletida nos manuscritos gregos, geralmente organizava os livros de acordo com seu assunto — narrativa, história, poesia e profecia, com os livros apócrifos devidamente intercalados nessas categorias. A divisão hebraica foi completamente ignorada.

As primeiras Bíblias Hebraicas dividiam o texto em pequenos parágrafos e seções maiores, de forma semelhante aos nossos parágrafos. Estas eram indicadas por espaços deixados entre elas — três letras entre as pequenas seções e nove letras entre as maiores. O número de seções não é o mesmo em todos os manuscritos. Jesus provavelmente se referiu a essas seções em seu comentário do “espinheiro que estava em fogo” (ou sarça ardente) ([Mc 12.26](#)). Mais tarde, necessidades litúrgicas levaram a divisões adicionais do texto para a leitura completa da Lei nas sinagogas babilônicas em um ano (54 seções) e nas sinagogas palestinas em três anos (154 seções). Estas estão refletidas nos ciclos de leituras marcados em algumas das primeiras Bíblias Hebraicas.

A divisão do texto em capítulos modernos, realizada no século 13 (c. 1228) para a Vulgata Latina por Estevão Langton, foi aplicada à Bíblia Hebraica em 1518 (Edição Bomberg). No entanto, os números não foram atribuídos aos capítulos até 1571 no texto de Montanus, uma Bíblia Hebraica com tradução interlinear em latim. Os versículos foram introduzidos na Grande Bíblia de Bomberg de 1547–1548, na qual cada quinto versículo era designado por um numeral hebraico 1, 5, 10, e assim por diante. Os versículos foram inseridos na Vulgata Latina em 1555 na edição in-octavo reduzida de Stephanus.

Cânone do Novo Testamento

O NT foi escrito em um período de meio século, vários séculos após a conclusão do AT. Ambas as partes dessa afirmação seriam questionadas por críticos modernos, que estenderiam o período de conclusão de ambos os Testamentos. No entanto, o autor desta pesquisa está confiante na veracidade histórica dessa afirmação, e a abordagem adotada para a canonização tanto do AT quanto do NT é baseada solidamente nesse duplo pressuposto.

Em certo sentido, possuímos uma certificação muito mais elevada do cânone do AT do que do NT. Nos referimos ao fato de que o imprimátur do nosso Senhor se manifesta pelo uso das Escrituras Hebraicas como a Palavra autoritativa de Deus. No entanto, há um sentido em que Jesus Cristo

também estabeleceu o conteúdo ou cânon do NT, por meio de antecipação. Foi ele quem prometeu: “Mas o Auxiliador, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ensinará a vocês todas as coisas e fará com que lembrem de tudo o que eu disse a vocês” e “ele ensinará toda a verdade a vocês” ([Jo 14.26](#); [16.13](#), NTLH).

A partir disso, podemos derivar o princípio básico de canonicidade para o NT. Ele é idêntico ao do AT, pois se resume a uma questão de inspiração divina. Quer pensemos nos profetas dos tempos do AT ou nos apóstolos e seus associados dados por Deus no Novo, o reconhecimento, no momento da escrita, de que eram porta-vozes autênticos de Deus é o que determina a canonicidade intrínseca de seus escritos. É totalmente a Palavra de Deus apenas se for inspirada por Deus. Podemos ter a certeza de que os livros em questão foram recebidos pela igreja da era apostólica precisamente quando foram certificados por um apóstolo como sendo assim inspirados. A aparente variação, em relação à área geográfica, no reconhecimento de algumas das epístolas do NT pode muito bem refletir o simples fato de que essa atestação era, por sua própria natureza, inicialmente localizada. Por outro lado, o fato de que todos os 27 livros do NT agora universalmente aceitos foram, em última análise, acordados é evidência de que a devida atestação foi de fato confirmada após investigação rigorosa.

Tertuliano, um destacado escritor cristão nas duas primeiras décadas do terceiro século, foi um dos primeiros a chamar as Escrituras Cristãs de “Novo Testamento”. Esse título já havia aparecido anteriormente (c. 190) em uma composição contra o Montanismo, cujo autor é desconhecido. Isso é significativo, pois seu uso colocou as Escrituras do NT em um nível de inspiração e autoridade equivalente ao AT.

A partir das informações disponíveis, o processo gradual que levou ao reconhecimento público pleno e formal de um cânone fixo dos 27 livros que compõem o NT nos leva até o quarto século de nossa era. Isso não significa necessariamente que essas Escrituras não eram reconhecidas em sua totalidade antes desse tempo, mas que a necessidade de definir oficialmente o cânone não era urgente até então.

Embora o período de tempo envolvido na escrita do NT tenha sido muito mais curto do que o do AT, a abrangência geográfica de sua origem é muito mais ampla. Essa circunstância, por si só, é suficiente para explicar a falta de reconhecimento

espontâneo ou simultâneo da extensão precisa do cânone do NT. Devido ao isolamento geográfico dos diversos destinatários de partes do NT, era inevitável haver algum atraso e incerteza de uma região para outra no reconhecimento de alguns dos livros.

Para compreender exatamente o que ocorreu no processo de canonização dos livros do NT, devemos revisar os fatos disponíveis para nós. Isso nos permitirá analisar *como* e *por que* nossos antepassados cristãos decidiram pelos 27 livros em nosso NT.

O processo histórico foi gradual e contínuo, mas será mais fácil compreendê-lo se subdividirmos os quase três séculos e meio envolvidos em períodos de tempo mais curtos. Alguns mencionam três grandes etapas rumo à canonização, o que sugere, sem justificativa, que há passos facilmente discerníveis ao longo do caminho. Outros simplesmente apresentam uma longa lista de nomes de pessoas e documentos envolvidos, o que dificulta perceber qualquer progresso. Aqui, faremos uma divisão um tanto arbitrária em cinco períodos, lembrando que a disseminação do conhecimento da literatura sagrada e o crescente consenso sobre sua autenticidade como Escritura inspirada continuaram ininterruptamente. Os períodos são:

1. Primeiro século
2. Primeira metade do segundo século
3. Segunda metade do segundo século
4. Terceiro século
5. Quarto século

Novamente, sem querer insinuar que estas são etapas bem definidas, será útil observar as principais tendências observáveis em cada um dos períodos recém-identificados. No primeiro período, é claro, os vários livros foram escritos, mas também começaram a ser copiados e disseminados entre as igrejas. No segundo, à medida que se tornaram mais amplamente conhecidos e valorizados por seus conteúdos, começaram a ser citados como autoritativos. Ao final do terceiro período, eles ocupavam um lugar reconhecido ao lado do AT como "Escritura", e começaram a ser tanto traduzidos para línguas regionais quanto a ser objeto de comentários. Durante o terceiro século d.C., nosso quarto período, a coleta de livros em um todo "Novo Testamento" estava em andamento, juntamente com um processo de seleção que os separava de

outras literaturas cristãs. O período final, ou quinto, encontra os pais da igreja do quarto século afirmando que as conclusões sobre o cânone foram alcançadas, indicando aceitação por toda a igreja. Assim, no sentido mais estrito e formal da palavra, o cânone havia se tornado fixo. Resta listar em maior detalhe as forças e indivíduos que produziram as fontes escritas testemunhando este processo notável através do qual, pela providência de Deus, herdamos nosso NT.

Período um: primeiro século

O princípio que determina o reconhecimento da autoridade dos escritos canônicos do NT foi estabelecido dentro do conteúdo desses próprios escritos. Há repetidas exortações para a leitura pública das comunicações apostólicas. No final de sua Primeira Carta aos Tessalonicenses, possivelmente o primeiro livro do NT a ser escrito, Paulo diz: "Peço com insistência, pela autoridade do Senhor, que esta carta seja lida para todos os irmãos" ([1Ts 5.27](#), NTLH). Mais cedo na mesma carta, Paulo elogia a pronta aceitação de sua palavra falada como "a mensagem de Deus" ([2.13](#)), e em [1 Coríntios 14.37](#) ele fala de forma semelhante sobre seus "mandamentos", insistindo que sua mensagem seja reconhecida como um mandamento do próprio Senhor. (Veja também [Cl 4.16](#); [Ap 1.3](#).) Em [2 Pedro 3.15-16](#), as cartas de Paulo são incluídas com "outras partes das Escrituras Sagradas". Como a carta de Pedro é global, o conhecimento difundido das cartas de Paulo é, portanto, implícito. Altamente indicativo também é o uso de Paulo em [1 Timóteo 5.18](#). Ele segue a fórmula "as Escrituras Sagradas dizem" com uma citação combinada sobre não amordçar um boi ([Dt 25.4](#)) e "o trabalhador merece seu salário" (cf. [Lc 10.7](#)). Assim, uma equivalência é implícita entre a Escritura do AT e um Evangelho do NT.

Em 95 d.C., Clemente de Roma escreveu aos cristãos em Corinto usando uma interpretação livre do material de Mateus e Lucas. Ele parece ser fortemente influenciado por Hebreus e obviamente está familiarizado com Romanos e as cartas aos Coríntios. Há também reflexos de Efésios, 1 Timóteo, Tito e 1 Pedro.

Período dois: primeira metade do segundo século

Um dos primeiros manuscritos do Novo Testamento já descobertos, um fragmento de João do Egito conhecido como o papiro João Rylands,

demonstra como os escritos do apóstolo João eram reverenciados e copiados por volta de 125 d.C., dentro de 30 a 35 anos após sua morte. Há evidências de que, dentro de 30 anos após a morte do apóstolo, todos os Evangelhos e cartas paulinas eram conhecidos e usados em todos aqueles centros dos quais qualquer evidência chegou até nós. É verdade que algumas das cartas menores estavam sendo questionadas quanto à sua autoridade em alguns lugares por talvez mais 50 anos, mas isso se devia apenas à incerteza sobre sua autoria naquelas localidades específicas. Isso demonstra que a aceitação não estava sendo imposta pelas ações dos concílios, mas estava acontecendo espontaneamente através de uma resposta normal por parte daqueles que haviam aprendido os fatos sobre a autoria. Nos lugares onde as igrejas estavam incertas sobre a autoria ou aprovação apostólica de certos livros, a aceitação foi mais lenta.

Os três primeiros pais da igreja notáveis, Clemente, Policarpo e Inácio, usaram a maior parte do material do NT de maneira reveladoramente casual — as Escrituras autenticadas estavam sendo aceitas como autoritativas sem discussão. Nos escritos desses homens, apenas Marcos (que se assemelha muito ao material de Mateus), 2 Pedro, 2 e 3 João, e Judas não são claramente atestados.

As Epístolas de Inácio (c. 115 d.C.) apresentam correspondências em vários locais com os Evangelhos e parecem incorporar a linguagem de várias das cartas paulinas. A Didaquê (ou Ensino dos Doze), possivelmente ainda mais antiga, faz referências a um Evangelho escrito. O mais importante é que Clemente, Barnabé e Inácio fazem uma clara distinção entre seus próprios escritos e os escritos apostólicos inspirados e autoritativos.

É na Epístola de Barnabé (c. 130 d.C.) que encontramos pela primeira vez a fórmula “está escrito” (4.14) usada em referência a um livro do NT ([Mt 22.14](#)). Mas mesmo antes disso, Policarpo, que tinha conhecimento pessoal com testemunhas oculares do ministério do nosso Senhor, usou uma citação combinada do AT e do NT. Citando a admoestação de Paulo em [Efésios 4.26](#), onde o apóstolo cita o [Salmo 4.4](#) e faz uma adição, Policarpo em sua Epístola aos Filipenses introduz a referência por “como é dito nestas Escrituras” (12.4). Então Pápias, bispo de Hierápolis (c. 130–140), em uma obra preservada para nós por Eusébio, menciona pelo nome os Evangelhos de Mateus e Marcos, e seu uso deles como base de exposição indica sua aceitação deles como

canônicos. Também por volta de 140 d.C., o recentemente descoberto Evangelho da Verdade (uma obra de orientação gnóstica provavelmente autoria de Valentim) faz uma contribuição importante. Seu uso de fontes canônicas do NT, tratando-as como autoritativas, é abrangente o suficiente para justificar a conclusão de que em Roma, neste período, havia uma compilação do NT em existência que correspondia muito de perto à nossa. São feitas citações dos Evangelhos, Atos, cartas de Paulo, Hebreus e o livro de Apocalipse.

O herege Marcião, ao definir um cânone limitado próprio (c. 140), efetivamente apressou o dia em que os crentes ortodoxos precisariam se posicionar sobre essa questão. Rejeitando todo o AT, Marcião optou pelo Evangelho de Lucas (eliminando os caps. [1](#) e [2](#) por serem muito judaicos) e pelas cartas de Paulo (exceto as pastorais). Curiosamente, especialmente à luz de [Colossenses 4.16](#), ele substituiu o nome “Laodicensis” por Efésios.

Perto do final deste período, Justino Mártir, ao descrever os cultos da igreja primitiva, coloca os escritos apostólicos no mesmo nível dos profetas do AT. Ele afirma que a voz que falou através dos apóstolos de Cristo no NT era a mesma que falou através dos profetas — a voz de Deus — e a mesma voz que Abraão ouviu, respondendo com fé e obediência. Justino também usava livremente a expressão “está escrito” ao citar as Escrituras do NT.

Período três: segunda metade do segundo século

Ireneu teve o privilégio de iniciar seu treinamento cristão sob Policarpo, um discípulo dos apóstolos. Depois, como presbítero em Lyon, ele teve associação com o bispo Potino, cuja própria formação também incluía contato com cristãos da primeira geração. Ireneu cita quase todo o Novo Testamento com base em sua autoridade e afirma que os apóstolos foram dotados de poder do alto. Ele diz que eles estavam “totalmente informados sobre todas as coisas, e tinham um conhecimento perfeito... tendo de fato todos em igual medida e cada um individualmente o Evangelho de Deus” (*Contra as Heresias* 3.3). Ireneu dá razões para haver quatro Evangelhos. “A palavra”, ele diz, “nos deu o Evangelho em uma forma quádrupla, mas mantida unida por um Espírito”. Além dos Evangelhos, ele também faz referência a Atos, todas as cartas de Paulo, exceto Filemom, 1 Pedro, 1 João e o livro de Apocalipse.

Tatiano, aluno de Justino Mártir, criou uma harmonia dos quatro Evangelhos, o *Diatessaron*, confirmando o status igual que eles tinham na igreja por volta de 170 d.C. Outros “evangelhos” já haviam surgido até então, mas ele reconheceu apenas os quatro. Também datando de cerca de 170 está o *cânon Muratoriano*. Uma cópia deste documento do século VIII foi descoberta e publicada em 1740 pelo bibliotecário L. A. Muratori. O manuscrito está mutilado em ambas as extremidades, mas o texto restante deixa evidente que Mateus e Marcos estavam incluídos na parte agora ausente. O fragmento começa com Lucas e João, cita Atos, 13 cartas Paulinas, 1 e 2 João, Judas e Apocalipse. Segue-se uma declaração: “Aceitamos apenas o Apocalipse de João e Pedro, embora alguns de nós não queiram que ele [Apocalipse de Pedro é 2 Pedro?] seja lido na Igreja”. A lista continua a rejeitar nominalmente vários líderes heréticos e seus escritos.

Versões traduzidas existiam nesse período. Na forma de traduções em siríaco e latim antigo, temos, por volta de 170 d.C., um testemunho adequado dos ramos extremos oriental e ocidental da igreja, como poderíamos esperar de outras evidências em mãos. O cânone do NT é representado sem adições e com a omissão de apenas um livro, 2 Pedro.

Período quatro: terceiro século

Um nome cristão notável do terceiro século é Orígenes (185–254 d.C.). Um estudioso e intérprete prodigioso, ele realizou estudos críticos do texto do NT (junto com seu trabalho na *Hexapla*) e escreveu comentários e homilias sobre a maioria dos livros do NT, enfatizando sua inspiração divina.

Dionísio de Alexandria, aluno de Orígenes, indica que, enquanto a igreja ocidental aceitou o livro do Apocalipse desde o início, sua posição no Oriente era variável. No caso da carta aos Hebreus, a situação era inversa. Ela se mostrou mais incerta no Ocidente do que no Oriente. Quando se trata de outros livros disputados (observe, aliás, que todos nessa categoria ocupam a última posição em nossas Bíblias atuais — de Hebreus a Apocalipse), entre as chamadas “Epístolas Católicas”, Dionísio apoia Tiago, 1, 2 e 3 João, mas não 2 Pedro ou Judas.

Período cinco: quarto século

No início deste período, a imagem começa a se esclarecer. Eusébio (c. 270–340, bispo de Cesareia antes de 315), o grande historiador da igreja, apresenta sua estimativa do cânone em sua

História Eclesiástica (3.3–25). Aqui ele faz uma declaração direta sobre o status do cânon na primeira parte do século IV: (1) Universalmente aceitos como canônicos eram os quatro Evangelhos, Atos, cartas de Paulo (incluindo Hebreus, com questionamento sobre sua autoria), 1 Pedro, 1 João e Apocalipse; (2) Admitidos pela maioria, incluindo o próprio Eusébio, mas contestados por alguns, estavam Tiago, 2 Pedro (o mais fortemente contestado), 2 e 3 João, e Judas; e (3) Os Atos de Paulo, o Didaquê e o Pastor de Hermas foram classificados como “espúrios”, e ainda outros escritos foram listados como “heréticos e absurdos”.

É na segunda metade do quarto século, no entanto, que o cânon do NT encontra sua declaração completa e final. Em sua *Carta Festiva* para a Páscoa de 367, o bispo Atanásio de Alexandria incluiu informações destinadas a eliminar de uma vez por todas o uso de certos livros apócrifos. Esta carta, com sua admoestação, “Que ninguém acrescente a estes; que nada seja retirado”, nos fornece o documento mais antigo existente que especifica nossos 27 livros sem qualificação. No final do século, o Concílio de Cartago (397 d.C.) decretou que “além das Escrituras canônicas, nada deve ser lido na igreja sob o Nome de Escrituras Divinas”. Isso também lista os 27 livros do NT.

O avanço repentino do Cristianismo sob o Imperador Constantino (Édito de Milão, 313) teve grande influência na aceitação de todos os livros do NT no Oriente. Quando ele encarregou Eusébio de preparar “cinquenta cópias das Escrituras Divinas”, o historiador, plenamente ciente de quais eram os livros sagrados pelos quais muitos crentes estavam dispostos a dar suas próprias vidas, efetivamente estabeleceu o padrão que deu reconhecimento a todos os livros que antes eram duvidosos. No Ocidente, é claro, Jerônimo e Agostinho foram os líderes que exerceram uma influência determinante. A publicação dos 27 livros na versão Vulgata praticamente resolveu a questão.

Princípios e fatores que determinam o cânone

Por sua própria natureza, a Sagrada Escritura, seja do AT ou do NT, é uma obra dada por Deus, não uma criação humana. A chave para a canonicidade é a inspiração divina. Portanto, o método de determinação não é uma seleção entre vários candidatos possíveis (na verdade, não há outros candidatos), mas sim a recepção de material autêntico e seu consequente reconhecimento por

um círculo cada vez mais amplo à medida que os fatos de sua origem se tornam conhecidos.

Em certo sentido, o movimento de Montano, que foi declarado herético pela igreja de sua época (meados do segundo século), impulsionou o reconhecimento de um cânone fechado da Palavra escrita de Deus. Ele ensinava que o dom profético foi concedido permanentemente à igreja e que ele próprio era um profeta. A pressão para lidar com o Montanismo, portanto, intensificou a busca por uma autoridade básica, e a autoria ou aprovação apostólica passou a ser reconhecida como o único padrão seguro para identificar a revelação de Deus. Mesmo dentro do registro das Escrituras, os profetas do primeiro século eram subordinados e sujeitos à autoridade apostólica (veja, e.g., [1Co 14.29-30](#); [Ef 4.11](#)).

Durante a Reforma Protestante, quando todas as coisas estavam sendo reexaminadas, alguns dos Reformadores procuraram maneiras de tranquilizar a si mesmos e seus seguidores sobre o cânon das Escrituras. Isso foi, de certa forma, um aspecto infeliz do pensamento da Reforma, pois uma vez que Deus, em sua providência, havia determinado para seu povo o conteúdo fixo das Escrituras, isso se tornou um fato histórico e não algo que pudesse ser repetido. No entanto, Lutero estabeleceu um teste teológico para os livros da Bíblia (e questionou alguns deles) — “Eles ensinam Cristo?” Igualmente subjetiva, ao que parece, foi a insistência de Calvino de que o Espírito de Deus dá testemunho a cada cristão individual em qualquer época da história da igreja sobre o que é sua Palavra e o que não é.

Na verdade, mesmo para a aceitação inicial da Palavra escrita, não é seguro nem sensato (tanto quanto as Escrituras ou a história nos ensinam) dizer que o reconhecimento e a recepção foram uma questão intuitiva. Foi, na verdade, uma questão de simples obediência aos comandos conhecidos de Cristo e seus apóstolos. Como vimos no início, nosso Senhor prometeu ([Jo 14.26](#); [16.13](#)) comunicar todas as coisas necessárias através de seus agentes. Os apóstolos estavam conscientes dessa responsabilidade e agência enquanto escreviam. A explicação de Paulo em [1 Coríntios 2.13](#) é apropriada: “Portanto, quando falamos, nós usamos palavras ensinadas pelo Espírito de Deus e não palavras ensinadas pela sabedoria humana. Assim explicamos as verdades espirituais aos que são espirituais” (NTLH).

Portanto, a igreja primitiva, com laços mais estreitos e mais informações do que temos hoje,

examinou o testemunho dos antigos. Eles foram capazes de discernir quais livros eram autênticos e autoritativos por sua origem apostólica. A associação de Marcos com Pedro e de Lucas com Paulo lhes conferiu tal aprovação apostólica, e epístolas como Hebreus e Judas também estavam ligadas à mensagem e ao ministério apostólico. A consistência incontestável da doutrina em todos os livros, incluindo os às vezes contestados, foi talvez um teste secundário. Mas, historicamente, o procedimento foi essencialmente de aceitação e aprovação daqueles livros que foram garantidos por líderes da igreja conhecedores. A aceitação plena pelos destinatários originais, seguida por um reconhecimento e uso contínuos, é um fator essencial no desenvolvimento do cânone.

O conceito de cânone da igreja, derivado primeiramente da reverência dada às Escrituras do AT, baseava-se na convicção de que os apóstolos foram exclusivamente autorizados a falar em nome daquele que possuía toda autoridade — o Senhor Jesus Cristo. O desenvolvimento a partir daí é lógico e direto. Aqueles que ouviram Jesus pessoalmente estavam imediatamente sujeitos à sua autoridade. Ele autenticou pessoalmente suas palavras aos crentes. Esses mesmos crentes sabiam que Jesus autorizou seus apóstolos a falar em seu nome, tanto durante quanto (mais significativamente) após seu ministério terreno. Falar apostolicamente em nome de Cristo foi reconhecido na igreja, seja em pronunciamento pessoal ou em forma escrita. Tanto a palavra falada de um apóstolo quanto a carta de um apóstolo constituíam a palavra de Cristo.

A geração que seguiu a dos próprios apóstolos recebeu o testemunho daqueles que sabiam que os apóstolos tinham o direito de falar e escrever em nome de Cristo. Consequentemente, a segunda e terceira geração de cristãos olhou para trás, para as palavras apostólicas (escritos) como as próprias palavras de Cristo. Isso é o que realmente se entende por canonização — o reconhecimento da Palavra divinamente autenticada. Assim, os crentes (a igreja) não estabeleceram o cânone, mas simplesmente testemunharam sua extensão ao reconhecer a autoridade da palavra de Cristo.

Bíblia, Inspiração da

Termo teológico para a influência que Deus exerceu sobre os escritores das Escrituras, permitindo-lhes transmitir suas revelações por escrito.

A própria Bíblia nos diz que é um texto inspirado.

Diz, "Toda Escritura é dada pela inspiração de Deus" ([2Tm 3.16](#), KJV). Uma tradução mais próxima do idioma original (grego) seria: "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (ARA). Isso nos diz que cada palavra da Bíblia foi soprada por Deus. As palavras da Bíblia vieram de Deus e foram escritas por homens. O apóstolo Pedro afirmou isso quando disse que "Acima de tudo, porém, lembrem disto: ninguém pode explicar, por si mesmo, uma profecia das Escrituras Sagradas. Pois nenhuma mensagem profética veio da vontade humana, mas as pessoas eram guiadas pelo Espírito Santo quando anunciavam a mensagem que vinha de Deus" ([2Pe 1.20-21](#), NTLH).

"Homens falaram da parte de Deus." Esta frase curta é a chave para entender como a Bíblia surgiu. Milhares de anos atrás, Deus escolheu certos homens — como Moisés, Davi, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel — para receber suas palavras e escrevê-las. O que eles escreveram se tornou livros, ou seções, do AT. Há quase 2.000 anos, Deus escolheu outros homens — como Mateus, Marcos, Lucas, João e Paulo — para comunicar sua nova mensagem, a mensagem de salvação através de Jesus Cristo. O que eles escreveram tornou-se livros, ou seções, do NT.

Deus deu suas palavras a esses homens de muitas maneiras diferentes. Certos escritores do AT receberam mensagens diretamente de Deus. Moisés recebeu os Dez Mandamentos inscritos em uma pedra quando estava na presença de Deus no Monte Sinai. Quando Davi estava compondo seus salmos para Deus, ele recebeu inspiração divina para prever certos eventos que ocorreriam 1.000 anos depois na vida de Jesus Cristo. Deus disse aos seus profetas — como Isaías e Jeremias — exatamente o que dizer; portanto, quando eles transmitiam uma mensagem, era a palavra de Deus, não a deles. É por isso que muitos profetas do AT frequentemente diziam: "Assim diz o Senhor." (Esta declaração aparece mais de 2.000 vezes no AT.) Para outros profetas, como Ezequiel e Daniel, Deus comunicou sua mensagem através de visões e sonhos. Eles registraram exatamente o que viram, entendendo ou não. E outros escritores do AT, como Samuel e Esdras, foram direcionados por Deus para registrar eventos na história de Israel.

Quatrocentos anos após o último livro do AT (Malaquias) ser escrito, o Filho de Deus, Jesus Cristo, veio à terra. Em suas exposições, ele

afirmava a autoria divina dos escritos do AT (veja [Mt 5.17-19](#); [Lc 16.17](#); [Jo 10.35](#)). Além disso, ele frequentemente apontava para certas passagens no AT como tendo previsto certos eventos em sua vida (veja [Lc 24.27,44](#)). Os escritores do NT também afirmaram a inspiração divina do texto do AT. Foi o apóstolo Paulo quem foi dirigido por Deus a escrever: "Toda a Escritura é inspirada por Deus". Especificamente, ele estava falando do AT. E, como já foi mencionado, Pedro disse que os profetas do AT foram motivados pelo Espírito Santo a falar da parte de Deus.

O NT também é um livro inspirado por Deus. Antes de Jesus deixar esta terra e retornar ao seu Pai, ele disse aos discípulos que enviaria o Espírito Santo a eles. Ele lhes disse que uma das funções do Espírito Santo seria lembrá-los de todas as coisas que Jesus havia dito e depois guiá-los a mais verdade (veja [Jo 14.26](#); [15.26](#); [16.13-15](#)). Aqueles que escreveram os Evangelhos foram ajudados pelo Espírito Santo a lembrar as palavras exatas de Jesus, e aqueles que escreveram outras partes do NT foram guiados pelo Espírito enquanto escreviam.

A inspiração para escrever os Evangelhos não começou quando os autores colocaram a pena no papiro; a inspiração começou quando os discípulos Mateus, Pedro (para quem Marcos escreveu) e João foram iluminados por seus encontros com Jesus Cristo, o Filho de Deus. As experiências dos apóstolos com ele alteraram suas vidas para sempre, imprimindo em suas almas imagens inesquecíveis do Deus-homem revelado, Jesus Cristo.

É disso que João estava falando no prólogo de seu Evangelho quando declarou: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória" ([1.14](#), parafraseado). O "nós" refere-se àqueles que foram testemunhas oculares da glória de Jesus — os apóstolos que viveram com Jesus por mais de três anos. Esta reminiscência é expandida no prólogo de João à sua primeira epístola, onde ele diz "nós o ouvimos, tocamos, vimos e contemplamos" ([1Jo 1.1-2](#), parafraseado). Em ambos o Evangelho e a Epístola, os verbos estão no tempo perfeito, denotando uma ação passada com um efeito presente e duradouro. Aqueles encontros passados com Jesus nunca foram esquecidos por João; eles viveram com ele e permaneceram com ele como um espírito inspirador até o dia — muitos anos depois — em que ele escreveu sobre eles em seu Evangelho. O mesmo pode ser dito de Mateus, que escreveu um Evangelho importante, e Pedro, que foi realmente o autor por trás da composição de

Marcos. Lucas não foi uma testemunha ocular, mas baseou seu Evangelho nos relatos daqueles que foram (veja [Lc 1.1-4](#)).

A inspiração para a escrita das Epístolas também pode ser rastreada até os encontros dos escritores com o Cristo vivo. O escritor de epístolas mais proeminente, Paulo, afirma repetidamente que sua inspiração e subsequente comissão vieram de seu encontro com o Cristo ressuscitado (veja, por exemplo, [1Co 15.8-10](#)). Pedro também afirma que seus escritos foram baseados em suas experiências com o Cristo vivo (veja [1Pe 5.1](#); [2Pe 1.16-18](#)). E assim faz João, que afirma ter experimentado o Deus-homem visivelmente, audivelmente e palpavelmente (veja [1Jo 1.1-4](#)). Tiago e Judas não fazem tal afirmação diretamente, mas como eram irmãos de Jesus que se converteram quando viram o Cristo ressuscitado (isso é certo para Tiago — veja [1Co 15.7](#) — e presumido para Judas — veja [At 1.14](#)), eles também tiraram sua inspiração de seus encontros com o Cristo vivo. Assim, todos os escritores das epístolas (com a possível exceção daquele que escreveu Hebreus, que é desconhecido) conheceram o Cristo vivo. Este é o relacionamento que os qualificou para escrever aqueles livros que se tornaram parte do cânon do NT. Isso os tornou distintos de todos os outros, não importava quão bons fossem seus escritos.

Os escritores das epístolas do NT foram inspirados pelo Espírito quando escreveram. Falando por todos os apóstolos, Paulo indicou que os apóstolos do NT foram ensinados pelo Espírito Santo o que dizer. Os escritores do NT não falaram com palavras "ensinadas pela sabedoria humana", mas com "palavras ensinadas pelo Espírito Santo" (veja [1Co 2.10-13](#)). O que eles escreveram foi ensinado pelo Espírito. Por exemplo, quando o apóstolo João viu que Jesus Cristo veio para dar a vida eterna aos homens, o Espírito o ajudou a expressar essa verdade de muitas maneiras diferentes. Assim, o leitor do Evangelho de João vê diferentes frases sobre Jesus dando vida: "nele estava a vida", "um poço de água viva jorrando para a vida eterna", "o pão da vida", "a luz da vida", "a ressurreição e a vida", etc. (veja [Jo 1.4](#); [4.14](#); [6.48](#); [8.12](#); [11.25](#); [14.6](#)). Quando o apóstolo Paulo contemplou a plenitude da divindade de Cristo, ele foi inspirado pelo Espírito a usar frases como "nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade", "nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento", e "as insondáveis riquezas de Cristo" (veja [Cl 2.3.9](#); [Ef 3.8](#)).

À medida que o Espírito ensinava os escritores, eles usavam seu próprio vocabulário e estilo de escrita para expressar o pensamento do Espírito. Assim, as Escrituras vieram como resultado da cooperação divina e humana. As Escrituras não foram inspiradas mecanicamente — como se Deus usasse os homens como máquinas através das quais Ele ditava a expressão divina. Em vez disso, as Escrituras foram inspiradas por Deus, depois escritas por homens. A Bíblia, portanto, é tanto totalmente divina quanto totalmente humana.

Bíblia, Manuscritos e Texto do (Antigo Testamento)

Cópias dos livros do AT foram produzidas por escribas e edições feitas a partir dessas cópias. Os manuscritos antigos do AT são o material de trabalho básico usado para buscar o texto original da Bíblia com o maior grau de precisão possível. Este processo é chamado de crítica textual, às vezes designado como "crítica baixa" para distingui-lo da "crítica alta", que é a análise da data, unidade e autoria dos escritos bíblicos.

Resumo:

- Manuscritos importantes do Antigo Testamento
- Versões significativas do Antigo Testamento
- O texto do Antigo Testamento

Manuscritos importantes do Antigo Testamento

A maioria dos manuscritos medievais do AT apresenta uma forma bastante padronizada do texto hebraico. Essa padronização reflete o trabalho dos escribas medievais conhecidos como massoretas (d.C. 500–900); o texto resultante de seu trabalho é chamado de Texto Massorético. A maioria dos manuscritos importantes datados do século 11 d.C. ou posteriores reflete essa mesma tradição textual básica. No entanto, como o Texto Massorético não se estabilizou até bem depois de 500 d.C., muitas questões sobre seu desenvolvimento nos séculos anteriores permanecem sem resposta. Assim, a tarefa principal para os críticos textuais do AT tem sido comparar testemunhos anteriores para descobrir como o Texto Massorético surgiu e como ele e os testemunhos anteriores da Bíblia Hebraica estão relacionados. Isso nos leva à tarefa inicial da crítica textual: a coleta de todos os registros possíveis dos escritos bíblicos.

Todas as fontes primárias das Escrituras Hebraicas são manuscritos escritos à mão, geralmente em peles de animais, papiro ou, às vezes, metal. O fato de serem escritos à mão é a origem de muitas dificuldades para a crítica textual. Erros humanos e alterações editoriais são frequentemente responsáveis pelas muitas leituras variantes nos manuscritos do AT e do NT. O fato de os manuscritos antigos serem escritos em peles ou papiro é outra fonte de dificuldade. Devido à decomposição natural, a maioria dos manuscritos antigos remanescentes encontra-se fragmentada e de difícil leitura.

Existem muitas testemunhas secundárias do antigo texto do AT, incluindo traduções para outros idiomas, citações usadas tanto por amigos quanto por inimigos da religião bíblica, e evidências de textos impressos antigos. A maioria das testemunhas secundárias sofreu de maneiras semelhantes às primárias. Elas também contêm inúmeras variantes devido a erros de escribas, tanto intencionais quanto acidentais, e estão fragmentadas como resultado da decadência natural. Como existem leituras variantes nos manuscritos antigos remanescentes, estas devem ser coletadas e comparadas. A tarefa de comparar e listar as leituras variantes é conhecida como colação.

Manuscritos com o Texto Massorético

A história textual do Texto Massorético é uma narrativa significativa por si só. Este texto da Bíblia Hebraica é o mais completo existente. Ele forma a base para nossas Bíblias Hebraicas modernas e é o protótipo contra o qual todas as comparações são feitas nos estudos textuais do AT. É chamado de massorético porque, em sua forma atual, é baseado na *Massorá*, a tradição textual dos estudiosos judeus conhecidos como os massoretas de Tiberíades. (Tiberíades era a localização de sua comunidade no Mar da Galileia). Os massoretas, cuja escola floresceu entre 500 e 1000 d.C., padronizaram o texto consonantal tradicional adicionando pontuação vocálica e notas marginais. (O antigo alfabeto hebraico não tinha vogais).

O Texto Massorético, como existe hoje, deve muito à família Ben Asher. Por cinco ou seis gerações, desde a segunda metade do século oito até meados do século dez d.C., essa família desempenhou um papel de liderança no trabalho massorético em Tiberíades. Um registro fiel de seu trabalho pode ser encontrado nos manuscritos massoréticos mais antigos existentes, que remontam aos dois últimos

membros dessa família. O manuscrito massorético datado mais antigo é o Códice Cairense (895 d.C), atribuído a Moses ben Asher (Moisés, filho de Asher). Este manuscrito continha tanto os Profetas Anteriores (Josué, Juízes, Samuel e Reis) quanto os Profetas Posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os 12 Profetas Menores). O restante do AT está ausente deste manuscrito.

O outro manuscrito importante remanescente atribuído à família Ben Asher é o Códice de Aleppo. De acordo com a nota conclusiva do manuscrito, Aaron ben Moses ben Asher (Aarão, filho de Moisés, filho de Asher) foi responsável por escrever as notas massoréticas e pontuar o texto. Este manuscrito continha todo o AT e data da primeira metade do século dez d.C. Foi supostamente destruído em tumultos anti-judaicos em 1947, mas isso provou ser apenas parcialmente verdadeiro. A maior parte do manuscrito foi preservada e será usada como base para uma nova edição crítica da Bíblia Hebraica a ser publicada pela Universidade Hebraica em Jerusalém.

O manuscrito conhecido como Códice de Leningrado, atualmente armazenado na Biblioteca Pública de Leningrado, é de especial importância como testemunha do texto de Ben Asher. De acordo com uma nota no manuscrito, ele foi copiado em 1008 d.C. a partir de textos escritos por Aaron ben Moses ben Asher. Como o texto hebraico completo mais antigo do AT (o Códice de Aleppo) não estava disponível para os estudiosos no início deste século, o Códice de Leningrado foi usado como base textual para os textos hebraicos populares de hoje: *Bíblia Hebraica*, editada por R. Kittel, e sua revisão, *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, editada por K. Elliger e W. Rudolf.

Há um número considerável de códices manuscritos menos importantes que refletem a tradição massorética: o Códice de Petersburgo dos Profetas e os Códices de Erfurt. Há também vários manuscritos que não existem mais, mas que foram utilizados por estudiosos no período massorético. Um dos mais proeminentes é o Códice Hillel, tradicionalmente atribuído ao Rabino Hillel ben Moses ben Hillel (Hillel, filho de Moisés, filho de Hillel) por volta de 600 d.C. Este códice era considerado muito preciso e foi usado para a revisão de outros manuscritos. Leituras deste códice são citadas repetidamente pelos massoretas medievais. O Códice Muga, o Códice de Jericó e o Códice de Jerusalém, também não mais existentes, foram igualmente citados pelos massoretas. Esses manuscritos eram provavelmente exemplos

proeminentes de textos não pontuados que se tornaram parte de um consenso padronizador nos primeiros séculos d.C. Eles lançaram as bases para o trabalho dos massoretas de Tiberíades.

Apesar da completude dos manuscritos massoréticos da Bíblia Hebraica, ainda há um grande problema para os críticos textuais do Antigo Testamento. Os manuscritos massoréticos, por mais antigos que sejam, foram escritos entre 1.000 e 2.000 anos após os autógrafos originais. Testemunhos anteriores do antigo texto hebraico eram necessários para confirmar a precisão do Texto Massorético.

Os Rolos do Mar Morto

Os testemunhos antigos mais importantes da Bíblia Hebraica são os textos descobertos em Wadi Qumran nas décadas de 1940 e 1950. (*Wadi* é uma palavra árabe para um leito de rio que é seco, exceto na estação chuvosa). Antes das descobertas de Qumran, os manuscritos hebraicos mais antigos existentes do AT datavam de cerca de 900 d.C. A maior importância dos Rolos do Mar Morto, portanto, reside na descoberta de manuscritos bíblicos que remontam a apenas cerca de 300 anos após o fechamento do cânon do AT. Isso os torna 1.000 anos mais antigos do que os manuscritos mais antigos anteriormente conhecidos pelos estudiosos bíblicos. Os textos encontrados em Wadi Qumran foram todos concluídos antes da conquista romana da Palestina em 70 d.C., e muitos são anteriores a este evento por um bom tempo. Entre os Rolos do Mar Morto, o Rolo de Isaías recebeu mais publicidade, embora a coleção contenha fragmentos de todos os livros da Bíblia Hebraica, com exceção de Ester.

Como a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto é extremamente importante para a crítica textual do Antigo Testamento, uma breve história e descrição dessas descobertas recentes é apropriada. Os manuscritos agora conhecidos como Rolos do Mar Morto são uma coleção de textos bíblicos e extrabíblicos de Qumran, uma antiga comunidade religiosa judaica próxima ao Mar Morto.

Antes da descoberta de Qumran, poucos manuscritos haviam sido encontrados na Terra Santa. O pai da igreja primitiva, Orígenes (terceiro século d.C.), mencionou o uso de manuscritos hebraicos e gregos que haviam sido armazenados em jarros em cavernas perto de Jericó. No século nove d.C., um patriarca da igreja oriental, Timóteo I, escreveu uma carta a Sérgio, metropolita

(arcebispo) de Elão, na qual ele também se referiu a um grande número de manuscritos hebraicos encontrados em uma caverna perto de Jericó. No entanto, por mais de 1.000 anos desde então, nenhuma outra descoberta significativa de manuscritos foi feita em cavernas naquela região perto do Mar Morto.

Descobertas de pergaminhos em Wadi Qumran

A história dos manuscritos do Mar Morto, tanto sobre seu esconderijo quanto sobre sua descoberta, parece uma história de aventura e mistério. Tudo começou com um telefonema na tarde de quarta-feira, 18 de fevereiro de 1948, na conturbada cidade de Jerusalém. Butrus Sowmy, bibliotecário e monge do Mosteiro de São Marcos, no bairro armênio da Cidade Velha de Jerusalém, estava chamando por John C. Trever, diretor interino das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental (ASOR). Sowmy estava preparando um catálogo da coleção de livros raros do mosteiro. Entre eles, ele encontrou alguns pergaminhos em hebraico antigo que, segundo ele, estavam no mosteiro há cerca de 40 anos. Será que a ASOR poderia fornecer-lhe algumas informações para o catálogo?

No dia seguinte, Sowmy e seu irmão trouxeram uma mala contendo cinco pergaminhos ou partes de pergaminhos embrulhados em um jornal árabe. Ao puxar a ponta de um dos pergaminhos, Trever descobriu que estava escrito em uma escrita hebraica clara e quadrada. Ele copiou várias linhas desse pergaminho, examinou cuidadosamente outros três, mas não conseguiu desenrolar o quinto porque estava muito frágil. Depois que os sírios partiram, Trever contou a história dos pergaminhos a William H. Brownlee, um membro da ASOR. Trever observou ainda nas linhas que havia copiado do primeiro pergaminho a ocorrência dupla de uma construção negativa incomum em hebraico. Além disso, a escrita hebraica dos pergaminhos era mais arcaica do que qualquer coisa que ele já tinha visto.

Trever então visitou o Mosteiro de São Marcos. Lá, ele foi apresentado ao arcebispo sírio Atanásio Samuel, que lhe deu permissão para fotografar os pergaminhos. Trever e Brownlee compararam o estilo de caligrafia nos pergaminhos com uma fotografia do Papiro de Nash, um pergaminho inscrito com os Dez Mandamentos e [Deuteronômio 6.4](#), datado por estudiosos do primeiro ou segundo século a.C. Os dois estudiosos da ASOR concluíram

que a escrita nos manuscritos recém-descobertos pertencia ao mesmo período. Quando o diretor da ASOR, Millar Burrows, retornou a Jerusalém vindo de Bagdá alguns dias depois, ele viu os pergaminhos, e os três homens continuaram sua investigação. Só então os sírios revelaram que os pergaminhos haviam sido comprados no ano anterior, em 1947, e não estavam no mosteiro há 40 anos como foi inicialmente relatado.

Como os sírios haviam conseguido os pergaminhos? Antes que essa pergunta pudesse ser respondida, muitos relatos fragmentados precisavam ser reunidos. Em algum momento durante o inverno de 1946–47, três beduínos estavam cuidando de suas ovelhas e cabras perto de uma nascente nas proximidades de Wadi Qumran. Um dos pastores, ao lançar uma pedra por uma pequena abertura no penhasco, ouviu o som da pedra aparentemente quebrando um jarro de cerâmica dentro. Outro beduíno mais tarde desceu até a caverna e encontrou dez jarros altos alinhados nas paredes. Três manuscritos (um deles em quatro partes) armazenados em dois dos jarros foram removidos da caverna e oferecidos a um negociante de antiguidades em Belém.

Vários meses depois, os beduínos conseguiram mais quatro pergaminhos (um deles em duas partes) da caverna e os venderam para outro comerciante em Belém. Durante a Semana Santa de 1947, o Mosteiro Ortodoxo Sírio de São Marcos em Jerusalém foi informado sobre os quatro pergaminhos, e o metropolita Athanasius Samuel se ofereceu para comprá-los. A venda, no entanto, só foi concluída em julho de 1947, quando os quatro pergaminhos foram adquiridos pelo mosteiro. Eles incluíam um pergaminho completo de Isaías, um comentário sobre Habacuque, um pergaminho contendo um Manual de Disciplina da comunidade religiosa de Qumran e o Apócrifo de Gênesis (originalmente pensado ser o livro apócrifo de Lameque, mas na verdade uma paráfrase aramaica de Gênesis).

Em novembro e dezembro de 1947, um negociante de antiguidades armênio em Jerusalém informou o falecido E. L. Sukenik, professor de arqueologia na Universidade Hebraica em Jerusalém, sobre os primeiros três pergaminhos encontrados na caverna pelos beduínos. Sukenik então adquiriu os três pergaminhos e dois jarros do negociante de antiguidades em Belém. Eles incluíam um pergaminho incompleto de Isaías, os Hinos de Ação de Graças (contendo 12 colunas de salmos originais) e o Rolo da Guerra. (Esse pergaminho

descreve uma guerra, real ou espiritual, das tribos de Levi, Judá e Benjamim contra os moabitas e edomitas. *Veja Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas*).

Em 1º de abril de 1948, o primeiro comunicado de imprensa apareceu em jornais ao redor do mundo, seguido por outro comunicado em 26 de abril por Sukenik sobre os manuscritos que ele já havia adquirido na Universidade Hebraica. Em 1949, Athanasius Samuel trouxe os quatro pergaminhos do Mosteiro de São Marcos para os Estados Unidos. Eles foram exibidos em vários lugares e finalmente foram comprados em 1º de julho de 1954, em Nova York, por 250.000 dólares, pelo filho de Sukenik, para a nação de Israel e enviados para a Universidade Hebraica em Jerusalém. Hoje, eles estão em exibição no museu Santuário do Livro, na Jerusalém Ocidental.

Devido à importância da descoberta inicial dos Rolos do Mar Morto, tanto arqueólogos quanto beduínos continuaram a busca por mais manuscritos. No início de 1949, G. Lankester Harding, diretor de antiguidades do reino da Jordânia, e Roland G. de Vaux, da Escola Bíblica Dominicana em Jerusalém, escavaram a caverna (designada Caverna Um, ou 1Q) onde a descoberta inicial foi feita. Várias centenas de cavernas foram exploradas no mesmo ano. Até agora, 11 cavernas no Wadi Qumran revelaram tesouros. Quase 600 manuscritos foram recuperados, dos quais cerca de 200 são material bíblico. Os fragmentos somam entre 50.000 e 60.000 peças. Cerca de 85% dos fragmentos são de couro; os outros 15% são de papiro. O fato de que a maioria dos manuscritos é de couro contribuiu para a questão de sua preservação.

Provavelmente, a caverna mais importante depois da Caverna Um é a Caverna Quatro (4Q), que forneceu cerca de 40.000 fragmentos de 400 manuscritos diferentes, dos quais 100 são bíblicos. Todos os livros do AT, exceto Ester, estão representados.

Além dos manuscritos bíblicos, as descobertas incluíam obras apócrifas, como fragmentos hebraicos e aramaicos de Tobias, Eclesiástico e a Carta de Jeremias. Também foram encontrados fragmentos de livros pseudoepígrafos, como 1 Enoque, o Livro dos Jubileus e o Testamento de Levi.

Muitos pergaminhos sectários peculiares à comunidade religiosa que vivia em Qumran também foram encontrados. Eles fornecem um

contexto histórico sobre a natureza do judaísmo pré-cristão e ajudam a preencher as lacunas da história intertestamentária. Um dos pergaminhos, o Documento de Damasco, havia aparecido originalmente no Cairo, mas manuscritos dele agora foram encontrados em Qumran. O Manual de Disciplina foi um dos sete pergaminhos da Caverna Um. Manuscritos fragmentários dele foram encontrados em outras cavernas. O documento fornece os requisitos de entrada do grupo, além de regulamentos que regem a vida na comunidade de Qumran. Os Hinos de Ação de Graças incluem cerca de 30 hinos, provavelmente compostos por um único indivíduo.

Havia também muitos comentários sobre diferentes livros do AT. O Comentário de Habacuque era uma cópia dos dois primeiros capítulos de Habacuque em hebraico, acompanhada por um comentário versículo por versículo. O comentário fornece muitos detalhes sobre uma figura apocalíptica chamada "Mestre da Justiça", que é perseguido por um sacerdote perverso.

Uma descoberta única foi feita na Caverna Três (3Q) em 1952. Era um pergaminho de cobre, medindo cerca de oito pés (2,4 metros) de comprimento e um pé (30,5 centímetros) de largura. Como era frágil, não foi aberto até 1966, e então apenas cortando-o em tiras. Ele continha um inventário de cerca de 60 locais onde tesouros de ouro, prata e incenso estavam escondidos. Os arqueólogos não conseguiram encontrar nenhum deles. Essa lista de tesouros, possivelmente do templo de Jerusalém, pode ter sido armazenada na caverna pelos Zelotes (um partido político judeu revolucionário) durante sua luta com os romanos em 66–70 d.C.

Durante a Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, o filho de Sukenik, Yigael Yadin, da Universidade Hebraica, adquiriu um documento de Qumran chamado Rolo do Templo. Esse rolo, enrolado de forma compacta, mede 28 pés (8,5 metros) e é o rolo mais longo encontrado até agora na área de Qumran. Uma grande parte dele é dedicada aos estatutos dos reis e questões de defesa. Ele também descreve festas sacrificiais e regras de limpeza. Quase metade do rolo fornece instruções detalhadas para a construção de um futuro templo, supostamente reveladas por Deus ao autor do rolo.

Manuscritos importantes dos Rolos do Mar Morto

Entre as centenas de manuscritos bíblicos descobertos nas 11 cavernas ao redor do Mar Morto, há alguns muito significativos, especialmente para estudos textuais. Estes estão listados abaixo. (O primeiro número indica a caverna, Q indica Qumran, e a abreviação para o livro bíblico segue, muitas vezes acompanhada por uma letra sobrescrita para manuscritos sucessivos contendo o mesmo livro).

1QIsa^a

Este é o primeiro Rolo do Mar Morto a receber ampla atenção. Ele é datado de cerca de 100 a.C. O texto, que inclui a maior parte de Isaías, é proto-massorético com algumas variantes significativas.

1QIsa^b

O texto, que inclui a maior parte de Isaías, é proto-massorético. É datado de um período entre 25 a.C. e 50 d.C.

2QJer

Este manuscrito é datado de um período entre 25 a.C. e 50 d.C. e contém partes dos capítulos de Jeremias [42–49](#). Ele apresenta algumas leituras que seguem a Septuaginta (LXX), enquanto segue a ordem dos capítulos encontrada nos textos proto-massoréticos. Para o livro de Jeremias, a Septuaginta e o Texto Massorético são bastante diferentes: a Septuaginta é um oitavo mais curta e possui uma disposição diferente dos capítulos.

4QpaleoExod^m

Este manuscrito, que contém a maior parte de Êxodo, é datado de um período bastante antigo: 200–175 a.C. Como tal, ele forneceu aos estudiosos algumas percepções interessantes sobre a história inicial da transmissão textual de Êxodo e do Pentateuco. O manuscrito apresenta muitas semelhanças com o Pentateuco Samaritano.

4QNumb

Este manuscrito, datado de 30 a.C.–20 d.C., contém a maior parte de Números. O livro de Números existia em três tradições textuais distintas: o Texto Massorético, o Pentateuco Samaritano e a Septuaginta. Este manuscrito, 4QNumb, mostra semelhanças com o Pentateuco Samaritano e a Septuaginta, enquanto possui suas próprias leituras únicas.

4QSam^a

Este manuscrito, contendo cerca de um décimo de 1 e 2 Samuel, é datado de aproximadamente 50–25 a.C. Acredita-se que este manuscrito, que mostra algumas semelhanças com a Septuaginta, possua várias leituras que são superiores ao Texto Massorético.

4QJer^a

Este manuscrito, contendo partes de [Jeremias 7–22](#), data de cerca de 200 a.C. Geralmente, concorda com o Texto Massorético.

4QJer^b

Este manuscrito, datado de cerca de 150–125 a.C., segue a disposição da Septuaginta, bem como sua brevidade. A importância disso é que dois textos diferentes de Jeremias foram usados na era pré-cristã — um que era proto-massorético (como o 4QJer^a) e outro que era semelhante à Septuaginta.

11QPs^a

Este manuscrito, datado de cerca de 25 a 50 d.C., preserva muitos salmos. No entanto, estes não estão na sequência tradicional encontrada na Bíblia Hebraica. Além disso, o manuscrito contém vários outros salmos, alguns dos quais eram conhecidos de outras versões antigas e outros que eram desconhecidos até serem encontrados neste manuscrito.

Descobertas de rolos em Wadi Murabba'at

Em 1951, os beduínos descobriram mais manuscritos em cavernas no Wadi Murabba'at, que se estende a sudeste de Belém em direção ao Mar Morto, cerca de 11 milhas (17,7 quilômetros) ao sul de Qumran. Quatro cavernas foram escavadas lá em 1952 sob a direção de Harding e de Vaux. Elas forneceram documentos bíblicos e materiais importantes, como cartas e moedas, da época da segunda revolta judaica sob Bar-Kochba em 132–135 d.C. Entre os manuscritos bíblicos estava um rolo contendo um texto hebraico dos Profetas Menores, datado do segundo século d.C. Este manuscrito corresponde quase perfeitamente ao Texto Massorético, sugerindo que, no segundo século, um texto consonantal padrão já estava se formando. Também foram encontrados em Wadi Murabba'at fragmentos do Pentateuco (os cinco livros de Moisés) e de Isaías.

Além dos Rolos do Mar Morto, testemunhos antigos do Antigo Testamento Hebraico realmente escritos na língua hebraica são quase inexistentes. Por isso, os Rolos do Mar Morto podem facilmente ser uma das maiores descobertas arqueológicas de todos os

tempos. Eles nos levam 1.000 anos mais fundo na história do Antigo Testamento Hebraico, permitindo-nos avaliar todas as outras testemunhas antigas com maior compreensão.

Os livros do Antigo Testamento mais frequentemente representados entre os Rolos do Mar Morto são Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Salmos e Isaías. O texto mais antigo é um fragmento de Êxodo datado de cerca de 250 a.C. O Rolo de Isaías data de cerca de 100 a.C. Esses testemunhos antigos confirmam a precisão do Texto Massorético e o cuidado com que os escribas judeus manuseavam as Escrituras. Exceto por algumas instâncias em que a ortografia e a gramática diferem entre os Rolos do Mar Morto e o Texto Massorético, os dois são incrivelmente semelhantes. As diferenças não justificam grandes mudanças na substância do Antigo Testamento. No entanto, essas descobertas estão ajudando os estudiosos bíblicos a obter uma compreensão mais clara do texto em um momento anterior de sua história e desenvolvimento.

As primeiras conclusões sobre a antiguidade dos primeiros Rolos do Mar Morto não foram aceitas por todos. Alguns estudiosos estavam convencidos de que os rolos eram de origem medieval. Uma série de questões está relacionada ao problema da datação. Quando os textos em Qumran foram compostos? Quando foram depositados nas cavernas? A maioria dos estudiosos acredita que os manuscritos foram colocados nas cavernas por membros da comunidade de Qumran quando as legiões romanas estavam sitiando fortalezas judaicas, pouco antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C.

O estudo cuidadoso do conteúdo de um documento às vezes revela sua autoria e a data em que foi escrito. Um exemplo de uso de tal evidência interna para datar uma obra não bíblica é encontrado no Comentário de Habacuque. Ele fornece pistas sobre as pessoas e eventos nos dias do autor do comentário, não nos dias do profeta Habacuque. O comentarista descreveu os inimigos do povo de Deus como os Quitim. Originalmente, essa palavra denotava Chipre, mas mais tarde passou a se referir mais geralmente às ilhas gregas e às costas do Mediterrâneo oriental. Em [Daniel 11.30](#), o termo é usado profeticamente, e a maioria dos estudiosos identifica os Quitim com os romanos. Assim, o Comentário de Habacuque foi provavelmente escrito por volta da época da captura romana da Palestina sob Pompeu em 63 a.C.

Outro item importante a considerar ao datar um manuscrito é a data de sua cópia. Embora a grande maioria dos manuscritos não tenha data, muitas vezes é possível determinar quando um manuscrito foi escrito por meio da paleografia, o estudo da escrita antiga. Esse foi o método inicialmente empregado por Trever quando ele comparou a escrita do Rolo de Isaías com o Papiro Nash, datando-o para a era pré-cristã. Suas conclusões foram confirmadas pelo falecido William F. Albright, que era o principal arqueólogo americano na época. Durante o tempo do cativeiro babilônico, a escrita quadrada tornou-se o estilo normal de escrita em hebraico (assim como em aramaico, um idioma relacionado ao hebraico). A evidência da paleografia claramente data a maioria dos rolos de Qumran para o período entre 200 a.C. e 200 d.C.

A arqueologia fornece outro tipo de evidência externa. A cerâmica descoberta em Qumran data dos períodos helenístico tardio e romano inicial (200 a.C.–100 d.C.). Artigos de barro e ornamentos apontam para o mesmo período. Várias centenas de moedas foram encontradas em jarros datados do período greco-romano. Uma rachadura em um dos edifícios é atribuída a um terremoto que, segundo Josefo (um historiador judeu que escreveu durante o primeiro século d.C.), ocorreu em 31 a.C. As escavações em Khirbet Qumran indicam que o período geral de ocupação foi de cerca de 135 a.C. a 68 d.C., o ano em que a revolta zelote foi esmagada por Roma.

Finalmente, a análise de radiocarbono ajudou a datar as descobertas. A análise de radiocarbono é um método para datar material com base na quantidade de carbono radioativo restante nele. O processo também é conhecido como datação por carbono-14. Aplicada ao tecido de linho que envolvia os pergaminhos, a análise forneceu uma data de 33 d.C., com uma margem de erro de mais ou menos 200 anos. Um teste posterior delimitou a data entre 250 a.C. e 50 d.C. Embora possam haver questões sobre a relação das envolturas de linho com a data dos próprios pergaminhos, o teste de carbono-14 está de acordo com as conclusões tanto da paleografia quanto da arqueologia. O período geral, então, no qual os Rolos do Mar Morto podem ser datados com segurança é entre cerca de 150 a.C. e 68 d.C.

O Papiro de Nash

Antes da descoberta dos Rolos do Mar Morto, o testemunho hebraico mais antigo do AT era o

Papiro Nash. Este manuscrito foi adquirido no Egito por W. L. Nash em 1902 e foi doado à Biblioteca da Universidade de Cambridge. Ele contém uma cópia danificada dos Dez Mandamentos ([Êx 20.2–17](#)), parte de [Deuteronômio 5.6–21](#), e também o Shemá ([Dt 6.4](#) em diante). Esta é claramente uma coleção de passagens usadas para devoção e culto, datada do mesmo período que os Rolos do Mar Morto, entre 150 a.C. e 68 d.C.

Fragmentos da Genizá do Cairo

Perto do final do século 19, muitos fragmentos dos séculos 6 ao 8 foram encontrados em uma antiga sinagoga no Cairo, Egito, que havia sido a Igreja de São Miguel até 882 d.C. Eles foram descobertos em uma genizá, uma sala de armazenamento onde manuscritos desgastados ou defeituosos eram guardados até que pudessem ser descartados adequadamente. Esta genizá aparentemente havia sido murada e esquecida até sua recente descoberta. Neste pequeno cômodo, foram preservados até 200.000 fragmentos, incluindo textos bíblicos em hebraico e aramaico. O fato de que os fragmentos bíblicos datam do século quinto d.C. os torna inestimáveis para lançar luz sobre o desenvolvimento do trabalho massorético antes da padronização instituída pelos grandes massoretas de Tiberíades.

Versões significantes do Antigo Testamento

O Pentateuco Samaritano

O momento exato em que a comunidade samaritana se separou da comunidade judaica maior é uma questão de debate. No entanto, em algum momento durante o período pós-exílico (cerca de 540–100 a.C.), uma divisão clara entre samaritanos e judeus foi estabelecida. Nesse ponto, os samaritanos, que aceitavam apenas o Pentateuco como canônico, aparentemente canonizaram sua própria versão específica das Escrituras.

Uma cópia do Pentateuco Samaritano chamou a atenção dos estudiosos em 1616. Inicialmente, causou grande entusiasmo, mas a maioria das primeiras avaliações sobre seu valor para a crítica textual foi negativa. Ele diferia do Texto Massorético em cerca de 6.000 casos, e muitos consideraram isso como resultado de diferenças sectárias entre samaritanos e judeus. Para alguns, era simplesmente visto como uma revisão sectária do Texto Massorético.

No entanto, após uma avaliação mais aprofundada, ficou claro que o Pentateuco Samaritano representava um texto de origem muito mais antiga do que o Texto Massorético. E embora algumas das distinções do Pentateuco Samaritano fossem claramente resultado de preocupações sectárias, a maioria das diferenças era neutra nesse aspecto. Muitas delas estavam mais relacionadas à popularização do texto, em vez de alterar seu significado de qualquer forma. O fato de que o Pentateuco Samaritano tinha muito em comum com a Septuaginta, alguns dos Rolos do Mar Morto e o NT, revelou que a maioria de suas diferenças com o Texto Massorético não se devia a diferenças sectárias. Mais provavelmente, elas se deviam ao uso de uma base textual diferente, que provavelmente era amplamente utilizada no antigo Oriente Próximo até bem depois do tempo de Cristo. Essa percepção, embora não resolvesse nenhum problema real, fez muito para ilustrar a complexidade da tradição textual do AT que existia antes que o padrão massorético fosse concluído.

A Septuaginta (LXX)

A Septuaginta é a tradução grega mais antiga do AT, sendo seu testemunho significativamente mais antigo que o do Texto Massorético. Segundo a tradição, o Pentateuco da Septuaginta foi traduzido por uma equipe de 70 estudiosos em Alexandria, Egito. (Daí sua designação comum LXX, os numerais romanos para 70). A comunidade judaica no Egito falava grego, não hebraico, então uma tradução grega do AT era sinceramente necessária para essa comunidade de judeus. A data exata da tradução não é conhecida, mas evidências indicam que o Pentateuco da Septuaginta foi concluído no terceiro século a.C. O restante do AT provavelmente foi traduzido ao longo de um longo período, pois claramente representa o trabalho de muitos estudiosos diferentes.

O valor da Septuaginta para a crítica textual varia amplamente de livro para livro. Pode-se dizer que a Septuaginta não é uma única versão, mas uma coleção de versões feitas por vários autores, que diferiam muito em seus métodos e em seu conhecimento do hebraico. As traduções dos livros individuais não são de forma alguma uniformes. Muitos livros são traduzidos quase literalmente, enquanto outros, como Jó e Daniel, são bastante dinâmicos. Portanto, o valor de cada livro para a crítica textual deve ser avaliado caso a caso. Os livros traduzidos mais literalmente são claramente mais úteis para comparações com o Texto Massorético do que os mais dinâmicos.

O conteúdo de alguns livros é significativamente diferente ao comparar a Septuaginta e o Texto Massorético. Por exemplo, Jeremias na Septuaginta está faltando partes significativas encontradas no Texto Massorético, e a ordem do texto também é bastante diferente. O que essas diferenças realmente significam é difícil saber com certeza. Tem-se conjecturado que a Septuaginta é simplesmente uma tradução ruim e, portanto, está faltando partes do hebraico original. Mas essas mesmas diferenças também podem indicar que adições e mudanças editoriais foram incorporadas ao Texto Massorético durante sua longa história de desenvolvimento. Também é possível que houvesse várias tradições textuais válidas naquela época, uma seguida pela Septuaginta e outra pelo Texto Massorético. Isso ilustra algumas das dificuldades que surgem ao fazer crítica textual do Antigo Testamento.

A Septuaginta era o texto padrão do Antigo Testamento usado pela igreja cristã primitiva. A igreja gentia em expansão precisava de uma tradução na língua comum da época — o grego. Na época de Cristo, mesmo entre os judeus, a maioria das pessoas falava aramaico e grego, não hebraico. Os escritores do Novo Testamento mostram sua preferência pela Septuaginta ao usá-la ao citar o Antigo Testamento.

Outras versões em grego

Devido à ampla aceitação e uso da Septuaginta entre os cristãos, os judeus a abandonaram em favor de várias outras versões gregas. Áquila, um prosélito e discípulo do Rabino Akiba, produziu uma nova tradução por volta de 130 d.C. No espírito de seu mestre, Áquila escreveu uma tradução extremamente literal, muitas vezes a ponto de se comunicar mal em grego. No entanto, essa abordagem literal fez com que essa versão fosse amplamente aceita entre os judeus. Apenas fragmentos dessa versão restaram, mas sua natureza literal revela muito sobre sua base textual hebraica.

Symmachus produziu uma nova versão por volta de 170 d.C., projetada não apenas para precisão, mas também para se comunicar bem na língua grega. Sua versão permaneceu apenas em alguns fragmentos da *Hexapla*. Uma terceira versão grega veio de Teodócio, um prosélito judeu do final do segundo século d.C. Sua versão foi aparentemente uma revisão de uma versão grega anterior, possivelmente a Septuaginta. Esta versão permaneceu apenas em algumas citações cristãs

primitivas, embora tenha sido amplamente utilizada.

O teólogo cristão Orígenes (cerca de 185–255 d.C.) organizou o AT com seis versões paralelas para comparação em sua *Hexapla*. Em seu esforço para encontrar o melhor texto da Septuaginta, Orígenes escreveu seis colunas paralelas contendo: primeiro, o hebraico; segundo, o hebraico transliterado em caracteres gregos; terceiro, o texto de Áquila; quarto, o texto de Symmachus; quinto, seu próprio texto corrigido da Septuaginta; e sexto, o texto de Teodócio. Jerônimo usou esta grande Bíblia em Cesareia, em seu trabalho na Vulgata (após 382 — veja abaixo). Quase quatro séculos após a morte de Orígenes, um bispo mesopotâmico, Paulo de Tella, também usou a *Hexapla* na biblioteca em Cesareia (616–17) para fazer uma tradução para o siríaco da quinta coluna de Orígenes, a Septuaginta corrigida. Então, em 638, as hordas islâmicas varreram Cesareia e a *Hexapla* desapareceu. Além de alguns fragmentos, permanece apenas a tradução siríaca do bispo Paulo da quinta coluna de Orígenes.

Uma cópia do século oitavo da *Hexapla* Siríaca do bispo Paulo está preservada em um museu de Milão. Outros famosos manuscritos unciais da Septuaginta são os códices: Vaticanus, do início do século quarto, agora na Biblioteca do Vaticano; Sinaiticus, de meados do século quarto; e Alexandrinus, provavelmente do século cinco — os dois últimos estão no Museu Britânico de Londres. Essas cópias são intensamente estudadas porque oferecem um testemunho grego de textos hebraicos muito anteriores ao texto massorético ou "texto recebido".

Os targuns aramaicos

Os targuns aramaicos eram traduções aramaicas do Antigo Testamento Hebraico. Como a língua comum dos judeus durante o período pós-exílico era o aramaico e não o hebraico, surgiu a necessidade de traduções aramaicas da Bíblia Hebraica. O hebraico permaneceu como a língua dos círculos religiosos acadêmicos, e as traduções para o povo comum eram frequentemente desprezadas pela liderança religiosa. No entanto, com o tempo, a leitura das Escrituras e dos comentários em aramaico tornou-se uma prática aceita nas sinagogas.

O objetivo dessas traduções era transmitir a mensagem e edificar as pessoas. Assim, as traduções eram extremamente interpretativas. Os tradutores parafraseavam, adicionavam glossários

explicativos e frequentemente reinterpretavam o texto de acordo com os vieses teológicos de sua época. Eles buscavam relacionar o texto bíblico à vida contemporânea e às circunstâncias políticas. Devido à abordagem dinâmica evidente nessas traduções, seu uso na crítica textual é limitado, mas elas contribuem para o conjunto de evidências a serem coletadas e organizadas para reconstruir o texto do Antigo Testamento.

A versão siríaca

Outra versão digna de nota é a versão siríaca. Esta versão era de uso comum na igreja siríaca (aramaico oriental), que a designou como *Peshitta*, significando "simples ou clara". O que eles pretendiam com essa designação é difícil de discernir. Pode indicar que era destinada ao consumo popular, que evitava adicionar glosas explicativas e outras adições, ou talvez que não era um texto anotado, como era o caso da *Syro-Hexapla* anotada então em uso pela mesma comunidade.

A história literária da versão siríaca não é bem conhecida, embora seja claramente complexa. Alguns a identificaram como uma reformulação de um targum aramaico em siríaco, enquanto outros afirmam que tem uma origem mais independente. Alguns a conectam à conversão dos líderes de Adiabene (leste do Rio Tigre) à fé judaica durante o primeiro século d.C. A necessidade deles por um AT pode ter levado ao desenvolvimento de uma versão em sua língua comum — o siríaco. Outros ainda a conectam às origens cristãs. Revisões posteriores óbvias à *Peshitta* complicam ainda mais as questões. Mais estudos precisam ser realizados para avaliar a natureza desta versão antes que ela possa oferecer muitos insights sobre a história do texto hebraico.

As versões em Latim

O latim foi uma língua dominante nas regiões ocidentais do Império Romano muito antes da época de Cristo. Foi nas regiões ocidentais do sul da Gália e do Norte da África que as primeiras traduções latinas da Bíblia apareceram. Por volta de 160 d.C., Tertuliano aparentemente usou uma versão latina das Escrituras. Pouco tempo depois, o texto do Latim Antigo parece ter estado em circulação, evidenciado pelo uso que Cipriano fez dele antes de sua morte em 258 d.C. A versão do Latim Antigo foi traduzida da Septuaginta. Devido à sua datação precoce, é valiosa como testemunha do texto inicial da Septuaginta, antes que editores posteriores obscurecessem a natureza do original.

Ela também fornece indiretamente pistas sobre a natureza do texto hebraico na época da tradução da Septuaginta. Manuscritos completos do texto do Latim Antigo não permaneceram. Após a conclusão da versão latina de Jerônimo, a Vulgata, o texto mais antigo caiu em desuso. No entanto, existem fragmentos suficientes dessa versão para fornecer informações significativas sobre o texto inicial do Antigo Testamento.

Por volta do terceiro século d.C., o latim começou a substituir o grego como a língua de aprendizado no mundo romano mais amplo. Um texto uniforme e confiável era extremamente necessário para usos teológicos e litúrgicos. Para suprir essa necessidade, o Papa Dâmaso I (336–84 d.C.) encomendou a Jerônimo, um eminente estudioso em latim, grego e hebraico, a realização da tradução. Jerônimo iniciou este trabalho como uma tradução da Septuaginta grega, considerada inspirada por muitas autoridades da igreja, incluindo Agostinho. Porém mais tarde, e correndo o risco de grandes críticas, ele se voltou para o texto hebraico que estava sendo usado na Palestina naquela época como o texto base para sua tradução. Durante os anos entre 390 e 405 d.C., Jerônimo escreveu sua tradução latina do Antigo Testamento hebraico. No entanto, apesar do retorno de Jerônimo ao hebraico original, ele dependia fortemente das várias versões gregas como auxílio na tradução. Como resultado, a Vulgata reflete as outras traduções gregas e latinas tanto quanto o texto hebraico subjacente. O valor da Vulgata para a crítica textual é seu testemunho pré-massorético da Bíblia Hebraica, embora isso tenha sido comprometido em grande medida pela influência das traduções gregas já existentes.

O texto do Antigo Testamento

A tarefa do crítico textual pode ser dividida em várias etapas gerais: (1) a coleta e comparação de manuscritos existentes, traduções e citações; (2) o desenvolvimento de teoria e metodologia que permita ao crítico usar as informações coletadas para reconstruir o texto mais preciso dos materiais bíblicos; (3) a reconstrução da história da transmissão do texto para identificar as várias influências que afetam o texto; (4) a avaliação de leituras variantes específicas à luz de evidências textuais, teologia e história.

Tanto os críticos textuais do AT quanto os do NT realizam tarefas semelhantes e enfrentam obstáculos similares. Ambos buscam desenterrar um texto "original" hipotético com recursos

limitados que estão em vários graus de deterioração. No entanto, o crítico textual do AT enfrenta uma história textual mais complexa do que seu equivalente do NT. O NT foi escrito principalmente no primeiro século d.C., e existem manuscritos completos do NT que foram escritos apenas alguns séculos depois. O AT, no entanto, é composto por literatura escrita ao longo de um período de 1.000 anos, com as partes mais antigas datando do século 12 a.C., ou possivelmente até antes. Para tornar as coisas ainda mais difíceis, até recentemente, os manuscritos hebraicos mais antigos conhecidos do AT eram medievais. Isso deixava os estudiosos com poucos testemunhos sobre o desenvolvimento textual do AT desde os tempos antigos até a Idade Média, um período de mais de 2.000 anos.

Até a descoberta dos Rolos do Mar Morto nas décadas de 1940 e 1950, traduções secundárias em aramaico, grego e latim serviam como os primeiros testemunhos significativos das antigas Escrituras Hebraicas. Como estas são traduções e estão sujeitas a alterações e interpolações sectárias e contextuais, seu valor para o crítico textual, embora significativo, é limitado. As recentes descobertas dos Rolos do Mar Morto e outros manuscritos antigos, no entanto, forneceram testemunhos primários do Antigo Testamento Hebraico em tempos anteriores. A avaliação acadêmica dessas descobertas ainda está longe de ser completa, e a disciplina de crítica textual do Antigo Testamento aguarda ansiosamente uma avaliação mais abrangente de seu significado. Em um sentido geral, no entanto, os Rolos do Mar Morto confirmaram a precisão do Texto Massorético que usamos hoje.

A reconstrução da história da transmissão do texto é um elemento importante na avaliação de leituras variantes. Material de uma ampla variedade de fontes deve ser combinado para se chegar a uma reconstrução, mesmo que provisória, do texto. A seguir, um breve esboço da opinião acadêmica.

A história inicial do texto do Antigo Testamento, conforme refletido nos Rolos do Mar Morto, no Pentateuco Samaritano, na Septuaginta e no antigo texto hebraico, mostra uma notável fluidez e diversidade. Evidentemente, o processo de padronização não começou nas fases mais iniciais. Por exemplo, os materiais da comunidade de Qumran, onde os Rolos do Mar Morto foram encontrados, não demonstram qualquer frustração com textos variados dentro dessa comunidade.

Alguns estudiosos tentaram explicar essa diversidade por meio de teorias de textos locais. Eles teorizam que várias localidades no Oriente Próximo (p. ex. Babilônia, Palestina, Egito) tinham tipos de texto diferentes que se refletem nos vários textos e versões hebraicas remanescentes. Outros estudiosos explicam a diversidade reconhecendo uma fluidez pré-canônica. Eles acreditam que, até que o processo de canonização estivesse completo, a reprodução precisa dos manuscritos não era vista como muito importante. Deve-se notar, no entanto, que o texto básico que a erudição moderna identificou como mais próximo do original estava entre os textos do Mar Morto (por exemplo, o grande Rolo de Isaías).

A destruição do templo em 70 d.C. impulsionou a padronização do texto consonantal. Os textos encontrados em Wadi Murabba'at, copiados durante os primeiros séculos d.C., refletem esse novo estágio. Os estudiosos que inicialmente relataram a descoberta ficaram desapontados ao encontrar nesses textos tão poucas variações em relação ao Texto Massorético padrão. Para eles, os textos muito antigos das descobertas dos Rolos do Mar Morto haviam se tornado o texto consonantal padrão, excluindo outras variantes. Os estudiosos agora chegaram ao ponto de identificar os textos de Wadi Murabba'at, apenas ligeiramente posteriores, como um padrão "proto-Massorético". Isso parece indicar que o texto consonantal hebraico já estava se aproximando de um padrão na Palestina nos primeiros séculos d.C.

A padronização, conforme praticada pelos massoretas, significava identificar um texto como normativo e copiá-lo cuidadosamente. Também significava corrigir textos existentes de acordo com o texto normativo. O texto hebraico, é claro, era escrito apenas com consoantes, não com consoantes e vogais, como escrevemos em português.

A próxima etapa na transmissão do texto do AT foi a padronização da pontuação e dos padrões vocálicos. Esse processo, que começou relativamente cedo no período do NT, estendeu-se por um período de 1.000 anos. Uma longa série de massoretas forneceu anotações conhecidas como *Masora*, que, em hebraico, significa "tradição". Duas motivações diferentes são evidentes em seu trabalho. Uma era a preocupação com a reprodução precisa do texto consonantal. Para esse propósito, uma coleção de anotações (sobre formas irregulares, padrões anormais, o número de vezes que uma forma ou palavra foi usada e outros

assuntos) foi reunida e inserida nas margens ou no final do texto.

Uma segunda preocupação dos massoretas era registrar e padronizar a vocalização do texto consonantal para fins de leitura. Até aquele momento, os escribas estavam proibidos de inserir vogais para tornar a vocalização do texto clara. Por causa disso, uma leitura adequada do texto dependia da tradição oral passada de geração em geração. As origens da vocalização refletem diferenças entre Babilônia e Palestina. Os massoretas de Tiberíades (eruditos que trabalhavam em Tiberíades, na Palestina) forneceram o sistema de vocalização mais completo e preciso. O manuscrito mais antigo datado dessa tradição é um códice dos Profetas da sinagoga caraíta do Cairo, datado de 896 d.C. Hoje, o texto hebraico padrão do AT, *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, uma versão atualizada da *Bíblia Hebraica* de Kittel, é construído com base na tradição massorética de Tiberíades.

A padronização tanto do texto consonantal quanto da vocalização foi tão bem-sucedida que os manuscritos que subsistiram mostram uma concordância notável. A maioria das variantes, por serem menores e atribuíveis a erros de escribas, não afeta a interpretação.

Metodologia da crítica textual do Antigo Testamento

A busca por uma metodologia adequada para lidar com as muitas variantes encontradas nos manuscritos está inseparavelmente ligada ao nosso entendimento da história da transmissão. A questão básica na crítica textual é o método utilizado para decidir o valor relativo dessas variantes. Muitos fatores devem ser avaliados para se chegar a uma decisão válida.

A ciência moderna forneceu uma série de auxílios para decifrar um manuscrito. Procedimentos científicos de datação ajudam a determinar a idade do material de escrita. Técnicas químicas ajudam a esclarecer a escrita que se deteriorou. A luz ultravioleta permite que um estudioso veja vestígios de tinta (carbono) em um manuscrito, mesmo depois que a escrita de superfície foi apagada.

Cada manuscrito deve ser estudado como um todo, pois cada um tem uma "personalidade". É importante identificar os erros característicos, a negligência ou o cuidado característico, e outras peculiaridades do(s) escriba(s) que copiaram o

material. Em seguida, o manuscrito deve ser comparado com outros manuscritos para identificar a tradição "familiar" com a qual concorda. A preservação de erros comuns ou inserções no texto é uma pista para os relacionamentos. Todos os possíveis detalhes de data, local de origem e autoria devem ser determinados.

Os erros de escribas se dividem em várias categorias distintas. A primeira grande categoria é a de *erros não intencionais*: (1) Confusão de consoantes semelhantes e a transposição de duas consoantes são erros frequentes. (2) Alterações textuais também resultaram de uma divisão incorreta de palavras (muitos manuscritos antigos omitiam espaços entre palavras para economizar espaço). (3) Confusão de sons ocorria particularmente quando um escriba lia para um grupo de escribas fazendo cópias múltiplas. (4) No AT, o método de vocalização (adição de vogais ao texto consonantal) criou alguns erros. (5) Omissões de uma letra, palavra ou frase criaram novas leituras. (6) Repetição de uma letra, palavra ou até mesmo uma frase inteira também era comum. (7) Omissão (chamada haplografia) ou repetição (chamada ditografia) poderia ser causada pelo deslize do olho de um escriba de uma palavra para uma palavra ou final semelhante. (8) Omissões por *homoioteleuton* (do grego significando "finais semelhantes") também eram bastante comuns. Isso ocorria quando duas palavras idênticas, semelhantes ou com finais idênticos eram encontradas próximas uma da outra, e o olho do copista se movia da primeira para a segunda, omitindo as palavras entre elas. (9) No AT, erros às vezes eram causados pelo uso de consoantes como letras vocálicas em alguns textos antigos. Copistas que desconheciam esse uso acabavam copiando essas letras como consoantes anômalas. Normalmente, erros não intencionais são relativamente fáceis de identificar porque criam leituras sem sentido.

Erros intencionais são muito mais difíceis de identificar e avaliar. Harmonizações de materiais semelhantes ocorreram regularmente. Leituras difíceis foram sujeitas a "melhorias" por um escriba atento. Expressões objetáveis foram, às vezes, eliminadas ou suavizadas. Ocasionalmente, sinônimos foram utilizados. A fusão (resolvendo uma discrepância entre duas leituras variantes ao incluir ambas) aparece frequentemente.

A conscientização desses problemas comuns é o primeiro passo para detectar e eliminar os erros

mais evidentes e identificar e eliminar as peculiaridades de um escriba específico. Em seguida, critérios mais sutis para identificar a leitura mais provável de ser a original devem ser empregados. Os procedimentos para aplicar tais critérios são semelhantes tanto no trabalho do AT quanto do NT.

Princípios metodológicos gerais

Através do trabalho dos críticos textuais nos últimos séculos, certos princípios básicos foram desenvolvidos. Os princípios fundamentais para o AT podem ser resumidos brevemente.

1. O texto básico para consideração primária é o Texto Massorético devido à cuidadosa padronização que representa. Esse texto é comparado com o testemunho das versões antigas. A Septuaginta, por sua antiguidade e fidelidade básica ao texto hebraico, tem peso significativo em todas as decisões. Os Targums (traduções aramaicas) também refletem a base hebraica, mas exibem uma tendência à expansão e paráfrase. As versões em Siríaco (*Peshitta*), Vulgata (Latim), Latim Antigo e Copta acrescentam evidências indiretas, embora as traduções nem sempre sejam testemunhas claras em detalhes técnicos. O uso dessas versões permite que os estudiosos utilizem a filologia comparativa em decisões textuais e, assim, identifiquem erros antigos para os quais a leitura original provavelmente não subsistiu.

2. A leitura que melhor explica a origem de outras variantes é preferível. Informações sobre a reconstrução da história da transmissão frequentemente fornecem insights adicionais. O conhecimento dos erros típicos dos escribas permite que o crítico tome uma decisão informada sobre a sequência das variantes.

3. A leitura mais curta é preferível. Os escribas frequentemente adicionavam material para resolver problemas de estilo ou sintaxe e raramente resumiam ou condensavam o material.

4. A leitura mais difícil é mais provável de ser a original. Este princípio está intimamente relacionado ao terceiro. Os escribas não criavam intencionalmente leituras mais complexas. Erros não intencionais são geralmente fáceis de identificar. Assim, a leitura mais fácil é normalmente suspeita de ser uma alteração do escriba.

5. Leituras que não são harmonizadas ou assimiladas a passagens semelhantes são preferíveis. Os copistas tinham a tendência de

corrigir o material com base em material semelhante em outros lugares (às vezes até de forma inconsciente).

6. Quando tudo mais falha, o crítico textual deve recorrer à emenda conjectural. Fazer um "palpite educado" requer um conhecimento profundo da língua hebraica, familiaridade com o estilo do autor e uma compreensão da cultura, costumes e teologia que possam influenciar a passagem. O uso de conjecturas deve ser limitado às passagens nas quais a leitura original definitivamente não nos foi transmitida.

Conclusão

É importante lembrar que a crítica textual atua apenas quando duas ou mais leituras são possíveis para uma palavra ou frase específica. Para a maior parte do texto bíblico, foi transmitida uma única leitura. A eliminação de erros de escribas e alterações intencionais deixa apenas uma pequena porcentagem do texto sobre a qual surgem dúvidas.

O campo da crítica textual é complexo, exigindo a coleta e o uso habilidoso de uma ampla variedade de informações. Como lida com a fonte autoritativa da revelação para todos os cristãos, a argumentação textual muitas vezes tem sido acompanhada de emoção. No entanto, apesar da controvérsia, grandes progressos foram feitos, particularmente no último século. O refinamento da metodologia tem ajudado muito na nossa compreensão dos materiais acumulados. Ajuda adicional veio do acúmulo de informações em áreas de estudo relacionadas, como a história da igreja, teologia bíblica e a história do pensamento cristão.

A coleta e organização de todas as leituras variantes permitiram que os críticos textuais modernos garantissem fortemente que a Palavra de Deus foi transmitida de forma precisa e confiável. Embora as leituras variantes tenham se tornado evidentes através da publicação de muitos manuscritos, leituras inadequadas, inferiores e secundárias foram amplamente eliminadas. Em relativamente poucos casos, a emenda conjectural é necessária. Em questões relacionadas à salvação do cristão, a transmissão clara e inequívoca fornece respostas autoritativas. Os cristãos estão, portanto, em dívida com os críticos textuais que trabalharam e continuam trabalhando para fornecer um texto bíblico confiável.

Bíblia, Versões (Antigas) da

Para entender como a Bíblia se espalhou pelo mundo, imagine a Palestina como o centro de uma piscina em um mapa do hemisfério oriental. Pense em Deus se revelando através dos profetas, Jesus Cristo e os apóstolos como uma pedra lançada no centro da água. Quando a pedra atinge a superfície, ondas se formam e se espalham pelo mundo a partir da Palestina. À medida que essas ondas avançam, pense nas línguas que elas alcançam.

- Para o sul: copta, árabe e etíope;
- Para o oeste: grego, latim, gótico e inglês;
- Para o norte: armênio, georgiano e eslavo;
- Para o leste: siríaco.

À medida que a Bíblia se afastava de seus idiomas originais, hebraico, aramaico e grego, ela era traduzida para novos idiomas.

Línguas da Bíblia

A mensagem de Deus na Bíblia surgiu inicialmente no Oriente Médio, onde a maior parte foi escrita em duas das principais línguas da Palestina. O Antigo Testamento foi principalmente escrito em hebraico, exceto por partes de Daniel e Esdras, que possivelmente foram escritas em aramaico (a língua usada durante o cativeiro de Israel). Todo o Novo Testamento foi provavelmente escrito em grego comum, conhecido como *koine*. Esta forma de grego era a principal língua falada na parte oriental do Império Romano e era compreendida na maioria dos lugares do império. Portanto, qualquer pessoa que não falasse hebraico ou grego não teria acesso à mensagem de Deus em forma escrita, a menos que a Bíblia fosse traduzida para sua língua.

As traduções mais antigas da Bíblia

A tradução da Bíblia começou mesmo antes do nascimento de Cristo, com traduções do Antigo Testamento para o grego e o aramaico. Muitos judeus que viviam em diferentes regiões antes da época de Jesus não entendiam hebraico, por isso precisavam da Bíblia em grego ou aramaico. A tradução grega mais famosa foi a Septuaginta, que foi usada tanto por judeus quanto pelos primeiros cristãos. A Septuaginta tornou-se a "Bíblia" para os primeiros cristãos, incluindo aqueles que escreveram partes do Novo Testamento.

Os primeiros missionários cristãos levavam a Septuaginta (ou Bíblia Hebraica) e o Novo Testamento grego com eles enquanto viajavam das igrejas de Jerusalém e Antioquia, como lemos em Atos. Esses missionários aprendiam as línguas locais e traduziam ou parafraseavam oralmente passagens da Bíblia para ensino, pregação e adoração. À medida que as pessoas se convertiam ao cristianismo, novas igrejas eram formadas. Os missionários, percebendo a necessidade de as pessoas terem a Bíblia em sua própria língua, começavam a traduzir toda a Bíblia para elas. O desejo de espalhar a Bíblia em novas línguas sempre esteve no coração das missões cristãs, levando a muitas novas versões da Bíblia.

A disseminação da Bíblia por meio da tradução

A tradução da Bíblia na igreja primitiva era espontânea e frequentemente informal, começando como traduções orais. Era impulsionada por um forte desejo de espalhar o evangelho. A igreja primitiva apoiava e incentivava a tradução da Bíblia. Mesmo no final do nono século, os papas Adriano II e João VIII apoiaram a criação da versão eslava da Bíblia. No entanto, uma grande mudança ocorreu na atitude da igreja ocidental em relação à tradução. O latim tornou-se a língua dominante, e menos pessoas conseguiam ler grego. À medida que a educação se tornou algo exclusivo para os ricos e poderosos, e à medida que a Igreja Católica Romana apertou seu controle sobre o cristianismo, a Bíblia foi retirada das mãos das pessoas comuns. Enquanto os sacerdotes podiam ler e recitar a Bíblia em latim durante os serviços religiosos, havia pouco esforço para traduzir a Bíblia para a língua cotidiana do povo.

Desafios na tradução da Bíblia

O latim tornou-se quase uma língua sagrada, e a igreja ficou desconfiada das traduções da Bíblia. O Papa Gregório VII, por volta de 1079 d.C., tentou interromper a circulação de uma tradução eslava da Bíblia, mesmo que papas antes dele a tivessem apoiado. Gregório argumentou que Deus poderia ter desejado que as Escrituras permanecessem secretas em algumas áreas, porque se todos tivessem acesso a elas, as pessoas poderiam desrespeitá-las ou interpretá-las mal, levando a erros de compreensão.

Ao mesmo tempo, o Islã começou a se espalhar na Palestina e no Norte da África, mudando o cenário religioso da região. Em menos de 100 anos após a

morte de Maomé, o Islã havia destruído mais de 900 igrejas, e o Alcorão tornou-se o texto sagrado para grande parte das regiões leste e sul do Mediterrâneo.

As traduções da Bíblia desaceleraram nos 500 anos seguintes devido à oposição tanto da igreja ocidental quanto à ascensão do Islã no Oriente. No entanto, a Reforma Protestante no século 16 revitalizou os esforços de tradução. Com a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, os missionários puderam produzir múltiplas traduções da Bíblia. Descrevendo a motivação dos tradutores, Erasmo, em 1516, escreveu que desejava que todos, até mesmo as pessoas mais pobres, pudessem ler e entender o Evangelho em suas próprias línguas:

"Eu desejo que até mesmo a mulher mais fraca leia o Evangelho e as Epístolas de Paulo. E desejo que estas sejam traduzidas para todas as línguas, para que possam ser lidas e entendidas, não apenas por escoceses e irlandeses, mas também por turcos e sarracenos. Fazer com que sejam entendidas é certamente o primeiro passo. Pode ser que sejam ridicularizadas por muitos, mas alguns as levarão a sério. Anseio que o lavrador cante trechos delas para si mesmo enquanto segue o arado, que o tecelão as murmure ao ritmo de sua lançadeira, que o viajante distraia com suas histórias o tédio de sua jornada".

Materiais e manuscritos

Quais materiais os primeiros tradutores e copistas da Bíblia usaram? Na época de Cristo e durante os dois primeiros séculos da igreja, a escrita era tipicamente feita com tinta em papiro, um material semelhante ao papel. Os livros eram rolos feitos de longas folhas de papiro coladas e enroladas. No primeiro século, uma nova forma de livro foi inventada chamada *códice* (semelhante aos livros modernos com páginas dobradas e uma lombada). Os cristãos foram alguns dos primeiros a usar essa nova forma. Em 332 d.C., o Imperador Constantino I encomendou 50 Bíblias para as igrejas em Constantinopla, especificando que fossem códices feitos de velino (peles de animais) em vez de rolos de papiro. No final do terceiro e início do quarto século, os códices e o velino haviam substituído em grande parte os rolos e o papiro.

Por muitos séculos, escribas copiaram a Bíblia à mão, escrevendo em letras maiúsculas. Os manuscritos bíblicos mais antigos preservados estão escritos nesse estilo, chamado de "unciais". Por volta do nono e décimo séculos, a escrita em

letras minúsculas tornou-se mais comum, e esses manuscritos são chamados de "minúsculos" ou "cursivos". Embora a escrita cursiva existisse já no segundo século antes de Cristo, os minúsculos são a forma mais comum de manuscritos bíblicos preservados do décimo século ao século 16.

Em 1454, Johannes Gutenberg revolucionou a produção de Bíblias ao usar tipos móveis para imprimir livros. Sua primeira Bíblia impressa, uma bela versão em latim, foi lançada em 1456.

As Bíblias impressas de hoje incluem capítulos e versículos, mas essas divisões foram adicionadas muito mais tarde. As divisões de capítulos começaram na Bíblia Vulgata Latina e podem ter sido criadas por vários líderes da igreja nos séculos 11 e 13, como:

- Lanfranco, arcebispo de Cantuária no século 11;
- Estevão Langton, arcebispo de Cantuária no século 13;
- Hugo de Sancto Caro no século 13.

A numeração de versículos foi usada pela primeira vez no Novo Testamento Grego de 1551, publicado em Genebra, e em uma edição de 1559–61 do Antigo Testamento Hebraico.

Resumo

- **Versões antigas do Antigo Testamento**
- **Versões completas da Bíblia na cristandade**
- **Versões latinas**
- **Versões coptas**
- **Versão gótica**
- **Versões siríacas**
- **Versão armênia**
- **Versão georgiana**
- **Versão etíope**
- **Versões árabes**
- **Versão eslava**

Versões mais antigas do Antigo Testamento

O Pentateuco Samaritano

O Pentateuco Samaritano é a primeira versão do Antigo Testamento a ser considerada, embora tecnicamente não seja uma tradução. É uma versão hebraica dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento (também chamados de Lei), que constitui toda a Escritura para a comunidade samaritana. Esta comunidade ainda existe hoje na moderna Nablus, Palestina.

O Pentateuco Samaritano segue uma tradição textual diferente do texto hebraico usado no judaísmo tradicional, que foi preservado pelos massoretas. Os massoretas eram escribas que trabalharam de cerca de 600 d.C. até o décimo século para preservar cuidadosamente o texto do Antigo Testamento. Eles adicionaram marcas (pontos vocálicos) para indicar as vogais ausentes no texto hebraico.

O Pentateuco Samaritano remonta ao quarto século a.C. e difere do Texto Massorético em cerca de 6.000 locais, com aproximadamente 1.000 diferenças consideradas importantes pelos estudiosos. Em alguns casos, o Pentateuco Samaritano concorda com a Septuaginta grega e outras versões antigas, tornando-se um testemunho valioso nessas instâncias. Os dois manuscritos mais antigos do Pentateuco Samaritano fora de Nablus são códices encontrados na Inglaterra. Um é datado de aproximadamente

1211–1212 d.C. e está guardado na Biblioteca John Rylands, em Manchester, enquanto o outro é de antes de 1149 d.C. e está na Biblioteca da Universidade de Cambridge. Existem também duas traduções menores: um targum samaritano aramaico dos primeiros tempos cristãos e uma tradução árabe de aproximadamente o século 11.

A Septuaginta

A Septuaginta, versão do Antigo Testamento, é uma tradução do hebraico para o grego. Foi a primeira tradução conhecida do Antigo Testamento e era a Bíblia usada pelos apóstolos. A maioria das citações do Antigo Testamento no Novo Testamento vem desta versão, tornando-a a Bíblia da igreja primitiva.

A história da criação da Septuaginta é narrada em um documento chamado "A Carta de Aristeas", escrito entre 150 e 100 a.C. De acordo com esta carta, um rei egípcio, Ptolomeu Filadelfo, desejava reunir todos os livros do mundo em sua biblioteca, em Alexandria. Como ele não possuía uma tradução grega do Antigo Testamento, solicitou ao sumo sacerdote em Jerusalém que lhe enviasse estudiosos e textos. A carta relata que 72 anciãos judeus foram enviados ao Egito e, após serem recebidos pelo rei, produziram a tradução completa para o grego em 72 dias. Esta versão ficou conhecida como a Septuaginta, nomeada em referência ao número 70 (LXX em números romanos).

No entanto, os estudiosos acreditam que a história real é menos dramática. A Septuaginta foi provavelmente uma tradução feita para judeus de língua grega que não entendiam mais o hebraico. Porções dela foram provavelmente traduzidas já em 250 a.C., com outras partes concluídas por volta de 100 a.C. A tradução foi provavelmente realizada ao longo de vários séculos por diferentes tradutores e depois reunida em uma coleção. A Septuaginta também inclui até 15 livros adicionais (chamados de apócrifos ou não canônicos) que não são encontrados na maioria das Bíblias modernas em português.

Aramaico

A terceira versão do Antigo Testamento é o Aramaico, que foi chamado de Caldeu até o século 19. O aramaico bíblico era a língua falada pelos governantes que conquistaram Israel e, com o tempo, tornou-se a língua do povo judeu. Quando os judeus retornaram do exílio babilônico em 536 a.C., trouxeram o aramaico com eles. Muitos

estudiosos acreditam que, quando Esdras e os levitas explicaram a lei em [Neemias 8.8](#), eles estavam parafraseando o hebraico para o aramaico. O aramaico foi a língua principal na Palestina até a revolta de Bar-Kochba contra os romanos de 132 a 135 d.C. O hebraico era principalmente uma língua religiosa para figuras religiosas. À medida que sacerdotes e escribas liam a Lei e os Profetas, o costume de seguir a leitura com uma tradução aramaica se espalhou. Essas traduções eram chamadas de *targums* ou *targumim*.

Os rabinos não queriam escrever os targumim, mas inevitavelmente eles foram escritos. O Targum mais antigo foi da Lei, escrito por alguém conhecido como Onkelos, no segundo ou terceiro século d.C. Targums sobre os livros históricos e proféticos foram escritos nos séculos terceiro e quarto d.C. O mais importante foi o Targum Jonatã ben Uziel. O Targum mais antigo da Literatura Sapiencial (Provérbios, Eclesiastes, Jó, alguns Salmos) foi escrito no quinto século d.C. Finalmente, os targums aramaicos rabínicos incluíam todo o Antigo Testamento, exceto Daniel, Esdras e Neemias.

A conquista islâmica do Oriente Médio tornou o árabe a língua comum. Os rabinos começaram a escrever targums em árabe, e a língua foi se tornando cada vez menos utilizada.

Versões completas da Bíblia no Cristianismo

À medida que a igreja cristã primitiva reuniu o Novo Testamento e o adicionou ao Antigo Testamento, a tradução da Bíblia começou. Este trabalho ajudou a espalhar o Cristianismo de Jerusalém para a Judeia, Samaria e, por fim, para as partes mais distantes do mundo.

Versões latinas

Semelhante aos Targums aramaicos (traduções) usados pelos adoradores judeus, a Bíblia Latina Antiga desenvolveu-se de forma informal. No início do Império Romano, o grego era a principal língua dos cristãos, e até mesmo os primeiros bispos de Roma falavam e escreviam em grego. No entanto, à medida que tanto o império quanto a igreja envelheciam, o latim tornou-se mais comum, especialmente na parte ocidental do império. Como resultado, padres e bispos começaram a traduzir o Novo Testamento e o Antigo Testamento grego (Septuaginta) para o latim. Essas primeiras traduções ficaram conhecidas como a Bíblia Latina Antiga, embora nenhuma cópia completa dessa

Bíblia tenha sido preservada. A maior parte do Antigo Testamento e grande parte do Novo Testamento podem ser reconstruídas a partir de citações de líderes da igreja primitiva. Os estudiosos acreditam que a Bíblia Latina Antiga estava sendo usada em Cartago, Norte da África, por volta de 250 d.C. Havia dois tipos principais de texto Latino Antigo: o africano e o europeu, com uma versão italiana também encontrada na Europa. A Bíblia Latina Antiga é importante para compará-la à Septuaginta porque foi traduzida antes de Orígenes criar seu famoso texto de seis versões, a *Hexapla*.

Os líderes da igreja começaram a solicitar uma tradução oficial e consistente de toda a Bíblia para o latim. O Papa Dâmaso I, que foi papa de 366 a 384 d.C., pediu a seu secretário, Jerônimo, que criasse uma nova versão latina dos Evangelhos em 382 d.C. Jerônimo concluiu este trabalho em 383 d.C., e o restante do Novo Testamento provavelmente foi concluído depois disso. Os Evangelhos foram uma retradução cuidadosa baseada no Latim Antigo europeu e em um texto grego de Alexandria. No entanto, o restante do Novo Testamento foi revisado com menos cuidado e ainda dependia fortemente do Latim Antigo, a menos que o texto grego precisasse claramente de uma correção. É possível que Jerônimo não tenha completado todo esse trabalho sozinho.

Em 385 d.C., Jerônimo deixou Roma e se estabeleceu perto de Belém em 389, onde se concentrou na tradução do Antigo Testamento. Ele percebeu que era necessária uma nova tradução a partir do hebraico, em vez de simplesmente revisar a Septuaginta grega. Com a ajuda de rabinos judeus, ele completou os livros dos Reis por volta de 390 d.C., e por 396 d.C., ele havia terminado:

- Os profetas;
- Jó;
- Esdras;
- Crônicas;

Após se recuperar de uma doença, ele traduziu:

- Provérbios;
- Eclesiastes;
- Cântico dos Cânticos.

Em 404 d.C., ele traduziu:

- Josué;
- Juízes;
- Rute;
- Ester.

Também partes das adições apócrifas a:

- Daniel;
- Ester.

Ele também traduziu os livros apócrifos:

- Tobias;
- Judite.

No entanto, Jerônimo não traduziu:

- Sabedoria de Salomão;
- Eclesiástico;
- Baruc;
- Os livros dos Macabeus.

Esses livros permaneceram na forma do Latim Antigo. O trabalho variou em qualidade e não foi reunido em uma Bíblia completa.

A tradução de Jerônimo enfrentou muitas críticas, mas, embora ele a defendesse fortemente, não viveu para vê-la plenamente respeitada. Com o tempo, seu trabalho ficou conhecido como a Bíblia Vulgata, nomeada em referência à linguagem cotidiana do povo, o chamado latim "vulgar". Acredita-se que Cassiodoro possa ter compilado o trabalho de Jerônimo em uma única Bíblia. O manuscrito completo mais antigo da Bíblia de Jerônimo é o Codex Amiatino, criado por volta de 715 d.C. em Jarrow, Nortúmbria, Inglaterra. Os antigos textos da Vulgata são, em importância para o estudo da Bíblia Hebraica, inferiores apenas à Septuaginta, porque Jerônimo trabalhou a partir de textos hebraicos que eram mais antigos do que aqueles usados pelos estudiosos judeus conhecidos como os massoretas.

Levou mais de 1.000 anos para que a Vulgata substituisse oficialmente a Bíblia Latina Antiga. A Igreja Católica Romana tornou a Vulgata sua Bíblia oficial durante o Concílio de Trento em 1546. Este concílio também aprovou uma versão corrigida da Vulgata, que o Papa Sisto V emitiu em 1590. No entanto, ela foi impopular, e o Papa Clemente VIII lançou uma nova versão oficial em 1592, que permanece como padrão até hoje.

Versões coptas

O copta foi o último estágio da língua egípcia, usada por pessoas ao longo do rio Nilo. Ela sobreviveu apesar da influência grega de Alexandre, o Grande, e seus sucessores, e resistiu até ao latim dos césores romanos. O alfabeto copta incluía 25 letras gregas e 7 símbolos adicionais para representar sons não encontrados no grego. Com o tempo, desenvolveram-se cinco principais dialetos do copta:

1. Acímico;
2. Subacímico;
3. Saídico;
4. Faiúmico;
5. Boárico.

Fragmentos da Bíblia foram encontrados nos dialetos acímico, subacímico e faiúmico, mas não se sabe se a Bíblia inteira foi alguma vez traduzida para esses dialetos. Esses dialetos desapareceram gradualmente, e no século 11, apenas o boárico (falado no delta do Nilo) e o saídico (falado no Alto Egito) ainda eram utilizados. No século 17, eles foram em grande parte esquecidos e usados apenas para fins religiosos nas igrejas coptas, já que o árabe se tornou a língua dominante após a conquista islâmica do Egito em 641.

A tradução copta mais antiga da Bíblia foi no dialeto saídico, no Alto Egito, onde o grego era menos comumente entendido. O Antigo Testamento e o Novo Testamento saídicos foram provavelmente concluídos por volta de 200 d.C. No delta, o grego era mais amplamente falado, então a tradução boárica da Bíblia veio provavelmente mais tarde. No entanto, como o boárico era usado em Alexandria, onde o líder religioso copta vivia, ele acabou se tornando a principal língua da igreja copta. Os coptas se separaram do Império Romano e da Igreja Católica mais ampla após o Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., devido a diferenças teológicas, e foram ainda mais afastados do Ocidente por séculos de domínio islâmico.

Versão gótica

A língua gótica era uma língua germânica oriental. Os primeiros escritos conhecidos em qualquer língua germânica são fragmentos da Bíblia traduzidos por Ulfilas (também chamado de Wulfila). Ele fez a tradução para compartilhar o evangelho com seu próprio povo. Ulfilas, um dos

primeiros missionários mais famosos, nasceu na Dácia. Seus pais eram cristãos romanos que foram capturados pelos godos. Ulfilas mais tarde viajou para Constantinopla e pode ter se convertido ao cristianismo lá. Por volta de 340 d.C., ele foi ordenado bispo por Eusébio de Nicomédia, um bispo ariano. O próprio Ulfilas seguia as crenças arianas, que ensinavam que Cristo era o Salvador e Senhor por designação de Deus e sua obediência, mas que ele não era igual a Deus.

Ulfilas voltou para pregar aos godos. Ele aparentemente criou um alfabeto para a língua deles para poder traduzir a Bíblia. Registros indicam que ele traduziu toda a Bíblia, exceto os livros dos Reis, que ele deixou de fora por acreditar que encorajariam a violência nos já belicosos godos. Apenas fragmentos dispersos de sua tradução do Antigo Testamento permanecem, e cerca de metade dos Evangelhos sobrevive no *Codex Argenteus*, um manuscrito do quinto ou sexto século que agora está em Uppsala, Suécia.

Versões siríacas

O siríaco, uma língua semítica, era a principal língua de Edessa e da Mesopotâmia ocidental. A versão da Bíblia conhecida hoje como Peshitta (que ainda é a Bíblia usada por cristãos da antiga área assíria) desenvolveu-se ao longo de várias etapas. A Peshitta frequentemente não contém:

- 2 Pedro;
- 2 e 3 João;
- Judas;
- Apocalipse.

Uma das traduções mais famosas dos primeiros tempos foi o *Diatessaron*, uma harmonia dos Evangelhos feita por Taciano, um discípulo de Justino Mártir em Roma. Ele a traduziu do grego por volta de 170 d.C., e ela se tornou muito popular entre os cristãos de língua siríaca. Os bispos tiveram dificuldade em persuadir os cristãos a usarem uma versão dos Evangelhos onde os quatro livros estavam separados em vez de combinados, que ficou conhecida como "O Evangelho dos Separados".

Outras partes da Bíblia também foram traduzidas para o siríaco antigo. Escritos dos primeiros pais da igreja sugerem que uma Bíblia Siríaca Antiga do segundo século existia junto com o *Diatessaron*. O Antigo Testamento nesta versão pode ter sido originalmente uma tradução judaica para o siríaco

que os cristãos adaptaram, semelhante a como os cristãos gregos adaptaram a Septuaginta. Por volta do final do quarto século, esta versão passou por uma revisão oficial, resultando na *Peshitta* (que significa “simples” ou “básico”). Segundo a tradição, Rabbula, bispo de Edessa, ajudou a criar a parte do Novo Testamento desta versão.

Em 431 d.C., os cristãos de língua siríaca se dividiram em dois grupos: os monofisitas (também chamados de jacobitas) e os nestorianos. O desacordo era sobre a natureza de Cristo. No início, ambos os grupos usavam a *Peshitta*, mas os jacobitas queriam uma nova tradução. Em 508 d.C., o bispo Filoxeno (também chamado de Mar Zenaia), de Mabbug, traduziu a Bíblia a partir da Septuaginta e dos manuscritos do Novo Testamento grego para o siríaco. Sua tradução incluiu, pela primeira vez, 2 Pedro, 2 e 3 João, e Judas, que foram posteriormente adicionados ao texto padrão da *Peshitta*.

Embora a *Peshitta* tenha sido usada continuamente desde o quinto século e se espalhado até a Índia e a China, ela não tem sido tão valiosa para os estudos bíblicos quanto a Septuaginta. A *Peshitta* passou por revisões frequentes com base em comparações com vários textos gregos, manuscritos hebraicos e outras fontes, tornando difícil rastrear sua forma original. Um dos manuscritos mais importantes da *Peshitta* que sobreviveram é o *Códice Ambrosiano* do sexto século, que contém todo o Antigo Testamento.

Versão armênia

Os cristãos sírios espalharam sua fé para os armênios no leste da Ásia Menor. A Armênia se tornou o primeiro reino cristão da história quando Tiridates III, que governou de 259 a 314 d.C., se converteu. No quinto século, um alfabeto armênio foi criado para traduzir a Bíblia para o idioma armênio. A Bíblia armênia é conhecida por sua beleza e precisão, embora possa ter sido inicialmente traduzida do siríaco e posteriormente revisada com base em textos gregos. O idioma armênio é semelhante ao grego em gramática e estrutura. Segundo a tradição, a tradução do Novo Testamento foi feita por Mesrop, um bispo na Armênia, a quem também é creditada a invenção dos alfabetos armênio e georgiano. As igrejas armênicas não aceitaram o livro do Apocalipse como parte de sua Bíblia até o século 12.

Versão georgiana

A mesma tradição que atribui a Mesrop a tradução da Bíblia para o armênio também atribui a uma escrava armênia a disseminação do cristianismo entre os povos de língua georgiana. Os manuscritos georgianos mais antigos da Bíblia datam do século oitavo, mas são baseados em uma tradução anterior que apresenta traços de influências siríacas e armênias. Os Evangelhos podem ter chegado pela primeira vez à Geórgia como o *Diatessaron*. Alguns fragmentos georgianos importantes têm sido úteis no estudo desse texto. Há um manuscrito completo da Bíblia georgiana em dois volumes no Mosteiro de Iveron, no Monte Atos.

Outro grupo caucasiano, os albanos, recebeu um alfabeto de Mesrop para traduzir a Bíblia. No entanto, sua igreja foi destruída durante as guerras islâmicas, e não foram encontrados vestígios da tradução da Bíblia deles.

Versão etíope

No meio do quinto século, a Etiópia (também chamada de Abissínia) era governada por um rei cristão, e o país mantinha laços estreitos com o cristianismo egípcio até as conquistas islâmicas. O Antigo Testamento provavelmente foi traduzido para o etíope antigo (chamado Ge'ez) no quarto século. Esta versão é interessante por duas razões: primeiro, é a Bíblia dos falashas, um grupo de judeus africanos que afirmam ser descendentes de judeus que migraram para a Etiópia durante o tempo do rei Salomão e da rainha de Sabá. Segundo, contém livros não incluídos no Apócrifo hebraico, como o livro de Enoque, que é citado em [Judas 1.14](#). O livro de Enoque era desconhecido pelos estudiosos até que uma cópia foi trazida para a Europa em 1773. Já 3 Baruc, um livro apócrifo, é preservado apenas através da versão etíope.

O Novo Testamento foi traduzido para o etíope antigo mais tarde do que o Antigo Testamento. Inclui escritos mencionados por Clemente de Alexandria, como o *Apocalipse de Pedro*. Embora ambos os Testamentos ainda estejam disponíveis em manuscritos etíopes, nenhum é mais antigo do que o século 13. Esses manuscritos dependem fortemente de fontes coptas e árabes. O caos na Etiópia entre os séculos 7 e 13 destruiu manuscritos anteriores. Como os manuscritos sobreviventes são tão tardios, eles têm tido pouco valor para os estudiosos bíblicos.

Versões árabes

Em 570 d.C., Maomé nasceu em Meca. Ele se casou aos 25 anos com uma rica viúva chamada Khadija. Seu "chamado" para ser profeta veio quando ele tinha 40 anos. Em 622, ele se mudou para Medina (um evento chamado de "Hégira") e morreu em 632, tendo unificado a Arábia sob o Islã. Dentro de cem anos, as conquistas islâmicas se espalharam pelo Norte da África, Espanha e nas terras bíblicas. Essa expansão implacável colocou pressão sobre Bizâncio e, eventualmente, levou à queda de Constantinopla em 1453. A conquista islâmica avançou para o leste até alcançar a Índia, tornando o árabe a língua mais amplamente falada desde os dias de Alexandre, o Grande, nove séculos antes.

Havia muitas comunidades judaicas na Arábia durante o tempo de Maomé, e as conquistas islâmicas também tomaram centenas de comunidades cristãs. No entanto, uma versão árabe da Bíblia não apareceu até que Saadia Gaon traduziu o Pentateuco do hebraico no décimo século. Outras partes do Antigo Testamento foram traduzidas do hebraico, siríaco e grego, mas não necessariamente por Saadia em si. As seguintes foram traduzidas da *Peshitta* siríaca:

- Juízes;
- Samuel;
- Reis;
- Crônicas;
- Jó.

Enquanto o seguinte foi traduzido da Septuaginta grega:

- Os profetas;
- Salmos;
- Provérbios.

A versão dele foi utilizada por judeus de língua árabe até os tempos modernos. No entanto, outros grupos judeus que não concordavam com a tradução livre de Saadia criaram suas próprias versões.

As traduções do Novo Testamento para o árabe foram feitas a partir de fontes siríacas, gregas e coptas entre os séculos sete e nove. João I foi um patriarca jacobita de Antioquia de 631 a 648. Segundo historiadores árabes, ele traduziu os Evangelhos do siríaco para o árabe. Outra tradução dos Evangelhos foi realizada por João, bispo de

Sevilha, a partir da Vulgata Latina por volta de 724 d.C. O Novo Testamento árabe final baseou-se principalmente no copta boário. Devido à sua data tardia e fontes mistas, as versões árabes não têm sido muito importantes para os estudos bíblicos.

Versão eslava

Embora os eslavos vivessem perto dos centros do cristianismo primitivo, as traduções da Bíblia para o eslavo só começaram no nono século. Dois irmãos, Constantino e Metódio, filhos de um nobre grego, iniciaram o trabalho traduzindo textos litúrgicos para o eslavo. Com a aprovação dos papas Adriano II e João VIII, eles também traduziram a Bíblia. Constantino (mais tarde conhecido como Cirilo) e Metódio trabalharam entre os eslavos e morávios. Cirilo inventou o alfabeto (agora chamado de cirílico) para ajudar em seu trabalho de tradução. Existem manuscritos eslavos que datam dos séculos 10 e 11, mas o mais antigo manuscrito completo da Bíblia em eslavo é o *Códice Genádio*, de 1499, embora seja considerado tardio demais para ser útil aos estudos bíblicos.

Bíblia*, Citações Do Antigo Testamento No Novo Testamento

As passagens do AT citadas ou aludidas nos escritos do NT.

Um dos problemas mais complexos na interpretação da Bíblia se encontra em entender como os escritores do NT citaram o AT. Obviamente, nada é tão formativo e autoritário para os escritores do NT como as Escrituras. No entanto, a maneira que eles usavam as passagens do AT muitas vezes parece estranha para os leitores modernos.

O AT forneceu as palavras e as ideias para grande parte do NT. A menos que alguém tenha uma Bíblia que mostre as citações do AT de forma muito clara, estas podem não ser facilmente vistas, pois os escritores do NT muitas vezes utilizam as palavras do AT sem indicar que estão tomando-as emprestadas do AT. Há mais de 400 passagens do AT que são explicitamente citadas no NT. Quase metade delas é introduzida por meio de uma declaração como "as Escrituras dizem" para chamar a atenção para o fato de que a autoridade e o pensamento do AT estão sendo implementados. Para os outros, no entanto, as palavras do AT são entrelaçadas no tecido da própria declaração do autor.

Além das mais de 400 passagens citadas explicitamente, há bem mais de 1.000 lugares onde há uma alusão a um texto, evento ou pessoa do AT. A diferença entre uma citação e uma alusão é ocasionalmente debatida para textos específicos, mas geralmente a distinção é que em uma citação o autor usa conscientemente as palavras de uma passagem do AT, enquanto, em uma alusão, ele tem os textos em mente, mas não está conscientemente tentando usar as palavras.

As citações são fáceis de identificar se houver uma fórmula introdutória como “as Escrituras dizem” (como em [Rm 10.11](#); cf. [Is 28.16](#)). Onde não há fórmula introdutória, é fácil ignorar citações explícitas ([Rm 10.13](#); cf. [Jl 2.32](#)). As alusões são, é claro, ainda mais difíceis de reconhecer, mas muitas vezes fornecem a chave para a interpretação. Por exemplo, [João 1.14-18](#) — com sua menção de glória, graça e verdade, Moisés e o fato de que ninguém viu a Deus — é muito mais fácil e profundamente entendido quando lido em conexão com [Êxodo 33.17-34.8](#). Na passagem de Êxodo, a glória de Deus, sua graça e verdade são reveladas a Moisés. O autor estava mostrando que uma revelação muito mais completa de Deus foi dada em Jesus comparada àquela que havia sido dada a Moisés no relato registrado em Êxodo.

Além disso, uma luz significativa é derramada sobre muitas passagens do NT a partir de passagens do AT com ideias e palavras semelhantes, até mesmo em textos nos quais o autor do NT pode não ter estado conscientemente aludindo a esses textos (p. ex. [Mt 16.19](#); [Is 22.22](#)). O que estava por trás do pensamento do autor não fica claro, mas, em tais casos, o NT reflete o pensamento, a cultura e a linguagem do período do AT.

Distribuição das citações do Antigo Testamento

Os livros do NT que mostram mais dependência do AT são Mateus, João, Romanos, Hebreus, 1 Pedro e Apocalipse. Contudo, tal declaração pode ser errônea, considerando que os escritores têm métodos diferentes.

Mateus cita ou reflete conscientemente a redação das passagens do AT cerca de 62 vezes, das quais quase metade possui uma fórmula introdutória. O livro de Apocalipse, por outro lado, em nenhum momento cita o AT e não tem nenhuma fórmula introdutória, mas, provavelmente, é mais dependente do AT do que qualquer outro livro do NT. O livro de Hebreus cita ou reflete

conscientemente o AT cerca de 59 vezes, mais uma vez, cerca de metade destas citações tem uma fórmula introdutória, enquanto o Evangelho de João o faz apenas 18 vezes, quase sempre com uma fórmula introdutória. Todavia, as alusões ao AT estão presentes em praticamente todas as páginas do Evangelho de João, tanto que alguns estudiosos argumentaram que ele modelou seu relato na narrativa do êxodo, nas festas judaicas, ou pessoas e imagens do AT. A carta de Paulo aos Romanos usa o AT 54 vezes (cerca de três quartos destes usos têm fórmulas introdutórias), mas em nenhum outro lugar o AT é utilizado com tanta frequência (p. ex., em 1Co 16 vezes, Gl 11 vezes, Fp uma vez, 1Ts uma vez).

Adicionalmente à indicação de que Filipenses e 1 Tessalonicenses usam o AT apenas uma vez cada, alguns outros livros fazem uso explícito do AT raramente ou, até mesmo, nunca. Colossenses, Tito, Filemom e as cartas joaninas não usam o AT; 2 Timóteo e Judas usam o AT apenas uma vez; enquanto 2 Pedro e 1 Timóteo fazem uso dele duas vezes.

O ponto importante é perceber que o AT é usado com mais frequência em circunstâncias nas quais o público está familiarizado com o AT ou quando o AT é essencial para descrever os eventos relacionados com Cristo e a igreja. Os livros que usam o AT com mais frequência (Mt, Jo, Rm, Hb, 1Pe, Ap) derivam ou são direcionados a um contexto judaico, ou, como no caso de Romanos e João, lidam especificamente com a relação entre judeus e cristãos. Os Evangelhos fazem uso bastante extensivo do AT porque a linguagem do AT é necessária para transmitir a identificação e importância de Jesus nos propósitos de Deus. Similarmente, 1 Pedro usa o AT com frequência porque o autor está tentando transmitir ao seu público perseguido que eles são o povo de Deus e os herdeiros das promessas de Deus.

Problemas na interpretação

Muitas vezes quando as pessoas pensam nas citações do AT no NT pensam apenas em termos de profecia. Alguns têm sido responsáveis por contar as declarações do AT que o NT aplica a Cristo e à igreja e então alegar esses textos do AT como previsões que provam que Jesus é o Messias. Tal procedimento está cheio de problemas, pois é muito simplista e não faz justiça nem ao AT, nem à maneira como o NT o usa. É claro, a igreja primitiva de fato usou o AT para mostrar que Jesus cumpriu as promessas de Deus e realizou a obra de Deus,

mas o uso que a igreja fazia do AT era bastante variado e grande parte não pode ser classificada como profecia preditiva. A própria profecia é muito complexa para ser limitada ao pensamento preditivo.

Alguns dos exemplos mais óbvios destas dificuldades aparecem no Evangelho de Mateus, embora eles não estejam de forma alguma confinados lá. [Mateus 2.15](#) — “Do Egito chamei meu filho” — é uma citação de [Os 11.1](#), mas em Oseias essas palavras não se referem ao Messias. Elas se referem à nação de Israel. Da mesma forma, [Mateus 2.18](#) cita [Jeremias 31.15](#) (“Uma voz é ouvida em Ramá, chorando e em grande pranto, Raquel está chorando por seus filhos e negando-se a ser confortada, porque eles não existem mais”) como se referindo ao massacre dos bebês inocentes em Belém, mas em Jeremias o choro é sobre a destruição de Jerusalém. [João 12.40](#) vê [Isaías 6.10](#) como cumprido no ministério de Jesus, mas este verso lida com o chamado de Isaías, e não é uma previsão que diz respeito ao ministério do Messias. Os exemplos poderiam ser múltiplos, mas esses devem ser suficientes para ilustrar o problema. Por esta razão, os escritores do NT têm sido frequentemente acusados de distorcer as Escrituras, mas esta acusação é tão simplista quanto o pensamento de que toda profecia é preditiva, e, de fato, brotam do mesmo erro. Portanto, qualquer tentativa de entender o uso do AT no NT terá que lidar com a variedade de maneiras pelas quais o AT é usado e com os métodos que foram empregados pelos escritores do NT.

Há ainda outras dificuldades que podem ser encontradas. Às vezes, o escritor do NT indicará que algum fato relacionado a Cristo é um cumprimento do AT, mas o texto explícito que o autor tinha em mente não pode ser identificado. Por exemplo, [João 7.38](#) introduz as palavras “Do seu coração correrão rios de água viva” com a declaração “como as Escrituras disseram”. Nenhum texto do AT se lê desta maneira. Possivelmente a alusão seja à rocha que forneceu água no deserto ([Êx 17.1](#)), ou às águas que fluíam do novo templo ([Zc 14.8](#)) ou, de forma mais geral, pode ser uma referência a [Isaías 58.11](#). Similarmente, a dificuldade em determinar o texto do AT por trás da profecia de que Cristo será chamado de nazareno ([Mt 2.23](#)) é notória. Provavelmente a referência é a [Isaías 11.1](#) e à palavra hebraica ali traduzida como “ramo”, mas esta conexão não é facilmente feita e não é certa. Um terceiro exemplo deste tipo de problema está em [1](#)

[Coríntios 14.34](#), onde Paulo indica que as mulheres deveriam estar em submissão assim como a Lei diz, mas não há nenhum texto do AT expressando esta ideia. Sua declaração possivelmente deve ser entendida como um resumo, em vez de uma citação ou alusão. Da mesma forma, em algumas ocasiões, um texto de AT é aparentemente atribuído ao livro errado de AT. Em [Marcos 1.2-3](#) uma citação do AT é atribuída a Isaías, mas a citação é, na verdade, uma fusão (ou mistura) de [Êxodo 23.20](#), [Malaquias 3.1](#) e [Isaías 40.3](#). [Mateus 27.9-10](#) cita uma passagem aparentemente se referindo a Jeremias, enquanto, na verdade, é dependente de [Zacarias 11.13](#) e pode ser melhor descrita como um resumo de [Zacarias 11.12-13](#), com certas palavras incluídas de [Jeremias 32.6-9](#). Contudo, esses dois exemplos não criam um grande problema, pois a determinação da origem das palavras pode ser devido ao seu uso em coleções de citações de vários profetas, e nestes casos os profetas mais proeminentes seriam usados para designar origem.

As citações do texto do AT nem sempre são redigidas de acordo com a forma moderna do AT. Assim como hoje existem numerosas traduções da Bíblia, quando o NT estava sendo escrito, já havia várias formas do texto do AT. Com relação ao texto hebraico (pois o AT foi escrito principalmente em hebraico), havia diferentes tradições. Tais diferenças nas tradições hebraicas provavelmente foram relativamente pequenas. Por causa da crescente importância do aramaico após o cativeiro babilônico, além do grego após as conquistas de Alexandre, o Grande, o AT também era conhecido e usado nestas duas línguas enquanto o NT estava sendo escrito. De fato, os judeus passaram a achar necessário que, em seus cultos na sinagoga, após a leitura do AT hebraico, se parafraseasse a leitura em aramaico para que todos pudessem entender. Essas paráfrases foram mais tarde escritas e são conhecidas como Targums. A tradução grega do AT que decorre do terceiro século a.C. é conhecida como Septuaginta, mas também havia outras traduções gregas em uso. Sendo este o caso, a redação de uma citação do NT não é idêntica em todos os detalhes ao texto do AT hebraico.

Adicionado ao fato de que havia várias formas do texto conhecidas na Palestina do primeiro século d.C. está o complicado fator de que os escritores do NT muitas vezes não pretendiam citar o AT de maneira exata. O uso formal de aspas é um artifício moderno, e os escritores antigos não eram tão levados pela precisão técnica. Eles estavam mais preocupados com a intenção de um texto e,

consequentemente, poderiam copiá-lo ou citá-lo textualmente, citá-lo de memória, usar ou adaptar parte de um verso, ou até mesmo mudar certas palavras enquanto pegavam o verso emprestado a fim de expressar seus pontos. (Os escritores do NT frequentemente usam as palavras do AT que descrevem as ações de Deus no passado para explicar o que ele fez em seu tempo). A importância de quaisquer diferenças entre a citação do NT e o AT depende do uso para o qual a citação é colocada e do grau em que o uso é dependente de diferenças textuais.

Alguns exemplos devem ilustrar a natureza dessas dificuldades. [Efésios 4.8](#) cita o [Salmo 68.18](#). Considerando que no hebraico e na Septuaginta se lia: “Você ascendeu às alturas, levou cativo o cativo, recebeu presentes entre a humanidade”, Efésios registra o verso como “Depois que ele ascendeu às alturas, *ele* levou cativo o cativo; *ele* deu presentes aos homens”. Paulo está enfatizando que Cristo deu graça às pessoas para o ministério. Ele adaptou a redação do AT para expressar seu ponto ou citou uma leitura variante: “*ele deu presentes*”. Algumas versões têm esta leitura. Na verdade, o Targum entende este verso como Moisés dando as palavras da lei aos filhos dos homens, e Paulo pode estar adaptando este entendimento à nova revelação que veio em Cristo.

[Mateus 1.23](#) cita [Isaías 7.14](#), mas há diferenças distintas entre o texto hebraico e a redação em Mateus. O hebraico diz: “Eis que a jovem mulher engravidará e dará à luz um filho e você chamará seu nome Emanuel”, enquanto o texto de Mateus registra “Eis que a *virgem* engravidará e dará à luz um filho, e *eles* chamarão seu nome Emanuel”. A Septuaginta de fato tem a palavra específica “virgem”, como em Mateus, mas não é a fonte da citação de Mateus, uma vez que existem outras diferenças. Alguns argumentaram que a mudança de “você chamará” para “eles chamarão” foi feita por Mateus quando ele aplicou as palavras a Jesus. No entanto, há várias tradições conhecidas para esta parte da citação e o apoio parcial para a leitura em Mateus é fornecido pelo texto de Isaías encontrado entre os Manuscritos do Mar Morto.

[Romanos 11.26-27](#) é uma fusão de [Isaías 59.20-21](#) e parte de [Isaías 27.9](#), mas há diferenças importantes. Uma delas é que o AT tem “o redentor virá a Sião”, enquanto que Romanos tem “o libertador virá *de* Sião”. A mudança para “*de* Sião” poderia indicar que Paulo tinha uma tradição textual diferente, poderia ser o resultado de uma mudança intencional de Paulo, ou, mais

provavelmente, poderia refletir a redação do [Salmo 14.7](#).

Uma consciência das dificuldades envolvidos nas citações do AT pelos escritores do NT proibirá uma abordagem simplista e prevenirá conclusões precipitadas. Importa perguntar não apenas qual texto foi usado, mas também qual forma do texto foi usada, como é obviamente essencial em qualquer estudo sério. Ademais, é necessário compreender a possibilidade de que os escritores do NT conheciam formas de um texto que agora estão perdidas.

Os métodos dos escritores do Novo Testamento

Os métodos usados pelos escritores do NT não eram únicos para eles. Muitos desses métodos também foram empregados no judaísmo do primeiro século. Na verdade, tanto a técnica usada nas citações quanto a compreensão do próprio texto do AT, em muitos casos, são paralelas no judaísmo. Por exemplo, do ponto de vista da técnica usada nas citações, os mesmos tipos de fórmulas de introdução são usados nos Manuscritos do Mar Morto, nos escritos rabínicos e em outros lugares. A técnica rabínica de “enfileiramento de pérolas”, isto é, de aplicar versos de várias partes do AT (a Lei, os Profetas, os Escritos) a um determinado assunto, pode ser vista especialmente nos escritos de Paulo (observe [Rm 9.12-19](#) ou [11.8-10](#)). Consideravelmente relacionada está a prática de usar citações que contêm uma palavra-chave ou palavras-chave (observe [1Pe 2.6-8](#), que reúne citações usando a palavra “pedra”, ou [Rm 15.9-12](#), que une versos do AT que se referem às “nações”).

Os métodos usados no NT para interpretar um texto do AT também são encontrados no judaísmo. Algumas passagens interpretam o AT “literalmente”, como as respostas de Jesus durante a tentação (veja as citações de [Dt 8.3](#); [6.16](#); [6.13](#); em [Mt 4.3-10](#)), seus ensinamentos sobre o casamento baseados em [Gênesis 2.24](#) ([Mt 19.5](#)), ou o uso de [Habacuque 2.4](#) ([Rm 1.17](#)) ou [Gênesis 15.6](#) ([Rm 4.3-9](#)). Muitos mais desses exemplos poderiam ser dados. Com relação à profecia, algumas dessas declarações são cumpridas de uma maneira “literal” ou “direta” de acordo com a intenção do AT (p. ex., [Mq 5.2](#), Belém como o local de nascimento do Messias; [Mt 2.4-6](#)). [Jeremias 31.31-34](#), a promessa da nova aliança, é visto como diretamente cumprido em Cristo ([Hb 8.7-13](#)). A profecia de [Joel 2.28-32](#) sobre o derramamento do Espírito do Senhor é diretamente cumprida no

evento de Pentecostes ([Atos 2.17-21](#)), mas a transformação do sol em trevas e a lua em sangue certamente não são entendidas literalmente em conexão com este evento.

Um método diferente de interpretação é baseado no conceito de *solidariedade corporativa*. Esta expressão técnica é uma tentativa de transmitir a ideia de que os indivíduos entre o povo de Deus não são meros indivíduos; eles fazem parte de um todo maior. Consequentemente, o que é dito sobre o indivíduo pode se aplicar ao todo e vice-versa. Esta é a razão pela qual o Servo do Senhor em Isaías é visto tanto como a nação ([44.1](#)) quanto como um indivíduo ([52.13-53.12](#)). Além disso, o rei é ocasionalmente visto como representante da nação. Os lugares mais fáceis de se observar o conceito de solidariedade corporativa se encontram no efeito do pecado de Acã em todo o povo ([Js 7](#)) ou o pecado de Davi ao realizar o censo do povo ([1Cr 21.3-8](#)).

A *correspondência na história* não é tanto um método de interpretação, mas sim, uma maneira de se pensar sobre Deus. Ela assume que as coisas que acontecem com o povo de Deus são as coisas que já aconteceram com as gerações anteriores, e que Deus é fiel e opera no presente da mesma maneira que fez no passado. Consequentemente, as tribulações e a libertação do povo de Deus são muitas vezes expressas com palavras emprestadas dos relatos anteriores do povo de Deus. Isaías descreve a antecipada libertação em termos de um segundo êxodo ([11.15-16](#)). Ezequiel descreve o rei estabelecido sobre o povo em termos de um segundo Davi ([Ez 37.25](#)). No NT, [Apocalipse 22](#) descreve os novos céus e a nova terra em termos do Jardim do Éden ([Gn 2-3](#)). Às vezes, esta técnica é descrita como “tipologia”, mas este termo já foi usado para tantas interpretações questionáveis que pode ser enganoso. A coisa mais importante sobre este conceito é que se trata de uma visão de Deus e sua obra entre seu povo.

Com esses dois conceitos, a maneira que o AT é citado no NT pode ser entendida. A convicção de que Jesus era o libertador prometido e que os últimos dias começaram em seu ministério é evidente em todos os lugares. A citação de [Oseias 11.1](#) pode ser usada em [Mateus 2.15](#) por causa da solidariedade corporativa e correspondência na história. O que foi dito a respeito da nação é uma verdade sobre aquele que é seu representante, e há correspondência em suas respectivas histórias. [Jeremias 31.15](#) pode ser usado em [Mateus 2:18](#) por causa da correspondência na história e

especialmente devido a Jeremias aguardar a intenção que Deus tinha para Israel e profetizar uma nova aliança ([31.17,31-34](#)). Mateus viu não apenas a correspondência na história, mas acreditava que em Jesus esta salvação prometida havia sido concedida. [João 12.40](#) pode citar [Isaías 6.10](#) em relação ao ministério de Jesus, não porque ele altera o significado do texto do AT, mas sim porque João viu que aquilo que havia acontecido com o mensageiro de Deus no passado aconteceu novamente e, desta vez, *completamente* no ministério de Jesus. Os exemplos de tais correspondências na história são numerosos.

Existem outros textos onde parece haver uma *atualização* do texto do AT. Algumas citações parecem ser “vivas” no ministério de Jesus. Por causa de sua convicção sobre Jesus e seu reino, os autores do NT muitas vezes viam certos textos do AT como apropriados e trazidos à vida por Jesus. O [Salmo 118.22](#) não tinha a intenção de ser uma profecia do Messias, mas Jesus viu este texto como descritivo de seu ministério ([Mt 21.42](#)), e a igreja primitiva viu este verso como atualizado em sua morte e ressurreição ([Atos 4.11](#)). [Isaías 53](#) é outro texto que o NT vê como atualizado no ministério de Jesus (veja [Atos 8.32-35](#) e [1Pe 2.22-25](#)). Alguns cristãos teriam visto o [salmo 22](#) como uma profecia da crucificação de Jesus, mas, em vez disso, parece ser o lamento de um justo sofredor do AT. Através da correspondência na história, e porque os cristãos viram grande parte da situação do salmista atualizada na crucificação de Jesus, o salmo se tornou a maneira mais fácil de descrever o que mais uma vez havia acontecido com o sofredor justo de Deus. As palavras de [Isaías 40.3](#) descrevem o ministério de João Batista ([Mt 3.3](#)). Os judeus haviam chegado a ver este verso como uma profecia da salvação de Deus do fim dos tempos, e a igreja primitiva viu João Batista cumprindo a tarefa deste antecessor que havia de vir. Lucas fez esta identificação ([Lc 3.4-6](#)), mas ele aplicou o mesmo papel aos discípulos de Jesus ([9.52](#); [10.1](#)). Este parece ser mais um exemplo de atualização e correspondência na história. Em outros lugares, a igreja aplicou aos cristãos algumas ideias que foram entendidas primeiramente relacionadas a Cristo (p. ex., a pedra em [1Pe 2.4-5](#); o ministério do Servo Sofridor em [Atos 13.46-47](#)).

O termo mais conveniente para descrever a maneira como o AT é “cumprido” em Cristo é dizer que o AT encontra seu clímax em Jesus. Mesmo onde citações reais não estão envolvidas, as ideias do AT, como a do profeta, do sacerdote ou do rei têm o seu clímax nele como o ideal e a encarnação

de todos os modelos do AT. Ele poderia dizer às autoridades religiosas que “aquele que é maior do que Salomão está aqui” ([Mt 12.42](#)) ou “aquele que é maior do que o templo está aqui” ([Mt 12.6](#)). Essas passagens envolvendo correspondência na história ou atualização também levam à convicção de que ele é o clímax das Escrituras do AT.

Os propósitos do uso do Antigo Testamento

A variedade de métodos de interpretação e aplicação do AT é paralela ao fato de que o AT foi usado para uma variedade de propósitos. As pessoas tendem a pensar apenas em termos do uso do AT para mostrar que Jesus era o Messias, mas há uma série de outros usos com uma variedade de objetivos. Muitos textos do AT são usados para mostrar que Jesus é o Messias, o cumprimento das promessas do AT ([Lc 4.16-21](#)). Sem diminuir a ênfase do cumprimento, no entanto, outros versos são aplicados a Jesus para outros propósitos: evangelizar ([Atos 8.32-35](#)); demonstrar ou convencer ([Atos 13.33-35](#)); repreender ([Mc 7.6-7](#); [Rm 11.7-10](#)); e descrever ([Ap 1.12-15](#)). Por outro lado, muitas citações do AT no NT não estão diretamente relacionadas com o Messias. As passagens do AT são adaptadas para fornecer uma palavra de Deus em algum aspecto da vida ou ética. Por exemplo, Jesus usou [Gênesis 2.24](#) para fundamentar seu ensino sobre o divórcio conforme ele tentava lidar com as questões levantadas pela regulamentação civil do divórcio ([Dt 24.1](#); [Mt 19.1-12](#)). A ênfase nos mandamentos do AT mostra sua importância para os cristãos ([Mt 19.16-22](#); [Rm 13.8-10](#)). Muitas vezes as declarações do AT lidam com problemas específicos. O problema do orgulho em Corinto é resolvido pela citação de [Jeremias 9.24](#) (“Quem se gloriar, que se glorie no Senhor”, [1Co 1.31](#)). [1 Pedro 3.10-12](#) incorpora o [Salmo 34.12-16](#) como instruções éticas, e [3.14-15](#) toma emprestado de [Isaías 8.12-13](#) a fim de lidar com o medo do sofrimento. A armadura espiritual em [Efésios 6.14-17](#) é derivada em grande parte das passagens do AT. Tais exemplos são tão numerosos que não pode haver dúvida de que o AT é usado para descrever a existência cristã. Na verdade, quase todos os assuntos abordados no NT são apresentados em algum lugar através de termos e citações do AT. Frequentemente passagens do AT são utilizadas para descrever a igreja como a comunidade de Deus do fim dos tempos. [Oseias 2.23](#) é usado para mostrar que aqueles que anteriormente não eram o povo de Deus agora são ([Rm 9.25-26](#); [1Pe 2.10](#)). Vários textos do AT contribuem para a descrição da igreja em [1Pedro](#)

[2.9](#). Textos do AT que falam da palavra de Deus descrevem a pregação dos apóstolos ([Rm 10.8](#); [1Pe 1.24-25](#)). Citações do AT descrevem a condição pecaminosa da humanidade ([Rm 3.10-20](#)). A salvação é explicada através dos conceitos e símbolos do AT e é baseada nas declarações do AT ([Jo 6.31-33](#); [Gl 3.6-13](#)). As palavras de Daniel descrevem a Segunda Vinda ([7.13-14](#); cf. [Mt 24.30](#)). Até a adoração dos primeiros cristãos era expressa através do uso do AT (veja [Atos 4.24](#); [Rm 11.34-35](#)).

Bíblia*, Manuscritos E Texto Do (Novo Testamento)

Cópias dos livros do NT produzidas por escribas e edições feitas a partir dessas cópias. Nos séculos anteriores à produção simultânea de cópias por meio de ditado (onde muitos escribas em um scriptorium transcreviam um texto ditado a eles por um leitor), todas as cópias manuscritas eram feitas isoladamente — cada escriba produzindo uma cópia de um exemplar.

Antes do século XV, quando Johannes Gutenberg inventou a imprensa em seu formato móvel, todas as cópias de qualquer obra de literatura eram feitas à mão (daí o nome “manuscrito”). De acordo com uma tabulação atual, há 99 manuscritos de papiro, 257 manuscritos unciais e 2.795 manuscritos minúsculos. Podemos adicionar 2.209 lecionários gregos a esta lista. Portanto, temos mais de 5.350 cópias manuscritas do NT grego ou porções dele. Nenhuma outra obra da literatura grega pode se vangloriar de tais números.

Resumo

- Importantes manuscritos de papiro
- Importantes manuscritos unciais
- O texto do Novo Testamento

Importantes manuscritos de papiro

Papiro é uma planta de junco alta e aquática, cujo miolo é cortado em tiras, colocado em um padrão cruzado e colado para fazer uma página para escrever. Os rolos de papiro do Egito têm sido usados como uma superfície de escrita desde o início do terceiro milênio a.C. Os gregos adotaram o papiro por volta de 900 a.C., e mais tarde os romanos adotaram seu uso. No entanto, os rolos gregos de papiro mais antigos existentes datam do quarto século a.C. Infelizmente, o papiro é

perecível, exigindo um clima seco para sua preservação. É por isso que tantos papiros foram descobertos nas areias do deserto do Egito.

Os manuscritos de papiro do NT (abreviados como “P”) geralmente são os mais antigos manuscritos do NT. De um modo geral, os mais importantes podem ser categorizados em três grupos: (1) o Papiro Oxirrínco (de Oxirrínco, Egito), (2) o Papiro Beatty (nomeado em homenagem ao proprietário); e (3) o Papiro Bodmer (nomeado em homenagem ao proprietário).

O Papiro Oxirrínco

Começando em 1898 B. P. Grenfell e A. S. Hunt descobriram milhares de fragmentos de papiro nas antigas pilhas de lixo de Oxirrínco, no Egito. Este local forneceu volumes de fragmentos de papiro contendo todos os tipos de material escrito (literatura, contratos de negócios e legais, cartas, etc.), bem como mais de 40 manuscritos contendo porções do NT. Alguns dos manuscritos de papiro mais notáveis de Oxirrínco são os seguintes:

P1 (P. Oxy. 2)

Este manuscrito do final do segundo século contém [Mateus 1.1–9, 12, 14–20](#). Grenfell e Hunt no inverno de 1896–97 foram para Oxirrínco (agora chamada El Bahnasa) em busca de antigos documentos cristãos. P1 foi descoberto no segundo dia da escavação. No momento desta descoberta, esta era a primeira cópia existente de qualquer parte do Novo Testamento — pelo menos 100 anos antes do Códice Vaticano. O copista do P1 parece ter seguido fielmente um exemplar muito confiável. Onde há grandes variantes, P1 concorda com as melhores testemunhas de Alexandria, especialmente B (Códice Vaticano), das quais raramente varia.

P5 (P. Oxy. 208 e 1781)

Duas porções separadas deste manuscrito do terceiro século foram desenterradas de Oxirrínco por Grenfell e Hunt, ambos do mesmo manuscrito de papiro. A primeira porção contém [João 1.23–31, 33–40](#) em um fragmento e [João 20.11–17](#) em outro — provavelmente no primeiro e último caderno de um manuscrito contendo apenas o Evangelho de João. Esta porção foi publicada no volume II de *Papiros de Oxirrínco* em 1899; a segunda parte — contendo [João 16.14–30](#) — não foi publicada até 1922 no volume XV de *Papiros de Oxirrínco*.

Depois de examinar a primeira parte, Grenfell e Hunt disseram: “O texto é bom, e parece ter

afinidades com o do Códice Sinaítico, com o qual o papiro concorda em várias leituras não encontradas em outros lugares”. O papiro, em escrita documental, é marcado por sua brevidade.

P13 (P. Oxy. 657 e PSI 1292)

Este manuscrito, datado entre 175 e 225, contém 12 colunas de um rolo preservando o texto de [Hebreus 2.14–5.5; 10.8–22; 10.29–11.13; 11.28–12.7](#). O texto de Hebreus foi escrito em escrita documental reformada na parte de trás do papiro contendo o novo epítome de Tito Lívio. Por esta razão, alguns estudiosos pensam que o manuscrito possivelmente foi trazido para o Egito por um oficial romano e deixado para trás quando ele deixou seu posto. P13 muitas vezes concorda com B, e suplementa B onde é necessário — ou seja, de [Hebreus 9.14](#) até o fim de Hebreus. P13 e P46 apresentam quase o mesmo texto. De um total de 88 unidades de variação, há 71 concordâncias e apenas 17 discordâncias.

P77 (P. Oxy. 2683 + 4405)

Datado aproximadamente de 150–175, este é o mais antigo manuscrito de Mateus ([23.30–39](#)). O manuscrito é claramente uma produção literária. Foi escrito em letra cursiva elegante e possui o que era ou se tornou um sistema padrão de divisão de capítulos, bem como pontuação e marcas de aspiração. P77 tem afinidades textuais próximas com o Códice Sinaítico.

P90 (P. Oxy. 3523)

Este manuscrito do segundo século (ca. 150–175) contém [João 18.36–19.7](#). A escrita (vertical, arredondada e elegante) é muito parecida com a encontrada em P66. Além disso, P90 tem mais afinidade com P66 do que com qualquer outro manuscrito único, embora não concorde com P66 em sua totalidade.

P. Oxy. 4404

Contendo [Mateus 21.34–37, 43, 45](#), este manuscrito poderia ser o mais antigo manuscrito existente do NT já que a escrita é romana antiga e, portanto, poderia ser datado do início do segundo século.

Os papiros Chester Beatty

Esses manuscritos foram comprados de um comerciante no Egito durante a década de 1930 por Chester Beatty e pela Universidade de Michigan. Os três manuscritos nesta coleção são muito antigos e contêm uma grande parte do texto do NT. P45 (ca.

200) contém porções de todos os quatro Evangelhos e Atos; P46 (ca. 125) tem quase todas as epístolas de Paulo e Hebreus; e P47 (terceiro século) contém [Apocalipse 9-17](#).

P45 (Papiro I Chester Beatty)

Este códice tem os quatro Evangelhos e Atos ([Mt 20.24-32](#); [21.13-19](#); [25.41-26.39](#); [Mc 4.36-9.31](#); [11.27-12.28](#); [Lc 6.31-7.7](#); [9.26-14.33](#); [Jo 4.51-5.2](#); [21-25](#); [10.7-25](#); [10.30-11.10,18-36, 42-57](#); [Atos 4.27-17.17](#)). A ordem dos livros no manuscrito original intacto era provavelmente a seguinte: Mateus, João, Lucas, Marcos, Atos (a chamada ordem ocidental). Este manuscrito foi datado por Kenyon do início do terceiro século, uma data que foi confirmada pelos papirologistas W. Schubart e H. I. Bell. Esta continua a ser a data atribuída a este manuscrito nos manuais modernos sobre crítica textual e edições críticas do Novo Testamento grego, mas a formação consistente de certas cartas sugere uma data anterior — talvez em algum momento no final do século II.

O escriba de P45 trabalhou sem qualquer intenção de reproduzir exatamente sua fonte. Ele escreveu com uma grande quantidade de liberdade — harmonizando, suavizando, substituindo à vontade. Em suma, o escriba, na verdade, não copiou as palavras. Ele olhou desde a linguagem até seu conteúdo de ideias, e copiou isso em palavras de sua própria escolha, ou em ordem rearranjada. Assim, nos escritos de P45, vemos um exegeta e alguém que faz uma paráfrase.

P46 (Papiro II Chester Beatty)

Este códice tem a maioria das epístolas de Paulo (excluindo as pastorais) nesta ordem: [Romanos 5.17-6.14](#); [8.15-15.9](#); [15.11-16.27](#); [Hebreus 1.1-13.25](#); [1 Coríntios 1.1-16.22](#); [2 Coríntios 1.1-13.13](#); [Efésios 1.1-6.24](#); [Gálatas 1.1-6.18](#); [Filipenses 1.1-4.23](#); [Colossenses 1.1-4.18](#); [1 Tessalonicenses 1.1](#); [1.9-2.3](#); [5.5-9, 23-28](#) (com pequenas lacunas em cada um dos livros).

O manuscrito foi originalmente datado do início do século III. Mas outros, desde então, dataram o manuscrito do início do século II. O escriba que produziu este manuscrito usou um exemplar antigo e excelente. Ele era um escriba profissional porque há notas de esticometria no final de vários livros (veja a conclusão de Romanos, 2 Coríntios, Efésios, Filipenses). A esticometria era usada por profissionais para anotar quantas linhas haviam sido copiadas por pagamento proporcional. Muito provavelmente, o ex officio do scriptorium (talvez conectado com uma biblioteca da igreja) paginou o

códice e indicou a esticometria. O próprio escriba fez algumas correções enquanto ele procedeu, e então vários outros leitores fizeram correções aqui e ali.

O texto de P46 mostra uma forte afinidade com B (especialmente em Efésios, Colossenses e Hebreus) e o próximo com κ (Códice Sinaítico). P46 concorda muito menos com os representantes posteriores do texto alexandrino. Em suma, P46 é proto-alexandrino. Em Hebreus, P46 e P13 exibem quase o mesmo texto. De um total de 88 unidades de variação, há 71 concordâncias e apenas 17 discordâncias.

P47 (Papiro III Chester Beatty)

Este códice do terceiro século contém [Apocalipse 9.10-17.2](#). O texto de P47 concorda mais frequentemente com o do Códice Sinaítico do que com qualquer outro manuscrito (incluindo o Códice Alexandrino e o Códice de Efrém Reescrito), embora muitas vezes mostre independência.

O Papiro Bodmer

Esses manuscritos foram comprados por M. Martin Bodmer de um comerciante no Egito durante as décadas de 1950 e 1960. Os três papiros importantes nesta coleção são P66 (ca. 175, contendo quase todo João), P72 (terceiro século, tendo a totalidade de 1 e 2 Pedro e Judas) e P75 (ca. 200, contendo grandes partes de [Lucas 3](#) — [João 15](#)).

P66 (Papiro Bodmer II)

Este manuscrito contém a maior parte do Evangelho de João ([1.1-6.11](#); [6.35-14.26](#), [29-30](#); [15.2-26](#); [16.2-4, 6-7](#); [16.10-20.20](#), [22-23](#); [20.25-21.9](#)). O manuscrito não inclui a perícopa da mulher adúltera ([7.53-8.11](#)), tornando-se a primeira testemunha a não incluir esta passagem espúria. O manuscrito geralmente é datado de cerca de 200, mas o renomado paleógrafo Herbert Hunger argumentou que P66 deve ser datado da primeira metade, se não do primeiro trimestre do segundo século.

De acordo com estudos recentes, parece evidente que P66 preservou o trabalho de três indivíduos: o escriba original, um corretor minucioso e um corretor secundário. Com uma mão treinada em caligrafia, o escriba original de P66 escreveu em letras maiores enquanto ele procedia com o objetivo de preencher o códice. A grande impressão do códice indica que foi escrito para ser lido em voz alta para uma congregação cristã. O

texto exibe o conhecimento do escriba de outras partes das Escrituras (na medida em que ele harmonizou [João 6.69](#) com [Mateus 16.16](#) e [João 21.6](#) com [Lucas 5.5](#)), seu uso da *nomina sacra* padrão (uma maneira de escrever nomes divinos), e seu uso especial da *nomina sacra* para as palavras “cruz” e “crucificar”.

O escriba original foi bastante livre em sua interação com o texto; ele produziu várias leituras singulares que revelam sua interpretação independente do texto. Enquanto os numerosos erros dos escritos parecem indicar que o escriba estava desatento, muitas das leituras singulares — antes da correção — revelam que ele não estava desconectado da narrativa do texto. Em vez disso, ele ficou tão absorto em sua leitura que muitas vezes esqueceu as palavras exatas que estava copiando. Sua tarefa como copista era duplicar o exemplar palavra por palavra, mas isso foi frustrado pelo fato de que ele estava lendo o texto em partes semânticas lógicas e muitas vezes se tornava um coprodutor de um novo texto. Como resultado, ele continuamente tinha que parar sua leitura e fazer muitas correções durante o processo. Mas ele deixou vários lugares sem correção, que mais tarde foram consertados pelos *diorthotes* (corretores oficiais). O produto final é muito bom, apresentando um texto que está muito próximo das testemunhas de Alexandria.

P72 (Papiro Bodmer VII–VIII)

Este manuscrito, datado do final do terceiro século, tem uma interessante coleção de escritos em um código: [1 Pedro 1.1–5.14](#); [2 Pedro 1.1–3.18](#); [Judas 1.1–25](#); a Natividade de Maria, a correspondência apócrifa de Paulo aos Coríntios, a décima primeira ode de Salomão, a Homilia de Melito sobre a Páscoa, um fragmento de um hino, a Apologia de Phileas e os [Salmos 33](#) e [34](#).

Os estudiosos pensam que quatro escribas participaram da produção de todo o manuscrito. Primeira carta de Pedro tem afinidades alexandrinas claras — especialmente com B. Segunda carta de Pedro e (especialmente) Judas exibem mais de um texto do tipo descontrolado (geralmente associado ao texto “ocidental”), com várias leituras independentes.

P75 (Papiro Bodmer XIV–XV)

Este código contém a maior parte de Lucas e João ([Lc 3.18–4.2](#); [4.34–5.10](#); [5.37–18.18](#); [22.4–24.53](#); [João 1.1–11.45](#), [48–57](#); [12.3–13.1](#), [8–9](#); [14.8–30](#); [15.7–8](#)). O manuscrito não inclui a perícope da mulher adúltera ([7.53–8.11](#)). O manuscrito pode

ser datado do final do segundo ou início do terceiro século.

O copista de P75 era um escriba alfabetizado treinado em fazer livros. Seu trabalho artesanal mostra-se através de sua caligrafia apertada e cópia controlada. A escrita apresentada neste manuscrito é tipicamente chamada pelos paleógrafos de tipo angular comum do final do segundo ao início do terceiro século. O cristianismo do escriba mostra-se em suas abreviaturas da *nomina sacra*, bem como em sua abreviação da palavra “cruz”. Esses são sinais reveladores de um escriba que pertencia à comunidade cristã. Além disso, o tipo de letra grande indica que o manuscrito foi composto para ser lido em voz alta para uma congregação cristã. O escriba até acrescentou um sistema de divisões seccionais para ajudar qualquer aspirante a leitor. Assim, temos um manuscrito escrito por um cristão para outros cristãos.

Há várias indicações da orientação Alexandrina do escriba. Em primeiro lugar está sua perspicácia escritural. Ele é o melhor de todos os primeiros escribas cristãos, e seu manuscrito é uma cópia extremamente precisa. P75 é o trabalho de um escriba extremamente disciplinado que copiou com a intenção de ser cauteloso e preciso. Os estudiosos geralmente concordam que P75 exibe o tipo de texto que foi usado na criação do Códice Vaticano (há 87 por cento de concordância entre P75 e B). Como tal, os estudiosos textuais têm uma alta consideração pela fidelidade textual da P75.

Outros Manuscritos de Papiro

P4 + P64 + P67

Esses três manuscritos de papiro fazem parte de um código datado de 150–175 d.C. O manuscrito é o trabalho de um escriba profissional, e o texto é extremamente preciso.

P32 (Papiro 5 de Rylands)

Este manuscrito, preservando [Tito 1.11–15](#); [2.3–8](#), é datado de ca. 175, tornando-se a primeira cópia existente de qualquer uma das Epístolas Pastorais. P32 mostra concordância com κ e com F e G. Uma vez que F e G (manuscritos quase idênticos) retornam ao mesmo arquétipo, é possível que P32 possa estar ligado à mesma fonte.

P52 (Papiro Rylands 457)

Este fragmento, contendo [João 18.31–34](#), [37–38](#), é digno de atenção por causa de sua datação. ca. 110–125. Muitos estudiosos (F. Kenyon, H. I. Bell, A.

Deissmann e W. H. P. Hatch) confirmaram esta datação. O manuscrito veio do sítio Faium ou Oxirrincos. Foi adquirido em 1920 por Grenfell, mas permaneceu despercebido entre centenas de papiros até 1934, quando C. H. Roberts reconheceu que este fragmento preserva alguns versos do Evangelho de João.

Importantes manuscritos unciais

Os manuscritos tipicamente classificados como “unciais” são nomeados assim para diferenciá-los dos manuscritos de papiro. De certo modo, este é um equívoco porque a verdadeira diferença tem a ver com o material em que estão escritos — velino (couro de animais tratados) em comparação com papiro — não o tipo de letras usadas. De fato, os papiros também estão escritos em unciais (letras maiúsculas), mas o termo “uncial” normalmente descreve as letras maiúsculas que eram proeminentes nos textos bíblicos do quarto século, como em Ⲁ, Α, Β, Γ.

Códice Sinaítico (ou Ⲁ)

Este códice contém todo o AT e o NT nesta ordem: os quatro Evangelhos, as Epístolas Paulinas (incluindo Hebreus), Atos, as Epístolas Gerais, Apocalipse. Também inclui a Epístola de Barnabé e o Pastor de Hermas. O códice não pode ser anterior a 340 (o ano em que Eusébio morreu) porque as seções eusebianas do texto são indicadas nas margens dos Evangelhos por alguém contemporâneo. A maioria dos estudiosos o data de 350–375.

Este códice foi descoberto por Constantin von Tischendorf no Mosteiro de Santa Catarina (situado ao pé do Monte Sinai). Em uma visita ao mosteiro em 1844, ele notou em um cesto de lixo algumas folhas de pergaminho que estavam sendo usadas para acender as lâmpadas. Ele pôde pegar estes papéis, que provaram ser 43 folhas de várias partes da tradução grega do AT.

Em 1853, ele fez uma segunda viagem para o mosteiro e não encontrou nada. Em 1859, no entanto, em sua terceira viagem, ele encontrou não apenas outras partes do AT, mas também o Novo Testamento completo. Ele finalmente foi capaz de persuadir as autoridades do mosteiro a apresentar o manuscrito ao czar, o grande patrono da Igreja Católica Grega, que o colocou na Biblioteca Imperial em São Petersburgo. O czar deu grandes honras ao mosteiro e suas autoridades, e todos pareciam bem satisfeitos. Mais tarde Tischendorf foi acusado de ter roubado o manuscrito de seus

proprietários legais, mas os melhores estudiosos textuais não aceitam essa história.

O manuscrito permaneceu na Biblioteca Imperial até 1933, quando foi comprado pelo Museu Britânico pela enorme quantia de £100.000 (cerca de US\$ 500.000). A crítica textual ganhou destaque nas manchetes porque um manuscrito foi comprado por tanto dinheiro, levantado em grande parte por contribuição pública durante a Grande Depressão. O manuscrito está agora em exibição na sala de manuscritos do museu, onde é considerado um de seus bens mais valiosos.

O texto do Sinaítico está proximoamente relacionado ao do Códice Vaticano. Eles concordam em apresentar o tipo mais puro de texto, geralmente chamado de tipo de texto alexandrino. Tischendorf usou grandemente a evidência textual do Códice Sinaítico na preparação de suas edições críticas do NT grego. Tischendorf pensou que quatro escribas haviam originalmente produzido o códice, a quem ele chamou de escribas Α, Β, Γ, Δ. Após uma nova investigação, H. J. Milne e T. C. Skeat identificaram apenas três escribas: O (que escreveu os livros históricos e poéticos do AT, bem como a maior parte do NT), B (que escreveu os profetas e o pastor de Hermas) e D (que escreveu alguns Salmos, Tobias, Judite e 4 Macabeus, e refez pequenas seções do NT). Milne e Skeat demonstraram que o escriba Α do Códice Vaticano era provavelmente o mesmo escriba D do Códice Sinaítico. Se isso for verdade, então Ⲁ é contemporâneo de Β — talvez produzido no mesmo scriptorium em Alexandria. O Códice Sinaítico fornece um testemunho bastante confiável do NT; no entanto, o escriba não era tão cauteloso quanto o escriba de Β.

Códice Alexandrino (Α)

Este é um dos três códices mais importantes que contém as primeiras cópias de toda a Bíblia em grego (os outros dois são os códices do Vaticano e o Sinaítico). O nome Alexandrino vem de registros antigos que sugerem que foi copiado no Egito durante o início do quinto século d.C. A história inicial deste manuscrito e sua proveniência egípcia é parcialmente revelada em suas primeiras e últimas páginas. Uma nota de Cirilo Lucaris (patriarca de Alexandria e depois de Constantinopla na década de 1620) afirma que, de acordo com a tradição, foi escrita por Thecla, uma nobre dama do Egito logo após o Concílio de Niceia (325) e que seu nome estava originalmente inscrito no final do volume, mas a última página foi perdida

devido a cortes. Uma nota árabe do século XIII ou XIV também diz que o manuscrito foi escrito por “Thecla, a mártir”. Outra nota árabe diz que foi apresentada à célula patriarcal de Alexandria (ca. 1098). Cirilo Lucaris levou o manuscrito de Alexandria para Constantinopla em 1621 e depois o deu a Carlos I da Inglaterra em 1627, onde se tornou parte da Biblioteca Real, então mais tarde do Museu Britânico.

Apenas 773 das aproximadamente 820 páginas originais ainda existem. O resto foi perdido enquanto o livro era passado através dos séculos. As partes sobreviventes do Alexandrino contêm uma tradução grega de todo o AT, os apócrifos (incluindo quatro livros de Macabeus e o Salmo 151), a maior parte do NT e alguns primeiros escritos cristãos (dos quais a Primeira e a Segunda Epístolas de Clemente aos Coríntios são os mais importantes).

Frederico Kenyon pensou que o códice era o trabalho de cinco escribas, para cada um dos quais ele atribuiu um numeral romano. De acordo com Kenyon, os escribas I e II copiaram o AT; o escriba III copiou Mateus, Marcos, [1 Coríntios 10.8](#) — [Filemom 1.25](#); o escriba IV copiou Lucas — Atos, Epístolas Gerais, [Romanos 1.1](#) — [1 Coríntios 10.8](#); e o escriba V copiou Apocalipse. Milne e Skeat, no entanto, argumentaram que todo o códice era o trabalho de dois copistas (I e II). W. H. P. Hatch observou que muitas correções foram feitas no manuscrito, a maioria delas num período próximo da criação do códice. Algumas dessas correções foram introduzidas pelo próprio escriba, e outras vieram de mãos posteriores.

Evidentemente, os escribas deste códice usavam exemplares de qualidade variável para várias seções do NT. O exemplar usado para os Evangelhos era de baixa qualidade, refletindo um tipo de texto bizantino. Sua atestação nas Epístolas é muito melhor, e em Apocalipse fornece o melhor exemplar do texto original.

Códice Vaticano (B)

O Códice Vaticano, é o Manuscrito do Vaticano, assim chamado porque é o manuscrito mais famoso na Biblioteca do Vaticano em Roma. Este manuscrito está na biblioteca do Vaticano desde pelo menos 1475, mas não era disponibilizado para estudiosos, como Constantin von Tischendorf e Samuel Tregelles, até meados do século XIX.

Ao mesmo tempo, o códice continha toda a Bíblia grega, incluindo a maioria dos livros dos Apócrifos,

mas perdeu muitas de suas folhas. Originalmente, devia ter cerca de 820 folhas (1.640 páginas), mas agora tem 759—617 no AT e 142 no NT. As principais lacunas do manuscrito são [Gênesis 1.1–46.28](#); [2 Samuel 2.5–7, 10–13](#); [Salmos 106.27–138.6](#); [Hebreus 9.14–13.25](#); as Epístolas Pastorais; e Apocalipse. Cada folha mede 26,7 por 25,4 centímetros. Cada página tem três colunas (duas para os livros poéticos) com 40 a 44 linhas em cada coluna. O manuscrito foi escrito por dois escribas diferentes. É datado do início ao meio do quarto século. Não se sabe onde o manuscrito se originou, mas está na Biblioteca do Vaticano desde o tempo de sua primeira catalogação em 1475.

Quando Napoleão conquistou Roma, ele trouxe seus tesouros para Paris, incluindo este manuscrito. O estudioso Hug o identificou e chamou a atenção de outros estudiosos para ele. Após a queda de Napoleão, o manuscrito foi devolvido para a Biblioteca do Vaticano. Estudiosos textuais competentes não podiam fazer um trabalho minucioso até que uma edição fotográfica foi publicada em 1890. Está agora em exposição na Biblioteca do Vaticano.

O texto do Manuscrito do Vaticano é muito parecido com o do Códice Sinaítico. Esses são geralmente reconhecidos como os dois melhores exemplos do tipo alexandrino de texto grego do NT. O texto grego do AT é muito bom também, mas não é tão importante, pois a língua original do AT era hebraico. Praticamente todos os estudiosos textuais desde os dias de Brooke Westcott e Fenton Hort (que lançaram seu Testamento grego, incluindo sua teoria da crítica textual, em 1881), reconhecem este tipo neutro de texto como um texto muito antigo e muito puro, uma reprodução extremamente precisa do que o texto original deve ter sido. Westcott e Hort chamaram-no de um texto do século II preciso em 999 de 1.000 palavras até agora no que se refere a qualquer questão de diferença traduzível. Os manuscritos α e B são os melhores exemplos deste tipo de texto, mas ele também é encontrado em alguns outros manuscritos unciais gregos, algumas das primeiras traduções e nos escritos de alguns dos pais da igreja primitiva. Desde os dias de Westcott e Hort, sua teoria foi confirmada pela descoberta de alguns manuscritos de papiro, notavelmente o Papiro Bodmer, descoberto na década de 1950.

Códice de Efrém Reescrito (C)

Este códice é um palimpsesto (a escrita original foi apagada e palavras diferentes escritas no mesmo

material]). Originalmente continha toda a Bíblia, mas agora tem apenas partes de seis livros do AT e porções de todos os livros do NT, exceto 2 Tessalonicenses e 2 João. O texto da Bíblia de uma coluna só, escrito no quinto século d.C., foi apagado no século XII e substituído por um texto de duas colunas de uma tradução grega de sermões ou tratados de um certo Efrém, um líder da igreja síria do quarto século. Tal prática era comum em períodos de depressão econômica ou quando o pergaminho estava escasso. A escrita original era raspada da superfície de escrita e o material alisado. Então novas composições poderiam ser escritas na superfície preparada. Usando produtos químicos, Tischendorf era capaz de ler grande parte do documento apagado.

O manuscrito pode ter sido trazido do leste para Florença por um homem instruído no grego chamado João Láscaris no tempo de Lourenço de Médici. Uma vez que Láscaris era conhecido como Rindaceno (do rio Ríndaco), ele provavelmente veio da região da Frígia (local da antiga Laodiceia). Onde o manuscrito estava antes disso não é conhecido. O manuscrito de Efrém foi trazido para a Itália no início do século XVI, onde se tornou propriedade da família Médici. Catarina de Médici o levou para a França, onde permanece hoje.

O texto deste manuscrito é misturado — é composto de todos os principais tipos de texto, concordando frequentemente com o *koiné* posterior do tipo bizantino, que a maioria dos estudiosos considera o tipo menos valioso de texto do NT.

Códice de Beza (D)

Este é um diglota grego-latino contendo Mateus — Atos, 3 João, com lacunas. A maioria dos estudiosos data-o no final do quarto ou início do quinto século (ca. 400). Alguns estudiosos acreditam que o códice foi produzido no Egito ou no norte da África por um escriba que tinha latim como sua língua materna. Outro estudioso (D. C. Parker) argumentou que este códice foi copiado em Beirute, um centro de estudos jurídicos latinos durante o quinto século, onde tanto o latim quanto o grego eram usados. Evidentemente, o códice foi produzido por um escriba que conhecia o latim melhor do que o grego, e então foi corrigido por vários escribas. De qualquer forma, o códice de alguma forma chegou às mãos de Teodoro de Beza, estudioso francês e sucessor de Calvino. Beza o deu à Biblioteca da Universidade de Cambridge em 1581.

Este códice é provavelmente o mais controverso dos unciais do NT por causa de sua independência marcada. Suas muitas adições, omissões e alterações (especialmente em Lucas e Atos) são o trabalho de um teólogo significativo. Alguns manuscritos anteriores (P29, P38, P48 e 0171) parecem ser antecessores do tipo de texto encontrado em D, que é considerado a principal testemunha do tipo de texto ocidental. Assim, o Códice de Beza poderia ser uma cópia de uma edição revisada anterior. Este revisor deve ter sido um estudioso que tinha uma propensão a adicionar detalhes históricos, biográficos e geográficos. Mais do que tudo, ele tinha a intenção de preencher lacunas na narrativa adicionando detalhes circunstanciais.

Códice Washingtoniano, ou Os Evangelhos de Freer (W)

Este códice, datado por volta de 400, tem os quatro Evangelhos e Atos. É muitas vezes referido como os Evangelhos de Freer — nomeados em homenagem ao seu proprietário, Charles Freer. O códice provavelmente veio das ruínas de um mosteiro perto de Gizé. A caligrafia é bastante semelhante à encontrada em um fragmento do quinto século do livro de Enoque encontrado em Acmim em 1886.

O Códice W foi copiado de um manuscrito matriz (exemplar) que havia sido reunido de vários manuscritos diferentes. Isso é óbvio porque a apresentação textual de W é visivelmente diversificado e até mesmo a estratificação do texto é combinada com variações semelhantes nas quebras de parágrafos. O escriba que reuniu o manuscrito matriz se baseou em várias fontes para montar seu códice do Evangelho. É provável que o escriba do manuscrito matriz usou um texto que veio do norte da África (o texto “ocidental”) para a primeira parte de Marcos, e o escriba de W usou manuscritos de Antioquia para Mateus e a segunda parte de Lucas para preencher as lacunas no manuscrito mais antigo que ele estava copiando. A análise textual detalhada revela as estratificações textuais variadas de W, como segue. em Mateus, o texto é bizantino; em Marcos, o texto é primeiramente ocidental (1.1-5.30), depois cesariano em [Marcos 5.31-16.20](#) (semelhante a P45); em Lucas, o texto é primeiramente alexandrino (1.1-8.12), depois bizantino. João é mais complicado porque a primeira parte de João (1.1-5.11), que preenche um caderno, era o trabalho de um escriba do sétimo século que deve ter repostado um caderno danificado. (Ws designa a obra deste escriba). Esta primeira seção tem uma

mistura de leituras alexandrinas e ocidentais, assim como o resto de João.

Códice 1739

Este códice do século X tem Atos e as Epístolas. O manuscrito foi descoberto no Monte Atos em 1879 por E. von der Goltz. O manuscrito tem fortes afinidades textuais com P46, B, 1739, Copta Saídico, Copta Boárico, Clemente e Orígenes. A relação entre P46, B e 1739 é notável porque 1739 é um manuscrito do século X que foi copiado de um manuscrito do século IV de excelente qualidade. De acordo com um colofão, os escritos de 1739 das Epístolas Paulinas seguiam um manuscrito que veio de Cesareia na biblioteca de Pânfilo e que continha um texto de Orígenes. Os três manuscritos P46, B e 1739, formam uma linha textual clara: de P46 (início do segundo século) a B (início do quarto século) a 1739 (século X baseado no do quarto século).

O texto do Novo Testamento

O texto original do NT é o texto “publicado” — isto é, o texto como estava em sua forma final editada e lançado para circulação na comunidade cristã. Para alguns livros do NT, há pouca diferença entre a composição original e o texto publicado. Depois que o autor escreveu ou ditou seu trabalho, ele (ou um associado) fez as correções editoriais finais e depois o liberou para distribuição. Como é o caso dos livros publicados nos tempos modernos, nos tempos antigos, a escrita original do autor nem sempre é a mesma que o que é publicado — devido ao processo editorial. No entanto, o autor é creditado com o texto final editado, e o livro publicado é atribuído ao autor e considerado o autógrafo (ou seja, o texto original do autor). Este autógrafo é o texto original publicado. É claro, neste caso os autógrafos não existem, então os estudiosos têm que confiar nas cópias para restaurar ou reconstruir a redação original.

Alguns estudiosos pensam que é impossível restaurar o texto original do NT grego porque eles não foram capazes de reconstruir a história inicial da transmissão textual. Outros estudiosos modernos são menos pessimistas, mas ainda bastante cautelosos ao afirmar a possibilidade. E ainda outros são otimistas porque possuímos muitos manuscritos iniciais de excelente qualidade e porque nossa visão do período inicial da transmissão textual está ficando cada vez mais clara.

Quando falamos de restaurar o texto do NT, estamos nos referindo aos livros individuais do NT, não ao volume inteiro em si, porque cada livro (ou grupo de livros — como as Epístolas) teve sua própria história única de transmissão textual. A primeira cópia existente de um texto inteiro do NT é a preservada no Códice Sinaítico (escrito por volta de 375 d.C.). (Códice Vaticano não tem as Epístolas Pastorais e Apocalipse). Antes do quarto século, o NT era distribuído em suas várias partes, como um único livro ou um grupo de livros (como os quatro Evangelhos ou as Epístolas Paulinas). Os manuscritos do final do primeiro ao terceiro século foram encontrados com livros individuais, como Mateus (P1, P77), Marcos (P88), Lucas (P69), João (P5, 22, 52, 66), Atos (P91), Apocalipse (P18, 47), ou contendo grupos de livros, como os quatro Evangelhos com Atos (P45), as Epístolas Paulinas (P30, P46, P92), as Epístolas Petrinas e Judas (P72). Cada um dos livros do NT teve sua própria história textual e foi preservado com vários graus de precisão. No entanto, todos os livros foram alterados do estado original devido ao processo de cópia manual década após década e século após século. E o texto de cada um dos livros precisa ser restaurado.

O texto do NT foi afetado com muitas variações na sua história primária. No final do primeiro e início do segundo século, as tradições orais e a palavra escrita existiam lado a lado com status igual — especialmente no que diz respeito ao material dos Evangelhos. Muitas vezes, o texto era alterado por escribas tentando conformar a mensagem escrita com a tradição oral ou tentando conformar um relato do Evangelho com outro. No final do segundo e no terceiro século, muitas leituras significativas variantes entraram no fluxo textual.

O período inicial de transmissão textual, no entanto, não foi completamente marcado pela infidelidade textual e liberdade dos escribas. Havia aqueles escribas que copiavam o texto fiel e reverentemente — isto é, eles reconheciam que estavam copiando um texto sagrado escrito por um apóstolo. A formalização da canonização não atribuiu esta sacralidade ao texto. A canonização surgiu como o resultado do reconhecimento comum e histórico da sacralidade de vários livros do NT. Certos livros do NT, como os quatro Evangelhos, Atos e as epístolas de Paulo eram considerados literatura inspirada desde o início. Como tal, certos escribas os copiaram com fidelidade reverente.

Outros escribas, no entanto, se sentiram livres para fazer “melhorias” no texto — seja no interesse da doutrina e da harmonização, seja devido à influência de uma tradição oral competitiva. Os manuscritos produzidos de tal maneira criaram um tipo de “texto popular” — isto é, um texto descontrolado. (Este tipo de texto costumava ser chamado de “texto ocidental”, mas os estudiosos agora reconhecem isso como um nome impróprio).

Durante o segundo século, havia alguns homens que produziam recensões do texto do NT. De acordo com Eusébio, Teódoto (e seus seguidores) alterou o texto para seus próprios propósitos. Em meados do segundo século, Marcião eliminou todas as referências ao contexto judaico de Jesus de suas cópias do Evangelho de acordo com Lucas e, a harmonia dos Evangelhos de Tatiano contém várias alterações textuais que deram suporte a visões ascéticas. E ainda outro criou o texto do tipo D para os Evangelhos e Atos. Este redator com pensamento teológico, vivendo no final do segundo ou terceiro século, criou um texto que tinha pouca popularidade. Papiros do terceiro século, P29, P38, P48, cada um contendo uma parte do livro de Atos, podem ser antecessores do texto do tipo D em Atos. Mas há outros papiros contendo porções de Atos que fornecem testemunho ainda mais anterior de uma forma mais pura de Atos — ou seja, P45 (ca. 150) e P91 (ca. 200), mostrando assim que o texto do tipo D de Atos não necessariamente antecede a forma mais pura.

Além desses esforços — que são todos conhecidos por criar impurezas textuais — não havia nenhuma recensão do texto do NT no segundo século. Em vez disso, este foi um período em que havia escribas que exerciam liberdade ao copiar e aqueles que demonstravam perspicácia. Os manuscritos produzidos por estes são aqueles que mais se aproximam de preservar o texto original. Um excelente exemplo de um manuscrito preciso do final do segundo século é o P75.

É um fato bem conhecido que o texto produzido pelo escriba de P75 é um manuscrito muito preciso. Também é bem conhecido que P75 foi o tipo de manuscrito usado na formulação do Códice Vaticano—as leituras de P75 e B são notavelmente semelhantes. Antes da descoberta de P75, certos estudiosos pensavam que o Códice Vaticano era o trabalho de uma recensão do quarto século; outros (principalmente Hort) pensavam que ele deveria remontar a uma cópia muito antiga e precisa. Hort disse que o Códice Vaticano preserva “não apenas um texto muito antigo, mas uma linha muito pura

de um texto muito antigo” (Westcott e Hort, *A Introdução ao Novo Testamento no Grego Original*, pp 250–51). P75 parece ter mostrado que Hort estava certo.

Antes da descoberta de P75, muitos estudiosos textuais estavam convencidos de que os papiros do segundo e do terceiro século exibiam um texto fluído, caracterizado apenas pela independência individual. O Papiro Chester Beatty, P45, e os Papiros Bodmer, P66 e P72 (em 2 Pedro e Judas), mostram este tipo de independência. Os estudiosos pensavam que os escribas em Alexandria deveriam ter usado vários desses textos para produzir uma boa recensão — como é exibido no Códice Vaticano. Mas agora sabemos que o Códice Vaticano, não era o resultado de uma recensão acadêmica, resultante da seleção editorial entre as várias histórias textuais. Em vez disso, agora está bastante claro que o Códice Vaticano, era simplesmente uma cópia (com algumas modificações) de um manuscrito muito parecido com P75, não uma recensão do quarto século.

Alguns estudiosos podem apontar que isso não significa automaticamente que P75 e B representam o texto original. O que significa, dizem eles, é que temos um manuscrito do segundo século mostrando grande afinidade com um manuscrito do quarto século cuja qualidade tem sido altamente estimada. Mas vários estudiosos demonstraram que não havia nenhuma recensão alexandrina antes do período de P75 (final do segundo século) e B (início do quarto século) e que ambos os manuscritos representam uma forma relativamente pura de preservação de uma linha relativamente pura de descendência a partir do texto original.

A visão atual sobre o texto inicial é que certos escribas em Alexandria e/ou escribas familiarizados com as práticas escriturais alexandrinas (talvez aqueles em Oxirrincos) provavelmente eram responsáveis por manter um texto relativamente puro ao longo do segundo, terceiro e quarto século. Os escribas alexandrinos, associados ou realmente empregados pelo scriptorium da grande biblioteca alexandrina e/ou membros do scriptorium associados à escola catequética de Alexandria (chamada de *Didaskaleion*), eram filólogos, gramáticos e críticos textuais treinados. Seu trabalho no NT não era de recensão — isto é, não era uma emenda organizada do texto. Em vez disso, o trabalho de purificação e preservação provavelmente era feito aqui e ali por vários indivíduos treinados em crítica textual. Isso

é aparente na produção de P66, que contém o Evangelho de João. Este manuscrito provavelmente foi produzido em um scriptorium egípcio por um escriba novato que cometeu muitos erros, que foram posteriormente corrigidos por outro escriba trabalhando no mesmo scriptorium. O primeiro texto produzido pelo novato poderia ser classificado como muito “livre”, mas o texto corrigido é muito mais preciso. (Veja o debate sobre este manuscrito, acima.)

O que parece ter acontecido com a cópia do texto do NT no período antigo no Egito foi incisivamente caracterizado por Zuntz. Ele disse que quando um livro era imensamente popular (como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, ou os escritos de Platão), era copiado com entusiasmo exagerado por novatos e estudiosos. Mas quando gramáticos e escribas ficaram sabendo disso, eles tentaram se livrar da corrupção textual. No processo, no entanto, eles podem ter dissipado algumas leituras autênticas, mas não muitas. Assim, o texto popular (também conhecido como “texto ocidental”) poderia ter preservado a redação original em alguns casos. O tipo popular ou livre de texto é exibido em vários manuscritos do terceiro século: P9, P37, P40, P45, P72 e P78.

Em resumo, este texto popular geralmente é exibido em qualquer tipo de manuscrito que não foi produzido pelas influências alexandrinas. Este texto, dado à independência, não é tão confiável quanto o tipo de texto alexandrino. Mas como o texto alexandrino é conhecido como um texto polido, o texto popular às vezes preservava a redação original. Quando uma leitura variante tem o apoio dos textos “ocidental” e alexandrino, é muito provável que seja original; mas quando os dois estão divididos, as testemunhas alexandrinas preservam com mais frequência a redação original.

Um dilema ainda permanece para alguns críticos textuais. Eles não podem explicar como um texto do tipo P75/B coexistiu com um texto do tipo ocidental no segundo século. Tudo o que pode ser dito é que o texto ocidental geralmente parece ser inferior ao texto do tipo P75/B. É claro, este tipo de julgamento perturba certos estudiosos, que apontam que a estima dada a B e P75 é baseada em uma apreciação subjetiva do tipo de texto que eles contêm (contra o texto ocidental) em vez de em qualquer tipo de reconstrução teórica da transmissão inicial do texto. Esta mesma estimativa subjetiva estava em ação quando Westcott e Hort decidiram que B era intrinsecamente superior a D (veja sua *Introdução*,

pp 32–42). No entanto, a prática da crítica textual demonstra repetidamente que o texto do tipo P75/B é intrinsecamente superior ao texto ocidental.

Na análise final, os manuscritos que representam uma preservação pura do texto original são geralmente aqueles chamados de “Alexandrinos”. Alguns estudiosos, como Bruce Metzger, chamaram os manuscritos anteriores de “proto-alexandrinos”, pois eles (ou manuscritos como eles) são considerados como sendo usados para compor um texto do tipo alexandrino. No entanto, isso é olhar para as coisas da perspectiva do quarto século. Devemos olhar para as coisas do segundo século em diante e depois comparar os manuscritos do quarto século com os do segundo. Os manuscritos do segundo século ainda poderiam ser chamados de “alexandrinos” no sentido de que eles foram produzidos sob influências alexandrinas. Talvez uma terminologia distinta possa ser “alexandrino inicial” (pré-Constantino) e “alexandrino tardio” (pós-Constantino). Os manuscritos designados como “alexandrinos iniciais” geralmente seriam mais puros, menos editorializados. Os manuscritos designados “alexandrino tardio” exibiriam a editorialização, bem como a influência de outras tradições textuais.

O texto “alexandrino inicial” é refletido em muitos manuscritos do segundo e do terceiro século. No topo da lista está P75 (ca. 175), o trabalho de um escriba competente e cauteloso. Não muito atrás em qualidade está P4 + P64 + P67 (ca. 150), a obra de um excelente copista. Outras cópias extremamente boas são P1 (ca. 200), P20 (início do terceiro século), P23 (ca. 200), P27 (terceiro século), P28 (terceiro século), P32 (ca. 150), P39 (terceiro século), P46 (ca. 125), P65 (terceiro século), P66 (em sua forma corrigida — P66c; ca. 150), P70 (terceiro século), P77 (ca. 150), P87 (ca. 125), P90 (ca. 175) e P91 (ca. 200). Vários desses manuscritos foram colocados na categoria “estrito” pelos críticos textuais Kurt e Barbara Aland — isto é, eles exibem controle de escrita “rigoroso” e, portanto, são cópias precisas de um exemplar, se não o original. Esses manuscritos são P1, P23, P35, P37, P39, P64/67, P65, P70 e P75.

O texto “alexandrino tardio”, que exibe polimento editorial, é exibido em alguns manuscritos, como \aleph (quarto século), T (quinto século), ψ (sétimo século), L (oitavo século), 33 (nono século), 1739 (um manuscrito do décimo século copiado de um manuscrito alexandrino do quarto século parecido com P46) e 579 (século XIII). A partir do quinto

século, os manuscritos do tipo bizantino começaram a causar sua influência no Egito. Alguns manuscritos datados de cerca de 400 que vieram do Egito refletem claramente esta influência; o Códice Alexandrino (A) é provavelmente o melhor exemplo. Outros manuscritos egípcios desta era, como o Códice Sinaítico (ξ) e o Códice Washingtoniano (W) exibem harmonização em larga escala, que não pode ser diretamente ligada a qualquer tipo de recensão.

No final do terceiro século, outro tipo de texto grego surgiu e depois cresceu em popularidade até que se tornou o tipo de texto dominante em toda a cristandade. Este é o tipo de texto primeiro instigado por Luciano de Antioquia, de acordo com Jerônimo (em sua introdução à sua tradução latina dos Evangelhos). O texto de Luciano era uma recensão definida (ou seja, uma edição criada propositalmente) — em oposição ao tipo de texto alexandrino que surgiu como resultado de um processo em que os escribas alexandrinos, ao comparar muitos manuscritos, tentavam preservar o melhor texto — servindo assim mais como críticos textuais do que editores. Claro, os alexandrinos fizeram algumas edições — poderíamos chamá-las de cópias editadas. O texto de Luciano é o resultado e o ápice do texto popular; é caracterizado pela suavidade da linguagem, que é alcançada pela remoção de obscuridades e construções gramaticais esquisitas, e pela fusão de leituras variantes. Luciano (e/ou seus associados) deve ter usado muitos tipos diferentes de manuscritos de qualidades variadas para produzir um texto do NT harmonizado e editado. O tipo de trabalho editorial que entrou no texto de Luciano é o que chamaríamos de edição substantiva.

O texto de Luciano foi produzido antes da perseguição de Diocleciano (ca. 303), período durante o qual muitas cópias do NT foram confiscadas e destruídas. Não muito tempo após este período de devastação, Constantino chegou ao poder e então reconheceu o cristianismo como a religião do estado. Havia, é claro, uma grande necessidade de cópias do NT serem feitas e distribuídas às igrejas em todo o mundo mediterrâneo. Foi neste momento que o texto de Luciano começou a ser propagado por bispos que saíam da escola de Antioquia para as igrejas em todo o Oriente, levando o texto com eles. O texto de Luciano logo se tornou o texto padrão da igreja oriental e formou a base para o texto bizantino — e é, portanto, a autoridade final para o Textus Receptus.

Enquanto Luciano estava formando sua recensão do texto do NT, o texto alexandrino estava tomando sua forma final. Como foi mencionado anteriormente, a formação do tipo de texto alexandrino foi o resultado de um processo (em oposição a uma única recensão editorial). A formação do texto alexandrino envolvia uma crítica textual menor (ou seja, a seleção de leituras variantes entre vários manuscritos) e uma cópia editada (ou seja, a produção de um texto legível). Havia muito menos adulteração no tipo de texto alexandrino do que no de Luciano, e os manuscritos subjacentes para o tipo de texto alexandrino eram superiores aos usados por Luciano. Talvez Hesíquio tenha sido responsável por dar ao texto alexandrino sua forma final, e Atanásio de Alexandria pode ter sido quem fez deste texto o arquetípico para o Egito.

Com o passar dos anos, havia cada vez menos manuscritos alexandrinos produzidos, e cada vez mais manuscritos bizantinos fabricados. Muito poucos egípcios continuaram a ler grego (com exceção daqueles no Mosteiro de Santa Catarina, o local da descoberta do Códice Sinaítico), e o resto do mundo mediterrâneo se voltou para o latim. Foram apenas aqueles nas igrejas de língua grega na Grécia e Bizâncio que continuaram a fazer cópias do texto grego. Por séculos após séculos — do VI ao XIV — a grande maioria dos manuscritos do NT foi produzida em Bizâncio, todos tendo o mesmo tipo de texto. Quando o primeiro NT grego foi impresso (ca. 1525), era baseado em um texto grego que Erasmo havia compilado, usando alguns manuscritos bizantinos tardios. Este texto impresso, com pequenas revisões, se tornou o Textus Receptus.

A partir do século XVII, manuscritos anteriores começaram a ser descobertos — manuscritos com um texto que diferia do encontrado no Textus Receptus. Por volta de 1630, o Códice Alexandrino foi trazido para a Inglaterra. Um manuscrito do início do quinto século, contendo todo o NT, forneceu uma boa testemunha do texto do NT (é uma boa testemunha especialmente do texto original de Apocalipse). Duzentos anos depois, um estudioso alemão chamado Constantin von Tischendorf descobriu o Códice Sinaítico no Mosteiro de Santa Catarina (localizado perto do Monte Sinai). O manuscrito, datado por volta de 360 d.C., é um dos dois manuscritos de velino (couro de animal tratado) mais antigos do NT grego. O mais antigo manuscrito de velino, o Códice Vaticano, estava na biblioteca do Vaticano desde pelo menos 1481, mas não havia sido

disponibilizado aos estudiosos até meados do século XIX. Este manuscrito, datado um pouco mais cedo (350 d.C.) do que o Códice Sinaítico, tinha tanto o AT quanto o NT em grego, excluindo a última parte do NT ([Hebreus 9.15](#) até [Apocalipse 22.21](#) e as Epístolas Pastorais). Cem anos de crítica textual determinaram que este manuscrito é uma das testemunhas mais precisas e confiáveis do texto original.

Outros manuscritos antigos e importantes foram descobertos no século XIX. Através dos trabalhos incansáveis de homens como Constantin von Tischendorf, Samuel Tregelles e F. H. A. Scrivener, manuscritos como o Códice de Efrém Reescrito, o Códice de Zacinto e o Códice Augiensis foram decifrados, agrupados e publicados.

À medida que os vários manuscritos foram descobertos e tornados públicos, certos estudiosos trabalharam para compilar um texto grego que representaria mais de perto o texto original do que o Textus Receptus. Por volta de 1700, John Mill produziu um Textus Receptus melhorado, e na década de 1730 Johannes Albert Bengel (conhecido como o pai dos estudos textuais e filológicos modernos no NT) publicou um texto que se desviava do Textus Receptus de acordo com as evidências dos manuscritos anteriores.

Nos anos 1800, certos estudiosos começaram a abandonar o Textus Receptus. Karl Lachman, um filólogo clássico, produziu um novo texto (em 1831) que representava os manuscritos do quarto século. Samuel Tregelles (autodidata em latim, hebraico e grego), trabalhando ao longo de toda sua vida, concentrou todos os seus esforços na publicação de um texto grego (que saiu em seis partes, de 1857 a 1872). Como é afirmado na introdução deste trabalho, o objetivo de Tregelles era “exibir o texto do NT nas próprias palavras nas quais foi transmitido nas evidências da autoridade antiga”. Henry Alford também compilou um texto grego baseado nos melhores e mais antigos manuscritos. Em seu prefácio de *The Greek New Testament* (um comentário em vários volumes sobre o Novo Testamento grego, publicado em 1849), Alford disse que ele trabalhou pela “demolição da reverência indigna e pedante pelo texto recebido [Textus Receptus], que impedia todas as chances de descobrir a palavra de Deus genuína”.

Durante esta mesma era, Tischendorf estava dedicando uma vida de trabalho à descoberta dos manuscritos e produzindo edições precisas do NT grego. Em uma carta a sua noiva, ele escreveu: “Sou

confrontado com uma tarefa sagrada, a luta para reconquistar a forma original do NT”. Em satisfação de seu desejo, ele descobriu o Códice Sinaítico, decifrou o palimpsesto Códice de Efrém Reescrito, reuniu inúmeros manuscritos e produziu várias edições do NT grego (a oitava edição é considerada a melhor).

Ajudados pelo trabalho dos estudiosos anteriores, dois homens britânicos, Brooke Westcott e Fenton Hort, trabalharam juntos por 28 anos para produzir um volume intitulado *The New Testament in the Original Greek* [O Novo Testamento no grego original] (1881). Junto com esta publicação, eles fizeram conhecida sua teoria (que era principalmente de Hort) de que o Códice Vaticano, o Códice Sinaítico (juntamente com alguns outros manuscritos antigos) representavam um texto que replicava mais de perto a escrita original. Eles chamaram este texto de Texto Neutro. (De acordo com seus estudos, o Texto Neutro descrevia certos manuscritos que tinham a menor quantidade de corrupção textual). Este é o texto no qual Westcott e Hort confiaram para compilar seu volume.

O século XIX foi uma era frutífera para a restauração do Novo Testamento grego; o século XX, não menos importante. Aqueles que viveram no século XX testemunharam a descoberta dos papiros Oxirrincos, de Chester Beatty e de Bodmer. Até o momento, há quase 100 papiros contendo porções do NT — vários dos quais datam do final do primeiro até o início do quarto século. Essas descobertas significativas, fornecendo aos estudiosos muitos manuscritos antigos, aumentaram muito o esforço para restaurar a redação original do NT.

No início do século XX, Eberhard Nestle usou as melhores edições do NT grego produzidas no século XIX, para compilar um texto que representava o consenso da maioria. O trabalho de fazer novas edições foi realizado por seu filho por vários anos, e então ficou sob a guarda de Kurt Aland. A última edição (a 27ª) do *Novum Testamentum Graece* de Nestle-Aland apareceu em 1993. O mesmo texto grego aparece em outro volume popular publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas, chamado *O Novo Testamento Grego* (quarta edição). Aland argumentou que o texto de Nestle-Aland, 27ª edição (NA27), se aproxima mais do texto original do NT do que o de Tischendorf ou Westcott e Hort. E em vários escritos, ele insinua que NA27 pode muito bem ser o texto original. Embora poucos estudiosos (se algum) possam concordar com isso, a 27ª edição do texto Nestle-

Aland é considerada por muitos como representando a mais recente e melhor na área textual acadêmica.

Crítica textual do Novo Testamento

Críticos textuais que trabalham com literatura antiga universalmente reconhecem a supremacia dos manuscritos iniciais sobre os tardios. Os críticos textuais que não trabalham com o NT adorariam ter o mesmo tipo de testemunhas que os estudiosos da Bíblia possuem. Na verdade, muitos deles trabalham com manuscritos escritos 1.000 anos após os autógrafos serem compostos! Todos nos espantamos que os Manuscritos do Mar Morto tenham fornecido um texto que está quase 800 anos mais perto dos originais do que os manuscritos massoréticos, e ainda muitos dos manuscritos do Mar Morto ainda estão mais de 600 a 800 anos longe do tempo da composição original. Os críticos textuais do NT têm uma grande vantagem!

Os estudiosos textuais do NT do século XIX — como Lachmann, Tregelles, Tischendorf, Westcott e Hort — trabalharam com base em que as primeiras testemunhas são as melhores testemunhas. Alguns estudiosos textuais continuaram esta linha de restauração usando o testemunho das testemunhas iniciais. Mas muitos estudiosos textuais desde os tempos de Westcott e Hort têm sido menos inclinados a produzir edições baseadas na teoria de que a leitura mais antiga é a melhor. A maioria dos críticos textuais atuais está mais inclinada a endossar a máxima: a leitura que é provavelmente a original é a que melhor explica as variantes.

Esta máxima (ou “cânon” como às vezes é chamada), por melhor que seja, produz resultados conflitantes. Por exemplo, dois estudiosos, usando este mesmo princípio para examinar a mesma unidade variante, não concordarão. Um argumentará que uma variante foi produzida por um copista tentando emular o estilo do autor; o outro alegará que a mesma variante tem que ser a original porque está de acordo com o estilo do autor. Talvez alguém argumente que uma variante foi produzida por um escriba ortodoxo tentando livrar o texto de uma leitura que poderia ser usada para promover heterodoxia ou heresia; outro alegará que a mesma variante é a original porque é ortodoxa e está de acordo com a doutrina cristã (assim, um escriba heterodoxo ou herético deve ter mudado). Além disso, este princípio permite a possibilidade de que a leitura selecionada para o

texto possa ser tirada de qualquer manuscrito de qualquer data. Isso pode levar ao ecletismo subjetivo.

Os estudiosos textuais modernos tentaram moderar o subjetivismo empregando um método chamado “ecletismo racional”. Este tipo de ecletismo aplica uma combinação de considerações internas e externas, nas quais o caráter das variantes é avaliado à luz das evidências dos manuscritos e vice-versa. Isso deveria produzir uma visão equilibrada e servir como um controle contra tendências puramente subjetivas.

Os Alands favorecem o mesmo tipo de abordagem, chamando-o de método genealógico local, que é definido da seguinte forma:

É impossível proceder da suposição de um stemma (genealogia de manuscritos), e com base em uma revisão completa e análise dos relacionamentos obtendo entre a variedade de ramos inter-relacionados na tradição de manuscritos, empreender uma recensão dos dados como se faria com outros textos gregos. As decisões devem ser tomadas uma a uma, caso a caso. Este método foi caracterizado como ecletismo, mas erroneamente. Depois de estabelecer atentamente a variedade de leituras oferecidas em uma passagem e as possibilidades de sua interpretação, deve sempre ser determinada novamente com base em critérios externos e internos qual dessas leituras (e frequentemente elas são bastante numerosas) é o original, do qual as outras podem ser consideradas derivadas. Da perspectiva de nosso conhecimento atual, este método “genealógico local” (se um nome deve ser dado) é o único que atende aos requisitos da tradição textual do NT. (Introdução ao *Novum Testamentum Graece*, 26ª edição)

O método “genealógico local” assume que, para qualquer unidade de variante, qualquer manuscrito (ou manuscritos) pode ter preservado o texto original. A aplicação deste método produz uma apresentação documentária extremamente desigual do texto. Qualquer um que estude o aparato crítico da NA27 detectará que não há uma apresentação sequer documentária. O ecletismo está disperso ao longo do texto.

“Ecletismo racional” e/ou o método “genealógico local” tendem a dar prioridade à evidência interna sobre evidência externa. Mas deve ser o contrário, se quisermos rever o texto original. Esta era a opinião de Westcott e Hort. Com relação à sua compilação do *The New Testament in the Original Greek*, Hort escreveu: “A evidência documentária

foi, na maioria dos casos, autorizada a conferir o lugar de honra contra a evidência interna” (*The Introduction to the New Testament in the Original Greek*, p. 17).

A este respeito, Westcott e Hort precisam ser revividos. Earnest Colwell tinha o mesmo em mente quando ele escreveu “Hort Redivivus: A Plea and a Program.” (Hort Redivivus: Um clamor e um programa). Colwell condenou a crescente tendência de confiar inteiramente nas evidências internas das leituras, sem considerar seriamente as evidências documentárias. Ele chamou os estudiosos para tentar reconstruir uma história da tradição de manuscritos. A abundância de manuscritos — vários dos quais são muito antigos — ajudará os estudiosos nesta tarefa em andamento.

Bicri, Bicrita

O pai de Seba, da tribo de Benjamim. Seba liderou uma revolta contra o rei Davi ([2Sm 20.1-22](#)). Os descendentes de Bicri eram os bicritas ([2Sm 20.14](#)). Algumas Bíblias usam a grafia “beritas” para “bicritas”.

Bidcar

Ajudante do rei Jeú do reino do norte de Israel. Bidcar cumpriu uma profecia sobre o destino da família de Acabe ao jogar o corpo de Jorão, filho de Acabe, no campo de Nabote depois que Jeú matou Jorão ([2Rs 9.24-26](#)).

Bigamia

A bigamia significa casar-se com uma segunda esposa enquanto ainda se está legalmente casado com a primeira.

Veja Casamento, Costumes de casamento.

Bigtã

Um eunuco que serviu ao rei Assuero, da Pérsia. Ele e outros seis eram responsáveis pela casa real ([Et 1.10](#)). Ele pode ser Bigtã de [Ester 2.21](#); [6.2](#).

Veja também Bigtã.

Bigtã

Um eunuco que serviu ao rei Assuero, da Pérsia, como guarda do palácio. Ele e um colega guarda chamado Teres planejaram um atentado contra a vida do rei. Quando seu plano foi descoberto pelo tio da rainha Ester, Mordecai, Bigtã e Teres foram executados ([Et 2.21-23](#)).

Veja também Bigtã.

Bigvai

1. Antepassado de um grupo de pessoas que retornaram a Jerusalém com Zorobabel após o exílio babilônico ([Ed 2.2.14](#); [Ne 7.7.19](#)). Como seu nome é persa, Bigvai pode ter nascido ou sido renomeado durante o exílio.

2. Líder político que assinou a aliança de fidelidade a Deus de Esdras com Neemias e outros após o exílio ([Ne 10.16](#)); possivelmente um representante da família descendente do mencionado no item 1 acima.

Bilã

1. O primogênito de Eser e um descendente de Seir ([Gn 36.27](#); [1Cr 1.42](#)).

2. Filho de Jediel da tribo de Benjamim ([1Cr 7.10](#)).

Bila (Lugar)

Cidade no território atribuído à tribo de Simeão ([1Cr 4.29](#)), provavelmente idêntica a Baalá ([Is 15.29](#)) e Balá ([19.3](#)).

Bila (Pessoa)

Serva dada por Labão à sua filha Raquel quando ela se casou com Jacó ([Gn 29.29](#)). Percebendo sua própria esterilidade, Raquel deu Bila ao seu marido como concubina e aceitou os dois filhos deles como seus, nomeando-os Dã e Naftali ([30.3-8](#); [35.25](#); [46.25](#)). Investigações arqueológicas confirmaram o costume de uma esposa estéril fornecer uma concubina para garantir filhos ao marido. Tal arranjo é mencionado em documentos de contrato de casamento desenterrados em Nuzi e datados de aproximadamente a mesma época dos eventos de

[Gênesis 29](#). O filho de Jacó, Rúben, mais tarde foi culpado de incesto com Bila ([35.22](#)).

Bildade

Um dos três amigos que vieram confortar Jó em sua angústia, identificado como um suíta ([16 2.11](#)). Esse termo sugere que ele era descendente de Sua, filho de Abraão e sua segunda esposa Quetura ([Gn 25.1-2](#)). Bildade falou com Jó em três ocasiões. Em seu primeiro discurso, ele afirmou que Deus sustenta os justos e pune os ímpios ([16 8](#)). Portanto, Jó deve ser um hipócrita ao dizer que está certo com Deus. Em seu segundo discurso, Bildade enfatizou a punição imediata dos ímpios nesta vida (cap. [18](#)). Assim, Jó deve ser ímpio por causa de seu intenso sofrimento. Em seu terceiro discurso, Bildade proclamou a majestade de Deus e comparou o homem a um verme (cap. [25](#)). Ele insinuou que Jó era tolo ao afirmar ser justo diante de um Deus tão santo.

Veja também Jó, Livro de.

Bileão

Nome alternativo para Ibleão, uma cidade levítica no território de Manassés ([1Cr 6.70](#)). *Veja* Ibleão.

Bilga

1. Chefe da 15ª das 24 divisões de sacerdotes que o rei Davi designou para funções oficiais no templo ([1Cr 24.14](#)).
2. Sacerdote que retornou a Jerusalém sob a liderança de Zorobabel após o exílio ([Ne 12.18](#)). Ele talvez possa ser identificado com Bilgai em [Neemias 10.8](#). *Veja* Bilgai.

Bilgai

Um sacerdote que assinou a aliança de Esdras para ser fiel a Deus com Neemias e outros após o exílio na Babilônia ([Ne 10.8](#)). É possível que esta seja a mesma pessoa que Bilga em [Neemias 12.18](#).

Veja Bilga #2.

Bilsã

Um, que junto com Neemias e Zorobabel, liderou um grupo de judeus a Jerusalém após o exílio ([Ed 2.2](#); [Ne 7.7](#)).

Bimal

O filho de Jaflete, um grande guerreiro e líder de um clã na tribo de Aser ([1Cr 7.33,40](#)).

Bineá

Filho de Mosa da tribo de Benjamim e descendente do Rei Saul através da linhagem de Jônatas ([1Cr 8.37](#); [9.43](#)).

Binui

1. Pai de Noadias. Noadias era um levita encarregado de pesar os valores do templo após o exílio ([Ed 8.33](#)). Possivelmente o mesmo que o item 4 indica, abaixo.
 2. Filho ou descendente de Paate-Moabe. Ele atendeu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã após o exílio ([Ed 10.30](#)).
 3. De acordo com os Apócrifos e a NTLH, um dos filhos de Bani (descendentes) também obedeceu à exortação de Esdras para se divorciar de sua esposa pagã ([Ed 10.38](#); [1Ed 9.34](#)). Como a lista dos descendentes de Bani é proporcionalmente muito longa e porque o versículo [38](#) em hebraico pode facilmente ser interpretado como “dos filhos de Binui”, a maioria das traduções modernas considera Binui um ancestral de um novo grupo em vez de um descendente de Bani.
 4. Filho de Henadade que reparou parte do muro de Jerusalém após o exílio ([Ne 3.24](#)). Ele estava entre os levitas que assinaram a aliança de fidelidade a Deus feita por Esdras ([Ne 10.9](#)).
 5. Ortografia alternativa para Bani em [Neemias 7.15](#). *Veja* Bani #4.
 6. Levita que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio. Ele foi um dos responsáveis pelos cânticos de ação de graças ([Ne 12.8](#)).
- A popularidade deste nome e sua semelhança com outros nomes judaicos (como Bani e Bavai) causaram muita confusão nas listas genealógicas. O

mencionado acima é uma das várias possíveis disposições.

Birsá

Governante de Gomorra nos dias de Abraão e Ló. Birsá foi um dos cinco reis-cidades cananeus que se rebelaram sem sucesso contra o rei Quedorlaomer de Elão e seus três aliados ([Gn 14.2](#)).

Birzavite

Filho de Malquiel da tribo de Aser ([1Cr 7.31](#)). Como listas paralelas não o mencionam ([Gn 46.17](#); [Nm 26.44-47](#)), é possível que Birzavite fosse o nome de uma cidade fundada por Malquiel. Se for o caso, a cidade pode ter ficado a noroeste de Betel, perto de Tiro, e agora é chamada de Birzeit.

Bislão

Um residente das proximidades de Jerusalém que se opôs à reconstrução da cidade após o exílio. Ele e seus associados escreveram uma carta ao rei persa Artaxerxes reclamando sobre a reconstrução ([Ed 4.7](#)).

Bispo*

Oficial da igreja com as qualificações listadas em [1 Timóteo 3.2-7](#) e [Tito 1.6-9](#). A palavra grega da qual derivam o título “bispo” e o adjetivo “episcopal” é muitas vezes traduzida em versões modernas como “ancião”, “supervisor”, “pastor” ou “guardião”, correspondendo de perto ao termo atual “pastor”. Jesus é chamado de “ao Pastor e Bispo da vossa alma” ([1Pe 2.25](#), ARA).

No NT, “bispo” e “ancião” se referem ao mesmo ofício, como mostrado pelo apóstolo Paulo dizendo a Tito para nomear “anciãos em todas as cidades” e depois se referindo a esses mesmos indivíduos como “bispos” ([Tt 1.5,7](#)). Enquanto estava em Mileto, Paulo chamou os anciãos da igreja em Éfeso e então se dirigiu a eles como “bispos” ou “guardiões” ([Atos 20.17,28](#)). Em sua carta a Filipo, Paulo saudou os “bispos e diáconos” ([Fl 1.1](#)). O fato de que havia numerosos bispos em Filipo, bem como em Éfeso, mostra que o ofício episcopal ainda não havia se desenvolvido para o que mais tarde se

tornava: um único bispo governando uma ou mais igrejas.

Os bispos obviamente tinham posições de autoridade, mas os deveres do ofício não estão claramente definidos no NT. Uma tarefa era combater heresias ([Tt 1.9](#)) e ensinar e expor as Escrituras ([1Tm 3.2](#)). Além disso, há algumas evidências de que um de seus principais interesses eram questões econômicas e cuidado com os pobres, bem como, geralmente, supervisionar a congregação. As listas de qualificações nas cartas de Timóteo e Tito indicam que um bispo era considerado um líder na congregação e um representante, para o mundo não cristão. *Veja* Ancião; Pastor; Presbítero.

Bitia

Esposa de Merede. Bitia pode ter sido uma princesa, ou a frase “filha do rei do Egito” (NTLH) pode apenas indicar que ela era egípcia ([1Cr 4.17-18](#)). Seu nome (que significa “filha de Yah”) parece indicar que ela era uma convertida ao judaísmo.

Bitínia

Província romana localizada no canto noroeste da Ásia Menor. O apóstolo Paulo e Silas queriam pregar o evangelho na Bitínia durante a segunda viagem missionária de Paulo, mas foram impedidos pelo Espírito Santo de fazê-lo ([At 16.7](#)). O apóstolo Pedro pode ter ministrado na Bitínia e em outras províncias da Ásia Menor, já que ele dirigiu sua primeira carta aos crentes lá ([1Pe 1.1](#)). O cristianismo entrou na Bitínia de alguma forma, possivelmente através de Pedro.

A Bitínia foi ocupada por uma tribo trácia que estabeleceu um reino próspero ali no terceiro século a.C. Em 75 a.C., quando o último rei da Bitínia, Nicomedes III, deixou seu reino ao povo romano, tornou-se parte do Império Romano. Para fins administrativos, geralmente estava ligada à província do Ponto, a leste.

Após os tempos do NT, a Bitínia desempenhou um papel significativo na história da igreja. No início do segundo século, seu governador romano, Plínio, o Jovem, obteve do Imperador Trajano a primeira política imperial declarada sobre a perseguição aos cristãos. Mais tarde, os concílios da igreja de Niceia (325 d.C.) e Calcedônia (451) foram realizados em duas das cidades ocidentais da Bitínia. O Concílio

de Niceia declarou a plena divindade de Cristo; o Concílio de Calcedônia fez pronunciamentos sobre a natureza da pessoa de Cristo e a canonicidade dos 27 livros do NT.

A província romana da Bitínia era limitada ao norte pelo Mar Negro, a oeste pela Propôntida (atual Mar de Mármara), ao sul pela província da Ásia, e a leste pela Galácia e Ponto. Bitínia era montanhosa, com o Monte Olimpo ao sul, elevando-se a 2.315,5 metros, mas possuía distritos de grande fertilidade perto da costa e em seus vales interiores. Além de produzir frutas e grãos, a província tinha excelentes pedreiras de mármore, boa madeira e pastagens de qualidade. O principal rio era o Sangário (atual Sakarya), que fluía de sul para norte até o Mar Negro. O transporte era feito principalmente ao longo dos vales dos rios.

Bitrom

Um termo em [2 Samuel 2.29](#) (ARC) cujo significado é incerto. Abner era o comandante do exército de Isbosete. Ele fugiu por Bitrom após perder uma batalha para o exército de Davi. A palavra raiz hebraica significa "cortar em pedaços". Existem três explicações:

1. Refere-se a um vale (possivelmente o Jaboque);
2. É a área "cortada" por uma grande curva no rio Jaboque;
3. Refere-se à primeira parte do dia, "ao amanhecer" (NTLH).

Biziotia

Listada em [Josué 15.28](#) (ARC "Biziotiá") como uma cidade na área do deserto de Neguebe em Judá. O Antigo Testamento grego, chamado Septuaginta, menciona "e suas filhas", o que indicaria que não se tratava de um lugar específico, mas sim de um conjunto de vilarejos ao redor de Hazar-Sual e Berseba. Essa tradução é possível com um pequeno ajuste no texto hebraico. É difícil determinar como o texto hebraico era originalmente.

Bizta

Um dos sete eunucos que o rei Xerxes ordenou que trouxessem a rainha Vasti para sua festa, apesar de sua evidente embriaguez ([Ester 1.10](#)).

Blasfêmia

Fala ou escrita profana, ou desdenhosa sobre (ou ação em relação a) Deus. Em um sentido geral, "blasfêmia" pode se referir a qualquer calúnia, incluindo qualquer palavra ou ação que insulte ou desvalorize outro ser. Na literatura grega, o termo era usado para insultar ou zombar de pessoas vivas, ou mortas. O uso do termo foi estendido para abarcar os deuses também, incluindo tanto duvidar do poder quanto zombar da natureza de um deus.

Blasfêmia no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, "blasfêmia" sempre significa insultar a Deus, seja atacando-o diretamente ou zombando dele indiretamente. De qualquer modo, a glória e honra de Deus são diminuídas, então a blasfêmia é o oposto de louvor. Um israelita pode insultar diretamente o "Nome" (o nome pessoal de Deus, Yahweh) amaldiçoando a Deus ([Levítico 24.10-16](#)) ou deliberadamente desobedece à lei de Deus ([Números 15.30](#)). Qualquer uma dessas blasfêmias era punível com a morte, assim era a idolatria, a blasfêmia final ([Isaías 66.3](#)).

Pensava-se que os gentios, que nunca haviam experimentado o poder e majestade do Senhor, eram os blasfemadores mais prováveis. Assim, o rei de Assíria blasfemou ao igualar o Senhor aos deuses das nações que ele já havia conquistado ([2 Reis 19.4-6, 22](#)). Por sua arrogância, o rei estava condenado pela palavra do profeta Isaías. Deus também foi zombado quando Israel foi exilado ([Isaías 52.5](#)), quando Edom zombava das desoladas "montanhas de Israel" ([Ezequiel 35.12](#)), e quando o inimigo zombava de que Deus não havia protegido Jerusalém ([Salmo 74.18](#); [1 Macabeus 2.6](#)).

Blasfêmia no Novo Testamento

No Novo Testamento, a blasfêmia assume o significado grego mais amplo. Inclui caluniar um ser humano, bem como Deus ([Mateus 15.19](#); veja também [Romanos 3.8](#); [1 Coríntios 10.30](#); [Efésios 4.31](#); [Tito 3.2](#)). Inclui até zombar dos poderes angelicais ou demoníacos, o que é tão errado quanto zombar de qualquer outro ser ([2 Pedro](#)

[2.10-12](#), [Judas 1.8-10](#)). Em outras palavras, calúnia, escárnio e zombaria de qualquer tipo são totalmente condenadas no Novo Testamento.

A forma mais comum de blasfêmia no Novo Testamento é a blasfêmia contra Deus. Pode-se insultar a Deus diretamente ([Apocalipse 13.6; 16.9](#)), zombar de sua palavra ([Tito 2.5](#)), ou rejeitar sua revelação e seu portador ([Atos 6.11](#)). Jesus foi acusado de blasfêmia quando ele alegou ter uma prerrogativa que pertence a Deus — o poder de perdoar pecados ([Marcos 2.7](#)). [João 10.33-36](#) relata uma tentativa de apedrejar Jesus. Seus agressores lhe disseram: “Tu, que és homem, declara-te Deus” (versículo [33](#)). A mais alta corte judaica (o Sinédrio) condenou Jesus por blasfêmia, porque ele alegava ser o Filho do Homem (o Messias). Na opinião deles, Jesus não havia dado nenhuma evidência de que ele era uma pessoa tão exaltada. Jesus parecia estar zombando do Messias e, por extensão, zombando do próprio Deus ([Marcos 14.64](#)).

A Bíblia deixa claro que a blasfêmia é perdoável ([Mateus 12.32](#); [Marcos 3.28-29](#)). Mas, se uma pessoa não se arrepender, a única solução é entregá-la “a Satanás para ser ensinada a não blasfemar” ([1 Timóteo 1.20](#)).

Blasto

Um secretário real do rei Herodes Agripa I ([At 12.20](#)). O povo das cidades de Tiro e Sidom precisava de alimentos do território de Herodes, mas ele estava irado contra eles. Eles primeiro fizeram amizade com Blasto para que ele os ajudasse a conseguir uma reunião com o rei. Depois que Blasto organizou essa reunião, Herodes fez um discurso para os delegados. Durante esse discurso, Herodes aceitou adoração do povo em vez de dar glória a Deus. Por causa disso, um anjo do Senhor feriu Herodes com uma doença mortal (vv. [21-23](#)).

Boã, Pedra de

Pedra que marca a fronteira nordeste entre as tribos de Judá e Benjamim. Boã, um descendente de Rúben, não é mencionado em outro lugar no Antigo Testamento ([Js 15.6](#); [18.17](#)).

Boanerges*

Nome que significa “filhos do trovão” dado por Jesus a Tiago e João, os filhos de Zebedeu ([Mc 3.17](#)). Sua derivação é incerta. O nome pode ter se referido às personalidades voláteis dos dois irmãos ([Lc 9.54](#)), ao seu possível passado revolucionário como zelotes, ou até mesmo a um estilo de fala “trovejante”.

Ver também Tiago (Pessoa); João, O Apóstolo.

Boaz (Coluna)

Nome (significando “força”) dado a uma das duas colunas erguidas em frente ao templo do rei Salomão ([1Rs 7.21](#); [2Cr 3.17](#)). *Veja* Templo; Jaquim e Boaz.

Boaz (Pessoa)

Filho de Salmom da tribo de Judá ([Rt 4.18-22](#)). Boaz viveu em Belém nos dias dos juízes e casou-se com Rute, uma mulher moabita. Boaz foi um antepassado de Cristo ([Mt 1.5](#); [Lc 3.32](#)) e um parente rico por casamento da sogra de Rute, Noemi. Boaz notou Rute quando ela estava colhendo alimentos em um de seus campos ([Rt 2](#)). A bondade de Boaz para com Rute fez Noemi pensar que ele poderia concordar em comprar a terra do falecido marido dela e casar-se com Rute como parte do acordo.

Veja também Rute, Livro de; Casamento, Costumes de Casamento; Genealogia de Jesus Cristo.

Bocru

Bocru era filho de Azel e descendente do rei Saul ([1Cr 8.38](#); [9.44](#)).

Bode expiatório

O bode do sacrifício era um bode utilizado em uma cerimônia especial no Dia da Expição (ou, Dia do Perdão). Durante este importante dia religioso, o sumo sacerdote colocava simbolicamente os pecados de todo o povo israelita neste bode. Em seguida, o bode era enviado para o deserto, simbolicamente levando embora os pecados do povo ([Lv 16](#)).

Veja também Expição, Dia da.

Bolo de passas

Um alimento especial dos povos antigos ([Is 16.7](#)). Os bolos não estragavam, o que os tornava úteis para soldados e viajantes ([2Sm 6.19](#)). Eles eram usados como ofertas a ídolos ([Os 3.1](#)). Às vezes, eram servidos como afrodisíacos para aumentar o desejo sexual ([Ct 2.5](#)).

Bolsa

Uma pequena bolsa ou recipiente em que dinheiro e muitas vezes outros pequenos objetos seriam carregados. Há basicamente três palavras hebraicas e três palavras gregas que se referem a tal bolsa ou pochete. A primeira se refere a uma bolsa ou sacola na qual dinheiro ou pesos de pedra usados com as balanças de equilíbrio eram carregados ([Dt 25.13](#); [Pv 1.14](#); [Is 46.6](#); [Mq 6.11](#)). Poderia ser feita de couro ou algodão robusto. Outra palavra hebraica que se refere ao mesmo tipo de pochete é encontrada em [2 Reis 5.23](#). Esta mesma palavra também aparece em uma lista de trajes luxuosos femininos em [Is 3.22](#) e pode, portanto, ter sido uma pochete mais ornamentalmente tecida do que a primeira descrita acima. A terceira palavra hebraica aparece em [Gn 42.35](#) e se refere a uma pequena sacola com uma boca aberta. Esta era a pequena sacola ou bolsa em que o dinheiro dos irmãos de José havia sido colocado antes de ser posto em suas sacas de grãos.

A palavra grega correspondente para as palavras hebraicas abordadas acima significa uma sacola de dinheiro ou bolsa. Quando Jesus enviou seus discípulos de dois a dois, ele os proibiu de levar, entre outras coisas, uma bolsa ([Lc 10.4](#); [22.35-36](#)). Em [Lc 12.33](#), esta mesma palavra para bolsa é usada figurativamente para tesouro no céu que não pode ser esgotado, roubado ou destruído.

Outra palavra grega indica outro lugar normal para o transporte de dinheiro, o cinturão ou o cinto, que era uma parte essencial do vestido para homens e mulheres no antigo Oriente. Quando feitos de couro, eles eram feitos ocos ou com fendas com o propósito de carregar moedas. Quando feitos de pano, eles eram dobrados de tal maneira que o dinheiro poderia ser carregado nas dobras, que serviam como bolsos ([Mt 10.9](#); [Mc 6.8](#)).

A palavra grega para “sacola de dinheiro” que Judas disse ter guardado para os discípulos se refere a um estojo ou recipiente para o bocal de um instrumento de sopro. Nos tempos do NT, havia se tornado a palavra grega para uma caixa de dinheiro ou possivelmente uma sacola de dinheiro ([Jo 12.6](#); [13.29](#)), e portanto outra palavra do NT para bolsa.

Bondade

Estado de ser que inclui os atributos de afeição amorosa, simpatia, amizade, paciência, agradabilidade, gentileza e bondade. Bondade é uma qualidade mostrada na maneira como uma pessoa fala e age. É mais intencional do que emocional.

A Bíblia está cheia de ilustrações de bondade. José queria que o mordomo de Faraó mostrasse bondade lembrando-se dele ao monarca egípcio ([Gn 40.14](#)). Raabe solicitou tratamento gentil da parte de Israel por proteger os dois espíões que haviam entrado em sua casa ([Js 2.12](#)). Antes de atacar Amaleque, Saul pediu aos quenitas que deixassem o território amalequita, não querendo matar a ambos por causa da bondade que haviam mostrado a seu povo, Israel, quando vieram do Egito ([1Sm 15.6](#)). Davi elogiou os homens de Jabes-Gileade pela bondade que haviam mostrado a Saul ao dar ao seu corpo um sepultamento digno ([2Sm 2.5](#)). Jônatas pediu por “bondade constante” a Davi para que ele não fosse morto ([1Sm 20.14-15](#)). Davi estendeu esta bondade ao filho de Jônatas, concedendo-lhe o direito de comer à mesa do rei ([2Sm 9.1-7](#)).

É o pior tipo de ingratidão retribuir a bondade com o mal. Abimeleque queria que Abraão jurasse que ele retribuiria bondade com bondade à sua descendência ([Gn 21.23](#)). Abner mostrou bondade a Isbosete ao não entregá-lo a Davi, enquanto Isbosete, em troca, acusou Abner de culpa por ter relações com a concubina de Saul, Rispa ([2Sm 3.8](#)). Hanum recebeu a bondade de Davi de enviar condolências pela morte de seu pai humilhando os mensageiros de Davi, trazendo assim a guerra entre as duas nações ([10.2-19](#)). Absalão repreendeu Husai, o amigo de Davi, por ter supostamente saído do lado do Rei quando ele precisava dele. Absalão perguntou a Husai se era assim que ele estava retribuindo a amizade de Davi ([2Sm 16.17](#); ver também [2Cr 24.22](#)).

As ações de Deus fornecem as excelentes ilustrações de bondade na Bíblia. Os levitas

louvaram a Deus porque ele havia provado ser um Deus de perdão, graça, compaixão e bondade abundante ([Ne 9.17-31](#)). Para destacar ainda mais a virtude de Deus, eles declararam sua bondade contra o pano de fundo da infidelidade de Israel. Deus não abandonou seu povo, mesmo que eles o abandonaram por um bezerro de ouro. Ele lhes deu seu Espírito para instruí-los. Ele lhes deu maná para comer e água para beber por 40 anos no deserto. Ele lhes deu Canaã, uma terra para habitar.

O ponto alto da bondade de Deus era sua provisão de salvação para pecadores, não com base em suas obras, mas com base em sua misericórdia ([Tt 3.4](#); ver também [Ef 2.7](#)). Por causa da grande bondade de Deus para com eles, ao dar bênçãos tanto físicas quanto espirituais, os cristãos são exortados, como eleitos de Deus, a colocar corações de compaixão, bondade, humildade, gentileza e paciência; isto é, mostrar bondade aos outros em troca da bondade de Deus ([Cl 3.12](#)). O apóstolo Pedro ordenou aos cristãos que acrescentassem à sua fé, juntamente com outras excelências, a excelência da bondade fraterna ([2Pe 1.7](#)).

Bons Portos

Um pequeno porto localizado ao longo da costa sul de Creta, uma ilha no Mar Mediterrâneo. Hoje é conhecido como Limenes Kali. Bons Portos está a cerca de 8 quilômetros a leste do Cabo Matala e fica próximo à cidade de Laséia.

Este porto é mencionado na Bíblia quando o navio do apóstolo Paulo parou ali para encontrar proteção contra ventos fortes durante sua jornada para Roma ([At 27.8](#)). A tripulação do navio procurou abrigo neste porto porque o clima tornava perigoso continuar navegando.

Boqueru

Outra forma de soletrar Bocru: ele era filho de Azel.
Veja Bocru.

Boquim

Boquim era um lugar perto de Gilgal mencionado em [Juízes 2.1-5](#). Lá, o Anjo do Senhor falou ao povo de Israel. Ele disse que eles haviam desobedecido a Deus por não expulsarem os cananeus. Por causa disso, Deus afirmou que os cananeus se tornariam

"espinhos" em seus lados e seus deuses seriam uma "armadilha" para eles, como indica o texto original.

As pessoas estavam muito tristes e choraram. Por isso, o lugar foi chamado de "Boquim", que significa "pessoas chorosas".

Muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Boquim era outro nome para Betel. A versão grega do Antigo Testamento (chamada Septuaginta) menciona "Betel" nesta passagem.

Borasã

Nome alternativo para Asã, uma cidade originalmente atribuída à tribo de Judá, em [1 Samuel 30.30](#). *Veja Asã.*

Bordador, bordado

A arte de criar desenhos decorativos em roupas era praticada tanto em casa quanto como profissão. O bordado podia ser feito em um tear ou com uma agulha. O tabernáculo e o templo possuíam tecidos delicados e bordados ([Êx 26.1.31](#)). As vestes dos sacerdotes eram lindamente bordadas ([Êx 28.6.8; 39.2](#)). O bordado era praticado em:

- Canaã ([Jz 5.30](#));
- Egito ([Ez 27.7](#));
- Síria ([Ez 27.16](#));
- Babilônia ([Js 7.21](#));
- Assíria;
- Pérsia ([Es 1.6](#)).

Veja também Tecido e fabricação de tecidos.

Boscate

Cidade próxima a Laquis e Eglom no território de Judá ([Js 15.39](#)), lar da mãe do rei Josias ([2Rs 22.1](#)).

Bosor (Lugar)

Bosor era uma cidade na região de Gileade. Judas Macabeu capturou a cidade para resgatar o povo judeu que vivia lá ([1Mc 5.26.36](#) - Bíblia de

Jerusalém). Hoje, esse lugar é chamado de Busr El-Hariri.

Veja Bosra #3.

Bosque

Uma tradução equivocada de algumas versões bíblicas de uma palavra hebraica que era o nome de uma deusa cananeia, Aserá. Muitas vezes, árvores sagradas eram símbolos dessa deusa da fertilidade. Às vezes, postes de madeira eram erguidos. Deus ordenou aos israelitas que destruíssem esses símbolos. Eles eram chamados de "Asherim" e "Asheroth".

Eles tiveram que cortá-los e queimá-los ([Êx 34.13](#); [Dt 12.3](#)). Os postes eram de madeira e não deixavam restos que pudessem ser identificados. No entanto, pesquisadores descobriram um grande pedaço de madeira carbonizada entre queimadores de incenso em um antigo santuário em Ai. Pode ter sido um tronco de árvore do qual os galhos foram podados. Alguns pesquisadores sugerem que era um poste de Aserá.

Deus proibiu estritamente os israelitas de adorar Aserá ou de construir seus símbolos sagrados. De tempos em tempos, Israel desobedecia a Deus e se envolvia em adoração falsa. Um relato sobre a queda do reino do norte atribui isso aos bosques e à adoração da deusa pagã e seu equivalente masculino, Baal ([2Rs 17.7-18](#)). Jezabel, uma sacerdotisa do Baal de Tiro, promoveu a disseminação de tal idolatria.

O "bosque" de [Gn 21.33](#) que se encontra em algumas versões bíblicas era, na verdade, uma árvore tamargueira.

Veja também Deidades e religião cananeia; Deuses e deusas; Lugares altos; Ídolos, Idolatria.

Bosra

1. Cidade bem fortificada no norte de Edom ([Gn 36.33](#); [1Cr 1.44](#)), considerada impossível de conquistar porque era protegida por penhascos em três lados. Localizada a 48,3 quilômetros ao norte de Petra, na moderna Buseirah, controlava o tráfego na Estrada Real. Bosra foi mencionada como uma das fortalezas que caíam quando Deus julgasse Edom ([Is 34.6](#); [63.1](#); [Jr 49.13](#); [Am 1.12](#)).

2. Uma das cidades mencionadas pelo profeta Jeremias como colapsando com a nação moabita ([Jr 48.24](#)); provavelmente uma variação ortográfica de Bezer. *Veja* Bezer (Lugar).

3. Cidade também chamada Bosorá, capturada por Judas Macabeu durante sua campanha em Gileade ([1Mc 5.26,28](#)). Talvez seja o mesmo lugar mencionado no item #2 acima.

Botija

Pequeno vaso ou frasco de barro, com cerca de 10 a 15 centímetros de altura, usado para conter líquidos ([1Rs 17.12-16](#)). No entanto, uma garrafa ou jarro é provavelmente o que está em vista em [1Rs 14.3](#), e um prato ou tigela aberta em [2Rs 2.20](#).

Veja também Cerâmica.

Bozez

Uma das duas rochas distintas (Senê era a outra) que ladeiam a estrada entre Micmás e Geba. Jônatas e seu escudeiro escalaram um desses penhascos para enfrentar um posto avançado dos filisteus ([1Sm 14.4](#)). As duas rochas ainda são visíveis no moderno Wadi Suweinet. *Veja* Senê.

Braça

Uma unidade de medida de água equivalente a cerca de 1,8 metros. Os marinheiros usavam braças para medir a profundidade da água. Durante a jornada de Paulo para Roma, os marinheiros mediram a profundidade da água quando seu navio se aproximava da terra durante uma tempestade ([At 27.28](#)).

Veja Pesos e Medidas.

Branco

Veja Cor.

Brinco

Veja Joalheria, Joias.

Bronze

O bronze é um metal resistente feito pela mistura de cobre e estanho. As pessoas nos tempos antigos usavam bronze para fazer joias, ferramentas, armas e moedas.

Veja Minerais e Metais.

Broquel

Um pequeno escudo carregado na mão ou usado no braço durante a batalha. Geralmente, era redondo. "Broquel" é uma palavra traduzida na Almeida Revista e Corrigida.

Veja Armaduras e Armas.

Bruxa, bruxaria

Veja Feitiçaria; Magia.

Bul

O oitavo mês do calendário cananeu pré-exílico. Neste mês, o templo do Rei Salomão foi concluído ([1Rs 6.38](#)). Veja Calendários, Antigos e Modernos.

Buna

Filho de Jerameel da tribo de Judá ([1Cr 2.25](#)).

Buqui

1. Um líder da tribo de Dã que ajudou Josué a dividir a terra de Canaã entre os israelitas ([Nm 34.22](#)).
2. Um ancestral de Esdras ([1Cr 6.5,51; Ed 7.1.4-5](#)).

Buquias

O filho mais velho de Hemã, que serviu com seu pai e 13 irmãos como músico do templo ([1Cr 25.4,13](#)).

Bushel

1. Pequeno vaso ("cesto", NTLH) que poderia cobrir uma luz ([Mt 5.15; Mc 4.21; Lc 11.33](#)). Veja Pesos e Medidas.

2. Unidade de medida (efa hebraica) aproximadamente igual a 18 litros.

Buxo

A árvore de folhas longas (*Buxus longifolia*) é uma árvore perene resistente, também conhecida como buxo. Essas árvores são encontradas nas regiões montanhosas do norte de Israel e áreas circundantes. Crescem nas colinas da Galileia e no Líbano. A árvore atinge uma altura de cerca de 6,1 metros com um tronco esguio, que geralmente não tem mais do que 15,2 a 20,3 centímetros de diâmetro.

A madeira do buxo é extremamente dura e pode ser polida até alcançar um acabamento liso. Os romanos cultivavam o buxo por causa dessa característica. Eles a utilizavam para fabricar armários e caixas de joias com incrustações de marfim.

A Bíblia menciona o buxo em [Isaías 41.19](#) e [60.13](#). A Almeida Revista e Corrigida chama a mesma árvore de "cedro".

Buz (Lugar)

Buz era um lugar mencionado no Antigo Testamento ([Jr 25.23](#)). Sua localização exata é desconhecida, mas é listado junto com dois lugares árabes, Dedã e Tema. Dedã e Tema eram vilarejos ou oásis (um lugar no deserto onde há água e plantas podem crescer).

Buz (Pessoa)

1. Sobrinho de Abraão e um dos oito filhos de Naor ([Gn 22.21](#)).
2. Um membro da tribo de Gade ([1Cr 5.14](#)).

Buzi

O pai do profeta Ezequiel ([Ez 1.1-3](#)).

Buzita

Buzita (ARC) é um residente de Buz. Eliú, um dos protagonistas de Jó, é descrito como filho de Baraquel, o buzita ([Jó 32.2.6](#)). *Vêja* Buz (Lugar).